

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

No mercado tem tudo que a boca come.
**Estudo Antropológico da duração das práticas cotidianas
de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo.**



Viviane Vedana

Orientadora: Cornelia Eckert

Porto Alegre, fevereiro de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

No mercado tem tudo que a boca come.
**Estudo Antropológico da duração das práticas cotidianas
de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo.**

Viviane Vedana

Tese apresentada para obtenção do título de doutor junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Cornelia Eckert

Porto Alegre, fevereiro de 2008.

À Luna.

AGRADECIMENTOS

Esta tese contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na forma de uma bolsa de doutorado e ainda da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através de uma bolsa-sanduíche que me possibilitou a realização de um estágio na França entre janeiro e agosto de 2006. Na França, o Laboratoire d'Anthropologie Visuelle et Sonore du Monde Contemporain, na Université de Paris VII, assim como a Maison du Brésil na Cité Internationale Universitaire e a Inathèque de France na Bibliothèque National François Mitterrand, deram suporte institucional fundamental para o andamento dos estudos no exterior.

Agradeço à formação em Antropologia que recebi do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS através da competência de seus professores, das trocas com os colegas - especialmente meus colegas de "turma de doutorado" - e da dedicação de seus funcionários. Em especial, a trajetória desta pesquisa esteve marcada por minha participação no núcleo de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais, onde "me encontrei" no fazer antropológico. Agradeço imensamente ao BIEV, enquanto grupo e a todos os seus pesquisadores em particular, pela possibilidade de produção de conhecimento em Antropologia e por poder "falar em nome" de uma linhagem de pesquisa.

A Ana Luiza Carvalho da Rocha e a Cornelia Eckert, pelo investimento constante nas aprendizagens no interior do BIEV, pelas provocações e desafios que nos proporcionam sempre. Sem vocês esta tese não existiria. Aos meus colegas Rafael Devos, Anelise Gutterres, Priscila Farfan, Rafael Lopo, Desirée, Stéphanie, Caetano, Rodrigo e Patrick pela parceria de trabalho, de etnografia e de produção de imagens. Tenho aprendido muito com vocês e espero estar retribuindo um pouco para nossa jornada antropológica com este trabalho.

Um agradecimento especial à minha orientadora Cornelia Eckert, pela dedicação e cuidado com a leitura de todas as versões desta tese. Pela orientação e pela paciência principalmente nos momentos finais quando "resisti em finalizar".

Na França, foi fundamental o apoio da Professora Bárbara Glowczewki (Laboratoire de Anthropologie Sociale e CNRS), no acesso às instâncias de

produção e debate da Antropologia audiovisual francesa. Também ao Prof. Jean Arlaud, co-orientador estrangeiro e diretor do Laboratoire de Anthropologie Visuelle e Sonore du Monde Contemporain, muito obrigado por possibilitar a realização do estágio e pelo interesse na produção desta pesquisa.

Às professoras Ana Luiza Carvalho da Rocha, Elizabeth Lucas e Carmen Rial, que leram atentamente e deram grandes contribuições para o trabalho no exame de qualificação. Aos professores que aceitaram participar da banca final de defesa da tese.

Ao Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação – GEEMPA, pelas aprendizagens que me foram proporcionadas em outros âmbitos profissionais, diferentes da academia. À Professora Esther Grossi pela luta incansável pela educação neste país.

Agradeço a Camila Rocha de Moraes, amiga e professora, primeiro por me introduzir na cultura francesa ao me ensinar a língua, e também pelos poucos (durante o doutorado), mas intensos momentos de risos que compartilhamos. À amiga Luciane Soares pela parceria, paciência e apoio, principalmente nos momentos finais. As duas, por nossos planos mirabolantes de aulas de dança e de viagens à Paris. À amiga e colega Anelise Gutterres, pela parceria de trabalho, pelos devaneios nas imagens e por nossas conversas profundas no msn, muito obrigado.

Durante toda a minha trajetória de pesquisa, e em especial durante o estágio fora do país, o apoio de meus familiares foi fundamental. Agradeço a minha família por laços consangüíneos e a minha família por laços afetivos por tudo o que proporcionaram. À minha mãe e meu pai, aos meus irmãos Greicy e Luis, ao Jordani, ao Sérgio e a Anália, a Jane, muito obrigado não só pelo apoio mas também pelo prazer de estarmos juntos.

Aos personagens desta pesquisa que pensaram junto comigo sobre a cidade e os mercados: Henrique, Saionara, Fonseca, Dona Zulma, Dona Geni, Sarita, Adelaide, Akli, Andromeide, Hakim, Karim, Seu Julio, Rosane, Milton, Íris e a todos os feirante e fregueses com quem compartilhei a ambiência de fruição estética dos mercados, meu muito obrigado. Sem a paciência e disponibilidade destas pessoas não seria possível realizar esta etnografia.

Aos personagens narradores do documentário “Os caminhos invisíveis do negro em Porto Alegre, a tradição do Bará do Mercado”: Adãozinho do Bará, Mãe

Norinha de Oxalá, Mestre Borel, Mãe Maria de Oxum, Mãe Angélica de Oxum, Pai Nilsom de Oxum, Babadiba de Iemanjá, com quem aprendi sobre o mercado, suas imagens e os simbolismos da circulação e do movimento que o regem. Em especial à Babadiba de Iemanjá, a quem devo o título desta tese, por me ensinar que “no mercado tem tudo o que a boca come”.

Finalmente, ao Rafael duas vezes: pela interlocução e parceria de pesquisa e trabalho. E ao Rafael e a Luna, por nossas aventuras cotidianas, muito obrigado.

Resumo

Esta tese investiga o cotidiano urbano e as formas da vida social que configuram a cidade moderno-contemporânea através das feições do tempo presentes nas práticas de compra e venda de alimentos nos mercados de rua e feiras-livres. A pesquisa etnográfica foi desenvolvida em mercados de rua e feiras-livres das cidades de Porto Alegre e São Paulo no Brasil, e Paris, na França. Trata-se de refletir sobre os simbolismos da circulação do alimento figurados na circulação da palavra, nas formas de sociabilidades e na memória da duração das práticas cotidianas que se desenrolam nas ruas e bairros da cidade, relacionadas ao alimento. Através da pesquisa com imagens – de acervo ou produzidas em campo – este trabalho procurou acessar as formas sensíveis da vida cotidiana, bem como a dimensão poética do viver urbano.

Palavras-chave: memória coletiva, cotidiano, vida urbana, imagem, mercados de rua, feiras-livres, alimentos.

Abstract

This thesis approaches the urban everyday life and the forms of social life that configure the city modern-contemporary through the images of time represented in the daily practices to purchase and sell foods in street markets and fairs. The ethnographic research was developed in street markets and food fairs of Porto Alegre and São Paulo, Brazil, and Paris, France. It's a reflection about the symbolisms of the circulation of food represented in the circulation of the conversation practices, in the forms of sociabilities and in the collective memory of daily practices related to the food. This work presents, through images and sounds, the sensitive forms of everyday life and the urban poetics.

Key-words: collective memory, everyday life, urban life, image, street markets, fairs, foods.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO 1 - Feições do tempo na tecitura do laço social no meio urbano: gestos e práticas nos mercados de rua	16
CAPÍTULO 2 - Do estudo das formas de sociabilidade para a investigação da duração do laço social no mundo urbano contemporâneo	39
2.1 Da constituição de um percurso de pesquisa: opções metodológicas e a descoberta do objeto de tese	39
2.2 O início do trabalho de campo	40
2.3 Imagens da cidade e reconstrução do problema de pesquisa	48
2.4 Novas dimensões do trabalho de campo	50
2.5 Imponderáveis da vida social	55
2.6 Trabalho de campo multisituado e pesquisa em acervos de imagens	57
2.7 Opção Epistemológica Formista	64
2.8 Coleções Etnográficas	68
2.9 Descobertas das formas de tecitura do laço social pelas sonoridades da vida urbana	70
CAPÍTULO 3 - Cidade e Disjunções – ambiente sobrehumanizado	80
3.1 Invisibilidade dos gestos: a tática dos fracos	83
3.2 Mercado e vida urbana	88
3.3 <i>Nourrir la ville</i>	92
3.4 A ressonância das imagens no ritmo dos mercados	98
3.5 Abundância e Escassez	101
CAPÍTULO 4 - Constelações de Imagens	111
CAPÍTULO 5 - Mercados de rua e ambiência de fruição estética	112
5.1 Ambiência de fruição estética	113
5.2. Formas e estéticas do espaço	115
5.3. Espaço Labiríntico	126
5.4 <i>Flannerie</i> nos mercados parisienses	128
5.5. Dos arranjos que duram	133
CAPÍTULO 6 - Gestos e Práticas: Experiências sensoriais -saberes, odores e sons	137
6.1 Sonoridades da palavra viva	140
6.2 Entrando no espaço sonoro do mercado	143
6.3 Disputando o espaço sonoro	157
6.4 Das imagens sonoras à duração	158
6.5 Artes de Fazer e Artes de Nutrir: dinâmica de gestos	160
6.6 Dona Geni e Jane: as compras para toda a semana	168
CAPÍTULO 7 - Ritmos temporais e duração - nutrir a cidade	173
7.1 Nascidos no mercado	175
7.2 "Isso aqui é o meu chão"	187
7.3 Mercados e Trajetos	190
7.4 Mercadão do Produtor	201
7.5 <i>Dans dix ans... on ne sais rien!</i>	204
CAPÍTULO 8 - Tempo do Cotidiano	212
8.1 Práticas de Bairro	213
8.2. Estilos de vida e de bairro	220
8.3 Trajetos dos alimentos na cidade	225
8.4. Fim da feira?	229
CONSIDERAÇÕES FINAIS	244
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	247

INTRODUÇÃO

Nas sociedades moderno-contemporâneas as representações e discursividades em torno do alimento cada vez mais se direcionam à afirmação de um crescente processo de individualização de seu consumo em detrimento dos espaços e formas de compartilhar momentos de comensalidade, apontando os *fast foods*, ou os hábitos de alguns profissionais de realizar lanches no ambiente de trabalho em lugar de almoçar, ou do consumo de comida pronta e congelada ao invés de cozinhar, etc. como formas atuais de relação do homem com os alimentos. Outro discurso bastante veiculado pelos meios de comunicação direciona-se à alimentação saudável e a diversas dicas de como preparar os alimentos para que mantenham suas propriedades e alguns estudos na área da Antropologia da Alimentação discutem justamente as implicações do que é apresentado pelos nutricionistas como alimentação saudável nos hábitos e representações das pessoas.

Além destes, outro aspecto de que temos também muita notícia são os dados estatísticos relacionados ao consumo alimentar, aos tipos de compras e suas relações com as divisões de classes sociais, e também alguns dados sobre a fome que atinge boa parte da população mundial. Tudo isso tem uma relação direta com a vida urbana e os estilos de vida que engendra, estando relacionado às representações sobre a cidade como ambiente técnico-cultural (Leroi-Gourhan, 1975).

É partindo de uma perspectiva dos estudos de Sociedades Complexas, desenvolvidos no âmbito de uma Antropologia Urbana, que procuro neste trabalho estudar a relação da cidade e da vida urbana com o alimento, tendo em vista as dimensões temporais que conformam esta relação. Neste sentido, refletir sobre a relação da cidade com o alimento envolve múltiplas camadas de entendimento e interpretação dos fenômenos sociais, desde a compreensão destas discursividades sobre um estilo de vida urbano pautado na agitação temporal (Bachelard, 1988) como parte dos processos de conformação mesma das cidades, até a investigação das práticas cotidianas que conformam determinadas

feições desta relação. Diferente de uma atenção apenas às pressões externas que conduziriam a cidade a uma condição de crescente individualismo e desenvolvimento de um aparato tecnológico em sua relação com o alimento, nesta pesquisa volto o olhar para a dimensão cotidiana desta relação. Será que as práticas alimentares no interior das cidades estão mesmo cada vez mais individualizadas? Será que os atos de compra e de venda de alimentos estão mesmo cada vez mais mecanizados e tecnológicos?

Estas perguntas são decorrentes da observação da vida cotidiana e da diversidade de formas de agenciar trocas sociais em torno do alimento, no tempo. A tese que orienta esta pesquisa, neste caso, é a de que os simbolismos temporais do alimento – em especial as imagens cíclicas de vida, morte e renascimento – promovem a tecitura de laços sociais através da configuração de determinados arranjos sociais e coletivos no meio urbano. Trata-se, assim, de uma tese que se filia à teoria do imaginário de Gilbert Durand e seus desdobramentos em termos dos estudos de memória coletiva no meio urbano desenvolvidos pelas pesquisadoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, para compreender a vida urbana e seu cotidiano.

Entendendo o simbolismo do alimento como evocador de diferentes imagens do tempo, procurei estudar as relações da cidade com o alimento através dos mercados de rua e feiras-livres, percebendo estes últimos como arranjos sociais decorrentes das práticas e gestos dos habitantes das cidades. Esta escolha relaciona-se também com as questões levantadas acima, ou seja, investigar os mercados de rua no contexto urbano significa refletir sobre a dialética da duração (Bachelard, 1988) de práticas ancestrais relacionadas à circulação do alimento e a conformação de espaços de trocas sociais na configuração das cidades. Como veremos, os mercados são espaços importantes de sociabilidades, de trocas sociais e de afirmação de laços sociais que configuram certas formas de viver o cotidiano urbano e que apontam para outros aspectos desta relação da cidade com o alimento, contrastando com as imagens de um individualismo crescente.

Os mercados de rua que venho estudando nesta tese são os que se configuram no espaço público, através da transformação de ruas, praças, largos em cenário das mais diversas trocas. Um tipo de atividade cotidiana que se desenrola no meio urbano há muito tempo, e que ainda persiste na conformação

das práticas cotidianas de muitas cidades contemporâneas. Uma das perguntas que guiou esta pesquisa, em seu início, foi justamente a permanência destas práticas no interior das cidades, tendo em vista o intenso desenvolvimento do comércio em grande escala, principalmente das grandes redes de supermercado. No caso de Porto Alegre/RS, por exemplo, uma cidade que atualmente conta com uma população de aproximadamente 1.360.590 habitantes¹, existem diversas redes regionais e mesmo internacionais de supermercados que estão espalhadas por praticamente todos os bairros da cidade atendendo as necessidades de compras não só de alimentos, como também de outros artigos domésticos de consumo básico como produtos de higiene e limpeza, cama, mesa e banho, além de eletrodomésticos. Entre elas poderia destacar a Companhia Zaffari/Bourbon de Supermercados², que atua em todo o Rio Grande do Sul, além dos supermercados Nacional³, e Hipermercados Big⁴ e Carrefour⁵, este último uma empresa internacional presente em outras cidades do Brasil. Diante destas diversas possibilidades de compra, incluindo aí as facilidades de pagamento oferecidas pelas redes de supermercados, quais são então os atrativos das feiras-livres e mercados de rua?

O mercado de rua constitui-se como um arranjo social (Rocha, 1994), como o efeito de uma consolidação temporal (Rocha, 1994) dos gestos e práticas de uma população urbana na matéria da própria cidade: os percursos cotidianos que compõem a vida urbana através de caminhos e itinerários, a escolha de espaços de convivialidade e sociabilidade nas esquinas e *coins de la rue*, as ocupações nem sempre planejadas de terrenos e a conformação de territórios são algumas das formas de elaboração de uma estética urbana peculiar, onde os habitantes da

¹ Dados do Censo IBGE/2000, obtidos no site <http://www2.portoalegre.rs.gov.br> consultado pela última vez em 27 de dezembro de 2007.

² Empresa Brasileira, criada na década de trinta como empresa familiar, no interior do Rio Grande do Sul. Possui super e hipermercados, além de shoppings centers atuando em diversas cidades do estado e com um shopping em São Paulo.

³ Rede de supermercados da empresa Wal-Mart, com sede em Porto Alegre e filiais no interior do estado do Rio Grande do Sul.

⁴ Rede de Hipermercados criada pelo grupo SONAE e atualmente administrada pelo grupo norte americano Wal-Mart, atuando no Brasil principalmente na região sul.

⁵ Carrefour é uma rede de hipermercados francesa, criada em 1960 e que possui unidades em trinta países. Na França pertencem a esta rede de hipermercados os estabelecimentos Champion, Ed, 8 à Huit e Proxi, que podemos encontrar na cidade de Paris, além de outros supermercados e estabelecimentos comerciais em outras cidades. Estes estabelecimentos que se encontram no interior de Paris são de pequeno e médio porte, devido à legislação que impede grandes estabelecimentos no interior da cidade. O Hipermercado Carrefour neste caso está localizado nas cidades que compõem a região metropolitana de Paris. No Brasil foi aberta a primeira loja da América Latina, em 1975, e atualmente a rede Carrefour adquiriu várias redes regionais de supermercados do país.

cidade negociam com a ordenação do espaço pelo poder público. O mercado de rua, neste caso, também é parte desta conformação temporal de gestos que elaboram cotidianamente a vida urbana, gestos veiculados pelos simbolismos do alimento que apresentam o tempo em sua feição cíclica (Durand, 2001) onde cada fim sugere uma possibilidade de recomeço, e cada recomeço também já anuncia um fim.

Ao longo do trabalho de campo nos diversos mercados de rua estudados nesta pesquisa, nas cidades de Porto Alegre e São Paulo, no Brasil, e Paris na França, esta dimensão simbólica das práticas cotidianas que constituem o fazer a feira, deste *vouloir-vivre* (Maffesoli, 1986) coletivo que compõem um dia de *marché*, apresentaram-se na composição dos gestos de escolha dos alimentos, da circulação da palavra entre os sujeitos, na transfiguração do espaço público de simples via de circulação em uma ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996) onde se compartilham sentidos e memórias do viver urbano.

São estes sentidos compartilhados em torno dos simbolismos do alimento que diferenciam, em certa medida, os mercados ao ar livre dos estabelecimentos comerciais como supermercados e hipermercados. Não significa que as compras realizadas em um supermercado não estejam carregadas de valor simbólico, mas são de todo modo diferenciadas destas vividas no espaço da rua, através dos jogos de palavras e dos encontros entre vizinhos, por exemplo. Trata-se de uma outra estética, composta justamente pelas práticas e gestos de adesão a este simbolismo cíclico, dando ensejo para jocosidades e performances orais, para a constituição e expressão de laços sociais baseados nas imagens da intimidade (Bachelard, 1990) do alimento. Uma estética que se conforma no agenciamento das ações coletivas e cotidianas dos habitantes das cidades em relação às camadas da memória de que estas práticas são herdeiras.

Para George Simmel (1983), a matéria ou conteúdo que preenche a vida, que são basicamente os interesses e motivações dos indivíduos, só ganham sua dimensão social a partir do momento em que são agenciadas em um modo de viver e de ser específico que se dá na relação com um outro⁶. Estes modos específicos de viver, de estar em interação e se associar constituem as formas da

⁶ "Na base das condições práticas e das necessidades, nossa inteligência, nossa vontade, nossa criatividade e nossos sentimentos trabalham os materiais que desejamos arrancar da vida. De acordo com os nossos propósitos, damos a estes materiais certas formas e apenas sob estas formas nós os acionamos e usamos como elementos de nossa vida" (Simmel; 1983: 166).

vida social (Simmel, 1981) que, ao se dinamizarem, ou seja, ao colocarem em ação o jogo social, autonomizam-se de seus conteúdos. A forma torna-se independente da matéria que a impulsionou, passando desta maneira, a moldar a matéria. No caso dos mercados de rua, trata-se de uma prática que se desenrola no tempo e que ganha expressividade no espaço, na forma como frutas, verduras e legumes são expostos para a venda em períodos regulares, durante a semana, em espaços públicos da cidade, demandando os gestos de manipulação da matéria (Leroi-Gourhan, 1975) que conformam as escolhas dos fregueses, a ordenação das compras, os micro-eventos (Moles, Rhomer, 1982) no interior do mercado.

Trata-se de pensar, então, os jogos sociais vividos através das práticas cotidianas dos *habitués* dos mercados, sejam eles os fregueses, os feirantes, os vendedores ambulantes que percorrem o espaço da feira, bem como as crianças que trocam seu trabalho pelas compras, em interação na feira-livre como formas sociais que são parte da vida urbana, constituindo a dimensão de uma "arquitetônica cultural" (Maffesoli; 1996), ou seja, de uma estética urbana. Na atenção à forma, podemos entendê-la não como uma externalidade vazia de sentido, mas como o resultado de um princípio de organização que remete a um sentido. Para Michel Maffesoli (1996) este sentido está colocado na experiência comum entre os indivíduos, que pode ser materializada na própria conformação do espaço. Seguindo as considerações de Georg Simmel (1981) sobre a vida das formas, Michel Maffesoli (1996) conduz sua análise na direção de um paradigma estético, onde o sentir comum, o compartilhar destas formas são primordiais para se pensar a vida na cidade. A estética urbana a que me reporto neste caso, ao refletir sobre as práticas cotidianas na feira-livre segue a análise destes autores, constituindo-se então no jogo das formas que se estabelece na interação social. Estas formas de sociabilidade e momentos de interação social são fundantes do corpo coletivo (Maffesoli, 1996) urbano.

Desta forma, no primeiro capítulo apresento o aporte teórico que conduz a reflexão presente nesta tese, a filiação a uma antropologia urbana e aos estudos de memória coletiva e imaginário desenvolvidos no interior do grupo de pesquisa ao qual pertenço, o Banco de Imagens e Efeitos Visuais PPGAS/UFRGS. Evocando já algumas interpretações a respeito da circulação do alimento na cidade baseada na apresentação de alguns dados de campo, procuro tecer as

conexões entre os conceitos que permitem pensar a vida coletiva do ponto de vista das trocas sociais nos mercados de rua. As concepções teóricas de George Simmel, sobre a constante produção das formas da vida social, bem como de Pierre Sansot sobre a poética urbana são fundamentais para a compreensão do ponto de vista aqui adotado para a interpretação da vida urbana.

No segundo capítulo me dedico à explicitação das formas de fazer esta pesquisa, os imperativos do trabalho de campo, da produção de imagens e da pesquisa em acervos, bem como da organização e interpretação dos dados de campo. Mais do que um capítulo metodológico, trata-se de apresentar as opções epistemológicas de produção desta pesquisa e como estas opções orientaram a construção dos dados etnográficos aqui presentes. Desta forma, ao explicitar os métodos e técnicas desenvolvidos ao longo da pesquisa, procuro ao mesmo tempo evidenciar suas implicações em termos da produção de conhecimento em antropologia que estas formas de fazer proporcionam. Neste capítulo também está presente uma reflexão sobre a etnografia sonora desenvolvida ao longo da pesquisa e os sentidos evocados pelas sonoridades na conformação da ambiência do mercado e da circulação da palavra. A pesquisa “com e pelas imagens” (Eckert, Rocha, 2001) constitui esta tese desde sua base, e é através dos conjuntos de imagens que reuni ao longo do trabalho de campo que apresento esta pesquisa para o leitor. O capítulo dois, portanto, pretende explicitar como se deram os processos de produção e ordenação dos dados produzidos em campo.

Entre estas imagens simbólicas (Durand, 1988), que narram a vida social, estão presentes também as imagens da pobreza e da fome. Pensar as trocas sociais nos mercados de rua e a relação da vida urbana com o alimento apresenta também esta dimensão disjuntiva. O terceiro capítulo, intitulado “Cidade e Disjunções”, tem a preocupação de colocar o leitor diante de um contexto mundial contraditório, relacionado ao jogo entre abundância e escassez. De fato, estudar os mercados de rua e as trocas sociais em torno do alimento também se constitui como um estudo da circulação mundial de alimentos de um lado, e das imagens da fome e da pobreza de outro, já que no interior do próprio mercado podemos nos deparar com estes aspectos. Abundância e escassez, portanto, são elementos fundamentais para se pensar os arranjos de mercado, tendo em vista as imagens do tempo que estão aí presentes. Trata-se de

evidenciar como estes jogos de imagens fazem parte do cotidiano urbano, e são negociados pelos diferentes sujeitos em interação.

Estes três primeiros capítulos, apesar de já virem acompanhados de descrições e dados etnográficos, têm grande preocupação teórica, introduzindo o leitor no percurso de reflexão adotado por esta pesquisa, desde suas filiações teóricas até as formas como tecer os conceitos de interpretação do fenômeno estudado. O capítulo quatro então quebra de certa forma esta ritimicidade, trazendo ao leitor uma parte das imagens produzidas em campo, tecidas em narrativas documentais. O quarto capítulo está em DVD, e trata-se de um ensaio de ordenamento e apresentação das constelações de imagens que compõem esta tese. Neste DVD encontra-se um documentário etnográfico sonoro, um documentário etnográfico em vídeo, e diversas crônicas etnográficas em vídeo, foto e som. Tudo isso foi produzido ao longo da pesquisa de doutorado, no interior das oficinas de trabalho do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, configurando-se a partir de pesquisas sobre as coleções etnográficas de imagens desenvolvidas por este grupo. A forma como estas imagens estão dispostas no DVD, os menus e a forma de acessá-los procura estetizar de um lado os laços que representam as constelações de imagens desta tese e de outro, os conceitos que orientaram a composição das coleções etnográficas de imagens que menciono no capítulo dois.

Cabe ressaltar ao leitor que as imagens sonoras serão melhor percebidas se escutadas com fones de ouvido, ou em *Home Theater*. Trata-se na verdade da construção de um dispositivo de escuta ao qual não estamos acostumados, pois nosso corpo (e espírito) foi “preparado” ao longo dos anos de cultura visual a organizar-se para assistir/escutar a TV e ao cinema, ou seja, à combinação da imagem sonora com a visual. Neste sentido é que aponto a especificidade desta escuta, pois também não se trata de música, imagem que agencia as suas formas de atenção. Assim, para mergulhar o leitor na ambiência das trocas sociais e circulação da palavra que compõem o mercado, proponho a “disponibilização” do corpo para esta escuta sem imagens e também sem música. As crônicas e documentários sonoros quando não acompanhados da imagem visual perdem um pouco de sua potência ao serem “escutadas” a partir da TV, por isso sugiro ao leitor o uso dos fones de ouvido para maior imersão neste universo sonoro.

Este capítulo é muito importante, pois oferece ao leitor a possibilidade de acompanhar os capítulos seguintes a partir da memória das imagens visualizadas e escutadas, ao mesmo tempo em que pode ser retomado a qualquer momento ao longo da leitura. Não se trata apenas de uma apresentação dos dados de campo, mas de formas de interpretar estes dados através da montagem de diferentes seqüências de imagens. Como aponto ao longo da tese, tanto a produção destas imagens em campo, como a posterior montagem de narrativas são fundadas em processos interpretativos sobre o fenômeno social pesquisado. Algumas das crônicas em vídeo ou som aparecem também na escrita, através de descrições etnográficas que procuram restaurar alguns aspectos das situações vividas em campo. É claro que a transposição das imagens visuais ou sonoras para a escrita guardam determinadas especificidades, como veremos ao longo da tese.

Seguindo a apresentação destas constelações de imagens do capítulo quarto, procuro nos próximos capítulos trazer diferentes dimensões dos mercados e da tessitura de laços sociais ali presentes. No capítulo cinco, o espaço tem o papel principal na interpretação do mercado como arranjo social ordenado através dos simbolismos do alimento. Aos poucos, adentramos nesta ambiência e podemos compreender como as formas da vida social se expressam na ordenação do espaço vivido pelos habitantes da cidade. Pensar o espaço é também pensar as formas expressivas (Dawsey, 2000) que os arranjos sociais agenciam no tempo, trata-se na verdade da própria espacialização do tempo que dá forma ao cotidiano urbano. As feições do tempo, neste sentido, aparecem na própria conformação do espaço das ruas para receber os mercados, bem como em sua organização interna.

No capítulo seis apresento as formas de sociabilidade principalmente a partir das sonoridades e da circulação da palavra. É nesta circulação da palavra que se evidenciam os laços sociais presentes no mercado de rua e seus desdobramentos em termos da vida cotidiana da cidade. Pensar as formas de sociabilidade é dedicar-se à compreensão das repetições de gestos e práticas relacionadas às imagens da intimidade do alimento (Bachelard, 1990) que marcam as relações entre fregueses e feirantes, e também entre estes e os demais personagens desta cena social, como os grupos de crianças que trocam seu trabalho por alimentos. Este capítulo, portanto, complementa as formas,

estéticas e práticas do espaço apresentadas no capítulo cinco, com a composição de camadas de entendimento para o mercado enquanto arranjo social urbano.

O sétimo capítulo é constituído pela tecitura das memórias e narrativas dos informantes desta tese sobre os espaços de mercado e também sobre a cidade e suas transformações. Seus relatos e lembranças remontam às continuidades e descontinuidades vividas no interior da cidade, tendo em vista a transformação dos espaços, os nascimentos e mortes, as mudanças nos mercados e o devir. Neste capítulo, feirantes e fregueses narram o tempo através de suas trajetórias sociais e sua adesão a estas formas de compra e venda de alimentos. Podemos então perceber as ondulações da duração de práticas e gestos que fazem o mercado acontecer no meio urbano.

Por fim, no capítulo oito, vamos ver como estas práticas de mercado estão inseridas em um contexto do bairro, conformando um cotidiano urbano que se desenrola a partir das práticas de seus habitantes. Esta dimensão de um tempo vivido do bairro, que abriga a feição cíclica do mercado que se monta e desmonta em dias específicos da semana, retoma a discussão da cidade como ambiente sobrehumanizado (Leroi-Gourhan, 1975). A intriga que orienta este capítulo final é justamente a permanência ou não destas formas de comércio de alimentos na rua, tendo em vista as constantes transformações urbanas.

No interior dos capítulos, apresento situações etnográficas de diferentes mercados, compondo um mosaico com variadas formas, mas que narram um mesmo fenômeno, que chamei aqui de mercado. Trata-se de pensar a vida urbana através dos arranjos sociais que a configuram, a partir das práticas e gestos de seus habitantes. Uma perspectiva voltada para a reflexão sobre as sobreposições temporais e a dialética da duração no interior da cidade, tendo em vista os processos de consolidação e dissolução temporal das formas da vida social agenciadas no cotidiano.

Ainda é importante situar que a tradução para a escrita dos diálogos e situações de conversação observadas nos *marchés* parisienses, bem como as entrevistas com os feirantes destes *marchés*, se dará ao longo deste trabalho em francês. Assim, construo descrições etnográficas em português, mas apresento os diálogos em sua língua de origem, restando à tradução em nota de rodapé. O mesmo se passa com as entrevistas e relatos. Além disso, todas as traduções do

francês para o português foram feitas por mim, ou seja, trata-se de traduções livres.

O encadeamento dos capítulos, bem como das apresentações dos dados de campo, respeitaram um processo de etnografia da própria escrita, já que a estrutura da tese foi sofrendo modificações conforme as idéias que a compõem eram “descobertas”. A escrita etnográfica, assim como o trabalho de campo, é também um momento de investigação e interrogação incessante que espero ter minimamente evidenciado para os futuros leitores, esperando que muitos deles sejam os próprios personagens das feiras pesquisadas e tantas outras feiras no mundo.

CAPÍTULO 1

Feições do tempo na tecitura do laço social no meio urbano: gestos e práticas nos mercados de rua

Alimentar-se envolve múltiplas dimensões da vida cotidiana que vão desde as relações de compra e da venda de alimentos, os processos de manipulação da matéria do alimento para o cozimento, até os rituais de comensalidade, celebração e festa. É, portanto um gesto muito mais complexo do que poderíamos considerar caso partíssemos da perspectiva de uma razão prática (Sahlins, 2003) relacionando-o unicamente a satisfação das condições de subsistência dos corpos biológicos humanos.

Nas ciências humanas, em especial na Antropologia, Sociologia e História, muito já se discutiu e refletiu sobre a dimensão simbólica e cultural do alimento e das práticas alimentares de uma maneira geral⁷, suas implicações em termos de estilos de vida, de tabus e prescrições, de representações coletivas e identidades, entre outras temáticas. O alimento, e as práticas que o envolvem, conformam, neste caso, dimensões importantes da cultura humana, repletas de significados. Em termos de um trajeto humano relacionado ao alimento – sua aquisição e transformação, os processos de simbolização e construção de sentido para o ato de comer – podemos pensar em encadeamentos de ações como plantar e colher, trocar, vender e comprar, cozinhar, comer, etc. que constituem as forma como se dão as relações do homem com esta matéria (Leroi-Gourhan, 1975) do alimento .

⁷ Entre as obras mais importantes dos estudos de antropologia da alimentação poderíamos citar Fischler, Claude. *L'omnivore, le goût, la cuisine et les corps*. Édition Odile Jacob, Paris, 1993, tratando da dimensão imaginária da comida, das prescrições e proibições culturais para determinados alimentos, e também da dimensão social vinculada à comensalidade. Outro autor também muito usado é Brillat-Savarin, Jean-Anhelme, *A fisiologia do gosto*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, tido como um clássico nesta área de estudos por organizar diversos aspectos que envolvem o alimento, a comida e a gastronomia. No Brasil também muitos antropólogos desenvolvem pesquisas em antropologia da alimentação e matem diálogo com o campo da nutrição, como Maria Eunice Maciel (no Rio Grande do Sul), Maria do Carmo Freitas (na Bahia), entre outros. Ainda entre os clássicos da antropologia poderíamos citar o estudo de Claude Lévi-Strauss, *Mythologiques, le cru et le cuit*. Plon, Paris, 1964.

Neste estudo, é sobretudo nas práticas cotidianas relacionadas às trocas sociais em torno do alimento, que ocorrem nas ruas da cidade, que procuro concentrar a investigação e compreensão sobre a produção de sentidos e simbolismos que definem a vida social urbana. Trata-se de uma filiação às imagens de processos de trocas, de comércios e de mercados, representativas da vida na cidade, e que se fazem presentes em diversos estudos sobre a vida e a cultura urbana e as origens da cidade. Para evocar apenas alguns, é possível perceber nos estudos de Max Weber (1979), por exemplo, o lugar das feiras e mercados nos processos de trocas sociais e econômicas que fundam uma cultura urbana. Ou ainda, na perspectiva arqueológica de André Leroi-Gourhan (1975) sobre os gestos de domínio do espaço e do tempo, a composição de espaços de sociabilidades e trocas, de encontros, que caracterizam a vida na cidade. Além disso, muitos artistas também representaram a cidade pela via dos mercados de rua, apresentando através da imagem pictórica – como Bruegel ou Bosch, entre inúmeros outros – cenas de rua, de compra e venda de alimentos e uma infinidade de ações e gestos dos personagens em seus fazeres cotidianos.

No caso desta tese, o alimento e os simbolismos que o cercam estão presentes como elementos importantes para se refletir sobre a vida urbana e sua dimensão temporal, tendo em vista os gestos que estes simbolismos veiculam, as formas da vida social que engendram e a tecitura de laços sociais (Mauss, 2003) do corpo coletivo (Maffesoli, 1996) no meio urbano. Trata-se de compreender as práticas e gestos que envolvem a compra e venda do alimento como decorrentes de determinados simbolismos que agenciam a vida cotidiana na cidade, tecendo vínculos entre os sujeitos, compondo arranjos sociais particulares e fazendo durar a vida coletiva. Sigo, para tanto, a linha de pesquisa sobre cidade e memória desenvolvida pelas antropólogas Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, no Banco de Imagens e Efeitos Visuais⁸ (BIEV/PPGAS/UFRGS), inserindo-me no campo de conhecimento da Antropologia Urbana, sob uma perspectiva da memória coletiva e do imaginário.

⁸ O BIEV é um grupo de pesquisa coordenado pelas Professoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, no âmbito do NUPECS, Núcleo de Pesquisa de Culturas Contemporâneas e do Laboratório de Antropologia Social, do PPGAS-UFRGS. O BIEV reúne projetos de pesquisa sobre o tema da memória coletiva, formas de sociabilidade, itinerários urbanos e as feições da crise no mundo urbano contemporâneo, desenvolvidas através de pesquisa etnográfica. Os pesquisadores do BIEV trabalham no sentido da produção de coleções de imagens sobre os diversos temas estudados. Ver www.estacaoportoalegre.ufrgs.br.

Pode se dizer que esta tese dá continuidade ao estudo etnográfico desenvolvido de 2001 a 2003, durante o curso de mestrado no PPGAS/UFRGS, que resultou na dissertação de mestrado intitulada “Fazer a Feira: estudo etnográfico das artes de fazer de feirantes e fregueses da Feira-Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre”, defendida em janeiro de 2004, sob orientação da professora Cornelia Eckert. A pesquisa etnográfica realizada na feira-livre do Mercado do Produtor⁹ em Porto Alegre, enfocou o tema das formas de sociabilidade do meio urbano, tendo como objeto as práticas cotidianas de feirantes e fregueses. Estas práticas cotidianas no interior da feira-livre foram interpretadas a partir dos conceitos de artes de dizer e artes de fazer, de Michel de Certeau (1994, 1996), pois estavam relacionadas ao pressuposto de que os gestos de compra e venda que se desenrolam no contexto da feira-livre vinculam-se a uma dimensão simbólica da aquisição do alimento na cidade. Esta dimensão simbólica se expressa nas performances orais de feirantes em suas formas de compor a ambiência da feira-livre, bem como nos diferentes gestos e posturas dos fregueses ao ocuparem e conformarem o espaço da feira.

Como artes de fazer (Certeau, 1994), as práticas cotidianas que configuram a feira-livre narram muito mais do que simples relações econômicas ou de comércio formal no interior da cidade. Todo o aparato necessário à montagem da feira-livre - com suas bancas, lonas, alimentos, balanças, caminhões, etc - bem como as formas de interação entre fregueses e feirantes: as inúmeras conversas ao pé da banca entre estes personagens, o vai e vem incessante de carrinhos e sacolas pelos corredores lotados, as negociações, as amizades, as receitas trocadas entre fregueses, suas lembranças da feira e das artes de nutrir (Certeau, 1994), as jocosidades e performances orais, todos estes aspectos evocam a densidade das relações e das trocas que constituem este fenômeno.

Ao mesmo tempo, estas mesmas feições da feira-livre, contrastam com a idéia de uma cidade moderna, inserida em um contexto de globalização, onde cada vez mais o comércio de alimentos se especializa, podendo mesmo ser

⁹ Apesar de ter este nome, nem todos os feirantes que compõem o Mercado do Produtor são realmente produtores, muitos deles são comerciantes, ou seja, compram seus produtos na CEASA/RS, com fornecedores específicos, e vendem na feira-livre. Os feirantes que compõem as feiras-livres do Mercado do Produtor fazem parte de uma associação com aproximadamente 100 associados, entre produtores e comerciantes, que organiza as atividades do grupo em diferentes espaços da cidade de Porto Alegre, desde 1982. Tratarei mais detidamente sobre esta associação em outro capítulo.

realizado via internet. Esta aparente contradição de imagens da cidade, onde se acomodam diferentes formas de circulação do alimento, não foi tomada no estudo anterior (Vedana, 2004) como uma dicotomia entre tradicional e moderno, mas sim como a possibilidade de refletir sobre a complexidade dos arranjos sociais (Rocha, 1994) no meio urbano e das formas da vida social (Simmel, 1981) que os gestos, as práticas cotidianas, os hábitos dos habitantes de uma cidade conformam ao longo do tempo¹⁰.

Assim, a temática das formas de sociabilidade no meio urbano, tendo como objeto de estudos as práticas cotidianas de determinados habitantes da cidade no que tange os gestos de compra e venda de alimentos, resultou em uma pesquisa que contribuiu para a reflexão sobre a cidade do ponto de vista das formas sensíveis da vida cotidiana (Sansot, 2004), onde os gestos mais corriqueiros como comprar alimentos para a semana expressam o tempo vivido da cidade, as formas de transitar pelas ruas, as adesões particulares a determinados estabelecimentos comerciais, enfim, ressaltam a dimensão rítmica da vida urbana, por que não dizer, sua dimensão poética. Fazer a feira todos os sábados pela manhã significa neste caso muito mais do que abastecer a casa de mantimentos, pois a esta ação corriqueira estão agregados muitos valores e significados, expressos de alguma forma nos encontros de vizinhos, nas conversas entre feirantes e fregueses, nas piadas e jocosidades, nas escolhas, etc. Comprar alimentos na feira-livre constitui-se como um momento importante de trocas sociais e de reafirmação de vínculos entre os sujeitos, de evocação da memória destas práticas no contexto da cidade, da afirmação da dimensão simbólica da aquisição de alimentos.

Subjacente às preocupações reunidas na dissertação de mestrado, sobre as práticas cotidianas de feirantes e fregueses, havia uma questão que acabou dando origem à pesquisa de doutorado e que diz respeito à constituição e duração (Bachelard, 1988) de laços sociais no meio urbano a partir dos simbolismos vinculados à circulação do alimento. O processo de desvendamento

¹⁰ Conforme Ana Luiza Carvalho da Rocha, em sua tese de doutoramento "Tous les gestes quotidiens - habitus corporels, pratiques d'alimentation ou d'hygiène, réflexes professionnels, comportements sexuels - et tous les spectacles anodins qui se déroulent sur le théâtre de la vie urbaine - les mouvements du trafic, les façades des bâtiments, l'agitation dans les rues et les quartiers - véhiculent les valeurs éthiques d'un vouloir-vivre collectif transposées à de structures figuratives. Ces gestes et scènes de la vie quotidienne sont aussi créateurs de formes dans la mesure où leur rythmicité assure la perpétuité de la ville en tant qu'oeuvre durable et stabilisée d'une ambiance communautaire" (Rocha, 1994 :55).

desta questão como um problema de pesquisa, ou seja, como configuradora da própria tese que orientou este estudo, se desenrolou pouco a pouco, à medida que novos elementos eram apresentados durante a etnografia. No capítulo 2 tratarei especificamente da dimensão metodológica e epistemológica que conduziu à transformação da pesquisa etnográfica realizada no curso de mestrado na pesquisa de doutorado. Neste capítulo, cabe salientar a reflexão teórica sobre as formas de sociabilidade que compõem o mercado de rua, que passaram a ser tencionadas pela dimensão temporal das práticas cotidianas que conformam estas sociabilidades, seja no tempo do ciclo semanal de produção da feira-livre no contexto urbano, seja no tempo descontínuo de uma arqueologia dos gestos (Leroi-Gourhan, 1975) que compõem estas práticas, ao longo do tempo, em diferentes espaços.

Esta dupla faceta da dimensão temporal que compõem as práticas cotidianas de mercado acaba possibilitando a emergência da noção de laço social como fundamental para a compreensão dos arranjos sociais (Rocha, 1994) de mercado, atribuindo uma outra densidade a razão simbólica (Sahlins, 2003) destas formas de comércio de alimentos. Ao referir-me a noção de laço social, busco inspiração nos estudos de Marcel Mauss, a respeito da dádiva e do lugar das trocas sociais (Mauss, 2003) na conformação da vida coletiva ou, como se refere o autor, na constituição da vida em comum (Mauss; 2003). O termo fundamental das prestações totais (Mauss, 2003) amplamente descritas pelo autor é o laço que une as partes que trocam nas obrigações de dar, receber e retribuir, laço que cria o circuito das trocas entre as pessoas e os grupos instituindo relações que configuram a vida coletiva. No sistema de prestações totais delineado por Marcel Mauss (2003), os bens trocados são portadores de valores sentimentais, pois carregam consigo algo de seu possuidor, portanto, as trocas estabelecidas entre diferentes grupos também estão imbuídas deste valor, da alma da coisa trocada (Mauss, 2003).

Transladando estas reflexões de Marcel Mauss para o contexto dos estudos sobre a cidade e a vida urbana, é com Simmel (1981) que podemos pensar que este laço social vinculado às trocas sociais se expressa através de diferentes formas, compostas pelas práticas e experiências compartilhadas de diferentes sujeitos em interação no cotidiano. Estas formas da vida social que são objetos de reflexão para Simmel, ainda apresentam-se, para autores como Michel

Maffesoli e Ana Luiza Carvalho da Rocha, como imagens de arranjos coletivos cotidianos. Neste caso, é na visibilidade das formas da vida social, em seus diferentes arranjos cotidianos, que se torna possível interpretar as diferentes feições do laço social no contexto urbano.

A recorrência das imagens das trocas simbólicas presentes às relações entre fregueses e feirantes, ou destes com os grupos que circulam na feira em busca de alguns biscates, das relações entre fornecedores e compradores em centrais de abastecimento como a CEASA (no Brasil) ou o *Marché International de Rungis* (na França), acabam por compor um mosaico que reafirma, sobre diferentes formas, a presença e mesmo a celebração destes laços no meio urbano. Como é possível acessar nas crônicas em vídeo e som que compõem o capítulo quatro da tese - em DVD - em alguns casos os processos de compra e de venda são permeados de brincadeiras, conversas, chistes, que expressam os laços simbólicos presentes nos gestos de compra e de venda, além de marcarem a duração das trocas entre os sujeitos. Assim, mais do que afirmar que os simbolismos veiculados pelo alimento conformam estilos de vida peculiares, determinados por certos hábitos decorrentes de uma memória/trajetória individual, pensar em termos da tecitura de laços sociais pela via das imagens da circulação do alimento na cidade, através das trocas sociais nos mercados de rua, significa aderir ao campo de pesquisa da memória coletiva e da etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2005), interpretando o tempo a partir das diferentes feições em que se apresenta, no movimento rítmico das continuidades e discontinuidades (Bachelard, 1988) das formas sociais se expressarem culturalmente. Neste caso, a tecitura dos laços sociais que se expressam nas práticas de compra e de venda de alimentos nos mercados de rua resultam dos sentidos compartilhados pelos sujeitos em termos das formas de encarar esta passagem do tempo.

Ao falar de laço social tecido nas práticas de mercado, falo também das múltiplas formas com que este laço se apresenta cotidianamente e como, através das interações e práticas dos sujeitos, desdobra-se em diferentes feições e estéticas das formas de sociabilidade, ou ainda como afirmaria Simmel (1981), se atualiza, em cada dia de feira-livre, em cada encontro semanal. O mercado, como arranjo social, representa também formas de se pensar o tempo, algumas das quais podem ser apresentadas nas cenas que seguem:

Henrique e Dona Zulma

Henrique é feirante do Mercado do Produtor e aos sábados pela manhã vende seus produtos no Largo Zumbi dos Palmares, um dos locais onde ocorre esta feira-livre. Ele vende alhos e temperos diversos, como pimentas, gengibre, orégano, além de alguns temperos preparados. Em relação a outras bancas da feira, a sua é pequena e minuciosamente organizada, como as especiarias vendidas demandam. Henrique tem aproximadamente 35 anos, casado e com dois filhos. Sua mulher, Saionara, também personagem desta pesquisa, trabalha com os filhos e mais o irmão em outra feira-livre realizada pelo Mercado do Produtor. Henrique é muito bem humorado e não perde a oportunidade de rir e fazer uma piada. Conhecemos-nos ainda durante o período em que realizava a pesquisa de mestrado e logo a sua banca tornou-se um dos pontos obrigatórios de todos os sábados pela manhã. Lá elaboramos as mais diversas teses sobre a cidade, o tempo, e a feira-livre, tanto que me arrisco a dizer que Henrique é tão responsável quanto eu pelas idéias que ora transcrevo nesta tese. Foi Henrique que me apresentou à Dona Zulma, uma antiga freguesa da feira, que segundo conta é extremamente fiel aos feirantes que conheceu ali. Dona Zulma tem mais de 70 anos e as dificuldades que o tempo atribui ao corpo para caminhadas e esforços cotidianos, mas vai à feira todo o sábado “comprar e conversar”, como ela mesma afirma. Apresento rapidamente estes dois personagens, cujas trajetórias sociais tratarei em outro momento desta escrita, para descrever uma cena que várias vezes se repetiu em nossos encontros. Dona Zulma chega à banca de Henrique, onde estamos gravando algumas imagens em vídeo, e ao me ver se aproxima e pergunta:

- Tu ainda freqüentas esse aqui hein?

E já emenda, contando para a câmera:

- Ele está a seis anos me devendo uma carne de porco que ele prometeu me trazer e ainda não trouxe, seis anos, meu marido ainda era vivo!

Desta afirmação ao mesmo tempo séria e jocosa, de Dona Zulma, desencadeia-se todo um jogo entre os dois, que a cada dia de feira desdobra-se de formas diferentes. Henrique, ao ouvir a declaração de Dona Zulma, sai de dentro da banca, coloca-se ao lado dela e resolve responder:

- É que eu fiz uma regressão, eu fui num centro espírita e fiz uma regressão, e descobri que na outra encarnação eu era porco então não posso matar alguém que seja... Vai que seja um parente meu!

- É, é teu parente sim!

E entre as risadas de quem assiste a conversa, os dois prolongam a circulação da palavra entre eles, de forma que o jogo se estenda ainda mais um pouco, com Dona Zulma afirmando que se antes ele havia sido porco, agora ele devia ser homem e cumprir com suas promessas. Enquanto Henrique e o filho de Dona Zulma, que sempre a acompanha na feira riem, pergunto a ela como está, já que não nos víamos há tempos:

- Vou levando né, com o joelho que não posso nem pisar no chão, mas estou aí...

Ao que Henrique novamente emenda:

- É a “umidade”, Dona Zulma! Uma idade em cima da outra, daí vai acumulando...

E os risos continuam até que Dona Zulma e seu filho decidem ir embora, continuar a fazer a feira. Não sem antes terem aproveitado bastante do ir e vir desta conversa, Dona Zulma respondendo a Henrique e seu filho rindo. A história desta carne de porco prometida marca profundamente a relação entre Henrique e Dona Zulma, pois se refere a um tempo em que o sogro de Henrique ainda estava vivo e assava carne de porco nos finais de semana, e em que o marido de Dona Zulma já começava a apresentar os primeiros sinais da doença que o levaria a morte. Ao retomarem esta história de formas diferentes, a cada dia de feira em que se encontram, Henrique e Dona Zulma, no tempo que dura esta conversação, afirmam suas formas de lidar com a passagem do tempo, com suas vicissitudes e com a morte, ao mesmo tempo em que celebram a vida e os laços que compartilham. Neste dia, último em que nos encontramos, Dona Zulma reafirma sua adesão aos simbolismos dos gestos que conformam o mercado ao contar que frequenta aquela feira desde muito tempo, desde que muitos feirantes ainda eram crianças e trabalhavam com seus pais. Feirantes que agora são adultos têm suas próprias bancas, e trabalham com seus filhos. Enquanto conta, Henrique ainda brinca, sempre encontrando brechas para seu bom humor. Assim os dois se desafiam à continuidade desta relação, na descontinuidade dos encontros semanais proporcionados pelo tempo cíclico da própria feira acontecer na cidade.

Akli e Madame Aurieth

Marché Maubert, 5^{me} arrondissement, Paris, França. Foi onde conheci Akli, um feirante tão bem humorado quanto Henrique, enquanto realizava pesquisa de campo exploratória, por ocasião de um estágio de doutorado. Akli tem em torno de 40 anos e é dono de diversas bancas em diferentes *marchés*, de diferentes bairros de Paris. É Argelino, de origem *kabile*, e trabalha na feira há muitos anos, profissão que herdou de seu pai. Na sua banca, podemos encontrar frutas, legumes e verduras, esteticamente organizados em cestos de vime. Organização que é mantida durante todo o dia de feira, nas constantes arrumações que faz entre uma venda e outra. Akli, como Henrique, também mantém com seus fregueses mais habituais estas relações jocosas que se desenrolam entre brincadeiras e vínculos afetivos. Akli é casado com uma brasileira, chamada Andromeide, que apresentarei em outra ocasião, mas por conta deste laço, Akli torceu pela seleção brasileira de futebol durante os jogos da Copa do Mundo, o que rendeu diversas situações de brincadeiras e disputas entre ele e seus colegas de banca, bem como com alguns fregueses. Antes do jogo que tiraria o Brasil da Copa, que ocorreu entre a seleção Brasileira e a seleção Francesa, Akli enfeitou toda a sua banca com as cores do Brasil, e também com a bandeira brasileira, além de usar um boné verde e amarelo. Alguns dias antes da partida final da Copa do Mundo, que seria entre Itália e França, Madame Aurieth, uma de suas freguesas, descobre que Akli não estava torcendo para *les bleus*, a seleção da França e, muito indignada, diz a Akli que não vai mais conversar com ele.

- Je ne te cause plus, au moins par un mois¹¹!

Afirma veemente Madame Aurieth enquanto Akli tenta conversar com ela. Madame Aurieth está escolhendo alguns pêssegos, enquanto Akli metodicamente compõe a estética das frutas que estão expostas. Todos na banca de Akli estão envolvidos com a indignação de Madame Aurieth, e enquanto ela pergunta para todos como se ele não estivesse escutando:

- Est que il plaisantait ou pas? Alors, je voudrais savoir la vérité¹².

Akli responde, em tom de brincadeira e implicância:

- Réponse dans un mois! Je vous donnerais une conférence de presse¹³!

Toda esta conversa se desenrola em um tempo longo, enquanto Madame Aurieth escolhe suas compras e Akli atende polidamente a outros fregueses, prestando atenção a suas preferências, sorrindo e nos intervalos, produzindo a estética de sua banca. Conversas paralelas entre os outros feirantes da banca também vão compondo a cena, e quando novamente retornam ao assunto futebol, afirmam que agora, que o Brasil havia perdido para a França, Akli estava torcendo pela seleção da Itália. Madame Aurieth, que é atendida por um dos feirantes da banca, também de origem Kabile e fervoroso torcedor de *les bleus*, continua sem acreditar, e aponta o dedo para Akli em tom de ameaça (sempre jocosa é claro). A situação de riso atravessa as compras de outros fregueses, que embora não participem da cena, também acham graça da disputa entre Madame Aurieth e Akli. Finalizando suas compras, mas não sua surpresa com a escolha de Akli, Madame Aurieth permanece na banca, na tentativa de compreender, até que um dos colegas de Akli brinca, afirmando que foi Andromeide que obrigou Akli a torcer pelo Brasil. Neste momento já não há outros cliente na banca, e todos estão reunidos em um canto da banca. Andromeide e Akli, como sempre, organizando e limpando a banca, enquanto participam da conversa. Com a informação de que foi Andromeide quem obrigou Akli a torcer pelo Brasil, há uma reviravolta na história, onde as relações pessoais e afetivas entram em cena. Ainda no tom de brincadeira, mas também de cobrança de madame Aurieth pergunta:

- Comment ça, personne m'avait la présentée, personne ma dit voilà¹⁴...

E por aí continua ainda a circulação da palavra entre eles, sutilmente trazendo à tona as imagens da intimidade que envolvem os gestos em relação ao alimento. Enquanto conversam e manipulam a matéria do alimento, firmam também os seus laços, compartilham os sentidos presentes nestes gestos corriqueiros da compra e venda. No desenrolar dos diferentes gestos que acompanharam esta cena, Akli demonstrava na prática suas formas de “conhecer o humor dos fregueses”, de se lançar na aventura de compartilhar este tempo vivido efêmero do mercado de forma a fazê-lo durar.

Estas cenas descritas aqui, fragmentos de um tempo compartilhado no

¹¹ “Eu não converso mais contigo, ao menos por um mês”.

¹² “Ele está brincando ou não? Eu gostaria de saber a verdade”.

¹³ “Resposta em um mês, eu darei uma coletiva de imprensa”.

¹⁴ “Como assim, ninguém me apresentou a ela, ninguém me disse olha, aqui está...”

mercado, reúnem-se a diversas outras cenas que expressam as diversas feições do que venho chamando aqui de laço social, tecido a partir das trocas sociais veiculadas pelo simbolismo do alimento. Os desdobramentos das situações de conversação (Simmel, 1983) entre fregueses, feirantes e *habitués* do mercado, os gestos de compra e venda e de manipulação da matéria do alimento, os encontros e interações vão compondo diferentes formas da tecitura dos laços sociais. Para o caso desta pesquisa, que procura problematizar os gestos de compra e venda de alimentos tendo em vista de um lado o Tempo – em termos da duração bachelardiana destas práticas – e de outro os simbolismos veiculados por estes gestos – em termos das estruturas antropológicas do imaginário de Gilbert Durand – a noção de laço social agrega as elaborações teóricas de autores como Michel Maffesoli, Pierre Sansot, Michel de Certeau e George Simmel sobre os arranjos coletivos da vida urbana e suas formas de expressão cultural, reflexões teórica mediadas ainda pela contribuição de antropólogos brasileiros como Gilberto Velho, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert. É a tecitura desta rede interpretativa que gostaria de discutir nesta tese, a luz dos dados etnográficos.

Nesta perspectiva, mais do que atribuir ao mercado de rua a produção destas práticas cotidianas e dos gestos de manipulação do alimento, como arranjo social que daria ensejo a elas, passo a compreender o mercado como resultante destas práticas e gestos, como expressão dos laços sociais que o constituem, justamente por estes gestos e práticas estarem orientados pelos simbolismos que envolvem o alimento. Seguindo a linha dos estudos sobre imaginário, de Gilbert Durand (2001), estes gestos e práticas que se repetem cotidianamente nos mercados de rua veiculam simbolismos relacionados ao alimento e às imagens¹⁵ que este evoca no que tange a sua circulação e manipulação, as formas de compartilhar a comida, à comensalidade e os rituais familiares e festivos, etc. Neste caso, as trocas sociais no interior de mercados de rua são tecidas por estas imagens¹⁶ do alimento, e constituem laços sociais que

¹⁵ A teoria do imaginário desenvolvida por Gilbert Durand afirma que os seres humanos são habitados por imagens, se pensam através delas e enquadram o tempo e o mundo a partir de determinadas constelações de imagens (Durand, 2001). Portanto também se expressam culturalmente através de gestos e posturas, de narrativas e performances, carregadas de simbolismos que dão pistas sobre a origem cósmico-social das imagens ou do “conteúdo imaginário” que orienta suas ações, suas formas de pensar.

¹⁶ Ao falar de imagem novamente retorno a Gilbert Durand (1988) quando afirma que toda imagem é simbólica, ou seja, não se trata da representação “da coisa” em si, da figura, mas sim de um conjunto de

carregam as feições destas imagens.

Ao remeter-me aos estudos de Gilbert Durand sobre o imaginário, coloque-me diante de questões importantes do ponto de vista dos dados etnográficos que foram tecidos nesta pesquisa: estas práticas e gestos que conformam o mercado de rua podem ser vistos em termos de “efeitos de uma consolidação temporal”¹⁷ (Rocha, 1994:27)? Como investigar a duração (Bachelard, 1988) destas formas da vida social (Simmel, 1981) aderindo a suas próprias transformações? Quais as dimensões simbólicas da recorrência das imagens que compõem esta pesquisa?

É claro que estas perguntas não serão respondidas de forma objetiva, apresentando-se muito mais como norteadoras de novas interrogações e interpretações no que tange a dinâmica do fenômeno observado. Neste sentido, a própria tradução para a escrita desta maneira de interpretar as práticas cotidianas presentes ao mercado de rua, tendo em vista a complexidade de imagens e simbolismos que veiculam, está carregada das dificuldades de rerepresentar os dados etnográficos sem reduzi-los a uma única interpretação destes sentidos múltiplos que veiculam, pois dentro desta linha de abordagem dos fenômenos sociais, as representações e os conteúdos imaginários (Durand, 2001) que orientam estas práticas não estão reduzidos a um único símbolo, mas a um conjunto de símbolos e de imagens.

Como mencionei no início deste texto, esta adesão teórica relaciona-se ao engajamento desta pesquisa no interior dos estudos etnográficos sobre memória coletiva, produção e circulação de imagens no contexto da cidade desenvolvidos no âmbito do Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Trata-se, portanto, de uma opção epistemológica de enquadrar dos ritmos temporais que perpassam a vida urbana no desenrolar dos gestos cotidianos dos habitantes de uma cidade. Opção que reivindica a interpretação dos fenômenos sociais pela via das imagens simbólicas que os conformam, além de colocar o pesquisador diante do desafio de representar estas imagens, ou fragmentos delas na escrita etnográfica, na produção de fotografias, vídeos e sons. Estas imagens simbólicas são por sua vez agenciadas nos gestos e práticas cotidianas, nas narrativas biográficas e

sentidos que conforma uma imagem que podemos compreender como epifania, como enunciação ou evocação de sentidos.

¹⁷ Conforme a autora: "La conformation générale de la Ville peut ainsi être interprétée à partir des effets externes d'une consolidation temporelle, c'est-à-dire des effets de composition créées par la rythmique discontinue d'une pluralité de durées vécues par ses habitants et reliées entre elles à travers leurs actions collectives."

histórias de vida dos informantes, nas figurações da oralidade que se desenrolam nas situações de interação, bem como nas formas e arranjos assumidos pelo corpo coletivo urbano¹⁸.

Assim, o simbolismo do alimento referido aqui como subjacente às práticas e gestos que conformam as trocas sociais no mercado de rua aponta para um desdobramento em diferentes formas de enquadrar o tempo. De um lado, temos as imagens que veiculam os símbolos cíclicos (Durand, 2001) correspondentes aos processos de vida, morte e renascimento, representados pelo próprio ciclo vegetal (Durand, 2001). Segundo Gilbert Durand, o ciclo vegetal "que se fecha de semente a semente" (Durand, 2001:296) carrega a potência das imagens cíclicas: "a intuição do ritmo cíclico tem, na verdade, um outro suporte simbólico além do suporte astronômico lunar, é o ciclo natural da frutificação e da *vegetação* sazonal" (Durand, 2001:296 grifo do autor). A periodicidade da própria feira-livre, no interior da vida cotidiana urbana, adere a este simbolismo cíclico, oferecendo aos que a freqüentam a possibilidade de reabastecer a casa de alimentos frescos, de renovar e retomar as sociabilidades da semana anterior, de marcar o tempo da semana. Este mesmo simbolismo cíclico aparece na repetição dos gestos de manipulação da matéria do alimento, na circulação da palavra decorrente das situações de jocosidade e nos processos de montagem e desmontagem da banca, de organização estética da mesma, etc. Nesta repetição, não é o mesmo que retorna, ou seja, o "re-fazer" a feira carrega as transformações impressas pelo tempo vivido nestes gestos e práticas que ao mesmo tempo mantém seu "substantivo simbólico central" (Rocha, 2007), referenciado a origem cósmico-social das imagens que conformam tais gestos.

Estas imagens relativas ao simbolismo cíclico filiam-se ao que Gilbert Durand (2001) chamou de esquemas rítmicos, no interior das estruturas sintéticas

¹⁸ "o estruturalismo figurativo reconhece invariâncias de determinados dispositivos (os *grandes eixos do imaginário*), as quais apontam para um substantivo simbólico central que é a permanência do arcaico (a matriz dos gestos e das pulsões primárias) na dinâmica das transformações das sociedades humanas. Não se trata de reduzir ao substantivo simbólico arcaico o sentido imediato aos atos humanos, mas ao contrário, pensar o deslocamento (*acomodação-assimilação*, em Piaget, e *extraversão-introversão*, em Bachelard) de tais gestos e pulsões no interior do próprio corpo coletivo que por sua vez, desloca-se no tempo e no espaço. Este processo o autor [Gilbert Durand] descreve como o trajeto antropológico que orienta o processo de intercâmbio incessante no plano do imaginário, entre pensamento e matéria, o sentido e as coisas, o mundo das idéias e o mundo dos objetos, as *pulsões subjetivas* e as *intimações objetivas*. O trajeto antropológico traduz o universo por excelência das imagens e o simbolismo imaginário como parte integrante da dialética que funda a coerência entre o sentido e o símbolo na construção da homogeneidade da representação" (Rocha, 2007:02).

do imaginário, com suas representações de acomodação ao ritmo do tempo no sentido do domínio cíclico do devir na repetição incessante dos instantes, “de regeneração periódica do tempo e abolição do destino enquanto fatalidade cega” (Durand, 2001:284). Ao veicular o simbolismo do ciclo, o alimento, enquanto imagem simbólica evoca também os esquemas rítmicos de “sucessão de contrários” (Durand, 2001:295), donde à morte sucede a vida, na repetição dos instantes temporais que correspondem a diferentes fases do ciclo, perpetuando neste caso, a vida. É esta dialética da sucessão dos contrários presentes à estrutura sintética do imaginário, onde as angústias da morte dão lugar às promessas da vida, que o pensamento sobre o tempo agrega a dinâmica dos ciclos à imagem progressista do devir (Durand, 2001).

Por outro lado, retomando as feições do tempo representadas pelo simbolismo do alimento, além dos ritmos cíclicos, desdobram-se dele ainda as imagens da intimidade (Bachelard, 1990), da interioridade da matéria, do segredo íntimo das coisas. É nesta dimensão da intimidade das substâncias que se vai buscar o “antídoto do tempo” (Durand, 2001), a partir de uma representação do destino e da morte que inverte os valores destas imagens. Diferente da representação de um tempo que transcorre irreduzível em direção a um destino trágico – a morte – em relação ao qual é preciso “lutar contra”, como apelam as imagens de um tempo do progresso, por exemplo, as imagens da intimidade direcionam-se ao desvendamento da interioridade da substância como forma de aceitação da condição temporal da vida. Sob esta perspectiva é que analiso nesta tese os gestos de manipulação da matéria do alimento no mercado, bem como seus desdobramentos em situações de jocosidade e interação, e nas artes de nutrir.

Reunindo as imagens de gestos dos fregueses que escolhem seus alimentos, apalpando, tocando, cheirando, pedindo para “ver por dentro”, ou seja, abrir frutas e outras hortaliças, provando os sabores diversos destes elementos, às imagens das crianças que neste mesmo gesto analisam cuidadosamente os alimentos que restam caídos ao chão, ou que recebem em troca de algum trabalho, dos feirantes que reconhecem as preferências de seus clientes e os convidam a provar um novo sabor, um novo tempero, compõem-se um mosaico que narra esta dinâmica de aceitação da finitude e da morte num movimento de assimilação do devir. A estes esquemas de gestos voltados à intimidade Gilbert

Durand (2001) vai atribuir a imagem da descida digestiva, que “converte os valores negativos da queda (angústia e medo) em deleitação da intimidade lentamente penetrada” (Durand, 2001:202). As fantasias da intimidade apresentam uma valorização da morte como retorno à morada, como um símbolo do repouso e não necessariamente como um fim. Neste caso, todo gesto alimentar envolve uma dimensão de transubstanciação, “confirma a realidade da substância¹⁹” (Durand, 2001:257). A assimilação alimentar como forma de interiorização da intimidade das substâncias é metáfora da assimilação do devir transubstanciado em renovação, tem o caráter de perpetuação da substância.

Estas imagens, filiadas às estruturas místicas do imaginário, potencializam os simbolismos e esquemas verbais da união e da intimidade, voltando-se para a importância da substância. Para Durand (2001) a estrutura mística representa uma grande reviravolta de valores, uma “microcosmização” (Durand, 2001:277), ou seja, a atribuição de profundas significações sentimentais ao pequeno. A fabulação destas imagens da intimidade e inversão está profundamente vinculada às imagens dos esquemas cíclicos, desdobram-se neles. Tanto a estrutura mística como a estrutura sintética do imaginário pertencem ao Regime Noturno da imagem, em contradição complementar com as imagens e estruturas pertencentes ao Regime Diurno²⁰. Com estas classificações do conteúdo do Imaginário, Gilbert Durand (2001) propõe a construção de uma arquetipologia das imagens, e não uma tipologia onde as diferenças são excludentes. Na verdade, este esforço inicial de sintetização – se é possível chamar assim – que de forma alguma se pretende exaustivo, das idéias de Gilbert Durand sobre o imaginário é

¹⁹ “A afirmação da substância, de sua indestrutível intimidade subsistindo para além dos acidentes, só pode ser feita por esta tomada de consciência da assimilação digestiva. (...) O princípio de identidade, de perpetuação das virtudes substanciais, recebe o seu primeiro impulso da meditação da assimilação alimentar, assimilação sobredeterminada pelo caráter secreto, íntimo de uma operação que se efetua integralmente nas trevas viscerais” (Durand, 2001:277).

²⁰ O vasto estudo sobre o Imaginário realizado por Gilbert Durand procura dar à imaginação e às imagens estatuto de anterioridade em termos das formas de pensar, classificar, ordenar, o mundo e o tempo. Neste sentido, no livro *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, Durand analisa e classifica os conteúdos do imaginário, dividindo-os segundo uma arquetipologia (e não uma tipologia) conforme os semantismos associados a símbolos e imagens. Nesta arquetipologia não reducionista e nem excludente, o autor apresenta três grupos de esquemas “os esquemas diáriticos e verticalizantes por um lado, simbolizados pelos arquétipos do *centro* e do *gládio* isotópicos de todo um cortejo simbólico, e por outro lado os esquemas da descida e da interiorização simbolizados pela *taça* e suas componentes simbólicas, e por fim os esquemas rítmicos, com seus matizes cíclicos ou progressistas, representados pela *roda* denária ou duodenária e o *pau* com rebentos, a árvore. Tínhamos agrupado esta tripartição em dois regimes, um *diurno*, o da antítese, o outro *noturno*, o dos eufemismos propriamente ditos. Em seguida, mostramos como estas classes arquetípicas determinam gêneros estruturais e tínhamos descrito as *estruturas esquizomórficas*, as *estruturas místicas* e por fim as *estruturas sintéticas* do imaginário.” (Durand, 2001: 377, grifos do autor).

uma forma de perseguir o desvendamento do semantismo das imagens que permeiam esta pesquisa, mas também de encarar as próprias “faces do tempo”, suas diferentes feições, afirmando seu lugar irremediável no pensamento antropológico sobre a vida urbana. Conforme as antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert “sem se observarem as feições do tempo que engendra o mundo urbano nas sociedades atuais, torna-se quase impossível desvendar-se o significado da apropriação e reelaboração das referências culturais e sociabilidades que fazem com que a vida coletiva nas grandes metrópoles dure no tempo no sentido do arranjo de suas descontinuidades.” (Eckert, Rocha, 2005:94).

Neste sentido é que gostaria então, de apresentar ainda outras imagens, ou outras cenas, que apresentam também, mas de outras formas a dimensão temporal destas práticas.



Marché International de Rungis

Marché International de Rungis, entreposto comercial de alimentos que abastece a França e boa parte da Europa, em gêneros alimentícios provenientes de várias partes do mundo. Solução para suprir as demandas da vida urbana, ambiente técnico-cultural que ao longo do tempo se afastou cada vez mais das possibilidades de produzir alimentos, necessários à sobrevivência de sua população, criando então, através do uso da tecnologia, outras formas de resolver este impasse. O *Marché* de Rungis, como era de se esperar, para cumprir suas funções agencia muitos trabalhadores com diferentes ocupações, tem uma complexa organização interna, conta com laboratórios de análise da qualidade dos alimentos e até mesmo visitas turísticas às suas instalações. Estes são alguns dos motivos que tornam este centro de abastecimento um importante exemplo da modernidade em termos da tecnologia de distribuição de alimentos no mundo, quase um contraponto ao querido mercado central de Paris *Les Halles*, que foi substituído pelo *Marché International* de Rungis. A grande importância atribuída a Rungis pelos franceses, ao menos, se expressa nos vários documentários e reportagens que já foram realizados sobre ele, alguns dos quais podem ser encontrados no site da *Inathèque de France*²¹. Esta descrição refere-se a um destes filmes, e a sua semelhança com outras imagens

²¹ www.ina.fr – último acesso em 22/02/2008.



que apresentam sentidos semelhantes: a cidade e suas necessidades de comida, as formas de solucionar estes problemas, a globalização e circulação mundial de alimentos. Durante esta pesquisa, como veremos no decorrer da tese, pude assistir a inúmeros documentários e reportagens que veiculavam idéias como estas, cujo foco eram justamente as formas de se garantir o sustento alimentício urbano pela via da inovação tecnológica, da luta contra o caráter perecível do tempo. Gostaria de ressaltar, no entanto que, se estes sentidos sobredeterminam outros, mais relacionados a um microcosmo destas formas, eles não são, contudo únicos, e deixam transparecer em suas brechas outras interpretações. Em especial, no documentário *Dans les coulisses de Rungis* (Dedole, 2005), as imagens de uma dimensão macrocômica dialogam com imagens do microcosmo das relações entre diferentes atores. Compostas em mosaico, imagens em *plongée* absoluto, apresentando um imenso galpão com invisíveis divisões configuradas pelos conjuntos de caixas de alimentos de cada fornecedor, nos informam a dimensão deste mercado, a quantidade de produtos que são comercializados ali, diariamente. Galpões de frutas e legumes, de peixes - chamado *La marée* - de aves, de carnes, etc. Deste ponto de vista, as pessoas parecem diminutas, caminhando entre as caixas de produtos alimentícios. Mas aos poucos, o *plongée* absoluto é substituído por planos mais próximos, que apresentam alguns personagens como os fornecedores de carnes e peixes, sempre com seus cadernos e anotações, as cotações de vendas, organizando as atividades com seus empregados; os compradores e suas diferentes motivações: donos de restaurantes, de cafés, feirantes, uma *acheteuse internationale* irlandesa a procura de novidades para *chefs* de *cuisine* da Irlanda. Negociações entre compradores e vendedores, degustação de produtos, alguns encontros, vão criando o contraponto com as imagens distanciadas que apresentam Rungis do ponto de vista da tecnologia da distribuição mundial de alimentos. O mosaico de imagens da dança dos caminhões no momento de descarregar, apresentando um ritmo intenso de trabalho, dos gestos de inspeção de carnes pelos veterinários e suas representações de tecnicidades, das operações de inspeção das regras de higiene no transporte de produtos pela aduana, com seu caráter de controle social da circulação dialogam com as imagens que contam singelamente a história de aposentaria próxima de



um vendedor de *la marée*, que ensina um jovem a ocupar seu lugar, apresentando seus clientes fiéis, ensinando o que é próprio do ofício e ao mesmo tempo refletindo em interação com a câmera, sobre os anos passados ali, sobre uma vida de trabalho, sobre a angústia com o devir da aposentadoria. Nesta dinâmica das imagens, através da qual passamos da intimidade das relações entre os personagens para a desconcertante realidade da circulação mundial de alimentos – já que o filme nos leva também a conhecer a produção de alimentos *contre-saison*, como os melões de natal produzidos em outros países especialmente para a França, as tecnologias de transporte de alimentos que saem de Rungis e mesmo uma greve de transporte que bloqueia a entrega das encomendas da vendedora Irlandesa para seus *chefs de cuisine* – evidenciam-se as múltiplas camadas de sentido que configuram este mercado. Diria ainda que não somente este, mas o mercado como arranjo social consolidado no tempo por um conjunto de práticas e gestos acaba se configurando a partir de múltiplas camadas de sentido. Neste documentário, vi desdobrar-se imagens muito próximas das que pude observar em uma experiência etnográfica na CEASA de São Paulo. Os artifícios técnicos relacionados à alimentação urbana e o macrocosmo relacionado ao abastecimento urbano, combinado com o microcosmo dos vínculos de interação e sociabilidade entre diferentes personagens²².

²² Este documentário é parte da pesquisa realizada durante o estágio de doutorado realizado em Paris/França, que tinha como um de seus objetivos a pesquisa em acervos de imagens. Até o momento este documentário ainda não está disponível on-line, no site da Inathèque de France como estão alguns outros documentos, por motivos de digitalização e tratamento dos materiais audiovisuais (ver no capítulo 2 desta tese mais informações sobre esta instituição bem como os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa de acervo). Os slides que seguem ao lado do texto são *stills* que podem ser feitos durante o momento em que estamos assistindo aos vídeos. A Inathèque permite ainda que os pesquisadores gravem seus materiais de pesquisa para uso futuro. A ficha com informações sobre o documento que segue abaixo do texto é uma edição sobre as fichas de cada arquivo audiovisual fornecidas pela Inathèque que, portanto, contem mais informações do que as transcritas acima. Segue a tradução da ficha: Título: Nos corredores de Rungis / Gênero: documentário / Descritores / Rungis, comércio, alimentação, concorrência, mercadoria, controle sanitário, Guadalupe, melão, Irlanda, exportação / Resumo do produtor: Documentário de 90 min realizado por Patrick Dedole e produzido por Comiti Produções, com a participação de France 5 e do CNC. Produção: Tony Comiti / Redator Chefe: Eric Pierrot / Produção Executiva: Dominique Carel / Direção de Produção: Virginie Bellaiche e Stéphanie Robert, 2005. Tão grande como o principado de Mônaco, o “ventre da França” nutre hoje um quarto da população francesa e mais de dezoito milhões de europeus! Tomado cotidianamente por milhares de trabalhadores, Rungis “acorda” às 22 horas para se deitar no outro dia às 15 horas. É nesta verdadeira “cidade ao inverso” que donos de restaurantes e comerciantes vêm a cada noite fazer seu mercado. Com a aproximação das festas de fim de ano, Rungis ganha ares de grande prêmio de automobilismo ou de Las Vegas. É neste período do ano que vendedores e patrões fazem suas apostas comerciais. Alguns esperam alcançar o *jackpot* em alguns dias. É preciso saber encontrar a qualidade, a quantidade e enfim jogar “contra o relógio”. Suas decisões são frágeis e podem algumas vezes acabar em fracasso com conseqüências irreversíveis.

INATHÈQUE DE FRANCE - INFORMAÇÕES SOBRE O DOCUMENTO

Título propre: Dans les coulisses de Rungis

Date de diffusion: 04.12.2005

Genre: Documentaire, Série

Descripteurs: Rungis; commerce; consommation; alimentation; concurrence; marchandise; contrôle sanitaire; vétérinaire; Guadeloupe; melon; Irlande; exportation

Résumé producteur: Documentaire de 90' réalisé par Patrick Dedole et produit par Comiti Productions, avec la participation de France 5 et du CNC. Production : Tony Comiti. Rédacteur en chef : Eric Pierrot. Production exécutive : Dominique Carel. Direction de production : Virginie Bellaïche et Stéphanie Robert. 2005. Aussi vaste que la principauté de Monaco, le "ventre de la France" nourrit aujourd'hui un quart de la population française et plus de dix-huit millions d'Européens! Pris d'assaut quotidiennement par des milliers de travailleurs, Rungis se lève le soir à 22 heures pour se coucher le lendemain à 15 heures. C'est dans cette véritable 'ville à l'envers' que restaurateurs et commerçants viennent chaque nuit faire leur marché. A l'approche des fêtes de fin d'année, Rungis prend des allures de grand prix automobile ou de Las Vegas. C'est à cette période de l'année que les vendeurs et les patrons font des paris commerciaux. Certains espèrent toucher le jackpot en quelques jours. Il faut savoir trouver la qualité, la quantité et enfin jouer le 'contre la montre'. Leurs décisions sont alors fragiles et peuvent quelques fois se solder par des échecs aux conséquences irréversibles...

O reverso – mas não o inverso – das imagens dos gestos e interações no mercado, que compõem as primeiras descrições apresentadas, aparecem na composição destes grandes entrepostos comerciais como Rungis e a própria CEASA, na ideia da cidade como ambiente técnico-cultural (Leroi-Gourhan, 1975) que ao mesmo tempo em que se expande, cria meios de suplantar os efeitos desta expansão. As representações do mito do progresso (Durand, 2001) nas inovações tecnológicas relacionadas à circulação do alimento no mundo veiculam por sua vez, imagens de um tempo agitado e febril, que transcorre impassível diante da efemeridade da vida. Diante desta agitação do tempo, da aceleração do crescimento urbano e dos ritmos da vida na cidade, configuram-se os gestos de luta contra o tempo (Durand, 2001) na produção de repostas progressistas e modernizantes para a sobrevivência da vida urbana.

Porém, ao mesmo tempo em que a ciência e a tecnologia avançam no sentido de suprir as necessidades de alimentos do meio urbano, os índices de morte por fome no mundo aumentam. Dados recentes da FAO (Fundo para Alimentação e Agricultura), em ocasião da Conferência Mundial sobre Alimentação em 16 de outubro de 2007 evidenciam que embora se produza mundialmente o suficiente para alimentar 12 bilhões de pessoas, o dobro da população mundial, cresce a cada ano em 4 milhões o número de pessoas

atingidas pela fome crônica. Entre as explicações levantadas por estes organismos estão as políticas econômicas que elevam os custos da produção agrícola, as políticas comerciais entre os países ditos desenvolvidos que afetam drasticamente os países pobres, o aumento de preços dos combustíveis que encarece o transporte, as mudanças climáticas e os conflitos em torno dos recursos naturais, as lutas armadas em alguns países²³, etc.

Frente a esta realidade de desagregação em nível mundial de grupos espalhados em diversos países, incluindo aí o Brasil, cabe também à antropologia se perguntar sobre estas imagens paradoxais de abundância e escassez que ao mesmo tempo envolvem o alimento, a sua produção e distribuição, e principalmente a dimensão simbólica que mesmo a falta contém. Na perspectiva relacional própria do simbolismo, o alimento e os laços sociais que veicula no meio urbano, evocam outras imagens, de fome e de escassez, de condições precárias de alimentação que boa parte da população mundial sofre, pois junto com elas também se desdobram imagens da inovação e da abundância, das tecnologias envolvidas neste contexto de alimentação mundial. Como esta tese pertence ao campo de conhecimento da Antropologia Social, esta reflexão compõe os dados de campo produzidos no interior dos mercados de rua, junto aos grupos que procuram também na feira-livre a construção de vínculos que os permitam receber alguns alimentos em troca de pequenos trabalhos. Em se tratando de uma pesquisa por imagens, outros documentos, como reportagens de jornais e da internet, documentários, etc, compuseram as coleções etnográficas desta tese. O que está em jogo é pensar nestas imagens como feições diferenciadas do mesmo fenômeno, numa tentativa de compreender, a partir daí também os laços sociais decorrentes do simbolismo do alimento.

Estas questões apontam para o fato de que falar de mercado remete também a reflexão sobre o campo político-econômico que envolve as transações internacionais, comércio em grande escala, relações entre empresas, produtores, agricultores, comerciantes, etc. que configuram também laços sociais que não são apenas outra dimensão do fenômeno que venho pesquisando, mas parte dele. Isto aparece, por exemplo, na própria reflexão de Henrique sobre o produto que vende na feira-livre.

²³ Informações retirada do site de notícias <http://br.noticias.yahoo.com/> no dia 16 de outubro de 2007.

“Agora o alho nosso aqui ó, às vezes as pessoas perguntam: bah, mas porque tu não produz? O alho ele dá uma vez por ano... novembro, dezembro é época de colheita, então chega por março, abril, termina a safra nossa, né. Aí o que acontece, tu tem que buscar alho fora, esse alho aqui é argentino, este vem da Argentina... Aquele lá da ponta ó... é Chinês! Eles têm um incentivo na... A China incentiva muito, eles têm subsidio deles lá que diminui um monte, se tu analisar na ponta do lápis pelo... a carga tributária nossa aqui é vantagem... Tu vê, este alho aqui vem da China ao mesmo preço do alho nosso que vem de 30 km daqui... Ele vem do outro lado do mundo pelo... Aí tu bota as despesas... de lá para cá vem de navio... aí desce em Santos, de Santos até aqui é carreta né, então tu bota dois fretes em cima, bota mais a comissão, mais os impostos que eles pagam...”

(Henrique, feirante do Mercadão do Produtor, Porto Alegre)

De fato, a feira-livre insere-se numa dinâmica de circulação global dos alimentos e os produtos que podemos ver nas bancas da feira-livre nem sempre são produzidos no país. Mas esta dinâmica global não está desvinculada das formas de se tecer os laços sociais na relação com o alimento. Comprar alhos provenientes da China coloca Henrique diante de negociações e acordos com outros comerciantes da CEASA, da mesma forma como estas relações se apresentam no documentário descrito acima. Na CEASA também estas relações de adesão a determinados distribuidores e vendedores se reproduz, em diferentes feições, mas relacionadas também aos simbolismos do alimento e às faces do tempo.

Diante disso, bng de tentar reduzir as estruturas do imaginário ou os esquemas de gestos propostos por Gilbert Durand (2001) aos simbolismos do alimento, estas interpretações colocadas aqui em termos das imagens do tempo na relação com os simbolismos veiculados pelo alimento na conformação das práticas cotidianas de mercado constituem-se como um esforço de re-apresentação do fenômeno social pesquisado à luz das teorias do Imaginário e da Memória. Conforme aponta Gilbert Durand, as Imagens e os símbolos filiam-se "mais" ou "menos" a um regime de imagem determinado, ou seja, as imagens que pertencem às fantasias do regime noturno, ainda assim guardam em si o esboço do regime diurno da imagem, e vice-versa. Neste caso, não são substancializadas em uma única forma de pensar o tempo, mas compõem conjuntos dinâmicos em termos dos semantismos que convocam. Daí que para Gilbert Durand, as imagens precisam ser interpretadas de acordo com seu trajeto antropológico onde

se desdobram em novas formas. Para o caso desta pesquisa, o esforço de refletir sobre a cidade e seus arranjos sociais a partir da arquetipologia durandiana remete sem dúvida à realização de uma etnografia desenvolvida através de um “pensamento por imagens”. A pesquisa em acervos de fotografias, vídeos, textos e sons, bem como o desafio de produzir imagens em campo com estes diferentes suportes - a partir dos processos de negociação incessante entre “as pulsões subjetivas e as intimidações objetivas” (Durand, 2001) característica do trajeto antropológico das imagens - como veremos no capítulo seguinte - é que permitiram a construção desta análise.

Neste caso, a adesão às formas de pensar o tempo apresentadas por Gilbert Durand (2001), onde a imagem do alimento como “arquétipo substantivo” (Durand, 2001:443) constitui parte das estruturas antropológicas do imaginário, significa entender os gestos cotidianos relacionados à compra e venda de alimentos, os arranjos sociais elaborados pelos habitantes da cidade a partir de suas práticas cotidianas, enfim, as formas sociais com que o corpo coletivo se dá a ver como fenômeno pleno de imagens e simbolismos que de uma maneira ou de outra agenciam formas de narrar o tempo. Trata-se de pensar que a compreensão antropológica dos fenômenos sociais e culturais passa pela interpretação e compreensão das imagens que conformam tais fenômenos, bem como da identificação das estruturas de imagens (Durand, 2001) a que pertencem, tendo em vista que as mesmas carregam em si o trajeto antropológico dos gestos e posturas “de construção permanente do social” (Rocha, 2007:01). É a partir deste ponto de vista que é possível pensar os gestos e práticas que conformam os laços sociais tecidos nos arranjos de mercado na duração (Bachelard; 1988), nos deslocamentos “de tais gestos e pulsões no interior do próprio corpo coletivo, que por sua vez desloca-se no tempo e no espaço” (Rocha, 2007:02). A Teoria do Imaginário, portanto, permite pensar a memória em termos da fabulação do próprio antropólogo na tecitura narrativa das imagens que acumula ao longo da pesquisa. Por outro lado, este mesmo acúmulo de imagens remete ao estudo dos ritmos temporais da vida urbana, às recorrências de gestos e posturas que a conformam, as continuidades e discontinuidades das formas da vida social se ordenar.

Cabe ressaltar ainda que o estudo realizado por Gilbert Durand na elaboração de um estruturalismo figurativo baseado no conteúdo do imaginário

(Rocha, 2007) teve como objeto principal mitos e narrativas. É a partir da aproximação deste autor com a arqueologia de Leroi-Gourhan (1975) em termos dos conjuntos de gestos de acomodação do homem ao meio e os resultados étnicos, rítmicos e técnicos destes gestos que se torna possível pensar as práticas cotidianas dos mercados de rua como ordenadas também em termos de conteúdos imaginários (Durand, 2001) tendo em vista as repetições de gestos e posturas, bem como as figurações da oralidade que compõem o arranjo social de mercado.

Nisto estão combinados dois pressupostos de pesquisa que serão desenvolvidos ao longo desta tese, no sentido da argumentação de que estes laços sociais que se conformam a partir dos simbolismos do alimento ensejam formas específicas no meio urbano relacionadas ao mercado de rua. O primeiro pressuposto já é caro a Antropologia, pois se refere à dimensão simbólica do alimento: os gestos de aquisição de alimentos, nas suas diferentes formas, efetivam laços sociais²⁴ entre os sujeitos e os grupos, conformam determinados tecidos sociais. Ao alimento são atribuídos significados culturais compartilhados, em torno dele realizam-se celebrações e rituais, e são estas dimensões, de uma ordem simbólica, que são agenciadas na tecitura de laços sociais. Importa aqui entender o alimento como “bom para pensar” (Lévi-Strauss, 1983) a vida urbana e os diferentes arranjos sociais que se estabelecem a partir dos gestos de aquisição que o envolvem.

O segundo pressuposto refere-se ao mercado de rua, como uma forma, um arranjo social (Rocha, 1994) que se constitui a partir destes laços tecidos pelo simbolismo do alimento, através das práticas cotidianas dos habitantes das cidades. Neste caso, o mercado como venho trabalhando nesta pesquisa, não se define por um lugar institucional e ainda menos a partir da idéia das transações econômicas, mas sim por um conjunto complexo de atividades que se desenrolam em determinado período, podendo ou não ocupar o espaço da rua, estabelecidas a partir de determinadas trocas que envolvem essencialmente o alimento. Trata-se então de um tecido conformado de práticas e de relações entre diferentes sujeitos. Numa perspectiva simmeliana, o mercado constitui-se como uma forma,

²⁴ Radcliffe-Brown, em seus estudos nas ilhas Andaman já afirmava isto. Segundo Fischler: “C’est Radcliffe-Brown, rappelle Goody, qui observe que, chez les habitants des îles Andaman, *l’activité sociale la plus importante est de loin la recherche de nourriture* et qui c’est autour et à propos de la nourriture que le lien social, les *sentiments sociaux*, sont les plus souvent invoqués et mis en oeuvre” (Fischler, 1993, 16).

um arranjo social essencialmente composto de continuidades e descontinuidades. O que nos permite tratar estas formas de sociabilidade como uma ritmanálise (Bachelard, 1988) do tempo que nos desafia a problematizar as trocas sociais em torno dos alimentos na dialética da duração (Bachelard, 1988).

CAPÍTULO 2

Do estudo das formas de sociabilidade para a investigação da duração do laço social no mundo urbano contemporâneo

2.1 Da constituição de um percurso de pesquisa: opções metodológicas e a descoberta do objeto de tese

A construção desta tese, metodologicamente, partiu do desafio de ordenação, análise e interpretação de diferentes tipos de dados etnográficos, elaborados ao longo da pesquisa que se iniciou ainda no curso de mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entrevistas gravadas em áudio e posteriormente transcritas, descrições de observações participantes e relatos de campo, diários, fotografias atuais e antigas, imagens sonoras captadas no contexto dos mercados, registros videográficos das práticas e gestos do mercado e documentários diversos sobre o tema da pesquisa, textos, reportagens, crônicas, entre outros, compunham o acervo documental desta trajetória de pesquisa. Em se tratando de uma pesquisa de doutorado em Antropologia Social, cuja trajetória se iniciou ainda no curso de mestrado, e tratando do tema da memória coletiva no meio urbano, a complexidade de dados etnográficos apresentava-se como o desafio primeiro de estruturação da tese, no sentido da construção de uma escrita que pudesse dar conta de todas as dimensões do fenômeno pesquisado que estavam re-apresentadas pelos dados etnográficos. No entanto, um outro desafio foi aí colocado: de um lado o entendimento de que estes dados apresentavam-se como imagens do fenômeno pesquisado e, portanto, precisariam ser ordenados, melhor seria dizer, combinados, a partir das formas da vida social que expressavam; de outro, a dimensão da memória da pesquisa, tendo em vista as inúmeras re-visitas aos dados de campo que foram elaborados ainda por ocasião do curso de mestrado.

Como pesquisadora do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (PPGAS/UFRGS) e, portanto, inserida em um campo de pesquisa das teorias do Imaginário e da Memória, o desafio colocado a esta pesquisa foi não só a produção imagética em campo, mas principalmente a construção de um sistema de classificação que permitisse ordenar estes dados através de conjuntos semânticos cujos sentidos se expressavam através da forma que evocavam. Trata-se na verdade da adesão a uma metodologia de tratamento documental de dados para a produção de coleções etnográficas, na qual os termos destas coleções não estão colocados nos diferentes suportes da imagem, mas sim nos conceitos que orientam a pesquisa. Tendo em vista o entendimento destes dados como imagens, sejam eles textos, vídeos, fotos ou sons, a construção de coleções procura ordenar estes dados pela sua unicidade (Maffesoli, 1988) de sentido. Nas imagens que compõem a pesquisa, sejam elas imagens sonoras, visuais ou textuais, configura-se uma combinação entre as formas de representação do fenômeno social possível em cada suporte de imagem e os vínculos que criam entre si em termos de potência narrativa das formas de expressão cultural do outro.

Este é um processo de mão dupla. Em um sentido, organizam-se os dados obtidos em campo para melhor narrar o fenômeno e, em outro, esta organização das imagens em coleções reorienta o próprio trabalho de campo. Assim, neste capítulo, gostaria de discutir em um primeiro momento os fazeres do trabalho de campo, a partir das escolhas e possibilidades apresentadas pelo tipo de fenômeno pesquisado e, em seguida, apresentar a dimensão epistemológica desta adesão à pesquisa com imagens e memória como forma de estruturar os dados de campo.

2.2 O início do trabalho de campo

A ciência antropológica caracteriza-se, em um de seus aspectos, pela peculiaridade do método etnográfico, preconizado por Bronislaw Malinowski (1976) em sua pesquisa com os Trobriandeses do Pacífico Ocidental. Basicamente, Malinowski apresentou a importância fundamental de se viver com o outro e aprender com ele, nesta experiência compartilhada, sobre sua cultura,

suas práticas e representações, mesmo que não fossem estas as suas preocupações ao desvendar as formas de viver dos grupos que estudou. Assim, de Malinowski até hoje, antropólogos e aspirantes buscam formas de realizar pesquisa etnográfica nos diferentes tipos de terrenos estabelecidos para se conhecer a vida social e cultural de diversos grupos humanos. Isto significa que o método elaborado por Malinowski no início do século 20, nas Ilhas Trobriand, vem sendo constantemente aprimorado pelos antropólogos, na tentativa de adequar-se a diferentes realidades, a novas temáticas, ao estudo dos grupos urbanos, entre outras coisas. O que é primordial, no entanto, é que “viver com”, ou seja, compartilhar momentos do cotidiano do outro continua sendo umas das formas principais de se produzir conhecimento em Antropologia, de acessar as representações e motivações simbólicas das comunidades estudadas, de compreender diferenças entre culturas e formas de viver, etc., tendo como ponto de contato e comparação, a própria experiência cultural do antropólogo. Isso na verdade é a grande contribuição de uma Antropologia Contemporânea, e da própria antropologia feita no Brasil, ao realizar o movimento epistemológico de se pensar enquanto também pensa o Outro²⁵.

O método etnográfico comporta diferentes técnicas de pesquisa, bem como procedimentos específicos que irão compor a complexidade própria ao estudo das formas de vida humana. Cada procedimento ou técnica de pesquisa conforma um ponto de vista a partir do qual é possível capturar fragmentos da experiência vivida em campo, produzindo dados que permitem certos tipos de interpretação do fenômeno pesquisado. Para a pesquisa antropológica, neste caso, o estar em campo, e as escolhas realizadas pelo pesquisador em termos dos procedimentos e técnicas adotados, são diretamente relacionados ao tipo de dado etnográfico produzido. Neste sentido, realizar uma observação participante apresenta desafios diferentes da realização de uma etnografia de rua, por exemplo, pois os dispositivos adotados pelo pesquisador, ou seja, as formas de se relacionar com o fenômeno pesquisado, são diferentes. Brevemente, poder-se-ia dizer que na observação participante o pesquisador está “em ação” com o outro, enquanto que

²⁵ Em seu livro *O Antropólogo e sua Magia* (2006), Wagner Silva apresenta importantes reflexões epistemológicas sobre o trabalho de campo e a observação participante e suas implicações no texto etnográfico. Partindo da elaboração metodológica de Malinowski sobre como estudar o Outro a partir de uma convivência intensa, Wagner Silva se interroga sobre a forma como os dados decorrentes desta experiência de campo são obtidos – no que concerne aos imponderáveis, aos percalços e formas de interação com o nativo.

uma etnografia de rua está colocada muito mais a dimensão da caminhada e de encontros fortuitos. Uma caminhada pela cidade, no entanto, que exige constante vigilância epistemológica do pesquisador para não cair em uma observação superficial do vivido urbano, para poder perceber a efemeridade da vida das ruas em termos dos deslocamentos conceituais com os quais opera para interpretar o fenômeno urbano. É na combinação destas diferentes técnicas que se torna possível configurar a complexidade das questões que estão colocadas em uma pesquisa, pois é a partir delas que podemos, como antropólogos, considerar um mesmo fenômeno a partir de diferentes pontos de vista. Vou procurar situar algumas dessas formas de fazer antropologia a partir das opções metodológicas desta pesquisa.

Uma das coisas mais importantes a se considerar, para o caso desta pesquisa, é o fato de se tratar de um estudo vinculado à Antropologia Urbana, ou seja, um estudo da cidade²⁶, na cidade (Velho, 1980). O pesquisador, neste caso, faz parte da sociedade que está sendo pesquisada e, portanto, precisa construir seu lugar de estranhamento em relação aos fenômenos que compõem a vida urbana, nas palavras de Gilberto Velho (1980), estranhar o familiar. O que não foi diferente para o caso desta pesquisa, iniciada durante o curso de mestrado junto ao PPGAS da UFRGS, com trabalho de campo em uma feira-livre da cidade de Porto Alegre, onde habito até hoje. Para realizar esta pesquisa foi preciso estranhar o próprio cotidiano da cidade, colocando em questão os arranjos e as formas decorrentes da organização semanal da feira-livre, num dado espaço urbano, bem como as práticas cotidianas dos habitantes da cidade que conformam este arranjo de mercado. Uma das perguntas que conduziu

²⁶ Gilberto Velho, em seus estudos de Antropologia Urbana, refere-se à especificidade do trabalho do antropólogo que se dedica a estudar a própria sociedade, em termos da necessidade do exercício de estranhar o que a princípio seria o familiar como um habitante também da cidade. Para o mesmo autor, isto poderia também vir a constituir uma análise da cidade, como categoria sociológica, neste caso em termos mais globais, procurando combinar em sua obra, uma antropologia urbana com uma sociologia urbana, na linha dos estudos da Escola de Chicago, por exemplo. Nesta tese, no entanto, quando me refiro a um estudo “da cidade”, além de um estudo “na cidade”, faço referência a uma filiação teórica e metodológica com a linha de pesquisa do Imaginário, desenvolvida principalmente por Gilbert Durand e também aos estudos arqueológicos de Leroi-Gourhan. A cidade aparece então como uma “obra da cultura humana”, decorrente de determinados trajetos antropológicos. Um estudo como este foi especialmente desenvolvido na tese de doutorado de Ana Luiza Carvalho da Rocha *Le Sanctuaire de désordre: l'art de savoir vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques*. Paris V, Sorbonne, 1994, tratando sobre o imaginário na constituição das cidades tropicais, entre outros trabalhos desenvolvidos pela autora. No caso desta pesquisa, trata-se de estudar “a cidade” nesta dimensão de obra da cultura humana que veicula determinadas formas de expressão dos simbolismos da circulação dos alimentos.

inicialmente a pesquisa etnográfica foi como, na cidade moderno-contemporânea, ainda se produziam estas formas de comércio de rua, de feira-livre, tendo em vista as múltiplas possibilidades de comércio de alimentos "mais modernas", como é o caso das grandes redes de supermercado. Uma pergunta inicial, mas que possibilitou investigar as formas de sociabilidade emergentes no contexto da feira-livre, bem como o caráter simbólico destas práticas cotidianas, relativizando as explicações da ordem da razão prática, como "comprar na feira é mais barato". Ao longo da pesquisa ficou evidente que outros aspectos estavam em jogo, aspectos de ordem simbólica, que constituíam as práticas de fazer a feira tanto de feirantes como de fregueses.

A diversidade das formas de se viver na cidade, a experiência da fragmentação de papéis sociais, os diferentes universos simbólicos que constituem o corpo coletivo urbano apresentam algumas peculiaridades do trabalho de campo que devem estar presentes às preocupações do pesquisador que estuda na cidade. Diante disso coloca-se a elaboração de diferentes formas de etnografar. Seguindo as antropólogas Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, procurei em um primeiro momento proceder a uma etnografia de rua, ou seja, deixar-me guiar pela "fala de passos perdidos" (Certeau, 1994:176) que configura os espaços da cidade e a forma como seus habitantes vivem estes espaços. Caminhar pela feira e pelo bairro, descobrindo as nuances das práticas de seus habitantes, nos encontros entre vizinhos, nas escolhas de compras, nas sonoridades específicas do lugar quando a feira estava "montada" no bairro e portanto atraía toda uma confluência de pessoas, de tipos diversos, a perambularem pelas ruas do bairro e pelos corredores da feira, ao longo da pesquisa de campo, constituiu-se como a composição de um quadro de diversas camadas que se complexificavam a cada dia.

Proceder a uma etnografia de rua permitiu a descoberta e descrição da cidade a partir dos gestos cotidianos de seus habitantes, que a cada dia de feira eram repetidos e/ou reordenados de acordo com as situações e micro-eventos (Moles; Rhomer; 1982) que se configuravam neste espaço. Conforme Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2001), uma etnografia de rua "afirma uma preocupação com a pesquisa antropológica a partir do paradigma estético, na interpretação das figurações da vida social na cidade" (Eckert, Rocha; 2001:05). Isto significa uma exploração do cenário urbano pelas imagens em suas diversas

origens: as que são produzidas pelo antropólogo em seu trabalho de campo, as diversas imagens da cidade veiculadas por outras representações, as imagens que compõem as próprias representações dos grupos urbanos estudados. Trata-se de uma preocupação com as expressões estéticas assumidas pelo corpo coletivo em suas sociabilidades, nas ocupações da rua, nos percursos e itinerários no interior da cidade.

Durante as diversas caminhadas na feira-livre, na observação das práticas e saberes de seus *habitués*, fui desvendando as formas de organização das bancas, a distribuição dos alimentos, percebendo as diferentes maneiras de transportar as compras, descobrindo as feições dos encontros nos corredores, etc. Todos estes aspectos apresentavam-se como formas sensíveis da vida cotidiana (Sansot; 1986) que narravam aspectos da cidade e as maneiras de seu corpo coletivo se representar. Formas as quais eu, como pesquisadora, ajudava a compor ao compartilhar a experiência da rua, do viver-junto-com (Maffesoli; 1996) os *habitués* da feira-livre. Num mergulho nestas formas, as sonoridades apresentaram-se como imagens privilegiadas para se pensar as formas de sociabilidade na feira-livre. A etnografia de rua incorporou, neste caso, a produção de imagens sonoras relacionadas às artes de dizer e de fazer (Certeau; 1994) de feirantes e fregueses. Para a pesquisa de mestrado (Vedana, 2004), a composição de sonoridades com fotografias foi fundamental para uma reflexão sobre a estética urbana a partir do mercado. A produção destas imagens, e a partilha de seus sentidos com o outro não só possibilitaram a criação de vínculos com determinados informantes, mas também contribuíram de maneira fundamental para a construção narrativa da dissertação, concentrada nas sociabilidades constituídas muitas vezes pelas piadas e jocosidades de feirantes em relação a seus fregueses. Junto a estas diversas vozes, outros sons compunham a ambiência da feira-livre, e fizeram parte de uma longa etnografia sonora.

Os sentidos e as formas de fazer relacionadas a esta etnografia sonora foram fundamentais para a construção desta pesquisa, e por isso a tratarei especialmente em outra parte deste mesmo capítulo, para dar conta dos sentidos desse fazer que foram elaborados ao longo da pesquisa no interior do trabalho do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, portanto, com outros pesquisadores. Para uma melhor compreensão do contexto e dos desafios colocados por uma

etnografia sonora é importante, neste momento, revelar outras dimensões do trabalho de campo. Neste caso, gostaria primeiramente de ressaltar os vínculos diretos entre uma etnografia de rua, que tem na sistemática de caminhadas e observação do espaço da rua uma forma específica de pesquisar a cidade, e a “produção de conhecimento em antropologia através e pelas imagens” (Eckert, Rocha; 2001:05) que são compartilhadas na experiência de campo.

Trata-se, na verdade, para o caso desta tese, de assumir uma adesão ao campo conceitual das Teorias do Imaginário, em especial a teoria das estruturas antropológicas do imaginário preconizada por Gilbert Durand (2001), em sua obra, a partir do qual afirma-se que os seres humanos são habitados por imagens, pensam o mundo e organizam a vida e a lembrança a partir de imagens. Neste caso, o próprio antropólogo, como ser de cultura, é habitado por imagens e, ao observar a cidade e suas formas, a interpreta a partir daí. Produzir imagens durante a etnografia de rua significa dar lugar a estas representações e figurações de gestos que se expressam numa negociação entre as imagens de cidade e de mercado que habitam o pesquisador e as condições a partir das quais os fenômenos se expressam, se dão a ver no mundo.

A sistematicidade de uma etnografia de rua acaba por constituir o pesquisador como mais um habitante do espaço urbano investigado, possibilitando a construção de vínculos com as pessoas com as quais partilha essa experiência sensível. Estar na rua, observar, anotar, fazer uma fotografia ou captar as sonoridades do ambiente não são ações que passem despercebidas e o pesquisador passa a ser reconhecido pelas pessoas com alguém que compartilha o espaço da rua a partir desta postura “peculiar” de observação. Na feira-livre muitas foram as formas de desafio propostas principalmente pelos feirantes em sua tentativa de atribuir um lugar ou compreender o que realmente fazia ali, sem comprar nada. Algumas piadas e brincadeiras deram ensejo a uma aproximação com o espaço da banca e o início de observações participantes também sistemáticas. Abordagens como “É só um real freguesa, vamo chegando!!! Vai ficar só passeando de mão vazia?” ou então “Vem cá tira uma foto do mamão papaia que tá bem bonito olha aí” entre outras, foram comuns no início do trabalho de campo, ao perceberem a insistência das visitas a feira “sem fazer compras”. Esta abertura ao diálogo proporcionada pelos feirantes construiu as possibilidades de realização de observações participantes no interior da banca.

Esta “entrada na banca” garantiu outras formas de investigação das práticas cotidianas e artes de fazer de fregueses e feirantes. Por um lado o lugar de “aprendiz de feirante” que ocupei em algumas situações desde o início do processo de pesquisa no âmbito do programa de mestrado, trabalhando na banca vendendo alimentos, sob tutela dos feirantes, permitiu o reconhecimento dos ritmos do trabalho, ordenados muitas vezes pela sonoridade das artes de fazer. Estar na banca, trabalhando ou mesmo captando sons, constituiu-se como uma importante fonte de diálogo com os feirantes através da qual pude aprender sobre suas representações simbólicas, suas maneiras de conquistar os fregueses, as estratégias e piadas que conformavam determinadas performances. Tudo muito descrito e escrito em diários de campo, relatos de observação participante e descrição densa. Instrumentos que garantiram, por sua vez, o retorno ao campo com novas questões. Em Porto Alegre, dois feirantes apresentaram-se como informantes principais: Cláudio e sua banca de laranjas e Henrique, na banca de alhos e temperos. O primeiro por me introduzir na dinâmica das performances e jocosidades próprias do mercado, por me “ensinar” como os corpos são colocados neste tipo de espaço público e como são, imagetivamente pensados através das piadas e brincadeiras relacionadas aos simbolismos do alimento. O segundo pelos inúmeros momentos de diálogos e reflexões que pudemos compartilhar ao pé da banca, onde ficávamos trocando teses sobre a cidade e a circulação do alimento.

Mas o espaço do mercado ainda é constituído por um outro ponto de vista, que é o dos fregueses que compram. Já nas primeiras experiências de caminhadas pela feira pude perceber, através de pequenas conversas com fregueses, que a efemeridade deste contato não seria suficiente para a construção de um vínculo que me permitisse aprendizagens como as colocadas com os feirantes. Era preciso encontrar muitas e muitas vezes um mesmo freguês para que esta barreira do anonimato fosse ultrapassada. Mesmo no espaço do mercado, onde era possível observar uma distensão em termos das fronteiras simbólicas colocadas entre os indivíduos, e onde estas características da “vida mental da metrópole” (Simmel, 1979) como o anonimato pudessem ser suspensas em alguns momentos, ainda assim uma abordagem direta aos fregueses não se mostrou eficaz. A rede social dos fregueses neste caso foi construída por outras vias, partindo de uma rede de vizinhança onde o próprio pesquisador estava

engajado. Como com os feirantes, os momentos de observação participante que decorreram de idas a feira com informantes fregueses renderam outras tantas aprendizagens, agora sobre as artes de nutrir (Certeau, 1996), e o outro lado colocado nas brincadeiras e jocosidades. Os gestos de escolha dos alimentos, através do toque, do cheiro, das conversas com feirantes, dos preços e das artes de nutrir (Certeau, 1996) também teceram importantes escritas e descrições sobre o estar na feira, sobre as escolhas cotidianas dos habitantes da cidade, sobre as formas de pertencer ao bairro.

Destas situações todas descritas decorreram entrevistas que se abriram para outros sentidos destas práticas, remetendo a memória coletiva da própria cidade, que aparecia como palco em transformação onde se desenrolavam as práticas cotidianas dos entrevistados. As entrevistas, tratando sobre artes de fazer e de nutrir, enquadravam o tempo vivido urbano, contextualizando percursos, escolhas de moradias, formas de habitar os bairros, nas lembranças de como era antigamente. Foi justamente a combinação destes elementos, de um lado os gestos, posturas e sonoridades da feira, de outro as narrativas de informantes sobre as práticas de outros tempos, bem como as perguntas que compartilhei com informantes ao longo da pesquisa sobre o devir destas práticas que deu ensejo à finalização da dissertação como uma abertura a um projeto de tese. A pesquisa de mestrado configurou um estudo etnográfico importante sobre práticas cotidianas envolvendo a compra e venda de alimentos e as formas de sociabilidade decorrentes disso na cidade, e pré-figurou algumas preocupações de diferentes ordens que vieram a constituir o projeto de tese. Neste caso, o percurso metodológico adotado teve papel preponderante, já que revelou camadas distintas da complexidade da vida no meio urbano, ao mesmo tempo em que possibilitou diferentes formas de olhar para a cidade e suas representações comumente veiculadas de caótica, disjuntiva e fragmentária. A vida urbana, durante a pesquisa de mestrado, tomou contornos das formas sensíveis que são cotidianamente elaboradas nos gestos e práticas dos sujeitos que compõem este corpo coletivo (Maffesoli, 1996), e passou a ser vista muito mais como um mosaico de aspectos microscópicos da vida cotidiana onde estão alocadas adesões, paixões, memórias, enfim, uma infinidade de afetividades que fazem este corpo coletivo durar no tempo.

2.3 Imagens da cidade e reconstrução do problema de pesquisa

A prática etnográfica, configuradora de arranjos sociais particulares no que tange às trocas sociais de mercado na cidade, na pesquisa de mestrado procurou dar conta das feições destas artes de fazer através da combinação das diferentes técnicas de pesquisa relacionadas acima. Assim, busquei refletir sobre as “artes de nutrir” (Certeau, 1996) – gestos de manipulação da matéria – e “artes de dizer” (Certeau, 1994) – jocosidades, performances e jogos corporais para atrair clientes – respectivamente, como formas de estetizar o espaço da cidade. No entanto, o estudo etnográfico realizado no mestrado, que resultou na dissertação “Fazer a Feira: estudo etnográfico das artes de fazer de feirantes e fregueses da Feira-Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre”, orientada pela professora Cornelia Eckert, junto ao PPGAS da UFRGS, deixou alguns *gaps* (Cardoso de Oliveira, in Documentário Iluminando a face escura da lua: homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira, BIEV 2007), ou seja, alguns pontos de aberturas de sentido que possibilitaram a elaboração de um projeto de doutorado onde esta temática das artes de fazer seria problematizada a partir de aspectos que não foram contemplados na pesquisa anterior.

Um primeiro estranhamento, decorrente de algumas conversas com feirantes durante a finalização da dissertação, tratava da circulação mundial de alimentos. A partir do relato de Henrique, de que o alho vendido na feira-livre vinha da China e ainda assim mais barato do que o próprio alho produzido no Brasil, começo a problematizar o mercado e as práticas que lhe dão origem em termos mais globais, ou seria melhor dizer, de circulação mundial. De um lado, as produções de alimentos que percorrem diversos países até chegar à mesa do consumidor e as imagens de modernização e da tecnologia aplicada a essa circulação global, a disseminação de cadeias de restaurantes e *fast foods* pelo mundo afora, as imagens dos produtos *contre saison*²⁷ veiculadas pelas empresas de produção de alimentos, que podem ser encontradas a qualquer hora no supermercado mais próximo. De outro lado, as imagens de miséria e pobreza

²⁷ O termo se refere aos alimentos que estão “fora da estação”, ou seja, produtos que são sazonais, dependendo de condições climáticas para serem plantados e colhidos, mas que com o processo de industrialização da agricultura e com sistemas de importação e exportação podem ser encontrados nos mercados fora deste período.

de algumas cidades do mundo veiculadas pelas mídias, contrastando com essas imagens de abundância na produção e circulação mundial de alimentos, as imagens da fome que ainda assola diversos países ditos “em desenvolvimento”, e suas populações em péssimas condições de sobrevivência. Tudo isso passou a compor um quadro mais complexo e fragmentário sobre as relações entre a cidade e o alimento, rerepresentando os arranjos sociais de mercado como formas de tecer laços sociais no mundo urbano contemporâneo, veiculando a duração do corpo coletivo da cidade. Isso, tendo em vista as imagens contraditórias citadas acima estarem figuradas nas formas e gestos que compõem e dão sentido ao mercado como forma da vida social se apresentar na cidade. Neste caso, alguns redirecionamentos da etnografia realizada nos mercados de rua se apresentaram para a continuidade da pesquisa.

Principalmente, a etnografia da pesquisa de mestrado deixou de apresentar outros sujeitos também pertencentes a este espaço da feira-livre e constituintes de suas práticas, portanto outros gestos que estavam intimamente ligados à conformação do mercado restaram subjacentes nas descrições etnográficas e análises sobre as práticas de mercado. As disjunções presentes no contexto urbano, tendo em vista a realidade de pobreza e escassez vivida por certas populações nas grandes cidades, também se apresentavam na configuração das redes de sociabilidade no mercado, através dos inúmeros biscates e pequenos trabalhos realizados por crianças e mesmo famílias na montagem e desmontagem da feira-livre que, em troca, ganhavam alguns alimentos. Além destes gestos, haviam outros, como as táticas de recolher alimentos caídos, pedir aos fregueses, esperar sobras, que se combinavam com os gestos de compra e venda de fregueses e feirantes. Todos estes aspectos configuravam também as formas do laço social tecido no meio urbano a partir da circulação do alimento que se apresentava no espaço do mercado a partir de determinadas feições.

Neste caso, o desafio proposto pela tese apresentou-se em termos da articulação destas diferentes feições dos simbolismos da circulação do alimento a partir dos gestos e práticas veiculados pelos mercados de rua e feiras-livres. Pensar as práticas cotidianas e as configurações de mercado no tempo passou a significar uma interpretação do simbolismo do alimento como veiculador de formas do corpo coletivo se fazer durar através dos gestos cotidianos que poderiam ser observados no interior do mercado, incluindo aí não apenas

fregueses e feirantes, mas os grupos que oferecem pequenos trabalhos como moeda de troca, ou que apenas pedem alimentos na feira. As discontinuidades presentes às imagens da abundância e fartura de alimentos, combinadas com as imagens da fome e da pobreza, veiculadas principalmente pelas cidades de países como o Brasil, constituem então diferentes feições de um mesmo fenômeno, a circularidade do alimento e seu simbolismo para o caso das cidades moderno-contemporâneas.

Sem fazer uma generalização reducionista das diversas feições veiculadas pelo simbolismo do alimento expressas na forma das práticas e gestos dos habitantes das cidades, mas procurando compreender os conjuntos de imagens que constelam na relação entre a cidade e o alimento, a investigação proposta por esta tese parte da recorrência destas práticas e gestos que dão forma aos mercados de rua nas cidades para investigar a duração destes gestos e seus simbolismos como configuradores do corpo coletivo no meio urbano contemporâneo. Para isso, a adesão ao método de convergência, conforme a proposta de Gilbert Durand (2001), é fundamental para articular as diferentes dimensões das imagens que compõem esta pesquisa. Antes de entrar nas especificidades deste método, gostaria de contextualizar, então, a pesquisa etnográfica que compõe esta tese.

2.4 Novas dimensões do trabalho de campo

Para investigar o tema da duração (Bachelard; 1988) a partir dos estudos de memória e imaginário (Bachelard; 1988, Durand; 2001, Eckert e Rocha; 2000), tendo como objeto de pesquisa as práticas e os gestos relacionados a circulação do alimento na cidade e as imagens que são veiculadas por tais gestos, torna-se necessária a adesão a processos metodológicos e epistemológicos que problematizem o tempo. Seguindo Eckert e Rocha (2000), ao preconizarem uma etnografia da duração, trata-se de investigar, etnografar, estas imagens de gestos e práticas em suas diferentes dimensões, na conformação de formas de expressão da vida urbana no que tange os simbolismos da circulação do alimento, bem como suas feições temporais.

Neste caso, a pesquisa etnográfica acaba por ter desdobramentos

importantes, partindo do trabalho de campo no mercado de rua e as diferentes produções imagéticas que este trabalho gerou para a construção de procedimentos de investigação que permitisse etnografar diferentes mercados, diferentes cidades, centros de abastecimentos e entrepostos comerciais, bem como as diversas produções imagéticas sobre a circulação de alimentos no âmbito de uma pesquisa de doutorado. Parte daí a possibilidade de realizar um trabalho de campo multisituado (Marcus, 1998), composto a partir de diferentes localidades, que no caso desta pesquisa se traduzem em diferentes mercados de diferentes cidades e seus arranjos em relação à circulação do alimento. A intencionalidade epistemológica deste processo de pesquisa não se dirige necessariamente a construção de um texto comparativo entre estas diferentes cidades, entendendo aqui o “comparativo” como um método de análise antropológica preconizado por Radcliffe-Brown (1978) e posteriormente criticado por Franz Boas (2006). Trata-se mais precisamente de compreender as formas pelas quais os simbolismos da circulação dos alimentos se expressam no meio urbano e suas recorrências em termos dos arranjos sociais que compõem uma cidade.

Tendo em vista este processo de etnografar diferentes dimensões das imagens veiculadas a partir da circulação do alimento na cidade, que se desdobram desde as memórias de gestos (Leroi-Gourhan, 1975) narradas pelos informantes em suas trajetórias, das sonoridades que marcam as características deste espaço de trocas e sociabilidades do mercado de rua observadas em campo, até as imagens de grandes entrepostos comerciais e seus processos de importação e exportação de alimentos, das imagens das cidades como promotoras desta movimentação de alimentos pelo mundo, veiculadas por reportagens e documentários, é que se tornou possível perceber a potência dos simbolismos da circulação dos alimentos e as recorrências das formas que ensejam, fazendo durar o próprio corpo coletivo no meio urbano em suas disjunções (Appadurai, 1998).

Assim, o trabalho de campo se deu em feiras-livres da cidade de Porto Alegre, partindo das referências dadas pelos informantes da pesquisa de mestrado, em uma feira da cidade de São Paulo, bem como da CEASA/SP, e em *marchés* de Paris, na França. Além do trabalho de campo propriamente dito, de observações participantes, etnografia de rua e conversas informais, adotei como

parte desta etnografia, as inúmeras imagens de mercados presentes em filmes e documentários, fotografias e reportagens, imagens pictóricas e textuais, que acabam conformando o próprio imaginário do pesquisador em relação a estas práticas na cidade.

Trata-se, na verdade, de um processo de interrogação que se iniciou ainda na pesquisa anterior, que se constituía de um lado pelo estranhamento da duração destas formas e de outro pela dimensão da circulação de alimentos em nível global. Em um primeiro momento, a surpresa das transações comerciais que tornavam o alho da China mais barato, numa feira-livre de Porto Alegre, do que qualquer outro alho produzido no Brasil, tornou-se objeto de inúmeras interações em campo com feirantes que narraram as formas como os alimentos chegavam até a banca da feira. Através de Henrique, informante citado acima, pude conhecer um outro personagem fundamental desta pesquisa, Fonseca, também feirante e presidente da Associação de Usuários do Mercado do Produtor, responsável pela organização da feira-livre que vinha pesquisando. Fonseca, através de inúmeras conversas que partilhamos, mapeou os feirantes que eram também produtores agrícolas e os feirantes apenas comerciantes (que compravam alimentos da Ceasa para vender na feira) as especificidades desta forma de venda, legislações e etc. A retomada da pesquisa no curso de doutoramento parte então deste estudo inicial sobre a circulação do alimento na cidade a partir dos saberes dos próprios feirantes.

Em se tratando de um estudo sobre memória coletiva e duração de determinadas práticas na cidade, esta investigação esteve sempre cotejada pelas ordenações do tempo realizadas por estes feirantes ao compararem "antes e agora", resultando em entrevistas de trajetória social onde os simbolismos do alimento eram evocados em diferentes momentos de suas narrativas. A rede social de feirantes que se constituiu no estudo anterior foi se expandindo, à medida que estas novas questões eram tratadas em nossas conversas cotidianas na feira. Da mesma forma, outros fregueses passaram a constituir a pesquisa, a partir de indicações dos feirantes sobre "fregueses antigos e assíduos" na feira-livre, o que deu ensejo a novas entrevistas.

Importa evidenciar algumas opções metodológicas que guiaram a pesquisa: é a partir do trabalho com as coleções etnográficas e as constelações formadas pelas imagens (Durand, 2001) que torna-se possível ordenar núcleos de

sentido através dos quais narrar esta duração (Bachelard, 1988). Procuo neste trabalho cotejar as trajetórias e lembranças de feirantes e fregueses com outras imagens da cidade e seus espaços de mercado de rua. Esta opção está associada a uma etnografia da duração (Eckert; Rocha, 2000) das formas sensíveis da vida cotidiana (Sansot, 1986), como é o caso do mercado, cuja duração (Bachelard, 1988) está relacionada também a restauração de um gesto ancestral humano de se nutrir (Leroi-Gourhan, 1975) e, portanto de simbolizar o alimento. Trata-se então da duração de gestos e posturas, de formas de ordenar o espaço vivido, de maneiras de viver a cidade que são muitas vezes lembradas pelos informantes desta pesquisa e narradas a partir de suas trajetórias sociais na cidade, mas que se expressam fundamentalmente na repetição de seqüências de gestos de manipulação da matéria do alimento. Gestos e posturas que podem ser observados também em fotografias antigas da cidade e seus espaços de mercado, ou mesmo na descrição de cronistas, historiadores, jornalistas, etc. É a partir desta recorrência de gestos que procuro refletir sobre a duração dos mercados como formas sensíveis da vida cotidiana (Sansot, 1986) urbana.

No decorrer desta pesquisa, todas as entrevistas realizadas com feirantes aconteceram no espaço do mercado de rua em meio às interações e sociabilidades de feirantes e fregueses e acabaram tomando a forma da circularidade da palavra que o caracteriza. Não se trata necessariamente de uma opção desta pesquisa, mas das condições de produção (Silva, 2006) da etnografia que acabaram se encaminhando para esta forma de evocação da memória, dentro do próprio espaço do mercado. Ao solicitar uma entrevista a um feirante, todos escolheram um lugar em sua banca – a não ser Fonseca que, como presidente da Associação dos Usuários do Mercadão do Produtor escolheu a banca de um outro feirante – mesmo quando se abria a possibilidade da entrevista ser realizada em outro local. Talvez a frase cunhada por todos eles “a feira é meu chão” ou “*les marchés sont mes amours*” seja a forma mais simples de expressar estas escolhas. Assim, mesmo que alguns deles tenham optado por não atender aos fregueses enquanto estavam sendo entrevistados, a própria ambiência sonora da feira enquadrava o lugar de onde falavam, configurando suas lembranças a partir daí.

Neste caso, diferente de uma longa narrativa onde os jogos da memória (Eckert; Rocha, 2000b) são agenciados num desdobrar lento do tempo onde os

pensamentos são ordenados e reordenados no diálogo intersubjetivo (Eckert, Rocha, 2005) entre pesquisador e pesquisado, no mercado as lembranças eram ordenadas pelos feirantes no interior do próprio ritmo das conversações e diálogos que marcam um dia de feira. As pausas para atender um cliente, por exemplo, marcaram rupturas na tecitura do pensamento sobre o tempo que ao serem retomadas já continham uma nova dimensão. O tempo do pensamento era dado no tempo dos gestos de venda. As entrevistas com os feirantes aconteceram geralmente após vários momentos de diálogos curtos que mantive com eles em suas bancas, em diversos dias de feira, onde emergiam fragmentos de suas trajetórias, comentários sobre o tempo que transcorre e as formas do mercado se adaptar ao movimento do tempo.

Como um contraponto a estas narrativas estão às entrevistas com os fregueses, que se desenrolaram em geral no espaço interno da casa, principalmente na cozinha. Mesmo mantendo a dialogicidade que marcaram as entrevistas no interior da feira-livre, a forma adotada por estas narrativas estavam mais marcadas pelas imagens da intimidade (Bachelard, 1990) e derivavam inevitavelmente para as artes de nutrir (Certeau, 1996) relacionadas ao preparo do alimento para virar refeição. As lembranças relacionadas à trajetória social destes informantes fregueses e sua relação com a cidade estavam então mescladas pelas memórias culinárias (Certeau, 1996). Ao mesmo tempo, a possibilidade de acompanhar estes fregueses em suas compras na feira, compartilhando uma ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996) desenrolada de seus gestos de escolha e compra e em suas interações com os feirantes acabou mediando estas duas situações de evocação da memória, principalmente no encontro destas lembranças. Assim, Dona Zulma e Henrique, ao reatualizarem seu vínculo no mercadão do produtor trazem a tona a dimensão de uma passagem do tempo que transformou crianças em adultos, uma transformação que os dois viram acontecer.

No caso desta tese, vou privilegiar as memórias e narrativas relacionadas ao mercado e às formas de nutrir a cidade, portanto as imagens da intimidade (Bachelard, 1990) relacionadas aos gestos culinários e às artes de preparar a refeição não serão aqui abordados de forma especial. Em outro trabalho²⁸ esta

²⁸ Este tema foi desenvolvido em uma parte da dissertação de mestrado, ver Vedana, 2004.

temática foi desenvolvida como um desenrolar das formas de sociabilidade do mercado e como expressão de estilos de vida e trajetórias sociais dos fregueses.

2.5 Imponderáveis da vida social

É importante considerar que durante o processo de trabalho de campo e produção de dados etnográficos, novas situações apresentavam-se como elementos significativos para a discussão proposta pela pesquisa. Novas situações urbanas, novos arranjos sociais que marcavam o caráter tensional e disjuntivo da vida na cidade, como foi o caso da “Feira de Pedra”, chamada assim pelo poder público, por se tratar de um comércio informal de alimentos que acontecia no centro da cidade de Porto Alegre, no Largo Glênio Peres ao lado do Mercado Público. Esta feira caracterizava-se por vender “as sobras” de alimentos principalmente da CEASA, alimentos que já estavam em processo de deterioração, a preços baixíssimos, tendo como público principalmente os grupos das periferias da cidade que passavam pelo centro da cidade em seus itinerários urbanos. Este processo, que será tratado mais adiante neste trabalho, teve implicações no grupo de feirantes que constituíam a feira-livre do Mercado. Outra situação que também desencadeou reflexões importantes sobre estas práticas cotidianas que conformam os mercados de rua tem sido a proposta da prefeitura municipal de implementação dos chamados Portais da Cidade, terminais de ônibus que teriam como objetivo “revitalizar o centro da cidade”, retirando os terminais de ônibus do local. A possibilidade de construção de um Portal no Largo Zumbi dos Palmares, onde todos os sábados é montada uma das feiras-livres do Mercado, gerou muita movimentação por parte da associação de feirantes, associação do bairro Cidade Baixa, bem como do movimento negro, no sentido de lutar pela permanência do Largo e das atividades que são ali desenvolvidas, como a feira-livre, as festividades da consciência negra, etc²⁹.

Estes na verdade são apenas exemplos paradigmáticos para introduzir a reflexão sobre as complexidades da experiência intersubjetiva no fluxo do tempo durante a produção do trabalho de campo, tensionado pelas discontinuidades do

²⁹ Em outro capítulo discutirei com maior cuidado estes conflitos que cercaram a feira-livre em termos dos usos do espaço público na cidade.

tempo da sociedade, da história, da economia, enfim, o tempo do mundo no âmbito do qual se transformam as relações e os espaços da cidade. Estas pressões externas (Durand, 2001) que surgem dos arranjos coletivos dos sujeitos que habitam a cidade, das políticas públicas que visam “melhorias”, acabam também por configurar os imponderáveis da vida social (Malinowski, 1976) que reordenam as preocupações de pesquisa. Assim, incorpora-se nesta pesquisa não apenas a dimensão de um contexto global de circulação de alimentos entre diferentes países, mas também as contradições colocadas por esta produção mundial de alimentos, tendo em vista grandes contingentes populacionais que ainda sofrem com a falta de alimentos. A reflexão que me propus a seguir, na tecitura desta tese, refere-se à dimensão de trocas simbólicas que permeiam a aquisição e mesmo a falta do alimento, mesmo nesta escala “planetária”. Conforme os estudos de Lévi-Strauss (1976) sobre as estruturas sociais que se configuram a partir das relações de parentesco, o alimento é um bem de alto valor, e sua distribuição acontece de acordo com regras bastante específicas no que tange às relações sociais estabelecidas pelo grupo, caracterizando-se principalmente nas diferenças de papéis sociais e status entre os membros do grupo. Ao mesmo tempo, toda a distribuição e partilha dos alimentos, bem como as situações de crise e escassez são vividas em termos de um sistema de reciprocidade, onde cada família ou indivíduo faz parte de uma cadeia de laços sociais de dom e contradom, sistema de obrigações de dar e receber (Lévi-Strauss, 1976; Mauss, 2003). Pensar a escala global de circulação de alimentos significa também pensar as regras de distribuição deste bem precioso à sobrevivência não só biológica do ser humano, mas da própria coletividade, em termos dos laços sociais e simbólicos que são estabelecidos na conformação de um grupo, ou de uma sociedade. Neste sentido, estas “regras de distribuição e partilha” (Lévi-Strauss, 1976) são simbólicas, pois afirmam e dão forma, à determinadas relações, laços e papéis sociais.

Seguindo a elaboração teórica de Marcel Mauss (2003), a respeito do fato social total, é no interior do mercado de rua e dos gestos e práticas que o fazem durar, que procurei dar conta destas diferentes dimensões do fenômeno pesquisado. Neste caso, para um alimento chegar à mesa do consumidor, ele transita por diversos momentos diferentes, desde o plantio e colheita, até em alguns casos, processos de industrialização, ou no caso da feira-livre, processos

de embalagem e transporte, uma estadia nas CEASAS ou estabelecimentos do gênero, até que seja exposto nas bancas e ser comprado pelos consumidores. Como já foi citado acima, numa feira-livre existem diferentes tipos de feirantes, desde o que são produtores e, portanto trazem para a venda os produtos que cultivam em suas propriedades (no caso de Porto Alegre, existem propriedades em bairros afastados do centro da cidade ou então em cidades próximas), até os feirantes que revendem produtos da CEASA e estabelecem redes de relações com os grupos envolvidos neste processo. Além disso, boa parte destes feirantes ainda se relaciona com a rede de comércio local do bairro, como bares, restaurante e armazéns, fornecendo produtos alimentícios para os mesmos. Neste caso, o ponto de vista adotado para dar seguimento à etnografia destas dimensões das transações comerciais envolvendo a circulação do alimento na cidade é o dos próprios feirantes, em seus saberes e experiências.

O cenário da feira-livre é efervescente, inclui diferentes atores que desempenham seus papéis profissionais e outros que usufruem do serviço civil. Os trabalhadores vão do feirante/vendedor de alimentos aos feirantes relacionados a uma burocracia institucional e política de organização do mercado de rua. Já consumidores formam uma rede mais diversa de personagens, desde os fregueses que compram, os ambulantes que volta e meia habitam o mercado, as famílias e crianças que pedem alimentos ou trabalham em pequenos biscates em troca destes mesmos alimentos e não raro personagens que transformam o cenário em palco de manifestação de políticas afirmativas, candidatos que fazem do lugar palco de propaganda política e mesmo turistas em suas aventuras urbanas. Trata-se na verdade, de um espaço complexo de relações, que fazem referência a diferentes dimensões do fenômeno da circulação do alimento no meio urbano. Todos estes aspectos, de uma forma ou de outra, estão presentes no cotidiano do mercado de rua, e fazem parte das artes de fazer ali presentes.

2.6 Trabalho de campo multisituado e pesquisa em acervos de imagens

Foi o aprofundamento de algumas questões relativas à dimensão da duração de laços sociais simbólicos constituídos nestes espaços de mercado no

interior da vida urbana que convocou e criou as condições epistemológicas para que se desenvolvesse uma pesquisa de campo multisituada, ou seja, com etnografia em mercados de rua de cidades diferentes. Esta etnografia obviamente tinha como ancoragem toda a pesquisa desenvolvida nos mercados de rua de Porto Alegre, e se propôs a construção de um diálogo que levasse em conta as recorrências nos gestos e práticas de mercado nestas diferentes localidades, muito mais do que a construção de uma pesquisa comparativa. Uma etnografia multisituada que contou com temporalidades e densidades distintas em termos do trabalho de campo, mas que foi desenvolvida a partir dos mesmos procedimentos metodológicos, tanto no que se refere à produção de imagens em campo, como do acervo destas mesmas imagens.

Já no trabalho de campo nos mercados de rua de Porto Alegre iniciou-se tanto a produção de imagens sonoras e fotográficas, como também o registro videográfico, realizado em parceria com colegas de trabalho do Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Esta possibilidade de trabalho coletivo dentro de um terreno de pesquisa foi possível na medida em que adotávamos procedimentos de discussão contínua sobre a realização da etnografia e a produção das imagens. Esta parceria de trabalho foi extremamente importante, pois produziu boas reflexões acerca da produção audiovisual em campo, no caso da antropologia, reflexões que permearam as oficinas realizadas pela equipe do BIEV e a formação de outros pesquisadores. Por outro lado, também permitiu uma maior dedicação minha à captação e produção das imagens sonoras sob a orientação da Profa. Ana Luiza Carvalho da Rocha, tendo em vista que outro pesquisador do BIEV ficava responsável pela construção da imagem visual. É claro que isso só foi possível a partir de uma sistemática de construção e reconstrução de roteiros de gravação, de discussões sobre as formas que as imagens deveriam expressar, bem como da inserção paulatina de outros pesquisadores tanto neste terreno de pesquisa dos mercados de rua como nas reflexões teóricas que vinha construindo³⁰.

Na cidade de São Paulo, por ocasião de um intercâmbio entre núcleos de

³⁰ Todas as imagens em vídeo que foram produzidas nesta pesquisa foram realizadas por outro antropólogo, Rafael Devos, colega de trabalho no Banco de Imagens e Efeitos Visuais, e também companheiro de “vida cotidiana”. Para dar conta das potencialidades das imagens, tanto sonoras como videográficas, temos desenvolvido uma parceria de trabalho, onde um dedica-se a captação de imagens em vídeo e o outro de sons. As montagens de crônicas em vídeo foram feitas por mim, com orientação de Rafael no processo de montagem.

antropologia visual em julho/agosto de 2004 (LISA da USP e BIEV da UFRGS) do qual participei como pesquisadora do BIEV, tive oportunidade de visitar algumas feiras-livres, bem como a CEASA/SP e também produzir imagens sonoras e em vídeo destes espaços. A inserção em campo, baseada em uma etnografia de rua, deu-se diretamente com os instrumentos de registro audiovisual, o que foi fundamental para o desenrolar de diálogos principalmente com os feirantes. A presença da câmera e do microfone era um motivo para a emergência das artes de dizer (Certeau, 1994) dos feirantes, bem como para as conversas informais que, através de fragmentos, constituem-se como narrativas sobre a cidade e os mercados, em São Paulo/SP. Já no caso da CEASA/SP, o dispositivo de gravação contou muito mais com uma postura de contemplação dos movimentos e ritmos do trabalho, bem como do volume de alimentos que circulavam, tendo em vista a dimensão global que evocavam. Toda a negociação para a entrada da câmera neste ambiente se deu a partir de conversas com funcionários de diferentes setores, bem como da construção de outros dados de pesquisa, estatísticos neste caso, relacionados à comercialização diária de produtos alimentícios que percorreriam todo o país. Além deste trabalho de campo específico nos mercados de rua, a estadia em São Paulo proporcionou um tipo de experiência urbana, numa grande metrópole, que me permitiu a reflexão sobre as especificidades culturais desta cidade em relação a Porto Alegre, e as recorrências em termos de gestos, práticas e simbolismos relacionados às trocas sociais em torno do alimento. Uma experiência relacionada a comprar alimentos e prepará-los, a freqüentar restaurantes e bares, além das compras na feira-livre, é claro, orientadas pelos saberes dos feirantes. Neste caso, novas camadas de interpretação sobre o objeto de estudo desta tese são tecidas, ao se reunir estes dados da pesquisa em São Paulo, aos dados produzidos em Porto Alegre.

A pesquisa etnográfica realizada na cidade de Paris, na França, desenvolvida de janeiro a agosto de 2006, ocorreu a partir de uma bolsa de estágio de doutorado, que tinha como objetivo o aprofundamento da pesquisa na área de antropologia visual e da imagem, a pesquisa em acervos de imagens, bem como a realização de trabalho de campo exploratório. Esta bolsa, concedida pela CAPES, possibilitou habitar a cidade por oito meses consecutivos, e, portanto, estabelecer certo cotidiano de viver a cidade em suas diferentes instâncias, desde o estudo na Universidade (EHESS) e o trabalho de campo, até

as práticas cotidianas de fazer compras, levar a filha na creche, etc. Neste tempo, foi possível realizar pesquisa exploratória em diversos *marchés* parisienses, bem como aderir a alguns para observação participante e etnografia nas ruas da cidade de forma mais sistemática. Também em Paris os gestos e práticas de feirantes e fregueses foram foco de produção de imagens visuais e sonoras, na tentativa de compor as formas expressivas com as quais expressavam os simbolismos subjacentes ao fazer a feira, ou *faire le marché*. Um elemento fundamental desta pesquisa, que também “facilitou” a inserção em campo, possibilitando até mesmo a realização de entrevistas, foi o encontro com uma brasileira que trabalhava como feirante em um dos *marchés*. Através de Andromeide pude tomar contato com outros feirantes e mesmo com alguns fregueses, freqüentadores de sua banca. Todas estas experiências etnográficas são descritas ao longo da escrita desta tese. De todas elas resultaram intensos dados de pesquisa que foram pouco a pouco sendo trabalhados na forma de coleções de imagens, constituindo conjuntos que tratavam de determinados aspectos da pesquisa.

Ainda no contexto destas experiências etnográficas, é importante situar as pesquisas em acervos de imagens que compõem o conjunto de dados que conformam esta tese. Esta pesquisa inicia-se ainda no próprio Banco de Imagens e Efeitos Visuais, que disponibiliza para consulta inúmeras imagens, antigas e recentes, entre fotografias, vídeos, sons e textos, sobre a cidade de Porto Alegre³¹. Foi pesquisando as imagens de mercado cadastradas na base de dados do BIEV, através de categorias e palavras-chave relacionadas a esta pesquisa, que me deparei com as formas que compõem os espaços de mercado, bem como com as camadas de tempo que envolvem estas atividades no meio urbano. A composição dos espaços de comercialização de alimentos ao ar livre, muitas vezes à beira do Lago Guaíba, a disposição dos alimentos em bancas, as imagens de gestos e as narrativas sobre os mercados de alimentos presentes no BIEV, sujeitas aos jogos da memória que a própria base de dados compõe, já veiculavam em si feições diversas dos simbolismos da circulação do alimento no meio urbano e a tecitura do laço social deste corpo coletivo. As imagens

³¹ Inicialmente, todas as imagens a serem cadastradas na base de dados do Banco de Imagens e Efeitos Visuais deveriam ter como referência espacial a cidade de Porto Alegre. Atualmente começamos a inserir também imagens de outras cidades, tendo em vista as pesquisas que vem sendo realizadas por seus pesquisadores.

produzidas nesta pesquisa também começaram a fazer parte da base de dados do BIEV e a compor narrativas junto às demais imagens da cidade, contribuindo para fazer durar as vibrações (Bachelard, 1988) do tempo nos arranjos sociais e coletivos que conformam o tecido urbano.

Durante o estágio de doutorado em Paris, a pesquisa em acervo de imagens também constituiu uma dimensão importante da pesquisa, não apenas para a consulta de imagens referentes ao tema de estudo, como também para descoberta e compreensão das formas de acervo e de consulta proporcionadas por diferentes instituições. Assim, no *Forum des Images*³², era possível acessar, através de um terminal de consulta, em torno de 2000 filmes, de ficção ou documentários, que haviam sido realizados, e tinham como cenário, a cidade de Paris. No *Forum des Images*, através da consulta em um campo de pesquisa a partir de palavras-chave, eram apresentados certo número de filmes que poderiam ser visualizados no próprio terminal. Já na *Inathèque de France*³³, as possibilidades de pesquisa e consultas eram mais amplas, pois além da visualização dos filmes, documentários e reportagens, entre outros, que faziam parte do acervo da instituição, ainda era possível “capturar” fragmentos destes vídeos, em seqüências de *frames*, ou fotos, para o uso futuro destas imagens em trabalhos de pesquisa. Na *Inathèque de France*, o sistema de consulta previa ainda a possibilidade de elaboração de fichas de leitura sobre as imagens visualizadas, de salvar a ficha técnica do documento, com algumas informações básicas, bem como a consulta a diversos dados estatísticos sobre os documentos. Dessa forma, fui compondo conjuntos de dados e elaborando minhas próprias coleções a partir dos documentos pesquisados, que puderam fazer parte das coleções desta pesquisa.

As pesquisas em sites de internet como *youtube*³⁴, entre outros, também

³² O Forum des Images pode ser consultado através do site <http://www.forumdesimages.net/fr/index.php>. Por ocasião do meu estágio de doutorado em Paris, pude ter acesso a diversos filmes de ficção e documentários que são reunidos por esta instituição, que tem como objeto o acervo e disponibilização para visualização muitos filmes que tem como cenário a cidade de Paris.

³³ A Inathèque de France é uma instituição vinculada a Biblioteca Nacional da França que organiza, acerva e digitaliza tudo que é veiculado pela TV pública francesa. Com a inscrição na Biblioteca é possível ter acesso às diversas formas de pesquisa de documentos audiovisuais desta instituição. Pode ser consultada através do site: <http://www.ina.fr/index.fr.html>

³⁴ O youtube é um site de disponibilização de diversos tipos de vídeos, amadores ou profissionais, animações, documentários, extratos de programas de TV, etc. Os usuários tanto podem disponibilizar seus vídeos como também assistir a outros tantos ou mesmo montar seu “playlist”. Funciona a partir de um sistema de tags, ou seja, palavras-chaves a partir das quais é possível pesquisar e que apresentam uma série de vídeos. Site: <http://br.youtube.com/>

fizeram parte do conjunto da pesquisa. Lá pude encontrar diversos documentários e mesmo filmes amadores que tinham como objeto feiras-livres e mercados de rua, em diversas partes do mundo, além de documentos visuais que tratavam da questão da alimentação e da fome. Ao inscrever-se neste site, o internauta tem a possibilidade de criar uma espécie de conta, e a partir dela “coleccionar” seus vídeos favoritos. Neste caso, também compus conjuntos de imagens que participam das interpretações sobre o simbolismo da circulação do alimento na cidade.

Estes acervos, consultados através de categorias ou palavras-chave com alguma aproximação simbólica ou mesmo empírica com o objeto de estudo desta tese, disponibilizavam para visualização uma diversidade de imagens e representações sobre a Cidade que evocavam os sentidos múltiplos das práticas cotidianas em torno do alimento no meio urbano. O tratamento destas outras imagens como dados etnográficos só foi possível, no entanto, no interior dos estudos sobre cidade, memória e imaginário, tendo em vista a perspectiva de ordenamento destes diferentes dados como narrativas particulares sobre a vida social, inseridas em contextos específicos (espaciais e temporais) e orientados por regimes de imagens (Durand, 2001). Neste caso, é a construção de coleções de imagens, ou de fragmentos de imagens, em seus diversos suportes, que possibilita uma interpretação das formas.

A cada visita a estes acervos, em diferentes momentos desta pesquisa, e principalmente aos inúmeros documentários vistos na *Inathèque de France*, onde eram veiculadas imagens de diversas partes do mundo, me surpreendia ao encontrar recorrência de gestos e de imagens tratando sobre a relação alimento – cidade. O documentário *Nourrir la Vile* se inicia em um mercado de rua, em Hong Kong, e a partir daí se desdobra nas imagens da tecnologia necessária para se abastecer uma cidade como esta. Daí ainda percorre os caminhos das alternativas de produção de alimentos, como a alface hidropônica, em países onde as condições climáticas não favorecem esta produção, como o Canadá. E assim, os próprios filmes começavam a se entrelaçar, vinculados pela preocupação de pesquisa que orienta esta tese.

Nourrir la Vile, além de evocar as narrativas de Henrique sobre o alho da China vendido no Brasil, também constituía laços com outros vídeos, como *Dans les coulisses de Rungis*, gravado no interior do maior entreposto comercial

internacional da Europa, de onde são distribuídos para todo o tipo de comerciantes e feirantes, os produtos que são consumidos em boa parte da Europa. Ao mesmo tempo, *Dans les coulisses de Rungis* me transportava novamente para as imagens gravadas na CEASA de São Paulo, seus pavilhões repletos de alimentos, o movimento constante de carregadores, as negociações de compra etc.

Inúmeros documentários também produzidos em *marchés* de Paris ou de outras cidades, acabavam veiculando imagens recorrentes nesta pesquisa: os gestos de escolha dos alimentos, as relações de reciprocidade entre feirantes e fregueses, as formas de organização do espaço que por sua vez, também podiam ser vistas nos corredores de Rungis e da CEASA, nas imagens do antigo *Les Halles*, nas feiras de Munique, no Mercado Público de Porto Alegre, ou no antigo Mercado das Frutas, etc. As imagens não eram as mesmas, não haviam sido produzidas na mesma temporalidade, mas apresentavam formas e gestos que narravam um mesmo fenômeno, evocando os simbolismos do alimento na cidade.

Estas imagens, de origens diversas, produzidas por diferentes sujeitos, guardam as especificidades dos diferentes pontos de vista sobre um mesmo fenômeno social, ou sobre as diversas feições a partir das quais este fenômeno se expressa. A possibilidade de aproximação destas imagens, tratadas como partes de uma mesma coleção, não se dá apenas a partir de sua dimensão técnica, ou dos dispositivos de narração adotados pelos autores, mas principalmente por sua dimensão simbólica de reapresentação, de evocação de formas da vida social enquadradas em diferentes perspectivas e em diferentes temporalidades.

Na linha dos estudos do Imaginário, de Gilbert Durand, uma investigação pelas imagens tem como ponto central a investigação dos simbolismos que elas evocam, ao mesmo tempo em que se consideram as condições de sua produção, ou melhor, suas origens cósmico-sociais. Neste sentido, mais do que uma preocupação com os dispositivos técnicos desta produção, como análise de tipos de enquadramentos ou encadeamento narrativo, vinculados à especificidade de uma obra, trata-se de refletir sobre as recorrências que estas imagens apresentam, nas formas de representar os simbolismos da circulação do alimento em suas diferentes feições. As imagens são pensadas, portanto, a partir das próprias coleções que desencadeiam nesta pesquisa, ou seja, em conjuntos e

não em sua especificidade. Assim, os dispositivos técnicos de produção da imagem serão levados em conta na medida em que permitem desvendar as formas e os sentidos que expressam sobre determinados contextos e práticas onde está colocada a circulação do alimento e seus simbolismos. As imagens que compõem o quadro desta pesquisa, portanto, são imagens simbólicas (Durand, 1988), cujas formas apontam para o semantismo dos símbolos (Durand, 2001) a partir dos quais os fenômenos sociais se apresentam e são representados nas imagens técnicas em vídeos, fotografias, sons e textos.

Para Gilbert Durand (2001), as diferentes épocas, e mesmo os diferentes contextos culturais narram a vida social e coletiva a partir das imagens que as constituem, isto quer dizer que para os estudos do Imaginário, são as imagens que configuram uma sociedade. Ao mesmo tempo, no interior da pluralidade de imagens que compõem uma comunidade, algumas se conformam no tempo como “mais representativas” e se sobredeterminam em relação a outras. Uma forma, que se expressa de uma maneira específica, através de uma imagem simbólica (Durand, 1988), possui um tempo de “gestação” para se tornar o que é, a expressão de uma cultura, a partir da estabilidade da forma. Uma estabilidade temporária, que pode se transformar no tempo, conforme as negociações das pressões externas do meio cósmico e social e os gestos de assimilação e acomodação (Durand, 2001) veiculados pelo corpo coletivo. Para o caso desta pesquisa, estas considerações serão expressas ao longo da tecitura da tese, como forma de situar as diferentes formas como este simbolismo do alimento se apresenta nas imagens pesquisadas e colecionadas.

2.7 Opção Epistemológica Formista

A formação destas coleções de imagens ao longo do processo de pesquisa, compostas tanto por imagens produzidas no trabalho de campo, como por imagens pesquisadas em acervos, é decorrente de uma filiação epistemológica e teórica à teoria da forma³⁵, desenvolvida por George Simmel

³⁵ De acordo com Simmel “as formas são produções do espírito, mas elas se destacam dele para existir em sua própria autonomia, independente da alma que lhe engendrou e conseqüentemente independente de cada indivíduo cuja vida é limitada no tempo, de sorte que ele pode aceitá-las durante sua existência ou rejeitá-las” (Simmel, 1981:34).

(1981; 1984) e perpetuada pelos estudos de Michel Maffesoli (1988), bem como da inserção desta pesquisa no contexto dos estudos sobre memória e imaginário desenvolvidos no Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Esta perspectiva epistemológica “formista” (Maffesoli, 1988), procura investir na descrição e compreensão da “polissemia do dado social” (Maffesoli, 1988:27) ao observar as formas com que a vida social se dá a ver, o que no caso desta pesquisa se traduz nos conjuntos de imagens que narram gestos e práticas presentes ao mercado de rua, bem como dos arranjos sociais que se apresentam nos grandes entrepostos comerciais e que ao mesmo tempo estão presentes, em outra escala, nos próprios mercados de rua, etc.

Michel Maffesoli vai seguir os estudos de Georg Simmel sobre as formas da vida social para refletir sobre o cotidiano em seus aspectos mais microscópicos e corriqueiros, através de uma sociologia da vida cotidiana. Foi partindo desta perspectiva “microscópica” que procurei etnografar e interpretar os simbolismos da circulação do alimento no contexto das cidades moderno-contemporâneas, assumindo o ponto de vista das relações de reciprocidade e troca, as táticas do fraco, e as narrativas de informantes como lugar a partir do qual refletir sobre o fenômeno em questão.

Neste caso, reúno ainda a Michel Maffesoli e Georg Simmel, no contexto desta tese, Pierre Sansot (1986; 2004), que se dedica ao estudo das formas sensíveis da vida cotidiana, procurando capturar em uma observação atenta, a vida ordinária das ruas, os sentidos e as feições da existência humana que estão colocados nos gestos mais corriqueiros para, a partir delas, falar de uma poética urbana. Adotar a perspectiva de análise centrada nas formas da vida social para a abordagem dos fenômenos do cotidiano urbano, tais como as práticas e gestos que configuram o mercado, as trocas sociais e simbólicas e os laços de reciprocidade entre *habitués* de uma feira-livre, as adesões afetivas a espaços do bairro e da cidade, significa compreender uma dimensão de organicidade (Maffesoli, 1988) que compõe arranjos, territórios, expressões a partir das quais o corpo coletivo urbano se apresenta.

Nesta pesquisa, a idéia de arranjos sociais relaciona-se ao agenciamento das ações coletivas e cotidianas dos habitantes da cidade em relação às camadas da memória de que estas práticas cotidianas são herdeiras (Rocha, 1994). É nas interações entre fregueses e feirantes, na conformação específica

do espaço do mercado, nas sonoridades de sua ambiência que busco descobrir estas formas sensíveis da vida cotidiana que se apresentam a partir das práticas de compra e venda, das jocosidades, das táticas do fraco (Certeau, 1994), das narrativas biográficas e de trajetórias sociais, sempre confrontadas com dimensões mais "globais". O conceito de sensível, conforme Sansot - "*le sensible, d'une manière plus positive, c'est toujours ce qui nous affecte et retentit en nous*" (Sansot, 1986:38) - constitui-se como um "rumor insistente" que permite ao etnógrafo "apalpar" as formas da vida social. É através de imagens que a dimensão sensível da vida social se revela aos olhos do pesquisador que se vê frente ao desafio de estetizar o fenômeno observado reconstituindo na descrição etnográfica as imagens com as quais se impregna durante o trabalho de campo.

A noção de forma não está ligada à representação de um objeto particular, mas a larga esfera das ações humanas, ações recíprocas, segundo Simmel (1981), que inscritas em uma forma – política, ritual, econômica, de trocas, e assim por diante – constituem a própria sociedade. Ao mesmo tempo, estas ações recíprocas estão constantemente movimentando/transformando as formas. É a partir deste pressuposto formista que procuro entender, sob diferentes pontos de vista, os simbolismos da circulação de alimentos que geram formas específicas de sociabilidade e troca no meio urbano. As práticas relacionadas ao cotidiano do mercado de rua, neste caso, informam sobre os simbolismos da circulação do alimento na cidade, tanto pelo seu caráter de reciprocidade, trocas, circulação da palavra, jocosidades, artes de dizer e de nutrir, etc., quanto pela dimensão das transações comerciais internacionais, dos aspectos disjuntivos do meio urbano como é o caso dos grupos e populações que tem dificuldade de acesso aos alimentos, das políticas públicas de combate a fome, etc.

É a partir desta aproximação com uma teoria da forma como possibilidade de interpretação da vida cotidiana que foi possível trabalhar nesta pesquisa com a reunião de diferentes tipos de dados etnográficos, bem como com a memória da própria pesquisa, no sentido da re-interpretação dos dados elaborados em estudos anteriores. Da mesma maneira, foi através do "recurso metodológico da forma" (Maffesoli; 1988:28) que se constituiu uma etnografia através de imagens, ou seja, tanto as imagens que figuram/configuram as formas, elaboradas e reelaboradas cotidianamente através das práticas e gestos dos sujeitos, e capturadas pela escrita, pelas sonoridades ou pelo vídeo produzidos pelo

pesquisador em campo, como as diversas imagens veiculadas por documentários, filmes, fotografias ou textos pesquisados em acervos.

De todo modo, uma opção epistemológica pela forma e pela organização de coleções de imagens que reúnem diferentes tipos de dados etnográficos não significa ausência de rigor e método. Segundo Maffesoli (1988:28) “o recurso metodológico à forma é inteiramente pertinente se se pretende dar conta de uma socialidade cada vez mais estruturada pela imagem”. A organização metódica destas imagens em “constelações morfológicas” (Maffesoli, 1988) exige uma dupla vigilância: de um lado o distanciamento em relação a uma redução do real, e de outro o esforço de compreensão das formas de expressão cultural presentes às imagens, tendo em vista que todo fenômeno é passível de múltiplas explicações.

O trabalho de campo que compõem esta tese, portanto, buscou as invariâncias e recorrências que estão presentes nos arranjos sociais de mercado de rua de cidade diferentes, como é o caso de Porto Alegre e São Paulo, no Brasil, e Paris na França, no que tange às formas sensíveis (Sansot, 2004) da vida cotidiana. No entanto, o estabelecimento de regularidades entre estes diferentes territórios não se reduz a uma comparação reducionista ou, como aponta Maffesoli (1988) um dualismo esquemático, de constatar diferenças e/ou semelhanças entre contextos diferenciados. O que se evidenciou com esta pesquisa é justamente o caráter de unicidade (Maffesoli, 1988) e porque não dizer universalidade dos simbolismos veiculados pelas práticas cotidianas e trocas sociais relacionadas ao alimento na elaboração do corpo coletivo no meio urbano, bem como o aspecto temporal de duração destas formas.

É no simbolismo da circulação do alimento (Durand, 2001) na cidade e nas práticas culturais que se tecem ao seu redor, no tempo e no espaço, que procurei interpretar a duração (Bachelard, 1988) das diversas configurações das formas da vida coletiva (Simmel, 2004) no contexto das modernas sociedades urbano-industriais. A imagem da cidade e seu simbolismo de ventre digestivo onde se depositam e circulam os alimentos, os mercados de rua como espaços onde uma comunidade urbana se nutre e se faz, ou seja, constitui-se como corpo coletivo, as práticas alimentares que os alimentos dispostos nos mercados de rua inspiram, a efervescência social que os alimentos entrelaçam no interior do teatro da vida urbana, são alguns dos aspectos que procurei compreender nesta pesquisa.

2.8 Coleções Etnográficas

O alimento como metáfora do Tempo, símbolo inspirador do ciclo de vida, as práticas que o cercam e as paixões que desencadeia, sua classificação, a comida e a comensalidade como preeminência do coletivo sobre o indivíduo, todas estas dimensões contidas nos mercados de rua apontam para uma estética das formas urbanas e encadeiam em si a própria duração de seu corpo social. Para o caso desta pesquisa, trata-se de se pensar os gestos cotidianos de compra e venda de alimentos, os simbolismos das imagens que eles engendram, a pluralidade de formas de trocas sociais que veiculam, e também o seu contraponto, a falta de alimento e da presença das imagens da fome, da escassez e da morte. Tudo isto sempre cotejado com as especificidades locais e culturais, além de temporais, compreendidas em conjunto na composição destas formas da vida social.

Tratar o alimento como metáfora para pensar o tempo se traduz na condição de um pensamento simmeliano, onde o tempo é transformação incessante, representando a dinâmica da cultura que modifica suas formas. O que estaria no cerne da questão da tragédia da cultura (Simmel, 1988) para Simmel, seria justamente esta dimensão da dinâmica do tempo que destrói e reconstrói as formas da vida social. O alimento, perecível, cíclico, figura diversas feições do tempo e sua transformação, veiculando gestos e simbolismos que configuram as diversas práticas que o envolvem. Ao veicular um simbolismo cíclico, do tempo e da roda (Durand, 2001), o alimento engendra esta dinâmica nas formas da vida social, através dos gestos e posturas, das trocas sociais e simbólicas, dos laços e arranjos sociais tecidos no cotidiano.

É a partir do trabalho etnográfico que todos estes elementos apresentam-se como invariantes, elementos recorrentes nos arranjos sociais em torno do alimento, pois veiculam este simbolismo cíclico e temporal, guardando as especificidades culturais de cada terreno. Estas regularidades ou invariâncias apresentam-se ao pesquisador na forma de uma “harmonia conflitual” (Maffesoli; 1988), não se encerram em um único sentido, evocando dimensões diversas do mesmo fenômeno, bem como a dinâmica temporal que os caracteriza. O que

importa para esta pesquisa é a adesão aos ritmos do cotidiano da cidade para a descoberta destes simbolismos relacionados à circulação do alimento e as formas que veiculam. Ao falar de ritmo, assumo a perspectiva bachelardiana da descontinuidade (Bachelard, 1988) para pensar a duração destas formas que se transformam. A organização de coleções de imagens, neste caso, obedece ao estabelecimento de categorias antropológicas que modulam a forma, apresentando as diversas feições com que se expressam na vida cotidiana no meio urbano.

O procedimento de organização de coleções etnográficas é uma metodologia de tratamento de dados imagéticos que vem sendo desenvolvida nas pesquisas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais e que tem possibilitado um processo de reflexão sobre o caráter documental das imagens que conformam a pesquisa, ou seja, a compreensão de que o ato de fazer uma fotografia, registrar imagens em movimento, captar sonoridades da vida cotidiana e pesquisar imagens de acervo não produzem simples dados empíricos de campo, mas imagens que passam a constituir a memória coletiva no meio urbano. Mais especificamente, a elaboração de coleções etnográficas coloca o pesquisador diante do movimento epistemológico de distanciamento/aproximação em relação às imagens produzidas por ele e por ele recolhidas em acervos, arquivos históricos, museus, etc. na busca de desvendar os sentidos que elas veiculam. Isto porque o processo de produção de imagens pelo antropólogo em seu trabalho de campo, particularmente em sociedades complexas, deriva, por um lado, dos acordos entre as suas escolhas subjetivas e expressivas de captação de imagem ao mesmo tempo em que estas são constrangidas pela sobredeterminação de certas formas de expressão da cultura visual e sonora com a qual ele está filiado. Por outro, esta produção se desdobra dos diálogos entre a intenção de uma produção imagética do outro por parte do etnógrafo e a diversidade das formas expressivas que adota a cultura do Outro por ele investigada e de suas escolhas particulares neste contexto de pesquisa.

Neste sentido, os dados etnográficos que conformam as coleções etnográficas resultam de diferentes grupos de registros de fatos associados a momentos, acontecimentos, situações, etc. de natureza diversa sendo que cada um deles, a sua maneira, carrega o sentido das formas de vida social na cidade desde onde se originam. Trata-se do etnógrafo pensar as direções que elas

forneem para a construção dos quadros interpretativos da memória coletiva dessa comunidade urbana a partir da qual ele pode compreender seus espaços, lugares e territórios. Estas direções que os dados etnográficos fornecem acabam por convergir sobre alguns pontos de ancoragem sendo estes precisamente as categorias antropológicas que orientam a pesquisa. A produção de imagens destes arranjos da vida coletiva e cotidiana no tempo é um exercício reflexivo sobre a memória coletiva na forma como somos, como antropólogos urbanos, habitados, nós próprios, por imagens de mercados, feiras e alimentos em nossa vida cotidiana como moradores das grandes cidades. Produzir imagens das formas sensíveis dos alimentos circularem e, nesta circulação, fundarem um corpo para a vida social é mergulhar nas continuidades e descontinuidades das lembranças destes acontecimentos que produzem a vida urbana, que promovem os vínculos entre os sujeitos, que conformam a tecitura dos laços sociais.

2.9 Descobertas das formas de tecitura do laço social pelas sonoridades da vida urbana

*Dura tudo aquilo que tem razão para recomeçar.
(Bachelard, 1988: 08)*

Como afirmei no início deste capítulo, realizei uma etnografia sonora nos mercados de rua e feiras-livres durante esta pesquisa. Este processo foi iniciado a partir do vínculo estabelecido com o núcleo de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais (PPGAS/UFRGS), em sua proposta de investigação da vida urbana através dos estudos de Memória Coletiva e Imaginário. Uma etnografia sonora constitui-se como uma proposta de investigação de métodos e procedimentos onde as imagens sonoras da vida social possam fazer parte das investigações etnográficas e expressarem a cultura de uma comunidade (Rocha, Vedana, 2007). Como temos afirmado no BIEV, “trata-se no caso, de intervenção metodológica e científica inspirada na abordagem de uma antropologia das formas sensíveis, de observações dos sons do minúsculo, do banal e do ordinário das nossas vidas nas grandes metrópoles” (Rocha, Vedana, 2007: 02).

Assim, investigar sonoramente a cidade representa uma das formas de

desvendar os arranjos decorrentes das práticas ordinárias dos sujeitos em seu cotidiano e em seus territórios de pertencimento, significa perceber as maneiras de expressão cultural dos grupos ou comunidades com os quais nos deparamos no trabalho de campo a partir das sonoridades que configuram cenas, gestos e ambiências. Ao mesmo tempo, etnografar a cidade a partir das imagens sonoras que produz passa pelo registro, pela captura destes fragmentos sonoros que a compõem, numa tentativa de luta contra o tempo face às constantes transformações do espaço urbano, como uma maneira de fazer durar as formas a partir das quais o corpo coletivo de uma determinada época se expressa simbolicamente em suas experiências sensíveis cotidianas. Estamos considerando, neste caso, a observação e interpretação dos fenômenos sonoros do mundo urbano contemporâneo como forma de expressar as continuidades e descontinuidades das configurações do corpo coletivo urbano (Rocha, Vedana, 2007).

A pesquisa etnográfica sonora que realizei em mercados de rua de grandes cidades moderno-contemporâneas teve como objetivo mergulhar nos simbolismos da circulação de alimentos a partir de suas expressões sonoras. Durante a pesquisa desenvolvida no mestrado, junto ao PPGAS da UFRGS, as formas de sociabilidade no meio urbano contemporâneo, tecidas através das práticas cotidianas de compra e venda de alimentos em feiras-livres, tornaram-se foco central da pesquisa, onde a dimensão de uma experiência estética compartilhada evidenciava-se através dos sons que configuravam a ambiência do mercado. O “fazer a feira” encerrava uma série de ações e gestos que evidenciavam técnicas corporais particulares da produção da sociabilidade no espaço urbano por certos habitantes da cidade. Este fazer está permeado de sonoridades, desde os sons das falas até os sons de gestos, e mesmo as sonoridades dos próprios equipamentos urbanos que circundam o mercado. Procurei etnografar estas “artes de fazer” (Certeau, 1994) de feirantes e fregueses através principalmente das imagens sonoras que veiculavam simbolismos do alimento e da passagem do tempo expressas nas “artes de dizer” (Certeau, 1994) de feirantes principalmente. Estes simbolismos estavam presentes nas figurações da oralidade, nas feições da interação de que compartilhavam fregueses e feirantes em seus diálogos, nas piadas e jocosidades presentes nas relações de compra e venda e em seus gestos e posturas na relação com a matéria do alimento.

Início, então, minha incursão pelo mundo das sonoridades, guiada pelas performances orais e pelas jocosidades dos feirantes na conquista de seus fregueses. Diversos momentos de observações participantes contaram com a participação dos equipamentos de registro sonoro, no caso, microfone e *minidisc*, que inicialmente ocuparam o lugar de “caderno de notas”, pois permitiam o registro de pequenos acontecimentos, de fragmentos de diálogos, dos ruídos do ambiente. A presença deste equipamento de registro sonoro em campo não se constituía apenas como mais um suporte técnico para a pesquisa, mas também como um meio a partir do qual investigar as práticas cotidianas no mercado. Neste caso, proceder a uma etnografia sonora significa constituir duas dimensões de investigação: de um lado a escuta dos fenômenos sociais e culturais a serem pesquisados e, de outro, a própria inclusão do equipamento de gravação no interior das relações e interações com informantes.

- TÁ GRAVANDO AÌ GURIA? CHIQUE NO ÚRTIMO HEIN!

- VOU MOLHA A GARGANTA PRA SAIR BOM ESSE REMIX AÍ...

- NEM ADIANTA FICAR PERTO DESSE RAPAZ AÍ PORQUE ELE QUASE NÃO FALA, É MAIS FÁCIL O ABACAXI FALAR!

A própria emergência da performance dos feirantes acabava influenciada pela intenção de gravação, pela presença destes dispositivos de registro e pela aprendizagem do uso destes instrumentos, que se deu em campo. A forma investigada, neste caso, eram os pregões que caracterizavam as artes de dizer (Certeau, 1994) destes personagens, cujas vozes ainda fazem eco no momento desta escrita. Não era a performance em si o objeto de estudo da pesquisa, mas

sim o quanto estas sonoridades de vozes e anúncios de produtos constituíam uma ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996) composta por simbolismos vinculados aos alimentos. Neste sentido, os sons que compõem a estética do mercado e expressam as formas de sociabilidade ali presentes passaram a ser entendidos como imagens, imagens sonoras, pois duram, permanecem para além de sua emissão, ao serem reconhecidos como evocativos das formas da vida social que são veiculadas nas práticas de mercado. Os sons são imagens na medida em que apresentam esta dimensão simbólica de re(a)presentar (Durand, 1988) o próprio mercado.

Uma vez registradas durante o trabalho de campo, tais imagens sonoras tornavam-se objetos de estudo e, como propõe M. Schaefer (2001), eram muitas vezes escutadas e então interpretadas como dados etnográficos da pesquisa. Um processo que não se deu solitariamente, mas no interior das oficinas e reuniões proporcionadas pelo BIEV, onde diversos pesquisadores se confrontavam com a necessidade de considerar a dimensão das sonoridades da pesquisa etnográfica. Com o tempo, fomos constituindo no interior das discussões do BIEV um conjunto de conhecimentos a respeito de uma etnografia sonora que estão apresentados em artigos, dissertações e documentários sonoros³⁶, além das diversas escritas de ordem interna ao grupo, surgidas dos processos de reflexão do tratamento da imagem sonora. Estes procedimentos de tratamento da imagem, que passavam pela escuta e decupagem dos registros sonoros, possibilitou a investigação das formas sonoras que expressavam a ambiência do mercado e as práticas ali engendradas, permitindo ainda que estas imagens decupadas passassem a fazer parte das coleções de imagens que compunham a pesquisa. Por outro lado, esta análise sistemática da produção em campo ainda tinha o caráter de evidenciar que outras imagens deveriam ser produzidas para dar conta do fenômeno pesquisado através do som.

A etnografia das artes de fazer de feirantes e fregueses através de

³⁶ Entre estas produções encontram-se os documentários sonoros *Fazendo a Feira* (CD) / Viviane Vedana / 5 min / 2003; *A Procissão* (CD)/Viviane Vedana, Olavo Marques, Luciana Melo/ 5 min /2003; *Poética da Rua na Palavra Pronunciada: artes de dizer e trocas verbais nos mercados de rua/* 12 min / 2007, entre outros que foram produzidos pelo BIEV. Além disso, junta-se a esta produção alguns artigos e também minha dissertação de mestrado: Rocha, Vedana, *A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora* (2007); Vedana, V. *Sonoridades da Duração: práticas cotidianas de mercado no mundo urbano contemporâneo* (2007); Vedana, V. *Fazer a feira: estudo etnográfico das artes de fazer de feirantes e fregueses da Feira-Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*, (2004), entre outros.

imagens sonoras, não se configura apenas a partir da performance oral, mas também de outras sonoridades envolvidas no contexto da feira-livre: junto aos anúncios, pregões, risadas, conversas, breves diálogos entre fregueses no corredor da feira, escuta-se o trânsito da cidade, a sonoridade dos gestos que caracterizam as compras, os instrumentos e utensílios, como carrinhos, moedas, caixas registradoras, etc. Todas estas imagens foram registradas ao longo do trabalho de campo, nas situações de observação participante, entrevista ou etnografia de rua, e reunidas em conjuntos diversos, conformaram inicialmente uma coleção etnográfica cujo tema central eram as formas de sociabilidade e as práticas cotidianas de fregueses e feirantes no interior do mercado.

A combinação das sonoridades do mercado, como camadas distintas de composição de uma estética particular dada na experiência de estar-junto-com (Maffesoli, 1996) apresentou-se como possibilidade interpretativa sobre uma determinada paisagem urbana, não apenas vinculada aos sofrimentos de uma poluição sonora, relacionando a cidade a uma imagem de caos sonoro, mas estetizada a partir de uma escuta dos gestos ordinários, compondo e evocando sentidos diversos para o viver na cidade. Foi com este objetivo, de apresentar fragmentos do cotidiano urbano configurados pelas práticas de mercado, que elaboramos, no BIEV, a edição de um documentário sonoro de aproximadamente 5 minutos, intitulado “Fazendo a Feira” (2004) onde estavam narrados fragmentos de um dia de mercado, a partir de imagens sonoras registradas ao longo do trabalho de campo. A estética adotada para a construção do documentário foi a reconstituição de micro-eventos (Moles, Rhomer, 1982) que são cotidianos no mercado, como a troca de receitas entre fregueses, a interação de trabalho entre feirantes no interior da banca, os pregões, os diálogos e jocosidades entre fregueses e feirantes etc.

A própria construção do documentário, que envolveu o tratamento das imagens registradas em campo e o desvendamento de seus significados configurou-se como uma reflexão importante sobre as potencialidades da imagem sonora narrar a vida urbana. Confrontando-me com as limitações evidentes do manuseio destas imagens no que tange a composição de narrativas e o próprio tratamento do som, o esforço colocado neste processo era de “antropologizar” estas imagens, ou seja, de aderir aos aspectos etnográficos e não meramente técnicos deste tipo de produção. Neste caso, o trabalho coletivo e sistemático

elaborado no BIEV foi de extrema importância, pois foi a partir daí que começamos a delimitar uma determinada linguagem referente à etnografia sonora, ao mesmo tempo que estabelecer este campo de estudos no interior das pesquisas em Antropologia Urbana, Memória Coletiva e Imaginário. Da mesma forma, o cadastro das imagens sonoras que foram captadas em campo na base de dados do Banco de Imagens, apresentou novas possibilidades de reflexão sobre as formas de narrar e interpretar a vida social a partir das sonoridades. Na base de dados do BIEV, onde são cadastradas fotografias, sons, vídeos e textos, compondo jogos da memória (Eckert, Rocha, 2000) sobre a vida cotidiana na cidade, as imagens sonoras produzidas na pesquisa sobre mercados de rua e feiras-livres passaram a compor, para além da pesquisa onde foram geradas, novas narrativas sobre a cidade de Porto Alegre, ao combinarem-se com outras imagens, de outras pesquisas.

A dimensão sonora da pesquisa realizada no mestrado apresentou as possibilidades de se repensar as representações de cidade comumente veiculadas pelos meios de comunicação, ou mesmo em estudos urbanos, onde a cidade aparece como lugar caótico, barulhento e, no caso de cidades brasileiras, vinculadas a uma estética da pobreza. Uma escuta para os micro-eventos cotidianos das ruas, dos bares, da feira-livre, das conversas entre vizinhos realizada ao longo do processo de etnografia apresentou diferentes feições da cidade, uma poética urbana (Sansot, 2004) dos espaços afetivos, das relações de vizinhança, da passagem do tempo. Esta experiência etnográfica de investigação das sonoridades da cidade se estende para a pesquisa de doutorado, no entanto, a partir de novos questionamentos.

O desafio proposto pela tese é justamente pensar as configurações de mercado de rua no tempo, como formas de re-atualizar e reafirmar laços sociais da vida urbana configurados nas trocas sociais veiculadas pelo simbolismo da circulação do alimento, incorporando suas diferentes feições. Isto reorienta também as preocupações em torno das sonoridades, articulando neste caso, o estudo das práticas cotidianas e formas de sociabilidade com a temática da duração (Bachelard, 1988). Neste caso, as imagens sonoras aqui presentes, não falam apenas de uma estética urbana, mas evocam, por seu caráter de fragmento e vestígio, uma configuração temporal dos gestos de manipulação da matéria do alimento. É na ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996) dos mercados de

rua, onde travam-se pequenos diálogos, encontros ordinários entre vizinhos em suas práticas cotidianas de abastecer a casa, na experiência gustativa proporcionada pelo feirante ao freguês, ao oferecer a "prova", nas relações de dom e contra dom que constituem os biscates e pequenos trabalhos, que se configuram diversas feições da tecitura do laço social urbano, pela via da circulação do alimento e do ato-gesto de nutrir. Laço tecido nas regularidades dos encontros e das compras, na repetição de gestos de escolha dos alimentos, na continuidade descontínua das conversas e jocosidades, na recorrência da composição estética dos espaços de venda, na negociação constante entre os diversos atores que compõem os arranjos de mercado. Neste sentido, estas sonoridades da vida urbana que se configuram no cotidiano apresentam-se como formas expressivas (Dawsey, 2000) do corpo coletivo (Maffesoli, 1996) em suas práticas e gestos cotidianos.

Novas incursões em campo contando com o registro de imagens sonoras foram realizadas durante a pesquisa de doutorado, com a peculiaridade de um projeto de investigação que envolvia diversos mercados de rua em Porto Alegre, bem com trabalho de campo nas cidades de São Paulo e Paris/França. Imbuída das preocupações teóricas desta tese, envolvendo a questão da relação entre alimento e vida urbana no tempo, ou seja, as configurações da duração do laço social tecido a partir das práticas cotidianas veiculadas pelo simbolismo da circulação do alimento no interior dos mercados de rua, o próprio gesto etnográfico de produção de imagens sonoras vai se transformando. As artes de dizer (Certeau, 1994) de feirantes e os diálogos com os fregueses, bem como as negociações dos pequenos biscates passam a figurar a circulação do alimento a partir da circulação da palavra, uma das principais feições destas formas de sociabilidade dos mercados, incluindo aí também a CEASA e o próprio Rungis como espaço destas práticas.

A atenção às sonoridades, neste caso, é primordial para a compreensão do fenômeno pesquisado, pois se insere na própria expressão simbólica que configura estas práticas. Mais do que uma forma de registrar para evocar determinada estética urbana, a etnografia sonora que teve lugar na pesquisa de doutorado se constituiu como possibilidade de compreensão e interpretação das formas expressivas (Dawsey, 2000) da vida cotidiana, a partir da forma como a circulação da palavra é instauradora das relações de reciprocidade no mercado e

ao mesmo tempo veiculadora dos simbolismos da circulação do alimento. Neste caso, os registros sonoros realizados no estudo anterior (Vedana, 2004), como parte da memória desta pesquisa, voltaram a ser reinterpretados, a partir deste novo ponto de vista.

Conversas que se iniciam em um dia de feira e que continuam, desdobrando-se em vários assuntos diferentes ao longo de semanas, piadas e jocosidades que demandam estreita interação entre os participantes, as risadas e a intermitência dos anúncios de produtos são vestígios a partir dos quais se apresenta a circulação da palavra como forma de estabelecer vínculos entre os sujeitos. Circulação da palavra que se configura também nas trocas de receitas entre clientes, nos diálogos sobre acontecimentos que foram notícia na semana e que mobilizam vários fregueses que conversam em frente a uma banca, nas conversas sobre os alimentos, nas negociações das crianças em busca de um trabalho que lhes renda a feira da semana com feirantes e com fregueses, enfim, numa infinidade de formas de trocas simbólicas entre os sujeitos que fazem a feira acontecer. São estes momentos de conversação (Simmel, 1983) que conformam os laços entre estes sujeitos, segundo Simmel (1983) “a conversa é a forma mais pura e elevada de reciprocidade. A conversa é, desse modo, a realização de uma relação que, por assim dizer, não pretende ser nada além de uma relação” (Simmel; 1983, p.177).

Freguesa: *je achète avec votre femme...*

Akli: *Ah, non, non, non... pour lui, c'est moi que vous serviez.*

Freguesa: *ãh?*

Akli: *pour lui, c'est moi que vous serviez.*

Freguês: *ah oui, oui, oui... servez ma femme, oui... allez!*

Akli: *moi je m'occupe d'elle.*

Freguês : *Bah oui et je m'occupe de la votre...*

Akli : *D'accord, ça marche!*³⁷

³⁷ Vou optar, neste trabalho, por manter as transcrições de falas na língua de origem, e fazer traduções, quando possível em notas de rodapé. **Freguesa:** eu compro com sua mulher. **Akli:** Ah, não, não, não... para ele sou eu que sirvo a senhora. **Freguesa:** ah? **Akli:** Ah, não, não, não... para ele sou eu que sirvo a senhora. **Freguês:** ah, sim, sim, sim... sirva a minha mulher... sim, vamos! **Akli:** eu me ocupo dela! **Freguês:** Sim, e eu me ocupo da sua... **Akli:** tá certo, negócio fechado!

Freguesa : *moço me vê um molho dessa periperoba...*

Dona Geni : *ô vizinha... pra que que serve essa periperoba?*

Freguesa : *dizem que ela é boa para fazer chá,
mas eu vou botar na cozinha, pra enfeitar.*

Como veremos no decorrer deste trabalho, no estudo destas sonoridades de anúncios e de conversações, enfim, da circulação da palavra que marca as relações e trocas no mercado, a etnografia sonora no interior do mercado nos coloca no devaneio das imagens da intimidade (Bachelard, 1990) ao apresentar pela fala, ou seja, externalizar, as características e qualidades do alimento como substância que garante e transforma a vida. Some-se a isso o fato de que esta fala adere às imagens jocosas voltadas a uma estética do grotesco (Bakhtin, 1996) e todas as suas implicações em termos das imagens do tempo. Dessa forma, se na pesquisa anterior a escuta estava voltada para as artes de dizer dos feirantes e para a configuração de uma ambiência de fruição estética para o mercado de rua, na pesquisa de doutorado as sonoridades dos diálogos e conversações ganham uma nova dimensão. No interior desta investigação, as imagens sonoras conformadas pelos diálogos no mercado, dos quais participei inúmeras vezes, registrando ou não estas sonoridades, conduziram à descoberta das formas como se configuram laços sociais no interior dos mercados, bem como toda a dimensão simbólica relacionada ao alimento que cercam estes laços. Uma tecitura delicada que, uma vez constituída nas trocas verbais e simbólicas entre os sujeitos, recomeça aderindo a circularidade do tempo do mercado e, portanto, dura no tempo (Bachelard, 1988).

Ao escutar repetidas vezes as sonoridades capturadas no espaço do mercado, percebendo suas recorrências e discrepâncias, as formas como, nas vozes de fregueses e feirantes, na composição de seus diálogos, nas trocas e brincadeiras, constituíam-se laços simbólicos entre estes sujeitos, ao mesmo tempo em que as sonoridades dos detalhes, das moedas trocadas, dos utensílios utilizados, dos gestos, atribuíam espessura a estas vozes, ou seja, enquadravam uma mesma experiência sensível sobre o urbano é que foi possível compreender estas imagens sonoras na duração, ou seja, como parte do estudo da memória coletiva no meio urbano. A experiência muitas vezes compartilhada nesta

ambiência de fruição estética dos mercados, através dos corpos, odores, cores e formas, sempre imbuídos dos simbolismos do alimento e suas derivações de significado para a experiência humana, principalmente no que se refere à passagem do tempo, da vivência de um tempo cíclico, atribui às imagens sonoras, a partir de seu caráter ondulatório e ritmado, a potência de narrar a duração das formas sensíveis da vida cotidiana.

Complementando estas sonoridades das práticas e gestos, das piadas e conversas, tem-se a ondulação das narrativas de informantes, fregueses e feirantes, onde são evocadas diferentes imagens sobre a cidade, sobre o *métier* da feira-livre, sobre as práticas cotidianas de mercado. Na melodia destas narrativas, produtos da consciência imaginante (Durand, 2001; Bachelard, 1988) que ordena diferentes camadas de tempo para se pensar no mundo, emergem as construções de sentido para a vida urbana e para as práticas cotidianas que a constituem. Ao mesmo tempo evocam a constituição de uma paisagem sonora para a cidade, paisagem que se configura na estética das trocas verbais entre os sujeitos que cotidianamente “praticam” o mercado. Essa paisagem evocada da memória constitui-se das lembranças compartilhadas sobre os mercados e suas práticas, sobre os laços estabelecidos no passado entre fregueses e feirantes principalmente, mas também sobre as aprendizagens de compra e do *métier* do feirante. Ao comporem coleções, estes fragmentos imagéticos capturados do mundo vivido, reunidos e reordenados em termos dos sentidos e simbolismos que (re)apresentam, mostram-se portadores da potência narrativa capaz de articular diferentes histórias. Passam assim, na descontinuidade do fragmento, a durar e a fazer durar, as formas da vida social que desvelam.

CAPÍTULO 3

Cidade e Disjunções – ambiente sobrehumanizado

“uma cidade é um instrumento sujeito simultaneamente a fortes limitações materiais e, como se verá mais adiante, à imagem simbólica do universo”;
(Leroi-Gourhan, 1979:116)

Segundo dados da FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations³⁸), no ano de 2007 a população mundial seria privilegiadamente urbana³⁹. As implicações disso em termos alimentares parecem evidentes: o aumento da população urbana, principalmente nas periferias das cidades, considerando as condições de vida em que os grupos e famílias de imigrantes do meio rural chegam às metrópoles, a escassez de empregos, o difícil acesso aos alimentos necessários “a uma vida ativa⁴⁰” e a uma nutrição adequada, bem como a outros elementos considerados fundamentais (escolarização, habitação adequada, etc) apresentam apenas alguns aspectos que perpassam a vida nas grandes cidades contemporâneas e a aquisição de alimentos. Essa dinâmica de migração do campo para a cidade, de crescimento acelerado, de investimentos cada vez maiores nas tecnologias de alimentação, o gradativo aumento nos custos dos alimentos destinados a nutrir as cidades, as políticas e programas de combate à fome e a pobreza, entre outros, são parte do trajeto antropológico (Durand, 2001) de conformação das cidades industriais, em especial as cidades brasileiras, em sua luta constante contra a dissolução do tempo (Eckert, Rocha, 2005).

³⁸ Fundação das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, criada em 1945, “trabalha no combate à fome e à pobreza, promove o desenvolvimento agrícola, a melhoria da nutrição, a busca da segurança alimentar e o acesso de todas as pessoas, em todos os momentos, aos alimentos necessários para uma vida ativa e saudável (...)Atualmente a FAO está integrada por 190 países membros, mais a Comunidade Européia. Sua sede central está em Roma, Itália. Sua rede mundial compreende 5 oficinas regionais e 78 escritórios nacionais e se levanta como uma tribuna neutra, que posta a serviço dos países, fomenta e proporciona múltiplos foros aos governos para se reunirem, discutirem e solucionarem problemas relacionados a agricultura e alimentação.” Consulta ao site <https://www.fao.org.br/default.asp> em 21/10/2007.

³⁹ “En 2007, pour la première fois dans l'histoire de l'humanité, la population du monde sera principalement urbaine” (Em 2007, pela primeira vez na história da humanidade a população do mundo será principalmente urbana). retirado do site http://www.fao.org/fcit/index_fr.asp acessado dia 09/11/2007.

⁴⁰ Segundo determinações da FAO, no site <https://www.fao.org.br/>, acessado dia 10/11/2007.

Pensar a cidade e o tempo, ou a cidade no tempo, sob a perspectiva das trocas sociais de mercado envolvendo os simbolismos da circulação do alimento, bem como a tecitura de laços sociais engendrada por estes simbolismos, exige deslocamentos constantes dos pontos de vista adotados para a investigação deste fenômeno. As formas de sociabilidade, constituintes do microcosmo do mercado de rua e todas as formas sensíveis (Sansot, 2004) que daí se desdobram, na conformação de laços entre os diferentes personagens desta cena social, combinam-se com a dimensão do mercado de rua inserido no contexto urbano, em sua dimensão de ambiente técnico-cultural (Leroi-Gourhan, 1975), cuja expansão afeta sobremaneira a vida de seus habitantes, seus territórios de adesão e suas formas de habitar a cidade. Neste contexto, sobretudo em cidades brasileiras, cada vez mais os espaços são desigualmente ocupados (Eckert, Rocha, 2005) pelos habitantes de distintas camadas sociais, bem como o acesso aos recursos mais elementares para a manutenção da vida do indivíduo – como os alimentos – torna-se mais difícil a certas camadas de sua população.

Para o caso desta tese, que investiga a dimensão simbólica da circulação dos alimentos na cidade, cabe também problematizar estes aspectos disjuntivos⁴¹ (Appadurai, 1998) que conformam as cidades industriais, sob o ponto de vista das imagens da falta do alimento. De acordo com Appadurai (1998), em sua reflexão sobre os grandes panoramas que afetam as interações globais, estamos diante de “disjunções fundamentais entre economia, política e cultura” (Appadurai, 1998:312) na dimensão de um fluxo global de pessoas, mercadorias, ideologias, dinheiro, propagandas, etc. O autor está preocupado principalmente com a relação entre homogeneização e heterogeneização no que tange ao Estado-Nação e a vida local⁴². No caso desta tese, busco transladar a idéia de disjunção para o

⁴¹ Appadurai vai se referir ao conceito de disjunção a partir de análises sobre uma dinâmica global da cultura, que analisa através de diferentes panoramas ou paisagens: etnopanoramas, midiapanoramas, finançopanoramas, ideopanoramas e tecnopanoramas. Trata-se do fluxo global de pessoas, imagens sobre lugares e culturas, dinheiro, ideologias e tecnologias, etc. que possuem características próprias e uma lógica interna que explode com a idéia de fluxos entre um centro e uma periferia. Por constituírem-se, cada um destes panoramas, a partir de uma lógica própria no que concerne a seu fluxo global, apresentam aspectos disjuntivos em termos de suas interações – que não se combinam, que podem ser conflitivos – que conferem à cultura global também aspectos disjuntivos. Para o autor, estes aspectos disjuntivos que analisa a nível dos fluxos globais também podem ser observados em termos “locais”, ou seja, relacionados a uma ordem interna aos Estados-Nação no que concerne a economia, a vida política, ideologias, etc. Significa que no interior dos Estados encontram-se também disjunções – deslocamentos, desencontros – entre idéias, imagens e movimentos de pessoas, por exemplo.

⁴² Este tema foi tratado pelo Antropólogo Ruben Oliven em estudo de caso sobre Porto Alegre nos livros *A Parte e O Todo: A Diversidade Cultural No Brasil - Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992; *Urbanização e Mudança Social No Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

contexto das cidades para refletir sobre as imagens de abundância e escassez vinculadas a ela. Trata-se da mediação entre as imagens conformadas pelos dados estatísticos que revelam em escala mundial o enorme contingente de pessoas que sofrem com a fome crônica⁴³ ao mesmo tempo em que apresentam uma produção de alimentos suficiente para alimentar três (3) vezes a população mundial, com as imagens das observações de campo, voltadas para o microcosmo das relações e laços no interior do mercado de rua. Evidentemente, não se trata de resolver o problema social da fome no mundo, mas sim de levantar alguns aspectos para compor esta reflexão sobre a cidade, o tempo e as formas da vida social veiculadas pelos simbolismos do alimento.

Ao navegar por sites como o da FAO e as inúmeras informações ali presentes, bem como por outros sites⁴⁴ relacionados ao tema do combate à fome e do direito à alimentação⁴⁵, acabamos nos deparando com dados senão contraditórios, ao menos paradoxais. Atualmente temos em torno de 824 milhões de pessoas no mundo inteiro que sofrem por causa da fome, da falta de alimentação adequada e segundo o relator especial da ONU para o Direito a Alimentação, Jean Ziegler, a cada cinco segundos uma criança de menos de 10 anos morre de fome ou de doenças relacionadas à subnutrição⁴⁶. Por outro lado, ao se contabilizar a produção mundial de gêneros alimentícios, estes mesmos órgãos apresentam o dado de que se produz duas (2) vezes a quantidade necessária de alimentos para nutrir toda a população mundial. As imagens destes dados globais não podem ser mais fiéis ao retrato da desigualdade de condições de vida da população mundial. Sem adentrarmos num discurso ideológico sobre as desigualdades sociais, políticas e de cidadania em que vive boa parte da

⁴³ Para a FAO, a fome crônica se define como "Une situation dans laquelle les gens n'ont pas accès à des quantités suffisantes d'aliments sains et nutritifs pour une croissance et un développement normaux et pour mener une vie saine et active". Ainda segundo a FAO "Les personnes souffrant de faim chronique sont sous-alimentées. Ils ne mangent pas assez pour obtenir l'énergie dont ils ont besoin pour mener une vie active, et ils ont du mal à étudier, à travailler ou même à jouer. Les enfants sous-alimentés ne grandissent pas aussi vite que les enfants sains. Leur cerveau se développe plus lentement aussi. La faim constante affaiblit le système immunitaire et les rend plus vulnérables aux maladies et aux infections". Dados do site <http://www.fao.org/kids/fr/whatishunger.html> consultado pela última vez em 23/12/2007.

⁴⁴ FAO(<http://www.fao.org/>); Direito à Alimentação (http://www.fao.org/righttofood/index_es.htm) (<http://www.direitoaalimentacao.org.br/>); Josué de Castro (<http://www.josuedecastro.com.br/port/fome.html>) entre outros.

⁴⁵ Gostaria de fazer referência aqui a importante discussão de Alba Zaluar sobre a confusão entre direitos civis e direitos humanos no artigo "Direitos Cívicos e Direitos Humanos, uma confusão pós-moderna". Neste texto a autora se refere a alguns aspectos da luta pelos direitos humanos como sendo uma deficiência da garantia dos direitos civis dos cidadãos. O Direito a uma alimentação adequada poderia ser analisado também por essa via.

⁴⁶ Informações do site <http://br.noticias.yahoo.com/s/16102007/40/mundo-relator-da-onu-critica-comunidade-internacional-permitir-mortes-fome.html>, consultado em 23/12/2007.

população mundial, gostaria de apontar para algumas reflexões do ponto de vista da antropologia urbana sobre o fenômeno da fome, na medida em que esta tese trata da circulação do alimento na cidade⁴⁷ e a tecitura de laços sociais que se desdobram destes simbolismos.

3.1 Invisibilidade dos gestos: a tática dos fracos

Partindo do próprio trabalho de campo nos mercados de rua e feiras-livres de grandes cidades moderno-contemporâneas, como é o caso das cidades que compõem o universo desta pesquisa, podemos nos deparar com estas imagens da pobreza e da falta de alimentos, bem como das desigualdades sociais que fazem parte do contexto urbano. Se bem que em um primeiro momento invisíveis aos olhos da etnógrafa iniciante bem como de muitos outros *habitués* das feiras-livres, os gestos e as práticas dos grupos que vão até o mercado de rua para trocas não monetárias com o objetivo de adquirir alimentos para a semana tornaram-se cada vez mais nítidos no jogo das formas que constituem o mercado.

Tanto no trabalho de campo nos mercados de rua em Porto Alegre, quanto em São Paulo ou em Paris, pude observar como estes grupos agenciam gestos de aquisição de alimentos. No Brasil o número de crianças que circulam pelo mercado de rua em busca de doações é bastante significativo, bem maior que o de adultos, que em geral ficam em algum ponto da feira-livre, esperando as crianças chegarem. É principalmente no final da feira, quando podem realizar trabalhos de limpeza do espaço e desmontagem das bancas que estes adultos aparecem. No caso de Paris, esta configuração diferencia-se um pouco, sendo bem maior – ou mesmo quase exclusivo – o número de mulheres e homens adultos que recolhem as sobras ao final do mercado de rua. Assim, na confusão dos corredores lotados de fregueses durante os horários de maior movimento na feira-livre, meninos e meninas confundem-se em meio a sacolas e carrinhos de feira, esgueiram-se por entre as bancas, examinando as possibilidades,

⁴⁷ Sobre a questão da fome no Brasil ver a extensa obra de Josué de Castro (1951, 1946) e mais recentemente um importante trabalho etnográfico de Maria do Carmo de Freitas intitulado *Agonia da Fome* de 2003.

recolhendo os restos, as sobras da feira ou mesmo se oferecendo para carregar sacolas, pacotes, puxar carrinhos em troca de moedas ou mesmo algum alimento.

Uma presença discreta, mas inquietante, pois ao ser percebida apresenta o caráter disjuntivo da vida urbana: no caso da feira-livre, não são apenas os fregueses e feirantes os personagens que em seus gestos e práticas conformam este espaço de trocas sociais. A presença destes outros atores evidencia que nem todos ali compartilham do chamado “direito a alimentação adequada⁴⁸” como é preconizado por organismos internacionais como a FAO. Pensando em termos de midiapanoramas (Appadurai, 1998), ou seja, das propagandas e imagens que circulam globalmente, o ambiente urbano é representado de forma geral como lugar de abundância, de todas as possibilidades, incluindo aí a aquisição de alimentos, facilitada pelo avanço da tecnologia de produção e transporte dos mesmos. As imagens da fome no mais das vezes aparecem relacionadas a grandes catástrofes ambientais, ou crises e conflitos internos aos países, e raramente como parte do cotidiano de uma grande cidade. As estratégias de garantir a nutrição do urbano, sobretudo as atuais que preconizam a distensão das fronteiras, criam à ilusão de que a circularidade própria aos alimentos, ou seja, o ciclo de nascimento, vida e morte – a sazonalidade – já não existe mais e que todos os alimentos podem ser adquiridos em qualquer momento, por todos.

No entanto, esta imagem da abundância, das possibilidades ilimitadas em termos da aquisição de alimentos é, tanto quanto a própria cidade, também um artifício (Leroi-Gourhan, 1975) já que muitas pessoas, moradores das grandes cidades, precisam criar diferentes estratégias para garantir a alimentação da família, pois não tem dinheiro para comprar alimentos. O percurso nos mercados de rua é uma destas estratégias, na busca de alguma forma de troca com feirantes e com fregueses, bem como na escolha do que foi rejeitado ao final da feira. Outra estratégia, mais comum aos nossos olhos, mas talvez menos interessantes a estes grupos, pois dependem muito mais da boa vontade alheia do que de sua capacidade de negociação, é o deixar-se ficar, por horas, nas saídas de supermercados (onde raramente podem entrar) ou restaurantes,

⁴⁸ Segundo o site brasileiro do Direito a Alimentação, <http://www.direitoalimentacao.org.br/> “o direito ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis”. Consultado pela última vez em 23/12/2007.

pedindo alguma doação por parte dos fregueses ou garçons e mesmo donos de restaurantes. Importante lembrar aqui que no Brasil temos uma legislação sanitária que proíbe os estabelecimentos comerciais como restaurantes de doarem as sobras de suas comidas aos pedintes da rua, mas não raro podemos observar fregueses doando seus restos e garçons entregando pratos de comida ou sanduíches a algum pedinte conhecido, no caso, não se tratando de restos, mas um prato da hora.

Atualmente já existem parcerias e programas que se preocupam com a reciclagem destes alimentos, com a verificação de sua saúde, para que possam fazer parte da refeição de muitas pessoas. Um exemplo são alguns programas da própria CEASA/RS, em parceria com o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, no agenciamento da distribuição dos alimentos que não são destinados à comercialização e que atendem grande número de famílias. Um destes programas é o "Coma Bem", voltado ao não desperdício de alimentos, das 800 toneladas de alimentos que circulam diariamente na CEASA/RS, 2 a 5% são destinadas à doação. Este programa é um dos principais doadores de hortifrutigranjeiros para a Casa da Sopa, uma instituição localizada no bairro Restinga, na periferia sul de Porto Alegre, que organiza doação de alimentos, entre outras coisas, e toda a quarta-feira serve "sopão" para aproximadamente 1200 pessoas.

Não se trata aqui de realizar uma espécie de tipologia ou divisão entre os vendedores, os compradores e os outros, ou entre os que têm condições de comprar e os que não tem, mas de compreender que no interior do mercado de rua, a dimensão simbólica da circulação do alimento também é evocada nas práticas cotidianas destes grupos que fazem a feira prestando serviços aos fregueses ou feirantes, ou mesmo nos seus gestos de recolher alimentos caídos no chão. A potência destas imagens da "pobreza", apresentadas no cotidiano das feiras-livres, seja no percurso de crianças e mulheres durante o tempo da feira no Brasil, seja na coleta dos alimentos que restaram realizada pelos homens e mulheres das periferias de Paris ao final do *marché*, contextualiza o mercado como parte da vida urbana em sua complexidade e em seus contrastes. Ao mesmo tempo, estes gestos por estarem presentes e serem constitutivos do próprio mercado, apresentam suas possibilidades de acolher a diversidade própria do meio urbano.

Tenho usado neste trabalho diferentes categorias: feira-livre, mercado de rua e mercado. Nos capítulos anteriores explicito que entendo mercado como um arranjo social derivado dos simbolismos da circulação de alimentos que veiculam determinadas práticas e gestos no meio urbano, ou seja, não se trata de uma instituição, um lugar ou mesmo um universo de pesquisa, um dado empírico. O mercado, neste caso, seguindo Simmel (1981) e Sansot (1986) é uma forma da vida social constantemente conformada e transformada pelas práticas cotidianas dos habitantes da cidade e, portanto, dotada de duração (Bachelard, 1988) que se expressa em diferentes feições: as feiras-livres, os *marchés parisiens*, os mercados de rua seriam algumas das expressões concretas deste arranjo social (Rocha, 1994) que é o mercado. Trago novamente esta explicitação para diferenciar os momentos em que trato de uma experiência etnográfica relacionada ao trabalho de campo – a feira-livre ou o mercado de rua – dos momentos em que me remeto mais especificamente ao mercado como uma forma através da qual determinadas relações sociais se desenrolam, certos simbolismos são veiculados, gestos são agenciados, etc., ou seja, me remetendo a sua dimensão conceitual. Neste sentido, situo-me na perspectiva de Marcel Mauss (2003), ao pensar o circuito de dom e contradom, das trocas sociais que criam laços de reciprocidade entre os sujeitos. É claro que esta dimensão do mercado como um arranjo social agenciado no tempo, pelas práticas e gestos dos habitantes da cidade também incorpora a discussão sobre o mercado em sua dimensão econômica, ou seja, vinculado a transações financeiras ou comerciais, ou como uma entidade abstrata reguladora das ofertas e demandas de mercadoria. O enfoque aqui é justamente o caráter de negociação e mediação entre estas duas dimensões que se opera no cotidiano.

Esta explicitação é importante porque a constituição desta categoria de interpretação da vida social urbana ou cidadina para o caso desta tese está relacionada também à crescente visibilidade que as táticas do fraco (De Certeau, 1994) adotadas por estes grupos ganharam ao longo do trabalho de campo. Meninos e meninas, homens e mulheres em suas táticas de aquisição de alimentos fora do circuito da circulação da moeda, recolhem frutas que caíram no chão, oferecem seus trabalhos a fregueses em troca de alguns alimentos, criam laços com os feirantes e assim apresentam um outro aspecto das relações que se desenrolam no interior das feiras-livres e mercados de rua. À medida que estas

imagens foram se tornando mais nítidas, que as formas como os grupos de crianças, em geral divididos por grupos de idade, organizavam-se pelo espaço da feira-livre em sua busca por alimentos tornaram-se mais evidentes nesta etnografia, também foi possível compreender e interpretar o mercado como um arranjo social (Rocha, 1994) que é não só moldado pelas diversidades culturais e de estilos de vida dos grupos urbanos, mas principalmente acolhedor das diferenças sociais no sentido do lugar de troca que estes sujeitos podem ter no interior da feira-livre, em alguma medida diferente da posição de pedintes.

É claro que esta interpretação do mercado como lócus de trocas sociais mediadas pelo simbolismo do alimento, incluindo nestas relações de trocas não apenas as categorias de feirantes e fregueses, mas também os grupos de “pobres urbanos” (Zaluar, 1985) não visa transformar os mercados de rua na solução de um problema estrutural das sociedades contemporâneas. O que se pretende nesta tese é abrir espaço para uma reflexão sobre a tecitura de laços sociais no meio urbano, pela via do simbolismo do alimento, problematizando também a fome e as formas de aquisição de alimentos por determinados grupos.

Esta presença cada vez mais constante nas notas e diários de campo, nos diálogos com feirantes e fregueses e nas observações participantes, demanda uma reflexão mais acurada em relação à temática da fome e da pobreza, bem como às formas de encarar este problema por parte tanto do poder público como das classes médias urbanas, muitas vezes com um viés assistencialista direcionado a doações de diversos tipos. Nestes espaços de mercado de rua, a presença destes grupos no interior das relações de troca apresenta a importância de se pensar na tecitura dos laços sociais veiculados pelos simbolismos do alimento do ponto de vista das relações de dom e contradom (Mauss, 2003) em que são inseridos estes sujeitos. Por outro lado, trata-se de uma pesquisa que tem como contexto a rua, os mercados e feiras que acontecem ao ar livre, neste caso um espaço privilegiado de sociabilidades e encontros. Diferente de espaços como supermercados, onde os clientes estão protegidos desta presença da miséria e da pobreza – ao menos em seu interior – o espaço da rua é eminentemente um lugar de negociação das diferenças⁴⁹. A realização de uma

⁴⁹ Este tema foi objeto de estudo no Brasil por Roberto DaMatta em *A Casa e a Rua: espaço, cidadani, mulher e morte no Brasil* (2007), onde analisa as diferenças relacionais entre o espaço doméstico e o espaço público. Também na França estudos como este foram desenvolvidos por Collete Petonnet no Laboratório de Antropologia Urbana do C.N.R.S.

etnografia de rua (Eckert; Rocha, 2001), configurada em percursos etnográficos pelas ruas da cidade e pelo mercado, onde a presença das diferentes condições de vida de uma população urbana evidenciava-se, já que a tecitura desta tese foi acompanhada por inúmeras imagens de mendigos revirando lixos e encontrando aí algo para comer, foi fundamental para estabelecer uma interpretação da vida social sob o ponto de vista da relação entre a vida urbana e o alimento⁵⁰.

Decorrem daí dois percursos de análise: de um lado esse caráter citadino do mercado, marcado pelo encontro de diversidades, por um trajeto antropológico (Durand, 2001) de gestos e práticas relacionadas à circulação do alimento na cidade. E de outro, o vínculo deste microcosmo do mercado, efervescente de relações cotidianas e ordinárias entre pessoas, com um contexto global de decisões econômicas, desenvolvimento tecnológico, produção agrícola, etc. Neste sentido é que emergem cada vez mais delineadas imagens da diversidade cultural e social que compõem o mercado, mas também das diferenças sociais no sentido das desigualdades de condições de vida das populações urbanas, da fome e da pobreza.

3.2 Mercado e vida urbana

É refletindo sobre as relações entre estas diferentes dimensões: o microcosmo de mercado e as relações que ali se produzem, as relações entre o mercado e a vida urbana e, além disso, a relação do mercado e da vida urbana com a circulação mundial de alimentos, que recorro a Max Weber quando este afirma que “toda a cidade é um lugar de mercado” (Weber, 1979: 69). De acordo com Max Weber (1979) a definição do conceito de cidade precisa levar em conta diversos aspectos, além do caráter de proximidade e vizinhança do território (Weber, 1979), por exemplo. Entre estes aspectos estão as características econômicas e comerciais, a dimensão política e de defesa do território, entre

⁵⁰ Sobre o tema da pobreza urbana e mendicância no Brasil, especificamente em Porto Alegre, ver dissertação de mestrado de Claudia Turra Magni *Nomadismo urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre* (1994), e também sua tese de doutorado, com etnografia na cidade de Paris, *Images du même et de l'autre: une ethnographie des ateliers artistiques pour des personnes sans domicile à Paris*. (2002). Em termos da produção de imagens visuais sobre a pobreza e a miséria, o Documentário experimental *Ilha das Flores*, de Jorge Furtado (1989), é certamente um dos filmes de maior repercussão nacional e internacional. Este documentário pode ser visualizado através do site: <http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=647> da Petrobras Cultural.

outras. Para elaborar esta definição o autor volta-se para diferentes cidades e as formas que tais características adotam, traçando uma tipologia na qual apresenta a cidade mercantil, a cidade de produtores, a cidade de consumidores (Weber, 1979), etc. É claro que se trata de tipos ideais, ou seja, de abstrações conceituais para definir o que é uma cidade, portanto não significa que existam cidades eminentemente mercantis e outras de produtores, mas que algumas características se sobressaem entre as demais e convocam o autor a classificar as cidades em suas origens relacionadas às suas vocações. Para o caso desta tese, as elaborações teóricas de Max Weber sobre o conceito de cidade são importantes na medida em que apresentam como uma de suas características fundamentais a constituição de relações de mercado⁵¹.

A cidade, assim, é um local de mercado, pois tem como uma de suas características a existência destes espaços de trocas, entrepostos comerciais e regulamentações de mercado. Já em trabalho anterior (Vedana, 2004) as contribuições teóricas sobre a cidade de Max Weber para a sociologia e a antropologia urbanas se fizeram presentes, mas sob um enfoque diferenciado, voltando-se mais talvez para uma dimensão histórica do fenômeno das feiras para a constituição da vida urbana. A retomada do estudo weberiano sobre as cidades no âmbito desta tese volta-se para o estudo da duração (Bachelard, 1988), como venho afirmando nos capítulos anteriores, e da estreita relação entre o mercado e a vida urbana. Do ponto de vista da duração bachelardiana, entendo o jogo entre continuidade e descontinuidade veiculado por gestos de compra e venda nos espaços públicos, das ruas e calçadas por exemplo. Este jogo compõe por sua vez uma forma expressiva particular da vida urbana, que no caso do mercado

⁵¹ No campo da Antropologia e da Sociologia existem muitas discussões a respeito do que é uma cidade, como ela se constitui, quais são suas características, etc, que se estabelecem a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Além dos artigos de Max Weber e Georg Simmel presentes do livro *O Fenômeno Urbano* (1979) que traz importantes contribuições sobre o estudo das cidades, obras importantes que reúnem criticamente estas análises sobre a cidade são os livros de Ruben Oliven *Antropologia dos Grupos Urbanos* (2007) e *Urbanização e Mudança Social no Brasil* (1982), que discutem diferentes abordagens sobre a cidade, bem como as nuances entre o rural e o urbano e os processos históricos que os atingem. Sob a perspectiva da memória coletiva e do imaginário, o tema da cidade foi abordado por Ana Luiza Carvalho da Rocha em sua tese de doutorado *Le Sanctuaire de désordre: l'art de savoir vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques*, 1994 e em diversos artigos como *As Figurações de Lendas e Mitos Históricos na Construção da Cidade Tropical*, 2001. Sua abordagem direciona-se a investigação dos gestos fundadores das cidades tropicais, conformadores de uma estética urbana peculiar que se desdobra no tempo. Neste caso, ao falar nesta tese sobre a cidade e sua relação com a circulação do alimento, filio-me a perspectiva desenvolvida por Ana Luiza Carvalho da Rocha e perpetuada pelas pesquisas da autora e de Cornelia Eckert no interior do Banco de Imagens e Efeitos Visuais sobre memória e cidade. Ver Eckert, Cornelia e Rocha, Ana Luiza Carvalho da. *O Tempo e a Cidade* (2005).

acaba por acomodar também em seu interior, a diversidade e complexidade da vida urbana.

Ao afirmar que “toda a cidade é um lugar de mercado” Max Weber (1979) refere-se à condição das trocas comerciais, mediadas pela moeda – ou por tipos de moedas – que se configuram como essenciais para o abastecimento de uma população. Nas diversas descrições de cidades medievais ou da antiguidade apresentadas por Max Weber (1979), as trocas entre produtos locais ou estrangeiros, as formas diferenciadas de comércio, as regulamentações destas trocas e a produção agrícola e industrial ganham destaque no sentido de expressar feições da cidade, aspectos que conformariam as relações no meio urbano. O que temos então é o mercado como uma expressão da vida na cidade, como espaço de encontro do local e do externo, como composto pela diversidade não só de produções, mas também de origem dos produtos que oferece, e principalmente, como possibilidade de abastecimento do meio citadino, de mercadorias de consumo cotidiano. É claro que estou me referindo aqui às grandes cidades moderno-industriais (Velho, 1980) resultantes de processos sócio-históricos (Oliven, 2007) que inscrevem maneiras de ser negociadas na vida cotidiana.

Através destas imagens de mercado apresentadas por Weber, e inúmeras outras de diferentes autores (como Georg Simmel e tantos outros autores que compõem a chamada Escola de Chicago, autores que conformam a chamada Escola de Frankfurt e entre os antropólogos Claude Levi-Strauss, Marcel Mauss, Bronislaw Malinowski e no Brasil com destaque para obra de Gilberto Freire)⁵², que narram sob pontos de vista diversos, as formas das trocas sociais presentes nos mercados e as relações disso com a vida na cidade, podemos perceber uma arqueologia destas práticas no meio urbano. Tanto no que se refere aos “comerciantes” e aos “consumidores”, categorias presentes e fundantes da dinâmica do mercado, como a outros personagens que compõem esta cena social, como ambulantes, pedintes, mendigos, o mercado aparece como lugar de encontro não só de mercadorias diversas, com origens diferentes, mas também de diferentes populações. Não é à toa, portanto, que Max Weber (1979) ao falar

⁵² Mauss, Marcel (2003), Levi-Strauss, Claude (1996), Freyre, Gilberto (1968), Malinowski, B. (1976), Bakhtin, M (1996).

das origens da cidade, bem como de formas de categorização da mesma, vai começar pelas relações de mercado.

Embora Weber (1979) fale do mercado do ponto de vista econômico, da dinâmica de um sistema de trocas comerciais, ou Lévi-Strauss (1996) aponte os aspectos mais exóticos destes espaços os relacionados sempre aos países que os abrigam e suas mazelas, gostaria de chamar a atenção para as camadas de imagens que conformam o mercado como arranjo social (Rocha, 1994). Neste sentido, me aproprio destas narrativas entendendo-as como imagens (Durand, 2001) que apresentam determinada forma da vida social, no caso o mercado, e suas diferentes nuances. Combinando estes diferentes pontos de vista: uma interpretação voltada para a economia urbana e suas formas de regulação (Weber, 1979), ou para os tipos de produtos e as maneiras de vender, ou ainda para a estética do grotesco (Bakhtin, 1996), para as sociabilidades de rua, pelo encontro das diferenças; temos no mercado a representação da complexidade da vida urbana bem como a duração (Bachelard, 1988) de determinadas formas de trocas e gestos de ocupação (Rocha, 1994) da cidade. É a partir do mercado, constituído por este conjunto de gestos e práticas que se desdobram dos simbolismos do alimento que proponho refletir sobre a dimensão global, ou seja, a circulação mundial de alimentos e o abastecimento das cidades, e uma dimensão local, da cidade e suas imagens da pobreza e da fome⁵³. Esta opção está diretamente relacionada à filiação teórico-metodológica desta tese aos estudos do imaginário e da memória coletiva no meio urbano.

⁵³ Esta temática também tem sido estudada sob o ponto de vista dos estudos de globalização e consumo, apresentando diferentes perspectivas das que venho trazendo neste trabalho, tendo em vista a opção epistemológica adotada para interpretar a cidade. Alguns destes estudos podem ser encontrados no livro organizado por Mike Featherstone (1998) *Global Culture*. Além destes temos: Ascher, François, *Le mageur hypermoderne* (2005); Rial, Carmen, *Brasil: primeiros escritos sobre comida e identidade* (2003); Rial, Carmen, *Os rumores nos fast-foods* (1997). Sklair, Leslie. *Sociologia do Sistema Global* (1995), entre inúmeros outros. Ainda no que concerne o campo da Antropologia do Consumo e da Globalização e seus variados enfoques temos: Douglas, M. *O Mundo dos Bens* (2004); Hannerz, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. (1997).

3.3 *Nourrir la ville*⁵⁴

Diante desta relação entre o mercado e a vida urbana, cabe refletirmos também sobre a dimensão de “ambiente técnico-cultural” atribuída à cidade por Leroi-Gourhan (1975), no sentido do movimento constante de domesticação do tempo e do espaço pelo homem⁵⁵. A edificação do espaço para abrigar um número crescente de habitantes, o ritmo acelerado de urbanização e o próprio ritmo intenso relacionado ao cotidiano e ao trabalho são alguns aspectos característicos deste “ambiente sobre-humanizado” das cidades (Leroi-Gourhan, 1975). Neste caso, como alimentar este ambiente que se afasta cada vez mais das possibilidades de produção agrícola de alimentos enquanto o número de habitantes aumenta gradativamente?

De acordo com Leroi-Gourhan (1975) é no agenciamento do gesto técnico que o homem cria os artifícios necessários a sua sobrevivência neste meio, estabelecendo tecnologias que apresentem soluções para as conseqüências desta domesticação do espaço e do tempo. No capítulo 1, apresentei a fala de um dos informantes desta pesquisa, o feirante Henrique, ao referir-se ao alho importado da China e vendido na feira-livre de Porto Alegre. Ao pesquisar a relação entre “alimentação”, “consumo” e “vida urbana”⁵⁶, na *Inathèque de France*, me deparei com diversas imagens desta circulação mundial do alimento. O documentário *Nourrir la ville* apresentava justamente as possibilidades de alimentação da população de Hong Kong, através de um moderno sistema de transporte e refrigeração/conservação dos alimentos em portos e aeroportos. Tecnologia que garante em um curto espaço de tempo, a chegada de alimentos de diversas localidades até a cidade de Hong Kong, conservando os mesmos até o seu consumo pela população. O próprio tempo da duração do alimento é aí

⁵⁴ Título de um documentário do acervo da Inathèque de France sobre as tecnologias adotadas para se alimentar as cidades, tendo em vista sua densidade populacional combinada ao fato de não produzirem gêneros alimentícios. Considerações sobre produções locais em diferentes países, bem como condições climáticas e formas de transporte e comercialização de alimento no mundo.

⁵⁵ “Esta domesticação simbólica traduz-se na passagem da ritmicidade natural das estações do ano, dos dias, das distâncias de marcha, para uma ritmicidade regularmente condicionada pela rede de símbolos, calendários, horários, métrico, símbolos que transformam o tempo e o espaço humanizados no palco em que o homem comanda todo o movimento da natureza. O ritmo das cadências e dos intervalos regularizados substitui-se assim à ritmicidade caótica do mundo natural, tornando-se o principal elemento da socialização humana, na própria imagem da inserção social, a tal ponto que a sociedade triunfante passa a ter como cenário uma teia de cidades em que a hora comanda todos os movimentos dos indivíduos” (Leroi-Gourhan, 1975:124).

⁵⁶ Descritores ou categorias possíveis de serem pesquisadas e que apresentam diversos documentos audiovisuais como retorno.

domesticado e reelaborado culturalmente, desdobrando-se das imagens cíclicas do tempo (Durand, 2001) às imagens do controle do tempo e da luta contra a morte.



Nourrir la Ville

O documentário inicia com imagens de um mercado de rua. Corredores estreitos de bancas de verduras, frutas e legumes dispostas em frente a outros estabelecimentos comerciais como lojas e restaurantes. Lá nos deparamos com um *restaurateur* que faz compras para seu restaurante, escolhendo frutas e verduras, observando, conversando com feirantes. Trata-se do proprietário e *chef de cuisine* de um restaurante suíço, que para preparar seus pratos necessita de produtos importados, além destes que pode comprar no mercado de rua.



Enquanto o *restaurateur* escolhe suas compras, uma voz *off* nos apresenta dados populacionais da cidade de Hong Kong, o número de turistas que a visita anualmente, a grande diversidade de restaurantes que possui e suas condições de produção agrícola. Planos em *close* hora dos feirantes hora do *restaurateur* evidenciam a diversidade étnica também presente na cidade de Hong Kong, apesar de não ouvirmos suas vozes e formas de conversação.



Aos poucos, as imagens dos gestos de escolha das compras dão lugar a imagens aéreas do porto e seus conjuntos de *containers* repletos de mercadorias vindas de diversas partes do mundo. Mediadas também por imagens da cidade e da diversidade de possibilidades de alimentação nos diferentes restaurantes que possui.



No porto, as tecnologias de conservação dos alimentos, em câmeras refrigeradas ou outros tipos de ambientes, bem como as formas de embalagem destes produtos nos são apresentadas através de planos fechados e num ritmo acelerado, enquanto a voz *off* apresenta os detalhes desta tecnologia.

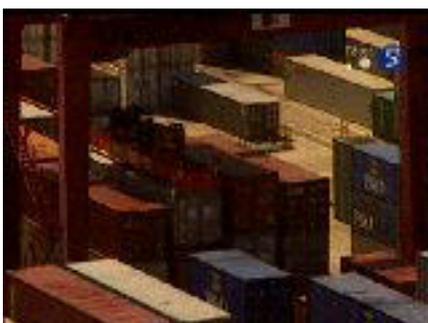


Em seguida, podemos ver como os alimentos que chegam ao porto são armazenados nestes ambientes propícios. Um complexo circuito informatizado de distribuição destes alimentos no interior do estabelecimento do porto para depois ser distribuído para a comercialização urbana, com um sistema de trilhos e sinais magnéticos que identificam os produtos aparece em ação, deslocando as caixas nas mais diversas direções.



Não é apenas pelo mar que chegam os produtos em Hong Kong, mas também por ar, e o aeroporto é igualmente preparado para receber estes alimentos, classificá-los e armazená-los.

De Hong Kong somos transportados a Montreal no Canadá. Cidade com clima rigoroso, difícil de abastecer. A tecnologia aqui é aplicada na produção de alimentos através da cultura hidropônica, onde a água substitui a terra.



Imagens de acervo, em preto e branco, apresentam o abate de um animal e o aprovisionamento de carnes na cidade de Montreal. Crescimento urbano, aumento da população, estratégias para alimentar a cidade apresentam-se a partir de imagens de desenvolvimento tecnológico.

Hortas imensas de alface são produzidas através da cultura hidropônica, da mesma forma que uma plantação de tomates é alimentada artificialmente com uma solução nutritiva por computador.



Estas imagens dos artificios da produção necessários para alimentar cidades como Montreal e Hong Kong, derivam nas imagens da tecnologia do comércio em grandes redes de supermercado. *Plongée* nos corredores e secções diferenciadas do supermercado. Ambiente comum deste tipo de comércio nas grandes cidades.



Dentro do supermercado, ainda numa cidade do Canadá, ouvimos um gerente de vendas explicitando o papel fundamental dos códigos de barra, podendo não apenas servir para o controle do estoque de mercadorias, como também para traçar o percurso dos produtos entre diferentes cidades e países.

A conclusão de alguns profissionais da área de comercialização como gerentes de redes de supermercados na América do Norte é a de que o futuro do comércio de alimentos é também o mundo on-line, através da encomenda em sites especializados.



Novamente o filme apresenta combinações de imagens do interior dos supermercados, agora em planos fechados nos caixas e em terminais de computadores, somos transportados para o exterior, através de variadas imagens aéreas de grandes cidades, com altos edifícios, concentração de edificações, poluição do ar⁵⁷.

⁵⁷ Idem nota 22 capítulo 1. Tradução da Ficha: Título: Alimentar a Cidade / Título da Coleção: Technópolis / Data de difusão: 24.12.2001 / Gênero: Documentário, série / Descritores: Montreal, Hong Kong, cidade,

INATHÉQUE DE FRANCE - INFORMAÇÕES SOBRE O DOCUMENTO

Titre propre: Nourrir la Ville

Titre Collection: Technopolis

Date de diffusion: 24.12.2001

Genre: Documentaire, Série

Descripteurs: Montréal, Hong Kong, vie urbaine, ville, alimentation, consommation.

Producteurs: Producteur, Canada : Pixcom, 2001; Producteur, Paris : VM Group, 2001

Resumé: Documentaire. Série documentaire consacré aux villes et tous les éléments qui les composent. Sur le thème "nourrir la ville", l'épisode d'aujourd'hui s'intéresse aux moyens d'approvisionnement alimentaire des grandes villes en prenant les exemples de Hong Kong et Montréal.

Todas estas imagens do progresso técnico relacionado à circulação e distribuição do alimento mundialmente dizem respeito às formas como a humanidade procura solucionar as disjunções (Appadurai, 1998) entre o crescimento urbano e as possibilidades de alimentação da população das cidades. Mas referem-se, da mesma maneira, às discursividades sobre o ambiente urbano, sobre a evolução das técnicas (Leroi-Gourhan, 1975) e sobre o devir. Este documentário, representativo de tantos outros que tratam do tema da alimentação e aprovisionamento urbano, ou do progresso tecnológico em termos de produção e distribuição de alimentos, desdobra-se do espaço da feira-livre ou do mercado de rua em Hong Kong, para as imagens avassaladoras, em *plongée*, de estruturas tecnológicas “de última geração” no que diz respeito ao aprovisionamento urbano, para chegar a conclusão ao final de 52 minutos de filme, de que num futuro próximo será necessário apenas um aparelho magnético em casa, leitor de códigos de barras para que as pessoas possam fazer suas compras. A voz *off* que a todo o momento nos elucida as transformações urbanas relacionados ao progresso técnico, impede, ao mesmo tempo, que possamos escutar os diálogos entre fregueses de um supermercado, entre os clientes de um restaurante, ou entre freguês e feirante no mercado de rua, enfatizando ainda mais o caráter discursivo e determinante das imagens apresentadas.

Não se trata, para o âmbito deste trabalho, de proceder a uma análise fílmica a partir dos documentários pesquisados, mas sim de evocar estas imagens como discursividades sobre a vida urbana e o gesto elementar de se alimentar.

alimentação, consumo / Produtores: Canadá: Pixcom, 2001; Paris: VM Group, 2001 / resumo: Documentário. Série documental consagrada às cidades e a todos os elementos que a compõem. Sobre o tema “alimentar a cidade”, o episódio de hoje se dirige aos meios de aprovisionamento alimentar das grandes cidades, pegando os exemplos de Hong Kong e Montreal.

Neste caso a escolha de *Nourrir la ville* como forma de apresentar estes dados sobre a tecnologia de distribuição mundial de alimentos não é aleatória e sim vinculada à intenção de construir um espaço de reflexão tanto sobre a idéia de um ambiente sobre-humanizado, apontada por André Leroi-Gourhan (1975) como sobre a sobredeterminação (Durand, 2001) destas imagens de um tempo do progresso (Durand, 2001), da grandiosidade da tecnologia, em relação às formas expressivas (Dawsey, 2000) da vida cotidiana que se desdobram nos processos de compra e venda de alimentos e nas redes de reciprocidade que compõem o mercado. Neste sentido, diferente do documentário apresentado no primeiro capítulo, onde as imagens de planos abertos apresentando a imensidão do *Marché de Rungis* se combinam com os planos médios de trocas e diálogos entre compradores e vendedores, onde o som ocupa um lugar importante ao presenciarmos as negociações entre estes sujeitos, *Nourrir la ville* desenrola-se na aposta de uma crescente modernização e individualização das formas de aquisição da comida, e os planos médios que nos apresentam os gestos de compra do *restaurateur* suíço dão lugar a imagens cada vez mais amplas, a planos gerais que pretendem apresentar a grandiosidade deste progresso tecnológico.

A condição da cidade como um espaço sobre-humanizado (Leroi-Gourhan, 1975), ou seja, amplamente construído, edificado e tecnológico, relaciona-se com esta sobredeterminação de imagens (Durand, 2001) da dominação do tempo. A relação entre o refúgio (a habitação) e o espaço exterior (a natureza) apresentada por Leroi-Gourhan (1975) em seus estudos sobre o gesto humano de domínio do tempo e do espaço é suplantada pela representação de um nível de integração planetário das cidades e do homem enquanto habitante deste espaço (Leroi-Gourhan, 1975) mundial. Mas esta sobredeterminação de imagens (Durand, 2001) não é, de todo modo, definitiva, e convive com outras imagens de cidade, relacionadas também a alimentação e aos gestos cotidianos veiculados pelo simbolismo do alimento. Se o mercado de rua de Hong Kong é soterrado pelas imagens aéreas de grandes cidades e da tecnologia, e também esquecido como forma de aquisição de alimentos, já que a conclusão do documentário se dirige a um futuro de compras *online*, no plano do cotidiano estas imagens de mundo (Leroi-Gourhan, 1975) estão em constante negociação e, como pude observar ao

longo do trabalho de campo, tanto feirantes como fregueses dos mercados de rua e feiras-livres agenciam saberes relacionados a este circuito mundial do alimento.

Antes de nos voltarmos à mediação entre uma dimensão macrocós mica da circulação mundial do alimento e a dimensão microcós mica das relações no mercado de rua, cabe ressaltar que estas imagens de grandes entrepostos comerciais de alimentos, das negociações internacionais, dos transportes e da distribuição mundial de alimentos habitam a memória da pesquisadora tanto quanto as imagens de mercados de rua, das práticas e gestos cotidianos. Enquanto inserida numa cultura urbana, se é que podemos chamar assim, onde a condição de aquisição de alimentos é dada não apenas em termos da vida doméstica, mas também como dado de pesquisa, compartilho estas imagens veiculadas tanto pelos meios de comunicação, em documentários, reportagens, como em descrições de diversos gêneros, pinturas, etnografias, etc. É uma condição da própria pesquisa o reconhecimento de que estas imagens são também produtoras das formas da vida social as quais narram, ao mesmo tempo em que pertencem à memória coletiva do espaço urbano. Mesmo filiadas a diferentes regimes de imagens (Durand, 2001), o contexto global ou macrocós mico e o contexto local ou microcós mico, as imagens da relação da vida urbana com os gestos de alimentação e os simbolismos do tempo compõem um mesmo quadro no que tange ao trajeto antropológico (Durand, 2001) urbano.

Neste sentido, tanto as imagens de uma urbanização crescente, de dados sobre a produção de gêneros alimentícios, como as imagens da pobreza e da fome que cercam o Brasil, veiculadas cotidianamente em jornais televisivos ou escritos, fazem parte das imagens que povoam esta pesquisa tanto quanto as imagens de gestos e práticas de compra e venda de alimentos nos mercados de rua. Muitos dos documentários que fazem parte dos dados desta pesquisa, em especial os que foram vistos na *Inathèque de France*, foram veiculados pela TV. São imagens, portanto, veiculadas cotidianamente, e para um grande público fazendo parte de um imaginário sobre as cidades como lócus do tempo do progresso (Durand, 2001). Em especial, tanto *Dans les Couloirs de Rungis*, como *Nourrir la ville*, foram transmitidos pelo mesmo canal de televisão francês, *La Cinquième*.

Na *Inathèque de France* é possível realizar pesquisas referentes à grade de programação da televisão sob diversos aspectos, desde estatísticas sobre a

quantidade de vezes que uma programação é exibida, até as relações entre programas e comerciais, tipos de programas e sua audiência, entre outros. Especificamente para esta pesquisa, concentrei-me metodologicamente em assistir o maior número possível de documentários e reportagens sobre o tema da tese, numa tentativa epistemológica de mergulhar nas imagens veiculadas e tratá-las como parte do processo etnográfico de elaboração de coleções, como explicito no capítulo 2 desta tese. Neste caso, lido muito mais com o conjunto destas imagens em termos de representações sobre a vida urbana e a alimentação, ou seja, no plano do imaginário e da memória coletiva (Durand, 2001; Bachelard, 1988; Eckert e Rocha, 2005) do que uma análise do ponto de vista dos veículos midiáticos e seu papel na conformação desta representação. É evidente que levo em conta a importância que os meios de comunicação de massa como a televisão e o jornal cumprem no meio urbano e é a partir daí também que me interrogo a respeito da sobredeterminação (Durand, 2001) das imagens de um tempo do progresso em relação às imagens de um tempo cíclico (Durand, 2001).

3.4 A ressonância das imagens no ritmo dos mercados

O desdobramento destas imagens do progresso técnico, do gesto humano de domínio do espaço e do tempo, são as imagens da abundância, uma representação de que é possível se ter qualquer alimento – independente de sua época de produção – em qualquer momento, já que os sistemas de transporte e mesmo de produção agrícola estão cada vez mais desenvolvidos. Estão inseridos nestes desdobramentos de imagens a exportação das cozinhas regionais ou nacionais (Maciel, 2007), ou seja, os fluxos migratórios e o próprio turismo que levam as chamadas “comidas típicas” de cada local, país ou região para os mais diversos territórios⁵⁸. Caso do restaurante suíço em Hong Kong apresentando pelo documentário, dos restaurantes brasileiros em Paris que anunciam “o dia da

⁵⁸ Cito rapidamente esta temática cara à antropologia da alimentação a respeito das fronteiras culturais alimentares para refletir sobre a vida urbana e suas formas de agenciar o provisãoamento da população. Para uma análise mais detalhada ver Fischler, Claude (1993); Brillat-Savarin (1995); Ascher, Françoise (2005); Poulain (2004). Além disso, é importante situar o trabalho de Leslie Sklair, *A Sociologia do Sistema Global*, onde apresenta uma discussão importante a respeito da transnacionalização da produção de alimentos no Terceiro Mundo principalmente. Tema que tratarei aqui apenas tangencialmente.

feijoada”, ou desta complexa rede de distribuição de produtos alimentícios que chegam a países cujo clima não permite a sua produção. Refletir sobre a dimensão simbólica deste *nourrir la ville* e a maneira como se expressa no cotidiano urbano, nas feiras-livres e mercados de rua, nas narrativas de fregueses e feirantes, nos gestos de compra e nas táticas do fraco, significa também pensar as formas e conseqüências da globalização na alimentação dos indivíduos, ou mesmo as características deste comércio internacional, sob o viés das formas sensíveis da vida cotidiana (Sansot, 1986) e da duração (Bachelard, 1988).

Ao escutar as explicações de Henrique sobre o alho da China e todo o processo de chegada até a feira-livre, ou, como veremos no decorrer da tese as descrições de Fonseca, presidente da Associação dos Usuários do Mercado do Produtor, sobre as relações institucionais do Mercado do Produtor com a CEASA/RS, percebo que a prática cotidiana de Fazer a Feira (Vedana, 2004) está intimamente relacionada a este circuito mundial de importação e exportação de alimentos. A entrevista com Akli e Andromeide deixa isso ainda mais evidente: os fregueses do *marché Maubert* reconhecem os produtos importados pelo gosto, pela qualidade, querem sempre saber de onde vêm estes alimentos, e fazem suas opções de compra baseados nestas informações. De forma diferente, como afirma ainda Akli, para os fregueses do *Marché Belleville*, as escolhas das compras estão baseadas em outros aspectos, como a própria relação quantidade x preço. Para além de uma interpretação calcada no status ou na distinção (Bourdieu, 1979) relacionada à compra dos alimentos, a idéia de uma *origine contrôlée*⁵⁹ está na base das relações entre Akli e seus fregueses e mesmo de Henrique com os freqüentadores de sua banca. Como veremos nos próximos capítulos, estes dois feirantes, com suas diferenças de nacionalidade, estilo de vida e visão de mundo, desenvolvem saberes sobre os alimentos que vendem, suas origens e mesmo as formas de uso e de preparo que são essenciais nas reciprocidades próprias do mercado. Tratarei destas questões no decorrer desta tese, mas evoco aqui estes elementos para construir a reflexão de que toda esta imagem da grandiosidade da tecnologia envolvida no transporte, na conservação

⁵⁹ Origem Controlada, termo utilizado para diversos produtos alimentícios na França, em especial vinhos e queijos de regiões específicas - no que concerne ao clima, solo e vegetação - e com processos de produção particulares. O valor simbólico agregado a estes produtos relaciona-se com um gosto muito peculiar derivado desta *origine contrôlée*.

e na distribuição de alimentos pelo mundo é re-significada no espaço do mercado de rua, a partir das relações estabelecidas entre fregueses e feirantes.

Mesmo este circuito complexo de importação e exportação de alimentos, toda a tecnologia relacionada ao abastecimento das cidades, que em um primeiro momento pode sugerir a dimensão de uma razão prática (Sahlins, 2003) associada ao abastecimento urbano, também veicula uma imagem cósmica relacionada aos simbolismos do alimento. De acordo com Marshall Sahlins (2003) não só o consumo, mas a própria produção parte de uma intenção cultural, ou seja, a produção é a realização de um esquema simbólico (Sahlins, 2003). Segundo o autor “nenhuma forma cultural pode ser interpretada a partir de um grupo de ‘forças materiais’ como se o cultural fosse a variável dependente de uma inevitável lógica prática” (Sahlins, 2003:205) Com isso é possível pensar que, como afirmei acima, há uma estreita relação entre a sobredeterminação das imagens do tempo do progresso (Durand, 2001) com este ambiente sobre-humanizado (Leroi-Gourhan, 1975) das cidades, no sentido de um trajeto antropológico (Durand, 2001) caracterizado por “um intercâmbio incessante que existe no plano do imaginário entre as pulsões subjetivas humanas assimiladoras da matéria terrestre e as acomodações das ações humanas às intimações objetivas que emanam do meio cósmico” (Rocha, 2007:02). Significa dizer que a construção deste espaço sobre-humanizado é a forma de um arranjo temporal resultante dos gestos humanos em relação ao ambiente material (Rocha, 2007), gestos estes orientados por constelações de imagens e de representações sobre o tempo (Durand, 2001).

Em um primeiro momento todo este aparato técnico parece romper com os ritmos cíclicos (Durand, 2001) de vida, renascimento e morte, relacionados aos mitos agrários e aos simbolismos temporais veiculados pelo alimento na imposição de uma “conservação artificial” destes produtos que viajam pelo mundo. No entanto, a partir da combinação destas imagens com as narrativas dos feirantes sobre o cotidiano na feira, na observação dos momentos de diálogo onde esta dimensão reaparece transfigurada nos saberes e nas trocas entre fregueses e feirantes, na construção de redes de reciprocidade entre os feirantes e os grupos que trocam trabalho por alimentos, é possível perceber que as imagens de um tempo contínuo e progressista (Durand, 2001) negociam com as imagens de um tempo cíclico na elaboração deste trajeto antropológico (Durand,

2001) dos arranjos sociais e coletivos conformados em torno do aprovisionamento urbano de alimentos.

3.5 Abundância e Escassez

Diante destas imagens, retornamos para o início deste capítulo, no que concerne aos dados sobre a fome no mundo, as imagens e gestos das táticas do fraco no mercado de rua e a relação entre a representação de abundância de provisões alimentares no meio urbano e as imagens da pobreza e da fome. O desenvolvimento tecnológico que permite consumir frutas tropicais na Europa por praticamente todos os meses, não tem resolvido o problema dos 854 milhões de sub-alimentados⁶⁰ no mundo. Segundo o presidente da FAO, Jacques Diouf, em seu discurso na última Conferência Mundial pela Alimentação, ocorrida em outubro de 2007, a sub-alimentação não se deve a falta de disponibilidades alimentares, a produção mundial nos últimos dez anos tem aumentado significativamente, correspondendo ao crescimento demográfico e de demanda⁶¹.

Por outro lado, estudos de Leslie Sklair (1995) apontam para o crescente papel de Corporações Transnacionais no agenciamento da produção de safras comerciais, onde as terras destinadas à produção local de alimentos são substituídas por culturas destinadas à exportação, como framboesas e vegetais de luxo. Segundo a autora, muitos países africanos encontram-se nesta situação, tornando-se dependentes do excedente de produção de grãos dos Estados Unidos para suprir as necessidades de sua população, aumentando assim a sua dívida externa (Sklair, 1995).

Estas questões começaram a permear o trabalho de campo desta pesquisa a partir dos arranjos sociais e das formas expressivas (Dawsey, 2000) que

⁶⁰ Le terme sous-alimentation désigne la situation des personnes dont la consommation alimentaire est en permanence inférieure au niveau énergétique minimal requis pour maintenir une taille corporelle acceptable, mener une vie saine et pratiquer une activité physique légère.
http://www.fao.org/faostat/foodsecurity/index_en.htm.

⁶¹ "Il est encourageant de noter que les taux de croissance économique dans les pays en développement sont plus élevés que la moyenne mondiale de ces trois dernières décennies, signe d'une amélioration de la production agricole. La disponibilité alimentaire par personne et par jour était égale à environ 2 600 kilocalories en 2001-2003, en hausse par rapport aux 2 530 kilocalories calculées pour 1990-1992. La croissance des approvisionnements alimentaires varie selon les régions, allant de quatre pour cent en Afrique subsaharienne (où l'apport énergétique est plus bas que dans les autres régions) à six pour cent en Amérique latine et Caraïbes."
http://www.fao.org/faostat/foodsecurity/index_en.htm.

algumas estratégias de inserção neste circuito do consumo alimentar apresentaram no meio urbano. Além da crescente visibilidade dos gestos de coleta dos alimentos caídos ao chão durante as feira-livres, bem como das redes de trabalho acionadas com os feirantes por estes grupos, durante todo o ano de 2004 funcionou em Porto Alegre, no centro da cidade, uma feira caracterizada pelo comércio informal de alimentos, que era chamada Feira de Pedra⁶² pelo poder público.

A Feira de Pedra situava-se⁶³ no Largo Glênio Peres, também chamado pelos habitantes da cidade de largo do mercado, pois é vizinho ao Mercado Público Municipal de Porto Alegre. Um espaço constituído de inúmeras interações sociais e performances, pois é habitado por artistas de rua, camelôs, vendedores ambulantes e também por *habitués*, ou seja, moradores do centro da cidade e mesmo de outros bairros que fazem dali um espaço de trocas e sociabilidades. Esta feira era constituída por uma rede informal de pessoas de muitas partes da cidade, em geral desempregados, que todos os finais de tarde montavam no largo do mercado uma estrutura precária de vendas para alimentos também precários. Era um espaço improvisado de vendas, em caixotes ou tabuleiros (Vedana, 2005), e os produtos da venda eram frutas e legumes em processo avançado de amadurecimento, algumas inclusive estragadas. Esta parecia ser a última possibilidade de consumo para estes alimentos, que se não fossem vendidos para uso imediato, só poderiam ir para o lixo. Nas suas táticas de venda, destinadas certamente para as classes populares, os vendedores atribuíam utilidades para as frutas que já haviam passado do ponto: “esse abacaxi tá ótimo para fazer suco, olha só senhora!”.

Estes alimentos eram, portanto re-significados no contexto da Feira de Pedra, e a eles eram agregados novos valores. Digo novos valores, pois estes alimentos eram oriundos da CEASA/RS, ou melhor, de sobras da CEASA que,

⁶² Em outro artigo, desenvolvi uma breve análise deste mercado buscando uma interface entre as teorias da performance e a antropologia urbana. Vedana, Viviane. *É só um real! Performatividades do comércio informal de alimentos no Largo Glênio Peres, em Porto Alegre*. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2005. Revista *Iluminuras* nº 76.

⁶³ A Feira de Pedra foi encerrada pela Secretaria Municipal de Indústria e Comércio em 25 de julho de 2005, a partir de negociações com os próprios vendedores que passariam por um processo de “reciclagem” e depois disso seriam alocados em outras feiras-livres da cidade. Mais tarde soube por informantes da Feira-Livre da Epatur das dificuldades que estes vendedores estavam tendo para adaptarem-se a dinâmica da feira-livre.

conforme havia informado um dos feirantes, não haviam sido vendidas para o supermercado que encomendou⁶⁴.

Obviamente que o fato desta feira ter sido desativada no centro da cidade não significa que este comércio chamado “irregular” pela Prefeitura Municipal tenha desaparecido. Um passeio pelo centro da cidade é suficiente para encontrarmos bancas esparsas de venda destes alimentos “de procedência desconhecida” como afirmavam os jornais da época, e alguns dias na semana podemos observar novas aglomerações destes grupos de vendedores no largo do mercado. Este fenômeno da Feira de Pedra, que volta e meia se reorganiza no centro da cidade é bastante paradigmático para pensarmos tanto a relação entre imagens de abundância de alimentos vinculadas à cidade e a escassez dos mesmos em termos do difícil acesso por parte de determinadas camadas da população, quanto o que afirmei no capítulo inicial desta tese a respeito da tecitura de laços sociais no meio urbano pela via dos simbolismos do alimento.

A população que compunha a Feira de Pedra, sejam os vendedores ou os compradores, estavam lidando com as sobras dos alimentos da CEASA/RS, o que não seria adequado para a venda em estabelecimentos comerciais como os supermercados ou mesmo as feiras-livres regularizadas pela prefeitura. Não seriam adequados inclusive para os programas de assistência social desenvolvidos pela própria CEASA/RS. Por isso, ali eram vendidos alimentos a um preço baixíssimo e destinados a um uso imediato. Mesmo assim, muitas pessoas passavam por ali comprando.

Se os significados e valores atribuídos a estes alimentos eram reelaborados na conformação de um mercado de rua com estrutura precária e improvisada, com seus trabalhadores sempre prontos para uma rápida dispersão caso a fiscalização da prefeitura chegasse, a relação entre abundância e escassez era também re-significada. Esta forma de comércio irregular de alimentos constituiu-se numa estratégia destes grupos de classes populares se inserirem na própria dinâmica do sistema mundial (Sahlins, 2003) de circulação de alimentos, a partir de um lugar bem específico, atravessando esta imagem de abundância de alimentos que chegam na cidade – já que boa parte deles não

⁶⁴ Isto me foi informado rapidamente por um dos feirantes. Durante a ação de desativação desta feira pela prefeitura municipal, poucas informações sobre a procedência destes alimentos foram divulgadas pelos jornais locais.

vivem num contexto de fartura – mas ao mesmo tempo usufruindo dela na medida em que agenciavam as sobras estabelecendo um mercado de rua, com suas bancas de vendas, com as sonoridades dos anúncios, com as ofertas e descrições dos alimentos, com a circulação da moeda e do alimento.

Sob um outro aspecto, o laço que une os compradores deste mercado de pacotes de alimento a um real com os fregueses das feiras-livres e *marchés*, e mesmo dos supermercados e armazéns não é necessariamente uma relação de cálculo custo-benefício/preço-qualidade ou apenas uma questão de estilo de vida. Este vínculo evidencia-se justamente a partir do gesto de nutrir, de escolher os alimentos que vão abastecer a casa e serem transformados em comida fazendo durar biológica e simbolicamente a vida. O contato com o alimento - apalpar, cheirar, observar cores e formas - se dá através de seqüências de gestos agenciados tanto pelos fregueses que compram alimentos para suas casas, como pelos meninos e meninas, mulheres e homens que recolhem estes alimentos do chão. Seguindo Leroi-Gourhan (1975) a matéria do alimento demanda um gesto de manipulação que já anuncia seu desdobramento em uma refeição. É um equívoco acreditar que estes grupos que pedem, trocam trabalho por alimentos ou recolhem as sobras o fazem indiscriminadamente. Neste sentido é que penso estes gestos também como gestos de escolha veiculados pelos simbolismos do alimento, que evocam as imagens da intimidade (Bachelard, 1990) da matéria em termos de suas potencialidades de transformação em comida.

As constelações de imagens (Durand, 2001) que orientam estes gestos de compra, estão também orientando os gestos de coleta dos alimentos que caem no chão, nas feiras-livres, bem como as negociações entre feirantes, fregueses e estes grupos de pessoas que participam dos mercados de rua na condição de justamente de estabelecer negociações para a aquisição de seus alimentos. No conjunto destes gestos, os simbolismos do tempo cíclico (Durand, 2001), as imagens da intimidade (Bachelard, 1990) e da descida digestiva (Durand, 2001) estabelecem o contraponto com as imagens do progresso técnico e a abundância segue as formas sensíveis dos prazeres de Gargantua e da estética do grotesco (Bakhtin, 1996).

Estas imagens da intimidade a que me refiro aqui são evocadas por algumas crônicas em vídeo que compõem o capítulo quatro desta tese, onde aparecem representadas seja na forma da "prova" dos produtos da feira

oferecidas pelos feirantes a seus fregueses, seja nos planos fechados nos detalhes de alimentos e suas formas, evocando assim sua matéria e o gesto de manipulação que esta matéria demanda. Trata-se na verdade de um devaneio, de uma imaginação da interioridade e das profundezas do alimento e suas potencialidades íntimas, conforme diria Bachelard (1990) para quem “toda matéria imaginada, toda matéria meditada, torna-se imediatamente a imagem de uma intimidade” (Bachelard, 1990:03). Assim, ao gesto que descobre o alimento em suas formas pelo tato, associa-se a visão que tenta desvendar o interior das substâncias e imagina o “dentro”, o íntimo de tal matéria e lá localiza todo o Universo.

Ainda de acordo com Bachelard: “de uma maneira geral, cortar um fruto, uma semente, uma amêndoa, é preparar-se para sonhar um universo. Todo o germe de ser é germe de sonhos.” (Bachelard, 1990:25). Este desvendamento íntimo das coisas, no caso aqui do alimento, de devaneio nas formas e potências interiores da matéria que se desdobra dos gestos relativos ao tato, olfato, gosto e visão aponta para a imaginação da transubstanciação (Bachelard, 1990) na medida em que evoca a interiorização desta matéria através do ato de comer. Neste sentido é que as imagens da intimidade estão relacionadas à própria imaginação da duração (Bachelard, 1988), na medida em que as imagens da “descida ao infinitamente pequeno da substância” (Bachelard, 1990: 26) rebatem nas imagens da interiorização da matéria pois “ao sonhar a profundidade, sonhamos a nossa profundidade. Ao sonhar com a virtude secreta das substâncias, sonhamos com o nosso ser secreto. Mas os maiores segredos de nosso ser estão escondidos de nós mesmos, estão no segredo de nossas profundezas” (Bachelard, 1990:39).

Gilbert Durand (2001) também adere a estas imagens da intimidade (Bachelard, 1990) para pensar o tempo em sua feição cíclica. Assim, ao referir-se à imagem da descida digestiva como “assimilação do devir” (Durand, 2001:201), o autor adere ao pensamento bachelardiano do devaneio na intimidade da matéria. Esta assimilação do devir através da imaginação relacionada à intimidade da matéria apóia-se no caráter de transubstanciação atribuído ao alimento e a alimentação, ou seja, na possibilidade de pela interiorização/ingestão da matéria tornar-se outro, ou como aponta Bachelard (1988), durar. Para Gilbert Durand (2001) “a afirmação da substância, de sua indestrutível intimidade subsistindo

para além dos acidentes, só pode ser feita por esta tomada de consciência da assimilação digestiva (...) o princípio de identidade, de perpetuação das virtudes substanciais, recebe o seu primeiro impulso da meditação da assimilação alimentar, assimilação sobredeterminada pelo caráter secreto, íntimo de uma operação que se efetua integralmente nas trevas viscerais” (Durand, 2001:257). Como veremos em outro capítulo, as imagens desta descida digestiva, quando pensadas em termos do trabalho de campo, estão associadas às artes de nutrir (Certeau, 1996) em termos das adesões as feições cíclicas do tempo.

No interior destas artes de nutrir (Certeau, 1996) estão as motivações simbólicas da fome. Quem compra alimentos não está simplesmente provisionando a despensa da casa, está alimentando o desejo de comer, de se nutrir, de dar ensejo a situações de comensalidade. Motivações simbólicas também presentes nas táticas do fraco (De Certeau, 1994) dos vendedores e compradores da Feira de Pedra, dos meninos e meninas que trocam seu trabalho por alimentos nos mercados de rua.

A fome, neste sentido, também se apresenta como um laço entre os diferentes sujeitos que conformam o mercado de rua, a fome não apenas como necessidade básica, como satisfação de um imperativo de ordem biológica, mas como desejo de comer, de se alimentar. O gesto veiculado pelo desejo da fome não está, assim, orientado por uma razão prática (Sahlins, 2003) de suprir as demandas do estômago, mas é veiculado pelos esquemas simbólicos da assimilação digestiva (Durand, 2001), da transubstanciação da matéria e da transformação e interioridade (Bachelard, 1990; Durand, 2001). Segundo Durand (2001) e Leroi-Gourhan (1975) todo o gesto exige uma matéria. No caso dos gestos que compõem este estudo, a sua matéria é o alimento e suas potencialidades em termos da transformação em comida⁶⁵.

Daí me remeto a impossibilidade de uma Fome Zero⁶⁶. A idéia de nenhuma fome, de uma fome zero pode ser encarada como a morte, no sentido de nenhum desejo, de nenhuma continuidade ou esforço de continuidade da vida, nos termos

⁶⁵ Inúmeros estudos da área da Antropologia da Alimentação abordam as diferenças simbólicas entre os termos alimento e comida, sendo atribuída no mais das vezes ao segundo a característica de representação cultural. Para o caso desta tese, é justamente o alimento antes de virar comida o foco da atenção no que concerne as motivações simbólicas dos gestos de nutrir nas escolhas dos alimentos, na circulação da palavra, na constituição de laços sociais. Entre estas obras podemos destacar: Fischler, Claude *L’Homnivore* (1993) como uma das principais fontes de diálogo desta tese.

⁶⁶ Programa do Governo Federal, vinculados a FAO e a UNESCO para o combate a fome no país, sobretudo na região nordeste.

de Georg Simmel, seria a “não-vida” (apud Eckert, 2007: 75). Essa idéia de uma fome zero não permite a ritmicidade cíclica veiculada pelos simbolismos do alimento, pois ela é plena. É claro que as formas são diferentes: existe a fome da desnutrição infantil, a fome de quem não come todos os dias, a fome que mata o indivíduo biológico. Mas essa fome é puramente biológica? De tão avassaladora e cruel deixa de ter caráter simbólico? Será essa uma fome de nutrientes, de proteínas e calorias? Penso que mesmo a fome da morte é uma “fome de quê”? (Maciel, 2003:01).

A tecitura a que gostaria de chegar ao final desta tese, mas agora parcialmente neste final de capítulo, é que mesmo a fome que mata precisa ser saciada simbolicamente, também necessita da constituição de laços sociais para garantir a duração (Bachelard, 1988) da vida em seus ciclos cósmicos. Josué de Castro⁶⁷, há mais de cinquenta anos atrás, elaborou uma extensa obra dedica ao problema da fome. Estudou não só as regiões do Brasil, mas a fome também em outros países e suas causas, indicando a construção da fome como um fenômeno social, ou seja, não se trata meramente de escassez de recursos naturais, agrícolas ou mesmo de condições climáticas relacionadas à produção de alimentos.

A fome é um fenômeno vinculado a estruturas de poder, a concentração de renda e de propriedade, a desigualdade de condições de vida de boa parte da população mundial. Em 1951, no livro *Geopolítica da Fome*, o autor afirma categoricamente que a fome existente no mundo e, sobretudo no Brasil, estava baseada principalmente na extrema desigualdade econômica entre as civilizações (Castro, 1951), “na verdade, até as grandes descobertas da técnica moderna, não era possível conceber-se outro tipo de civilização senão este, no qual a maioria dos homens devia ser irremediavelmente esmagada pelo peso da miséria e da fome. Mas hoje, com as forças da natureza postas a serviço da produção em massa, surge, pela primeira vez na história, um tipo de sociedade na qual a pobreza pode ser suprimida e, com ela, a miséria e a fome” (Castro, 1951: 259). Esta afirmação, feita em 1951 é de uma atualidade constrangedora.

⁶⁷ Entre suas obras encontram-se: *Geografia da Fome, a fome no Brasil* (1948); *Geopolítica da Fome, ensaio sobre os problemas de alimentação e de população no mundo* (1951); *Alimentação e Raça* (1936); *A Alimentação brasileira à Luz da Geografia Humana* (1937); *O Livro Negro da Fome* (1960).

Ao ler Josué de Castro e sua teoria sobre o subdesenvolvimento, a pobreza e a miséria, sobre as causas e as formas da fome, e principalmente a clareza com que aponta soluções para este problema, vinculadas ao que chamou de economia humanizada (Castro, 1951), ou seja, voltada não para a maximização dos lucros e das rendas, mas para a construção de um bem estar coletivo (Castro, 1951), fica-se com a angustiante reflexão de que a produção da fome de alguns ao longo destes anos tem servido à alimentação de outros. Mesmo Josué de Castro (1951) apontava a fome e a miséria como substrato da riqueza. Cabe à Antropologia, neste caso, problematizar as formas como este problema dura no tempo (Bachelard, 1988) no próprio paradoxo de um crescente desenvolvimento tecnológico que estaria destinado a construir soluções para a fome no mundo. Voltamos, assim, às imagens de um tempo progressista (Durand, 2001) e, portanto, avassalador que constrange a própria duração (Bachelard, 1988), no sentido das descontinuidades e ritmicidades do viver coletivo. O esgotamento dos solos, como apontou Josué de Castro (1951), o incentivo a culturas de exportação causadoras de economias dependentes, o aumento nos custos de produção apresentadas por Leslie Sklair (1995), entre outros vários fatores são alguns efeitos desta sobredeterminação das imagens (Durand, 2001) do avanço tecnológico que se voltam a uma negação da duração, ou seja, à constante produção da fome e da morte.

No plano do cotidiano, as táticas do fraco (De Certeau, 1994) surgem como formas de lidar com esta impossibilidade que mesmo políticas públicas e programas de combate à fome não tem conseguido resolver, já que se trata de um problema estrutural de uma sociedade mergulhada em desigualdades de condições de vida e no caso do Brasil, à sistemática perversidade de uma democracia disjuntiva (Caldeira, 2003). Nas discussões de organismos internacionais – como a FAO, a ONU e a UNESCO, por exemplo – e os governos federais para a construção de estratégias de combate à fome, para a elaboração das Diretrizes Voluntárias⁶⁸ em apoio à concretização do direito a alimentação⁶⁹ –

⁶⁸ Sobre as Diretrizes Voluntárias para a concretização do Direito a Alimentação ver o site http://www.fao.org/righttofood/vg/about_fr.htm onde encontramos o seguinte: "Les Directives volontaires ne sont pas en elles-mêmes juridiquement contraignantes, mais elles s'appuient toutefois sur le droit international et donnent des indications sur la mise en œuvre d'obligations existantes. Elles s'adressent aux États parties au Pacte international relatif aux droits économiques, sociaux et culturels, de même qu'aux États qui doivent encore le ratifier, mais aussi aux parties prenantes désirant défendre une meilleure application du droit à une alimentation à l'échelle nationale".

um direito inserido no contexto da Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948 – para a efetivação de programas de Segurança Alimentar em diversos países, as discursividades direcionam-se à solução destes problemas estruturais como, por exemplo, a promoção da reforma agrária, uma melhor distribuição de renda, a garantia de acesso a recursos básicos de moradia, educação, saúde, emprego e alimentação, tendo como referência as obras de Josué de Castro. Mas durante as celebrações do Dia Mundial da Alimentação⁷⁰, comemorado em 16 de outubro de 2007, as notícias que podiam ser lidas na internet diziam o seguinte:

"A América Latina não é um continente pobre, é um continente injusto" e "desigual", afirmou o secretário-geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), José Miguel Insulza.

<http://br.noticias.yahoo.com/s/16102007/40/mundo-conferencia-roma-destaca-desigualdade-maior-problema-latino-americano.html>

Genebra, 16 out (EFE) - O relator especial da ONU para o Direito à Alimentação, Jean Ziegler, criticou hoje a incoerência da comunidade internacional por permitir que milhões de pessoas morram de fome quando existem meios para evitar estes casos. Em mensagem divulgada por ocasião do Dia Mundial da Alimentação, Ziegler aponta o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM) e a Organização Mundial do Comércio (OMC) como organismos que "destroem a proteção do direito à alimentação". "Enquanto todos os países reconheceram o direito à alimentação na Conferência Mundial sobre a Alimentação, 150 nações são membros do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, e 192 ratificaram a Convenção sobre os Direitos da Criança, ao mesmo tempo em que se comprometem com políticas comerciais prejudiciais que atentam contra os direitos humanos em outros Estados", explicou.

<http://br.noticias.yahoo.com/s/16102007/40/mundo-relator-da-onu-critica-comunidade-internacional-permitir-mortes-fome.html>

Diante destes impasses, a vida cotidiana segue seus arranjos e rearranjos coletivos, os habitantes da cidade continuam fazendo as compras alimentares da semana, os grupos de pobres urbanos (Zaluar, 1985) elaboram suas táticas de aquisição de alimentos. Nestas imagens do cotidiano, nos gestos e práticas dos

⁶⁹ "Le droit à l'alimentation peut être défini comme le droit d'avoir un accès régulier, permanent et libre, physique ou économique, à une nourriture quantitativement et qualitativement adéquate et suffisante. Ce n'est pas le droit à être nourri, mais le droit de se nourrir dignement. Cependant si des individus, pour des raisons indépendantes de leur volonté, sont privés de tout accès à la nourriture, alors par respect du droit à la vie les États ont l'obligation de leur fournir une nourriture suffisante pour leur survie". Consultado em 24/10/2007 no site : http://www.fao.org/righttofood/vg/about_fr.htm

⁷⁰ "Patrocinado pela FAO, o Dia Mundial da Alimentação é celebrado todo dia 16 de outubro, há 27 anos, em 150 países, onde são organizados eventos para denunciar a situação de crise de fome no mundo e para permitir que todas as pessoas tenham acesso à alimentação". Dados do site:

<http://br.noticias.yahoo.com/s/16102007/40/mundo-fao-pede-compromisso-combater-fome-no-mundo.html>

Consultado em 16/10/2007

sujeitos é possível também aprender algo sobre a fome, para além das questões de ordem econômica, relacionadas a um sistema mundial de produção e distribuição de alimentos. No interior do mercado de rua e das relações que ali se desenrolam, veiculadas pelos simbolismos do alimento, nos gestos que se repetem a cada dia de feira, saciar a fome significa também estar inserido em uma rede de relações, de laços de reciprocidade. As negociações e a troca de um trabalho por alimento que fazem parte das táticas do fraco (De Certeau, 1994) evidenciam a importância de um lugar de ação destes sujeitos na tecitura de laços que ultrapassam a mera caridade ou assistência social.

Obviamente que existem situações extremas de miséria, pobreza e morte relacionadas à fome, e que demandam soluções de caráter emergencial⁷¹ para evitar ainda mais mortes. Mas seguindo os escritos de Marcel Mauss em *Ensaio sobre a Dádiva* (2003) cabe ficarmos com a pergunta se é suficiente garantir a nutrição biológica do indivíduo, colocando-o como sujeito que apenas recebe doações, que não participa de um circuito de trocas sociais de forma abrangente e democrática, no sentido pleno das políticas de direitos humanos. Dentro de um sistema de relações, de redes de reciprocidade e solidariedade, como o fazer etnográfico me possibilitou observar para além do meu próprio ato cotidiano de cliente nos mercados de rua, a fome não unifica os seres humanos apenas em uma dimensão de necessidade básica de sobrevivência, mas também e principalmente, na dimensão simbólica do desejo de se nutrir, compartilhando laços sociais integradores destes sujeitos numa ritmicidade cíclica (Durand, 2001) do corpo coletivo urbano (Maffesoli, 1988).

⁷¹ As imagens da fome e da morte não nos são estranhas. Fotografias de crianças morrendo de fome, raquíticas, na África já circularam o mundo, e atualmente existem muitos vídeos no youtube que veiculam estas imagens para o mundo. A própria Onu lançou um concurso de vídeos sobre a fome a serem veiculados no youtube com o objetivo de fazer com as pessoas “pensem sobre a fome”.

CAPÍTULO 4

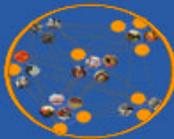
Constelações de Imagens - DVD



O TEMPERO DO MERCADO
documentário etnográfico - 20min



POÉTICA DA RUA NA PALAVRA PRONUNCIADA
documentário etnográfico sonoro



CAPÍTULO 4
crônicas etnográficas



Capítulo 5

Mercados de rua e ambiência de fruição estética

“estes locais públicos de compras e vendas são palco de situações patéticas, grotescas, cômicas ou dramáticas; são muitas vezes a condenação do que nos propõe a existência para todas as horas do dia ou um outro lapso de tempo”.

Maffesoli, 1988:185.

O mercado de rua, como espaço de trocas e de manifestação e expressão cultural, insere-se no domínio do popular, no sentido dado a este termo por M. Bakhtin (1996) ao voltar-se às imagens de uma cultura da praça pública, dedicando-se ao estudo da obra de Rabelais, escritor que busca na tradição oral e de praça pública a inspiração de sua literatura. Neste sentido, a estética destas formas, baseada num princípio cômico (Bakhtin, 1996), coloca-se como contraponto a uma estética oficial (Bakhtin, 1996), ou seja, relacionada às estruturas de poder, por exemplo⁷². A imaginação do tempo é de grande importância, neste caso, pois a idéia de inversão apresentada por Bakhtin (1996) ao narrar uma sociabilidade de praça pública está relacionada também à forma do tempo, e à adesão às suas feições cíclicas, em contraposição a uma imagem do tempo linear. Esta adesão a uma feição cíclica do tempo relaciona-se a uma percepção de mundo pela via do riso e da jocosidade, onde “o princípio material e corporal aparece sob a forma universal, festiva e utópica. O cósmico, o social e o corporal estão ligados indissoluvelmente numa totalidade viva e indivisível. É um conjunto alegre e benfazejo” (Bakhtin, 1996:17).

Bakhtin, ao narrar as manifestações de um “realismo grotesco” (Bakhtin, 1996:17) relacionado à praça pública e ao popular, descreve uma atmosfera que rebate nas formas apresentadas pelos mercados de rua nas cidades moderno-

⁷² “Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto” (Bakhtin, 1996: 08-09).

contemporâneas. Neste capítulo, gostaria de apresentar os mercados de rua e suas diferentes feições, em termos da conformação de uma estética urbana particular, pautada nos usos da rua como palco de sociabilidades relacionadas aos simbolismos do alimento. As feiras-livres e mercados de rua estão envolvidos em uma atmosfera peculiar de compartilhamento de sentidos derivados do alimento enquanto imagem do tempo. A forma como são estruturados os espaços da rua para receber bancas de frutas e legumes, a maneira como estes alimentos estão dispostos e ordenados para atrair os fregueses, as sonoridades dos pregões e anúncios de produtos, bem como das conversações, são algumas das formas expressivas (Dawsey, 2000) que compõem a poética do mercado.

Para apresentar estas formas de uso do espaço pelos mercados de rua, opto pela descrição das diferentes ambiências percebidas nos mercados estudados ao longo do trabalho de campo e seus pontos de entrelaçamento ou distância. Esta opção parte da perspectiva de que estes arranjos de mercado (Rocha, 1994) resultam de um trajeto antropológico (Durand, 2001) das práticas e gestos de aquisição de alimentos, bem como da conformação poética de determinados territórios urbanos, que obedecem aos constrangimentos dos processos sócio-históricos das cidades que os abrigam. Neste sentido, os mercados de rua das diferentes cidades estudadas guardam especificidades que não são redutíveis entre si. Por outro lado, pensando de acordo com Gilbert Durand (2001) em termos das constelações de imagens e da sobredeterminação de imagens, é possível compreender que as feições ou formas que prevalecem não negam ou excluem outras. Como veremos a seguir, a poética do espaço (Bachelard, 2000) destes mercados adotam formas diferenciadas para expressar as imagens do tempo e os simbolismos do alimento que os veiculam. Ao invés de uma comparação entre estas diferentes feições, o desafio proposto neste capítulo será o de apresentar descritivamente estas formas e perceber seus enlaces.

5.1 Ambiência de fruição estética

O mercado de rua, como parte importante da elaboração cotidiana de uma estética urbana, pode ser traduzido em termos de uma ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996) que tensiona “a vida social demasiado penetrada por

entendimento, por cálculo, por visão mecânica (...) e engendra múltiplas manifestações de uma Razão Outra” (Maffesoli, 1996: 163). Para Maffesoli, esta Razão Outra se relaciona ao que chama de “barroquização do mundo” (Maffesoli, 1996: 154), ou seja, a adesão a uma sensibilidade compartilhada no presente onde prevalece a ambiência que enraíza o tempo no espaço (Maffesoli, 1996). Um enraizamento dinâmico que parte da Unicidade de sentidos e aparências, ou seja, onde estão em diálogo um pluralismo de imagens e maneiras de ser. Esta imagem da barroquização do mundo apresentada por Maffesoli para falar do presente e do cotidiano das cidades contemporâneas pode nos ajudar no devaneio e na imaginação das imagens de mercado nesta tese.

Viver o mercado de rua e aderir às suas formas é compartilhar de uma atmosfera que potencializa os sentidos de um prazer estético (Maffesoli, 1996) ligado à comensalidade, aos símbolos e imagens da intimidade (Bachelard, 1990). Uma ambiência que se desdobra do enraizamento do tempo no espaço (Maffesoli, 1996), nas diversas camadas de gestos que, aderindo ao ritmo cotidiano, constituem o esforço de duração das “maneiras de ser” (Maffesoli, 1996) dos mercados de rua. É a densidade destas maneiras de ser, ou das diferentes feições dos mercados de rua que conforma uma impressão de conjunto (Maffesoli, 1996) para a emoção coletiva compartilhada neste espaço e que acaba por delinear os contornos destas formas da vida social (Simmel, 1981) que compõem as grandes cidades moderno-industriais contemporâneas (Velho, 1980).

No conjunto destas formas, uma característica marcante dos mercados de rua é a agitação de seus corredores e a construção de percursos pelos fregueses, que se deslocam entre as bancas, fazem suas escolhas, encontram vizinhos e preenchem o espaço com seus carrinhos ou sacolas de compras. O espaço neste caso, não é apenas conformado pela ordenação das bancas, mas também por esta movência peculiar dos sujeitos, em pleno movimento. Da mesma maneira, a ambiência do mercado acaba por se constituir por camadas de sonoridades, sejam os anúncios dos produtos pelos feirantes, as conversas entre fregueses, as risadas e jocosidades, ou os gestos e utensílios que conformam este espaço. Uma ambiência de mercado que se apresenta através de diferentes feições, tendo em vista as formas expressivas (Dawsey, 2000) que seus *habitués*, bem

como o próprio lugar em que se encontram, adotam para se dar a ver como corpo coletivo (Maffesoli, 1996).

5.2. Formas e estéticas do espaço

Os mercados de rua e feiras-livres são em geral identificados a partir do nome do lugar que os abriga. Assim, se perguntamos a um habitante da cidade qual o supermercado que ele frequenta, a primeira resposta se refere a rede a qual o supermercado pertence – no caso de Porto Alegre seria Záfari, ou Nacional, etc. – e só depois à localização espacial do estabelecimento na cidade é referida. Enquanto que para os mercados de rua, a referência a seu território de pertença já aparece no nome que lhe é atribuído – *Mercadão do Largo Zumbi*, *Marché Maubert*, *Marché Belleville*. Neste sentido, como veremos em outro capítulo, os mercados de rua têm uma relação estreita com os bairros que os abrigam em termos das formas expressivas (Dawsey, 2000) que os configuram. Cabe aqui salientar, entretanto, que este pertencimento dos mercados a certos territórios da cidade revelam dimensões importantes das formas de sociabilidade no cotidiano urbano, bem como da adesão de seus habitantes às ambiências efervescentes dos mercados⁷³.

Na feira-livre que acontece no Largo Zumbi dos Palmares, em Porto Alegre, o *Mercadão do Produtor* como é chamada pelos feirantes que a compõem, esta efervescência ocorre todos os sábados pela manhã, tendo seu ápice por volta das 10 horas. Trata-se de uma feira bastante extensa que ocupa praticamente todo o espaço do Largo que é de aproximadamente 200 metros de comprimento por 45 metros de largura – restando apenas alguns metros destinados a estacionamentos de veículos de fregueses vindos de outros bairros. O nome de *Mercadão* faz jus a sua complexidade: mais de 100 bancas são organizadas no Largo nas madrugadas de sábado para, às 7 horas da manhã, estarem prontas para a venda.

⁷³ Em algumas cidades do interior o mercado livre é um momento de forte sociabilidade da vida pública. Cornelia Eckert que pesquisou durante 4 anos na cidade francesa de *La Grand-Combe*, relata que os moradores consideravam o próprio ato de ir à feira como o ato de escutar rádio, pois era a única maneira de ter notícias um dos outros, uma vez que a cidade em decadência industrial não possuía uma rádio local (Eckert, 1993).

A conformação do espaço em extensos corredores propícios à circulação de muitas pessoas ao mesmo tempo demarca o “dentro” e o “fora” do mercado, criando uma certa territorialidade onde o espaço retangular delimitado pelo largo e pela disposição das bancas é vivido de forma circular pelas pessoas que o percorrem. Esta interpretação de que o espaço retangular do mercado é vivido de forma circular por seus *habitués* decorre de algumas experiências de campo relacionadas ao “ir à feira” com alguns informantes desta pesquisa, em Porto Alegre. Um dos primeiros estranhamentos relacionados a este uso e apropriação do espaço referiu-se aos locais de entrada e saída da feira-livre do Largo Zumbi. A conformação das bancas no Largo Zumbi cria, nas esquinas deste, espaços de entradas e saídas, mas que nem sempre são utilizadas pelos fregueses⁷⁴, que acabam entrando no Mercado por entre as bancas, seguindo ainda as ritmicidades do espaço de um tempo outro⁷⁵. Já no interior do mercado, o devaneio nas imagens da intimidade do alimento, combinada às fidelidades dos fregueses a determinadas bancas constrói percursos particulares, que os levam a não percorrer todo o espaço, e sim parar em pontos determinados, voltar, retomar o curso do caminho, etc. Assim, mesmo que a forma geométrica do Largo Zumbi seja retangular e que as bancas do mercado se apropriem desta forma para se configurar no espaço do Largo, a experiência de circulação que se dá em seu interior não é a de caminhos e ângulos retos, mas muito mais a forma circular ou elíptica, onde as “esquinas” transformam-se em curvas. Esta forma de uso do espaço é ainda exacerbada pelos grupos de meninos e meninas que vão à feira atrás de um biscoito ou das sobras, pois além de “circularem” pelo espaço da feira, ainda circundam os fregueses na tentativa de trocar seu trabalho por alimentos.

De acordo com Durand (2001), o espaço circular, presente nos conjuntos de símbolos do jardim, do fruto, do ovo e do ventre, potencializa as volúpias da

⁷⁴ Em uma das crônicas em vídeo do capítulo quatro é possível observar Dona Geni e Dona Jane entrando no Mercado pelas laterais, atravessando o espaço entre uma banca e outra. O que é interessante de se observar é que o Largo Zumbi situa-se na Perimetral Loureiro da Silva, uma via de trânsito intenso da cidade de Porto Alegre. Uma das entradas na feira-livre localiza-se justamente na esquina onde existe um semáforo que regula os tempos de pedestres e de automóveis, garantindo a segurança ao atravessar a perimetral. Mesmo com este trânsito intenso da Perimetral, muitos fregueses como Dona Geni preferem ainda usar caminhos “alternativos”, associados a suas memórias deste território que em outros tempos não abrigava uma perimetral.

⁷⁵ Como veremos em outro capítulo, este território do Bairro Cidade Baixa sofreu intensas modificações, levando-o à feição que tem hoje. No entanto, “no tempo em que” a Perimetral Loureiro da Silva ainda não havia sido aberta como via de circulação em Porto Alegre, as formas de habitar este espaço eram diferenciadas.

intimidade (Durand, 2001), ao se redobrar dos simbolismos do continente. A forma circular ou o recinto fechado veiculam o sentimento de intimidade (Durand, 2001), também presente no gesto de nutrir. Esta circularidade do espaço se desdobra também no simbolismo cíclico veiculado pelas imagens dos alimentos e os conjuntos de gestos que esta matéria demanda, reafirmando seu o poder de eterno recomeço. Como veremos adiante, a dinâmica de um movimento circular por entre os corredores do mercado de rua se apresenta a partir de feições diferenciadas que marcam a ritmicidade destas práticas no cotidiano urbano. No caso do Mercado do Produtor do Largo Zumbi dos Palmares, a extensão de seu território, combinada com a grande transformação que sofre este espaço nos dias de feira, acaba potencializando estes simbolismos cíclicos (Durand, 2001), marcando no próprio espaço do bairro em que se situa um acontecimento particular.

O Largo Zumbi dos Palmares situa-se na fronteira entre os bairros Cidade Baixa e Centro, em Porto Alegre, na Avenida Loureiro da Silva, primeira perimetral da cidade. É um espaço marcado por diversas manifestações culturais, como a Semana da Pátria, Semana Farroupilha e Semana da Consciência Negra, além de ser um território de referência para os religiosos de matriz africana. Por este motivo é que ganhou o nome de Largo Zumbi dos Palmares, como uma homenagem ao líder negro, já que se chamava até a década de 1990 “Largo da Epatur”, por abrigar a Empresa Portoalegrense de Turismo. Trata-se de um território que passou por diversas intervenções urbanas e atualmente está entre os espaços da cidade que receberia um terminal de ônibus, dentro do “Projeto Portais da Cidade”, proposto pela prefeitura de Porto Alegre, que está sendo amplamente debatido e recusado pela população, especialmente moradores do Bairro Cidade Baixa, pelos feirantes do Mercado do Produtor, por adeptos do Movimento Negro e por religiosos de matriz africana.

Nos próximos capítulos tratarei especificamente da importância deste território para a memória coletiva da cidade de Porto Alegre, vinculado a diferentes práticas de uso do espaço público. Para este capítulo, centrado na experiência estética (Leroi-Gourhan, 1975) compartilhada na ambiência do mercado, apresento o Largo Zumbi dos Palmares como um dos aspectos a partir dos quais compreender o próprio fenômeno do Mercado do Produtor e as formas sensíveis da vida cotidiana (Sansot, 1986) que dele se desdobram no interior da

vida urbana de Porto Alegre. É claro que esta experiência estética (Leroi-Gourhan, 1975) é resultado dos efeitos de consolidação temporal (Rocha, 1994) de gestos e práticas relacionadas a este território, portanto esta separação é meramente uma opção de tecitura narrativa relacionada ao conjunto deste trabalho.

Ao situar-se neste cruzamento de bairros centrais de Porto Alegre, e ainda em uma avenida perimetral, o Largo Zumbi dos Palmares é um lugar de fácil acesso para os habitantes da cidade. Nos dias comuns da semana, ou seja, que não são movimentados nem pela feira-livre, nem por manifestações culturais ou datas festivas, o Largo permanece vazio, apenas com alguns carros estacionados, ou com o trânsito ocasional de pedestres. O final do dia de sexta-feira, no entanto, já anuncia o retorno da ambiência do mercado de rua para este espaço, pois alguns feirantes do interior do estado que chegam antes, já se instalam por ali. Por volta das quatro, cinco horas da madrugada começam a chegar mais feirantes e instalar suas bancas, o enorme espaço do Largo se transforma completamente no Mercadão do Produtor, com suas inúmeras bancas de lonas amarelas e com a grande variedade de produtos que oferece aos seus freqüentadores – que vão desde hortifrutigranjeiros até roupas, guardanapos e bonecas de pano, passando pela ração de cães e gatos, carnes, temperos e lanches. Ao raiar do dia, o Largo já foi tomado completamente pelas bancas, vários fregueses já circulam pelo mercado, e se o dia está ensolarado, ganham destaque as formas dos alimentos quase que displicentemente colocados em enormes quantidades em cima das bancas. Até o final da feira, que é em torno das 13 horas da tarde, o mercadão já recebeu muitos e muitos fregueses, de diversos bairros da cidade.

A composição de uma ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996) no interior das práticas da feira-livre do Mercadão do Produtor se desdobra de diversos aspectos: o amplo espaço do mercado e o constante movimento de fregueses que percorrem seus corredores buscando suas bancas preferidas, cuidando preços, negociando com feirantes, a estética desordenada das bancas sempre reabastecidas de frutas, verduras, legumes, queijos, carnes, flores e os mais diversos produtos com suas cores e odores, as camadas de sonoridades que preenchem também o espaço com as conversas e diálogos, jocosidades e brincadeiras, com os anúncios dos produtos. A transfiguração do Espaço do

Largo Zumbi dos Palmares nesta ambiência do mercadão é resultado da combinação temporal – no tempo que se desenrola do início ao fim da feira, e no tempo da semana pontuado pela existência da feira-livre aos sábados – de uma composição do espaço efetivada pela montagem das bancas e pelos percursos dos freqüentadores, pela forma como os alimentos são dispostos em cima das bancas e principalmente pelas negociações e conversas entre fregueses e feirantes, pela performance oral que anuncia o produto, pela agitação do movimento dos corredores.

Os sentidos compartilhados entre os freqüentadores do mercadão dizem respeito a uma sociabilidade de final de semana, de viver um tempo lento, distendido nos encontros entre vizinhos, na conversa com feirantes, no planejamento das compras da semana. Toda a estética do lugar convida ao mergulho nas formas compostas pelos mais diversos alimentos que evocam as imagens da abundância, tendo em vista as quantidades que são oferecidas ao olhar do freguês. Juntem-se a isso as sonoridades dos anúncios dos produtos, sempre envolvendo um tom jocoso, uma brincadeira com o cliente ou mesmo com outros feirantes. Os diálogos entre bancas são bastante freqüentes durante o dia de feira. Não estão deslocadas destas imagens os conjuntos de gestos das táticas do fraco, pois as crianças em busca de um biscate também circulam pelo interior do mercado, em duplas ou trios, com seus movimentos agitados e seu olhar atento, rindo ou correndo, andando em torno dos clientes, negociando. Ainda podemos observar os vendedores ambulantes com diversos produtos, desde antenas de TV e pequenas bugigangas, até cadeiras de praia, guarda-chuvas, cintos e outras coisas.

A emoção coletiva (Maffesoli, 1996) compartilhada entre os sujeitos que compõem o mercado tem correspondência com as imagens bakthinianas da estética do grotesco (Maffesoli, 1996), com as formas de sociabilidade da praça pública que se estabelecem a partir da inversão dos valores estabelecidos (Bakthin, 1996). A adesão às formas sensíveis (Sansot, 1986) do mercado de rua significa a adesão a uma ritmicidade do tempo cíclico, permeada pelas imagens do alimento em seu sentido de continuidade da vida, de vir a ser. Dispostos nas bancas da feira-livre, estes alimentos já trazem em si a dinâmica deste circuito, de um lado evocando as imagens de sua origem - seja a produção agrícola feita na região metropolitana de Porto Alegre, seja os galpões da CEASA/RS e seu trajeto

nacional ou internacional - e de outro inspirando as artes de nutrir (Certeau, 1996) e os gestos de manipulação da matéria (Leroi-Gourhan, 1975) de quem os terá em casa.

Estes simbolismos do alimento e os conjuntos de imagens que evocam um tempo cíclico que descrevi aqui como parte da ambiência do Mercado do Produtor que ocorre no Largo Zumbi dos Palmares são compartilhados também no contexto de outros mercados de rua, a partir de diferentes feições. O Mercado é realizado pela Associação dos Usuários do Mercado do Produtor, composta por mais de 100 feirantes ou comerciantes⁷⁶ que se dividem em grupos para atuar em diferentes espaços da cidade. No sábado pela manhã, além da feira-livre no Largo Zumbi dos Palmares, a Associação organiza outra feira, também em um Largo que serve de estacionamento para o Estádio Olímpico, sede do Grêmio Futebol Clube, no encontro entre os bairros Medianeira, Azenha e Menino Deus. No domingo pela manhã o grupo de feirantes que faz a feira no Largo Zumbi dos Palmares desloca-se para a Zona Norte de Porto Alegre, atuando numa das ruas subjacentes à Avenida Assis Brasil, e o grupo de feirantes que organiza o mercado de rua no estacionamento do estádio Olímpico desloca-se para o Bairro Cavallhada, na Zona Sul da cidade, nas proximidades da Avenida Otto Niemeyer.

O Mercado do Produtor, que ocorre aos sábados e domingos pela manhã não constitui a única forma de mercado de rua que existe em Porto Alegre. Fazem parte ainda deste cenário os Hortomercados - espaços semi-fechados de venda de alimentos que ocorrem próximos a terminais de ônibus, as feiras ecológicas e as feiras-modelo, todos eles coordenados pela prefeitura municipal, com exceção do Mercado do Produtor que embora esteja sujeito as fiscalizações sanitárias da Secretaria de Saúde, bem como à concessão de espaço e alvará da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (SMIC), é totalmente organizado e regulado a partir das regras estabelecidas pela Associação.

A escolha do Mercado do Produtor como grupo privilegiado nesta etnografia não se deu de forma aleatória, mas mediada por fotografias antigas de Porto Alegre que constituem o acervo do Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

⁷⁶ Nas feiras-livres de Porto Alegre, entre os feirantes, encontram-se os que são produtores do alimento que vendem, vindos do interior do estado, da região metropolitana ou mesmo de bairros afastados, caracterizados pela presença de sítios e chácaras, e aqueles feirantes que são chamados de comerciantes, pois compram alimentos na CEASA para revender, moram em Porto Alegre ou na Região Metropolitana.

Estas fotografias das imediações do Largo Zumbi dos Palmares quando este ainda nem existia, apresentavam já estas formas de comércio de alimentos ao ar livre. Neste sentido, foi uma opção por investigar os ritmos temporais (Eckert, Rocha, 2000) que conformam este território da cidade e a presença aí das práticas de mercado, bem como seus desdobramentos no cotidiano do Bairro Cidade Baixa e também na estética urbana (Rocha, 1995) de Porto Alegre. É a partir deste lugar de investigação que se desdobraram o trabalho de campo nas feiras-livres – principalmente nas feiras do Mercado, mas também em alguns momentos em Feiras Modelo e na própria Feira de Pedra – bem como a pesquisa de novas imagens de acervo.

Em Porto Alegre, as Feiras Modelo apresentam-se como um contexto bastante diferenciado das feiras do Mercado, pois possuem um número menor de bancas, em geral acontecem em uma rua pequena, em diversos bairros da cidade de terça à sábado. São feiras que têm uma fiscalização mais direta da Prefeitura Municipal, que regula desde os preços até a estética das bancas, estabelecendo tabelas de preços e número de feirantes que vendem determinado produto, além de padronizarem os aparatos utilizados para a montagem das bancas, como "saias" e lonas. Em 2005 a prefeitura instalou um novo ponto para a Feira Modelo, o largo Zumbi dos Palmares, as terças-feiras à tarde, o que gerou certo descontentamento por parte dos feirantes do Mercado do Produtor. Mesmo assim, trata-se de uma feira bem menor, que tende a atender principalmente os moradores do bairro e pessoas que estão no circuito trabalho-casa, nos finais de tarde e que passam por ali. Muitos clientes do Mercado aos sábados, também freqüentam esta feira nas terças à tarde, já pude presenciar algumas conversas onde o assunto era ou a comparação entre estas feiras – em termos de preços, de relações freguês-feirante, etc. – ou mesmo de satisfação de poderem freqüentar a feira duas vezes na semana. Muitos dos fregueses não sabem das diferenças entre estas feiras em termos da sua regulação e organização e nem mesmo em termos das disputas políticas relacionadas a elas que se dão no âmbito da Secretaria de Indústria e Comércio.

Mesmo sendo uma feira menor e com regras mais precisas sobre a apresentação dos alimentos e a estética de organização das bancas, as feiras-modelo também compartilham com o Mercado alguns aspectos desta ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996) relacionados aos simbolismos da circulação

do alimento. As feições como se apresenta esta ambiência é que diferem um pouco, principalmente no que diz respeito ao volume não só de alimentos que compõem estas feiras, como também de pessoas que por ali circulam. Além disso, a diferença de ritmicidade urbana entre uma feira no sábado pela manhã e outra na terça-feira a tarde é considerável. Nesta última, os encontros são mais fortuitos entre os freqüentadores, as compras mais ágeis, pois em muitos casos são realizadas no intervalo entre a saída do trabalho e a chegada em casa. Mesmo assim, as sonoridades dos anúncios de produtos, as conversas ao pé da banca, os carrinhos de feira sendo arrastados pelo corredor e as sacolas cheias de frutas e legumes chacoalhando vão compondo a atmosfera do mercado, junto com as cores e odores dos alimentos nas bancas. Por ser um espaço menor, e que por vezes está iluminado apenas por algumas lâmpadas no interior da banca – já que a feira se estende até a noite – a atmosfera de intimidade é potencializada.

Enquanto nas feiras do Mercado do Produtor é agenciado um esforço de composição de uma ambiência relacionada à estética do grotesco (Bakhtin, 1996) ou, como diria Michel Maffesoli (1996) baseada em uma Razão Outra relacionada a uma estética do volume e movimento das formas, as Feiras Modelo acabam por veicular uma atmosfera de proximidade e intimidade. O próprio nome Mercado do Produtor, escolhido pelos feirantes há mais de 20 anos atrás para batizar suas atividades de comércio de alimentos em Porto Alegre, demonstra uma adesão a esta estética da abundância. Com Bakhtin (1996), é possível pensar no Mercado como uma forma de comportamento estético que guarda uma concepção de mundo ligada às idéias de abundância, que derivam nas imagens do princípio material e corporal, de fertilidade e crescimento (Bakhtin, 1996) vinculados ao alimento e suas potencialidades de perpetuação da vida. A composição do espaço do Mercado com seus imensos caminhões lotados de caixas de alimentos, as bancas também lotadas de alimentos desordenadamente acomodados, as próprias sobras que caem no chão são algumas das formas que apresentam esta estética. O fazer a feira para toda a semana, na compra de grandes quantidades de comida e as próprias formas agitadas e ruidosas de percorrer a feira dos meninos e meninas que coletam as sobras aderem a esta mesma constelação de imagens (Durand, 2001). Segundo Bakhtin (1996), esta

estética do grotesco associa-se a uma atitude em relação ao tempo, concebido como um futuro ainda incompleto, em transformação (Bakhtin, 1996)

Por outro lado, a Feira Modelo foi concebida para ser justamente um modelo, para veicular uma imagem de cidade onde os espaços públicos são ordenados e com usos projetados. Segundo contam alguns feirantes do Mercado que já tiveram experiências de trabalho na Feira Modelo, quando foi criada pela prefeitura municipal na década de 90, a idéia era de que todas as feiras da cidade passassem a ser feiras modelo com o tempo. No entanto, a Associação dos Usuários do Mercado do Produtor preferiu continuar a organização original, de 1983. Dessa forma, as estéticas que compõem a ambiência de cada uma destas feiras-livres admite feições diferenciadas, e a Feira Modelo, acaba por apostar em outras estratégias, como a padronização do espaço através da semelhança entre as bancas – em termos das formas de arrumação das lonas e saias, sempre da mesma cor – e também da padronização dos uniformes. Mesmo a relação feirante-freguês acaba por se constituir de forma diferenciada aqui, ou seja, menos calcada nas relações jocosas que vemos no mercado – onde predomina a abundância – e mais voltadas para uma proximidade relacionada ao pequeno (Bachelard, 1990), a intimidade do alimento que se compra não para abastecer a casa durante a semana, mas para a realização do jantar do dia, do almoço do dia seguinte, de “uma coisinha ou outra”. Além disso, outro aspecto que contribui nestas diferentes feições entre o Mercado e a Feira Modelo é que nesta última dificilmente circulam crianças em busca de algum biscate, portanto as imagens das táticas do fraco (Certeau, 1994) são menos presentes.

É importante frisar, no entanto, que não existe uma dicotomia entre estes mercados de rua. O que acontece é que estes sentidos compartilhados em uma ou outra feira acabam adotando feições diferentes, e alguns conjuntos de imagens se sobrepõe a outros no interior desta experiência urbana. Assim, tendo em vista o que Gilbert Durand (2001) chama de polissemia das imagens, no interior da estética do grotesco (Bakhtin, 1996) do mercado estão presentes também as imagens da intimidade que são potencializadas na feira modelo, da mesma forma que esta última também é elaborada a partir das imagens de uma estética do grotesco (Bakhtin, 1996). No Mercado, as relações de fidelidade entre fregueses que há muitos anos freqüentam a mesma banca, que é

representada por eles através da frase “vi esses guris quando eram pequenos, desse tamanhinho, e agora são uns homens feitos”, também assumem caráter de intimidade e muitas vezes são os próprios feirantes que separam o produto que “tal cliente” vai preferir. Da mesma forma, um passeio pela Feira Modelo nos coloca diante das jocosidades próprias ao *métier* de feirante, para o caso daqueles que ainda assim preferem chamar seus fregueses através de anúncios e brincadeiras com as próprias formas dos alimentos, ou com piadas a respeito do dinheiro e pagamento – a clássica “vamos lá freguesia, aqui moça bonita não paga, mas também não leva” é uma delas. Trata-se de fato, da profusão de imagens que constelam (Durand, 2001) em torno dos simbolismos do alimento e que orientam os gestos e práticas que conformam o mercado como arranjo social (Rocha, 1994) e como parte de uma estética urbana.

A instalação de uma feira-livre no ambiente de uma rua ou largo representa uma quebra de continuidade na atmosfera cotidiana do bairro, criando um novo evento, estabelecendo novos percursos e novas possibilidades de sociabilidade. A instauração deste tempo do mercado mobiliza os habitantes da cidade e dos bairros a aderirem a um espaço particular e circularem por ele. Ao mesmo tempo, este evento de mercado que pontua o cotidiano do bairro é também englobado no interior deste cotidiano e passa a fazer parte dele. O conjunto destas imagens de mercado, por sua vez, acabam por falar da cidade e rerepresentá-la a partir do ponto de vista das imagens da circulação do alimento.

Porto Alegre situa-se ao sul do Brasil, é capital do estado do Rio Grande do Sul, considerado durante muito tempo (se não até os dias de hoje) como o “celeiro do país”, devido à intensidade e prioridade de sua produção agropecuária. A elaboração desta representação a respeito do estado do Rio Grande do Sul⁷⁷, bem como sua influência na constituição de uma sensibilidade estética (Rocha, 1994) das cidades gaúchas deriva da série de gestos de acomodação e assimilação do homem ao meio ambiente⁷⁸ (Durand, 2001; Rocha,

⁷⁷ Atualmente o Estado do Rio Grande do Sul é um dos maiores produtores e exportadores de grãos do país e conta com 40% de sua economia voltada para o setor industrial, dados obtidos no site <http://www.estado.rs.gov.br/> consultado pela última vez em 28 de dezembro de 2007.

⁷⁸ Ana Luiza Carvalho da Rocha, em sua tese de doutorado (1994) tratou sobre memória coletiva e estética urbana nas cidades brasileiras, em especial as cidades ao sul do Brasil, analisando as imagens e narrativas que configuram o teatro da vida urbana no Brasil. Nesta tese a estética urbana das cidades brasileiras e suas representações imaginárias são vistas a partir das acomodações temporais do homem no espaço – território que dão origem às cidades. A esta acomodação de gestos e operações materiais corresponde uma civilização de imagens que apresentam estas cidades em suas múltiplas feições. A parte IV da tese, *Du temps ondulant a l'ordre confusionnel*, trata especificamente sobre a pluralidade de motivações simbólicas

1994). O imaginário de lendas e figurações que funda a civilização urbana no Brasil e, sobretudo na região sul, como é o caso da cidade de Porto Alegre, foi amplamente estudado por Ana Luiza Carvalho da Rocha (1994) em sua tese de doutorado, por isso não me deterei aqui em analisar detalhadamente esta civilização de imagens, mas sim estabelecer um diálogo com estas imagens do ponto de vista das práticas de mercado e do simbolismo do alimento.

Neste diálogo, a interrogação que se apresenta refere-se à composição desta representação do sul como “celeiro no país” na estética da abundância apresentada pelo Mercado. Quais os jogos de imagens que, na cena urbana de Porto Alegre, evocam a memória dos gestos que lhe deram origem rerepresentando a cidade desde um ponto de vista de uma estética urbana? Como os mercados de rua, arranjos sociais derivados dos gestos que os simbolismos cíclicos do alimento veiculam, narram esta cidade?

Perambulando pela poética urbana de Sansot⁷⁹ vemos que a dimensão sensível deste fenômeno, ou seja, a forma como a combinação de cheiros, sons e odores nos tocam fazendo vibrar sensações e memórias, é a própria cidade falando de seus sentidos, de sua poética. Cabe refletir então sobre esta atmosfera dos mercados de rua que atinge os habitantes da cidade e faz perpetuar uma poética do cotidiano plena de sentidos sem, no entanto traçá-la como única verdadeira capaz de representar a cidade. A pretensão é, portanto menos austera, e mais aproximativa das esferas de significação (Sansot, 1986) da vida ordinária onde estão colocados os gestos e práticas das artes de nutrir (Certeau, 1996). Nesta perspectiva, as múltiplas feições dos mercados de rua evocam as maneiras como nas cidades contemporâneas são agenciadas formas de expressar seus traços culturais, as maneiras de viver o tempo do cotidiano e de conformar uma estética urbana.

Dessa forma é que trago aqui também a descrição de outras situações etnográficas que não ocorreram em Porto Alegre, mas na cidade de São Paulo,

que ensejam a fundação da cidade de Porto Alegre, bem como das múltiplas durações que conformam sua ambiência confusional (Rocha, 1994).

⁷⁹ Para Pierre Sansot, a vida urbana e a cidade podem ser estudadas a partir de uma abordagem fenomenológica capaz de descrever a cidade em seus sentidos múltiplos, sem reduzi-la a planos urbanísticos ou a arquitetura. A cidade, neste caso, vista sob a ótica das formas dos acontecimentos cotidianos, das escolhas dos trajetos por seus habitantes, dos usos dos espaços para além do que foram destinados pelo planejamento urbano, como repleta de sentidos e sentimentos, ganha sua dimensão poética. Para Sansot (1986) o mundo possui sentidos que devem ser recuperados e re-apresentados pela investigação científica, sem redução de seus valores perceptivos. A cidade portanto, tem uma alma e deriva em um imaginário.

bem como a experiência etnográfica na cidade de Paris, na França. A intenção de reunir às imagens de mercados de rua de Porto Alegre as experiências vividas em outras cidades vincula-se principalmente as opções metodológicas desta tese, relacionada a construção de coleções de imagens, como explicitarei no capítulo 2, tendo em vista justamente a reflexão sobre os arranjos sociais de mercado engendrados pelos simbolismos do alimento na relação com a vida urbana. Isto não significa proceder a comparações entre as cidades, mas sim desvendar como a dimensão sensível do cotidiano agenciada pelas práticas e gestos em torno do alimento configuram uma dimensão estética (Sansot, 1986) onde o comércio de alimentos ao ar livre apresenta um lugar importante.

5.3. Espaço Labiríntico

A oportunidade de filmar um documentário em São Paulo em 2004 junto com a equipe do Banco de Imagens e Efeitos Visuais permitiu que pudesse estender meu olhar sobre a estética das feiras-livres nesta capital. Mercados de frutas e legumes situados sob viadutos e escadarias testemunhavam bem o gigantismo da cidade e as estratégias inventivas de aproveitamento de espaço.

Na feira-livre da Rua Mourato Coelho, no bairro Vila Madalena, Zona Oeste de São Paulo, que ocorre aos sábados de manhã a ambiência compartilhada por seus freqüentadores está associada à constituição de um espaço labiríntico⁸⁰ (Moles, Rohmer, 1982). As bancas, dispostas ao longo da rua, ocupando em torno de quatro quadras da mesma, formam dois corredores estreitos, como que dividindo a rua em duas. O espaço de circulação de fregueses torna-se então bastante restrito, sendo que a distância entre uma banca e outra é de no máximo dois metros. A proximidade entre as bancas que conformam o corredor e as esquinas e cruzamentos configurados por sua disposição criam esta sensação labiríntica do percurso da feira-livre, estabelecendo múltiplas escolhas de caminhos e percursos a serem seguidos. Da mesma forma, os constantes

⁸⁰ Segundo Moles e Rohmer o labirinto é um espaço “no qual as paredes ou muros, sendo constrangimentos à mobilidade são ao mesmo tempo fonte de riqueza sensorial, de prazer e desprazer, de concordâncias ou discordâncias: uma longa fila de lojas na rua, uma longa fila de cestos de alimentos nas prateleiras do supermercado, um conjunto de quadros nas galerias do museu (...) fornecem a cada instante àquele que percorre *l'allée*, o corredor (...) motivações diversas para ir mais adiante, a parar, a voltar sobre seus passos (...)” (tradução livre, Moles e Rohmer, 1982:77)

pregões dos feirantes, em sotaques diferenciados e que ultrapassam as barreiras das bancas enfatizam ainda mais esta sensação de labirinto, pois ao andar pelo corredor podemos ouvir os anúncios e nem sempre identificar de onde vem.

Diferente do Mercado do Produtor em Porto Alegre, e mesmo da Feira Modelo, as feiras-livres em São Paulo possuem uma organização quase que milimétrica dos alimentos em cima das bancas. Passeando por seus corredores podemos ver, por exemplo, numa banca de verduras, brócolis e alfaces, etc, a montagem de formas com os alimentos. No caso destas verduras, são arranjadas como se fossem os tijolos de um muro que cobre a banca até quase não ser possível enxergar o lado interno da mesma. É uma bela imagem de cores e texturas combinadas que acompanha o percurso do freguês pelo corredor da feira, potencializando as qualidades sensoriais destes alimentos: o verde característico é muitas vezes multiplicado na organização destas verduras, a textura rugosa da couve-flor composta em múltiplas camadas metamorfoseia o alimento em escultura. Uma estética que se estende às cenouras e beterrabas, ao rabanete e às berinjelas. Este apelo sensorial às cores e formas dos alimentos convocam o frequentador da feira-livre ao devaneio em torno da manipulação desta matéria que é plena de transformações.

As bancas de temperos provocam ainda mais a imaginação, ao disporem delicadamente as múltiplas possibilidades de produção do gosto do alimento transformado em comida: várias pequenas bacias arranjadas lado a lado, comportam uma diversidade imensa de temperos, alguns simples – como ervas maceradas, pimentas em pó, gengibre picado – e outros elaborados a partir de misturas de ervas, pimentas e outras especiarias. As bancas de temperos são uma descoberta à parte, pois não só evocam saberes bastante específicos – como fazer, em que tipo de comida usar, qual a quantidade – mas também nos transportam para o infinitamente pequeno, para o interior de um processo de transubstanciação (Bachelard, 1947) da matéria. Uma pequena quantidade basta para transformar o gosto, e um erro de cálculo pode colocar tudo a perder.

Mas o percurso ainda não acabou e as frutas – laranjas, maçãs, pêssegos, ameixas, frutas-do-conde – também são motivos de arranjos especiais. Pequenas porções de cinco a seis laranjas conformavam pequenas pirâmides à espera de um comprador. Nada de uma montanha de laranjas e bergamotas “à vontade”, mas pequenas porções e seus preços. As vendas, neste caso, efetuam-se por

unidades e não por quilo, como é o costume em Porto Alegre. Assim, em cada banca de frutas – exceto nas bananas – os produtos são organizados em quantidades já determinadas, formando pequenas pilhas ou pirâmides, quase que imitando uma mesa posta em que podemos nos servir. E a feira continua, com suas enormes bancas de peixes e frutos do mar organizados no interior de refrigeradores que procuram manter suas características de “salubridade”, o mesmo com as carnes e seus diversos tipos de cortes. Além é claro, do famoso pastel de feira a ser consumido no início deste percurso – por aqueles que saíram de casa ainda sem tomar café – ou no fim, para “se restaurar” da jornada.

Ao me deparar com estas imagens de feira em São Paulo, decorrente de uma curta estadia na cidade, mais do que marcar as diferenças em relação às feiras-livres de Porto Alegre, a impressão – no sentido de imprimir sensações e elaborar sentidos – que me acompanhou na observação etnográfica foi a da potência criativa de feições diversas que são veiculadas pelos simbolismos do alimento. Desviando-se mais uma vez da construção de uma razão prática para explicar o fenômeno dos mercados de rua como algo relacionado a baixos preços, a uma necessidade de atender as camadas mais populares da cidade, evoco estas imagens de uma feira-livre em São Paulo para tentar compreender a complexidade da dimensão simbólica deste evento que emerge nas ruas da cidade contemporânea.

5.4 *Flannerie* nos mercados parisienses

Foi a experiência constante de etnografar a rua, ou as ruas, de Paris/França, durante o período do estágio de doutorado que possibilitou meu encontro “inesperado” com o *Marché Maubert*, no 5^{eme} *arrondissement*⁸¹. Inesperado por não estar inicialmente no plano de estudos⁸² do estágio de doutorado como um dos *marchés* passíveis de participar da pesquisa, e também porque lá conheci uma feirante brasileira, chamada Andromeide. Na Antropologia

⁸¹ Paris é dividida em 20 departamentos ou distritos, cada um com uma sub-prefeitura. Estes departamentos organizam a vida coletiva e também burocrática no sentido da presença de escolas, instituições de assistência social e de saúde e mesmo dos *marchés*.

⁸² No plano de estudos constavam alguns *marchés* indicados por antropólogos que já haviam morado em Paris e freqüentado suas feiras. Mesmo assim, estava planejada também uma experiência de etnografia de rua (Eckert, Rocha, 2001) como forma de estudo exploratório sobre os *marchés* no sentido da escolha de um ou dois para uma investigação etnográfica mais aprofundada, o que acabou ocorrendo no *Marché Maubert*.

este encontro com o Outro é fundamental e o estabelecimento de uma relação de proximidade com “um nativo”⁸³ é sempre importante para a iniciação do pesquisador na descoberta deste universo particular. Por outro lado, a experiência de Andromeide em vencer as barreiras da língua e se estabelecer como feirante, um *métier* que exige uma série de saberes relacionados à interação com o outro bem como sobre os próprios alimentos, como veremos no próximo capítulo, apresenta um ponto de vista peculiar sobre o mercado de rua. Andromeide foi uma importante interlocutora da pesquisa, na medida em que podíamos trocar considerações sobre as diferenças culturais entre Brasil e França que pudemos experimentar. Por hora, pretendo apresentar o *marché* e suas feições em termos de uma ambiência compartilhada por seus *habitués*.

A *Place Maubert*, onde ocorre o *marché* todas as terças, quintas e sábados pela manhã é mesmo um canto do *Boulevard Saint-Germain*, ocupando os dois lados da rua, formada no encontro da *Rue des Carmes* e da *Rue de la Montagne Sainte-Geneviève*. Trata-se de um pedaço bastante turístico de Paris, pois nas proximidades localiza-se a Catedral *Notre Dame de Paris*, o Museu da Idade Média *Cluny*, a *Sorbonne*, o Rio Sena entre outros. Isto faz com que o *marché* também seja freqüentado por muitos turistas. Além disso, o 5^{eme} é um dos departamentos de Paris habitado em geral por uma população de renda alta, aspetos que acabam delineando as próprias características deste mercado de rua. Uma das extremidades dessa praça é ocupada por um prédio alto que tem como andar térreo vários pequenos estabelecimentos comerciais: uma *Brasserie*, uma *Boucherie*, uma casa de vinhos e um comércio de *alimentation général* que expõe seus produtos em um balcão na calçada. Em dias de *marché* este comércio parece englobado pelas bancas, constituindo também a ambiência da feira. Apesar de pequeno, o espaço comporta muitas bancas que, como em São Paulo, também constroem um espaço labiríntico (Moles; Rohmer, 1982) para a circulação de seus freqüentadores, com corredores apertados e várias esquinas entre as bancas.

Neste labirinto (Moles; Rohmer, 1982) estão muitas coisas à venda como roupas de diversos tipos, inclusive étnicas. Um feirante peruano vende muitas saias coloridas e diversos tipos de bandanas para o cabelo, além de colares e

⁸³ No caso, nem tão nativo assim, mas certamente mais do que a etnógrafa.

brincos. Numa outra banca é possível encontrar camisetas em tecido africano e pequenas estatuetas e outros artesanatos. Há outras bancas de roupas, de diversos tipos e preços, banca que vende chapéus femininos e masculinos, outra com brinquedos em madeira ou com utensílios para cozinha como facas canivetes, etc. banca de flores, até bijuterias encontramos nesta feira. No percurso sinuoso dos corredores podemos encontrar quase tudo e não necessariamente com uma ordenação de secções como veríamos em um supermercado, mas numa disposição propícia a surpresa e ao devaneio.

Entre todas estas estão as bancas de alimentos que também são bastante diversas. Temos o famoso *fois gras* vendido em uma pequena banca, peixes e frutos do mar, carnes cortadas na hora e mais três ou quatro bancas de frutas, verduras e legumes, cada uma vendendo um pouco de tudo. Esta possibilidade de numa mesma banca encontrarmos quase tudo que existe numa feira-livre foi um de meus primeiros estranhamentos. Na experiência etnográfica em Porto Alegre, descobri que cada feirante ou cada comerciante recebe um alvará de comercialização de um tipo de produto apenas. Se é um produtor o alvará se refere ao tipo de produto que produz, se é um comerciante que compra na CEASA para revender na feira, o alvará será para frutas, ou para legumes, e assim por diante. Em Paris, no *Marché Maubert*, esta distinção não parecia importante, pois em cada banca é possível encontrar todos estes produtos ao mesmo tempo. O que faz a diferença entre as bancas é justamente a composição estética dos produtos e principalmente as relações estabelecidas com os fregueses.

A disposição dos alimentos nas bancas é, antes de mais nada, um traço específico de cada feirante, que procura uma composição das formas dos alimentos e de suas cores que insira o freguês numa experiência estética particular e primeiramente visual. Neste arranjo, a maior parte dos alimentos é apresentada para o freguês em pequenas quantidades – se comparada às feiras-livres no Brasil – dentro de pequenas caixas ou cestos de vime, nada que impeça o tato, mas que garanta uma ordenação de cores e formas, potencializando a beleza do produto. Um morango precisa ser admirado, assim como framboesas, cerejas, melões e mesmo alfaces, tomates, berinjelas e alcachofras antes de tudo por suas formas, visualmente. Esta apresentação dos alimentos como se fossem pequenas obras de arte, ou artigos caros em uma vitrine, tem características

diferentes em cada banca, mas seguem em princípio a idéia da reunião de alguns produtos, em pequenas quantidades, combinado com outros também em pequenas quantidades. Assim podemos ver lado a lado algumas caixas de morangos, seguidas de cerejas dispostas quase que livremente sobre a banca, contidas por mais caixas de framboesa. Em seguida, cestos com berinjelas, abobrinhas e pimentões. Também fazem parte os espinafres, as vagens e as cenouras, tudo ocupando um devido lugar. Esta organização dos alimentos em caixas e em pequenas quantidades exige que os feirantes procedam a rearranjos constantes na banca, na medida em que os fregueses comprem alimentos e deixem espaços vazios. A banca sempre bem organizada e com uma ótima apresentação dos produtos, valorizando suas cores e formas, faz parte do ritmo de trabalho dos feirantes e principalmente de sua forma de relação com os fregueses.

Esta feição do *Marché Maubert*, expressa na potencialidade das formas estéticas dos alimentos é seguida de diversas maneiras em outros *marchés* parisienses. Uma organização em pequenas quantidades, um saber sobre cada alimento, suas origens e características, as formas como podem ser preparados, conformam uma ambiência de mercado também marcada pelas sonoridades dos anúncios, pelas conversas de corredor entre vizinhos, pelos carrinhos de feira e sacolas que perambulam pelo *marché*, gestos que também encontramos nas feiras-livres no Brasil.

Esta forma de apresentação dos alimentos como obras de arte, que vemos em alguns *marchés* parisienses falam de Paris e de sua estética urbana, mas falam também do mercado como um arranjo social urbano (Rocha, 1994) que não é específico de Paris, mas compartilhado em muitas cidades do mundo, em suas diversas feições. Repousa no interior destas práticas de manipulação da matéria do alimento, seja na forma como feirantes aderem a uma estética para a banca e para o mercado de rua, seja nos gestos de compra, a tecitura de laços sociais pautados em trocas que são simbolizadas pela compra e venda de alimentos, mas que não se reduzem a isso. Neste sentido, a forma de organização e disposição dos alimentos nas bancas dos mercados de rua é fundamental, pois revela um convite aos gestos de compra e configura-se como uma maneira de comunicar algo ao outro. Com muitos alimentos ou com poucos, organizados ou

displicentemente dispostos, esta estética da ordenação dos alimentos media a tecitura do laço social que se estabelece nestas práticas de mercado.

Em Paris, entre o 11^{eme} *arrondissement* e o 20^{eme} *arrondissement*, as sextas-feiras pela manhã, nos deparamos com um enorme *marché*, bastante diverso do *Maché Maubert*. O *Marché de Belleville* expressa as características do espaço urbano que o abriga, sendo uma das principais a grande diversidade étnica de seus habitantes bem como em alguns casos precárias condições de vida e baixa renda, embora não seja considerado como periferia, ao menos nos moldes brasileiros.

Este *marché* ocupa praticamente toda a extensão do *Boulevard de Belleville*, com aproximadamente 700 metros de feira-livre onde também se encontram todo o tipo de produto, desde roupas até alimentos, passando por toalhas de mesa, utensílios de cozinha, etc. Claro que em uma cidade com Paris um *Boulevard* não “fecha” para que aconteça uma feira, como é o caso de algumas ruas em Porto Alegre e mesmo São Paulo, então ela é montada numa espécie de “canteiro” (como chamaríamos no Brasil), entre as duas vias do *Boulevard*. Isso significa um espaço estreito entre os dois lados de bancas, mais ou menos dois metros, de corredor para os fregueses circularem, escolhendo suas compras.

A primeira vez que entrei neste *marché* tive a impressão de estar no Brasil, pois suas formas se aproximavam muito da estética do mercadão. Além de uma ocupação constante do espaço sonoro, ou seja, muitos e muitos anúncios ao mesmo tempo, muitos deles feitos em outras línguas que não o francês, as bancas também correspondiam à estética da abundância que adota o mercadão, compostas de grandes quantidades de poucos produtos. Os alimentos não estão arrumados em pequenos cestos, mas dispostos em cima da banca e possuem preços consideravelmente mais baixos do que *marchés* de outros bairros, o que se associa aos tipos de compras que são realizadas ali, geralmente em quantidades grandes, para famílias numerosas.

Mulheres com carrinhos de feira ou de bebê, crianças, velhos que mal conseguem se movimentar ao longo da feira, árabes, africanos, orientais, judeus, franceses é claro - identificados como tal por suas vestimentas e maneiras de falar - todos compondo a ambiência do lugar, se encontrando no corredor, se esbarrando, resmungando e escolhendo suas compras da semana. Este

movimento nos corredores de mercados de rua, sejam eles labirínticos, quadrados ou retilíneos, podem ser percebidos como uma forma que se molda ao longo de um dia de feira, nas escolhas de trajetos e percursos de escolha no interior do mercado. Uma forma orientada pelos ritmos cíclicos que, conforme Durand (2001) filia-se à luta contra a dissolução do tempo (Durand, 2001), onde o alimento simbolicamente marca a construção de laços com a própria cidade, fazendo perpetuar a existência destas pessoas.

A exemplo do mercado de Belleville, outras feiras livres nos *arrondissements* de Paris se adequam a sua clientela formada de moradores de bairro além dos turistas. Ao norte da cidade, os mercados lembram a imagem bíblica de uma torre de Babel com predominância de africanos na venda dos produtos. No 16^{ème}, a demanda por produtos “originais” que tragam a aura da *France profonde* com queijos tradicionais, produtos franceses *de souche* demonstram estarmos em um bairro de forte distinção social e arraigado às tradições francesas. Assim os mercados de Paris vão moldando suas fruições estéticas às formas sociais de pertença. E desta forma é possível multiplicar as imagens de mercados de rua na cidade de Paris, identificando estes espaços com a estética do *quartier* que os abriga: *marché Place d’Italie* e a grande quantidade de fregueses e feirantes orientais, e os cheiros peculiares de sua culinária expressos nas bancas de lanches; a efemeridade dos *marchés* das zonas centrais que representam diferentes ritmicidades; a intimidade dos pequenos *marchés* do 14^{ème} *arrondissement* ocupando pedaços de calçadas e esquinas, conformando as múltiplas feições dos mercados de rua da cidade.

5.5. Dos arranjos que duram

Seja em Porto Alegre, São Paulo ou Paris, esta ambiência de fruição estética dos mercados de rua está fundada na multiplicidade de formas que os simbolismos cíclicos do alimento (Durand, 2001) podem assumir em arranjos sociais (Rocha, 1994) que falam da própria vida urbana, em suas diversidades e complexidades. Derivam das adesões de seus habitantes a diferentes conjuntos de imagens (Durand, 2001) e de maneiras de tecer este laço social. Perpassando os arranjos sociais e a fruição estética das feiras etnografadas, pode-se sugerir

que esta dimensão simbólica elabora pistas sobre a duração (Bachelard, 1988) destas práticas sociais no interior de uma vida urbana, narrando nas ambiências, gestos, itinerários (Eckert, Rocha, 2005), nas artes de fazer de seus habitantes, os arranjos sociais a partir dos quais o corpo coletivo (Maffesoli, 1988) se produz e se dá a ver. Para Michel Maffesoli (1988) as ruas são o habitat da coletividade, onde toma expressividade em diversas feições o desejo de participação num corpo coletivo (Maffesoli, 1988) que carrega as imagens e símbolos de uma civilização (Durand, 2001). Imagens e símbolos que estão veiculados pelos gestos ordinários e cotidianos de fazer a feira, por exemplo. Neste sentido, compartilhar de uma determinada ambiência de mercado, onde a matéria do alimento e os gestos que engendram são o elemento principal do *voulour-vivre* coletivo (Maffesoli, 1988) faz parte de celebrar a vida cotidiana como expressão de uma cultura. Estes fenômenos moventes – que colocam a vida social em movimento – são integradores do indivíduo em uma globalidade cósmica (Maffesoli, 1996) na medida em que constituem uma dimensão sensível da vida social.

Esta dimensão sensível que leva Gaston Bachelard, como um habitante da cidade de Paris, a declarar que o *Marché Maubert* “*est mon petit village*”⁸⁴. É esta ambiência relacionada aos sentidos compartilhados coletivamente, criando relações afetivas entre as pessoas e com o próprio espaço que transforma o *Marché Maubert*, situado num *coin* do *Boulevard Saint-Germain*, no *petit village* de Bachelard, ao mesmo tempo em que o vincula simbolicamente aos mercados de rua de Porto Alegre ou São Paulo, por exemplo. A dinâmica de uma vida das ruas (Sansot, 1986) que se transformam nos espaços de compra e venda, de trocas sociais onde os próprios objetos da troca não permanecem os mesmos: os alimentos pouco a pouco amadurecem, se transformam, o dinheiro, as moedas, mudam constantemente de mãos, sofrem os efeitos deste manuseio. Nestas cidades aparentemente tão diversas (Porto Alegre, São Paulo, Paris) a circulação do alimento, os simbolismos que veicula e os gestos que demanda se fazem presentes sob diferentes feições nesta vida das ruas, onde se celebra a dimensão cósmica de um viver urbano coletivo.

⁸⁴ Durante entrevista realizada para o documentário *Bachelard Parmi nous ou l'héritage invisible* (Bringuier, 1972), Bachelard fala de sua experiência cotidiana no *quartier* em que vivia, nas proximidades da Sorbonne e de sua adesão ao *marché maubert*. Quando assisti ao documentário já havia começado meu trabalho de campo neste *marché*.

Neste caso, ter a etnografia de rua (Eckert, Rocha, 2001) como uma das formas de se investigar a cidade, percorrendo seus recantos, reconhecendo lugares e pessoas, nos coloca diretamente em contato com uma poética do cotidiano (Sansot, 1986) vivida por seus habitantes em todos os seus trajetos e fazeres mais simples.

Na investigação desta ambiência de mercado compartilhada por seus feirantes e freqüentadores, a interrogação que orienta toda a pesquisa repousa principalmente sobre o fato que estas diferenças na composição estética do espaço falam na verdade das formas como um mesmo conjunto de imagens (Durand, 2001) – no caso as imagens relacionadas ao alimento e sua potência de narrar uma temporalidade cíclica – são elaboradas para configurar o mercado enquanto um arranjo social (Rocha, 1994) da vida urbana. A estas diferentes formas de expressão estética (Rocha, 1994) adotadas pelos mercados de rua estão associados gestos e simbolismos comuns no sentido de um trajeto antropológico (Durand, 2001) humano. Não significa que os mercados de rua sejam todos os mesmos, mas sim que são o resultado do agenciamento destes gestos e símbolos culturalmente, guardando, portanto as formas expressivas (Dawsey, 2000) particulares de cada sociedade.

As feições da ambiência do mercado de rua, fundadas nas imagens do alimento em grandes ou pequenas quantidades, organizados em cestos ou livremente em cima das bancas referem-se a celebração de uma regeneração periódica do tempo (Durand, 2001) vivida pelos habitantes da cidade que aderem a estes espaços. Compartilhar desta ambiência e desfrutar dos prazeres que o alimento proporciona – concretamente e simbolicamente – significa uma maneira peculiar de viver a cidade, de estabelecer laços, de se perpetuar cotidianamente. O mercado, neste caso, marca uma condição temporal urbana calcada no drama mítico da morte e do renascimento (Durand, 2001) na forma como transforma o espaço da rua no cenário da ritualização deste drama. É claro que esta dimensão dos mercados como forma de ritualizar o tempo não é universal, ou seja, não são todas as cidades que comportam ou aderem a este arranjo social. Da mesma forma, a adesão ao mercado não é feita por todos os seus habitantes. Trata-se aqui de refletir justamente sobre o mercado como um arranjo social e coletivo (Rocha, 1994) presente as cidades moderno-industriais (Velho, 1980) que ao se

estabelecer cotidianamente nas ruas da cidade, coloca em movimento os simbolismos da circulação do alimento.

Ainda outra questão torna-se importante de salientar. O fato de estar trabalhando aqui com os arranjos sociais (Rocha, 1994) de mercado em cidades diferentes e que passaram por processos sócio-históricos (Oliven, 2007) também diferentes que acabaram por influenciar suas formas de viver, exige um distanciamento no sentido do não encompasso destas Cidades numa mesma ritmicidade temporal. Segundo Ana Luiza Carvalho da Rocha (2007) as cidades brasileiras vivem o tempo na dinâmica de uma constante dissolução, que aparece representada nas transformações urbana que assolam os espaços da cidade. Esta seria a marca de uma estética da desordem (Rocha, 1995) e do caos apoiada no refazer constante da vida urbana - pelos processos de destruição e reconstrução (Rocha, 2007) - onde "as paisagens urbanas no Brasil só pode se perpetuar caso seus habitantes a reconquistarem cotidianamente em seus sonhos e devaneios" (Rocha, 2008:6). Nisto a cidade brasileira diferencia-se das cidades européias. Para a autora, a sociedade brasileira é marcada por "um tempo descontínuo para a duração do corpo coletivo" (Rocha, 2008:6) como expressão de si, o que não se dá com outras sociedades, que tem como marca temporal outras características.

Aderindo a esta forma de pensar o tempo e a cidade, a proposta desta tese em reunir as imagens de mercado destas cidades - Porto Alegre, São Paulo e Paris - e mesmo de tantas outras que habitaram os pensamentos da antropóloga durante a pesquisa, direciona-se justamente a emergência desta ritmicidade cíclica no interior da vida urbana, para compreender o gesto humano de viver e pensar o tempo, nesta forma com que ele se apresenta nos arranjos sociais (Rocha, 1994) de mercado.

CAPÍTULO 6

Gestos e Práticas

Experiências sensoriais - saberes, odores e sons.

“Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.”
Marcel Mauss, 2003:212

No capítulo anterior busquei apresentar ao leitor a ambiência dos mercados de rua a partir de descrições do espaço da rua transformado em lugar de venda de alimentos, bem como os aspectos que compõem esta ambiência em termos de sua fruição estética (Maffesoli, 1996). Entre estes aspectos estavam sempre pontuadas sonoridades tanto dos anúncios dos produtos pelos feirantes como dos gestos e utensílios dos fregueses. Neste capítulo estas sonoridades ganharão destaque, na medida em que possibilitam além de narrar a ambiência do mercado, apresentar as formas de sociabilidade e interação entre os diferentes sujeitos que compartilham desta ambiência e fazem acontecer um mercado de rua.

Em primeiro lugar, atentar para as sonoridades do meio urbano, no caso desta tese, é uma atitude de investigação fundada numa etnografia sonora (Rocha, Vedana, 2007) que busca compreender e interpretar a dimensão sensível do cotidiano a partir das imagens sonoras (Rocha, Vedana, 2007) que o compõem. Isto porque, no interior das pesquisas e discussões teórico-metodológicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS) entendemos que uma das formas expressivas (Dawsey, 2000) que uma comunidade de sentidos (Maffesoli, 1988) pode adotar para falar de si são justamente as paisagens sonoras⁸⁵ (Schafer, 2001) da vida cotidiana. Trata-se de

⁸⁵O termo paisagem sonora – em inglês *soundscape* – foi cunhado por M. Schafer a partir de sua preocupação em investigar as sonoridades do ambiente, principalmente a partir da crescente urbanização das cidades e a introdução de novos sons produzidos pelo maquinário e pela tecnologia. Para tanto elaborou junto com outros pesquisadores o Projeto Paisagem Sonora Mundial, inserido no campo de estudos da

um “falar de si” indireto, dado na composição acidental de ruídos, vozes, sonoridades de gestos e utensílios, das sonoridades das obras da cultura como objetos elétricos ou eletrônicos, nos motores de veículos urbanos, nos sinais que indicam a passagem de ambulâncias e bombeiros, nas músicas cantaroladas junto ao rádio e nas cantorias dos botequins ou das igrejas, e em tudo mais que seja possível enumerar em termos da produção de sons no cotidiano.

Digo indireto, pois este “falar de si” sonoro da vida cotidiana urbana é constantemente elaborado a cada gesto, a cada combinação de sons diferentes, e não está materializado num conteúdo que possa ser repetido, re-escutado ou mesmo marcado como uma “sonoridade tradicional da vida urbana”. As sonoridades da vida urbana cotidiana são produzidas, se propagam, cessam de vibrar e no próximo instante recomeçam, de forma rítmica. Esta consideração a respeito de uma etnografia sonora produzida no Banco de Imagens e Efeitos Visuais é importante na medida em que trata de um ponto de vista epistemológico a partir do qual tratar as sonoridades da vida cotidiana. Uma etnografia sonora (Rocha; Vedana, 2007) está diretamente relacionada com uma etnografia da duração (Eckert; Rocha, 2001), pois ambas se ocupam das vibrações e dos ritmos do tempo e sua intervenção na matéria da vida social em termos das formas que desencadeia. No caso dos sons, a investigação da forma como são combinados e produzem ambiências peculiares, configurando paisagens sonoras (Schafer, 2001) que narram uma estética urbana passa não só pelo registro destas sonoridades e a possibilidade de fazê-los durar (Bachelard, 1988), mas também pela interpretação dos sentidos que evocam e constroem para a vida urbana. É a partir disso que podemos falar de uma imagem sonora⁸⁶ (Rocha;

acústica, para não somente investigar a paisagem sonora como também propor formas de melhoria. Para o autor, paisagem sonora é qualquer evento acústico que compõe determinado ambiente. No BIEV nos apropriamos do estudo de Schafer para pensar as sonoridades da vida urbana e a composição de uma paisagem sonora da cidade.

⁸⁶ Adotamos, nas pesquisas em etnografia sonora no BIEV, o termo imagem sonora para dar conta de sua potencialidade como um produto da imaginação criadora (Bachelard; 2000) e como expressão simbólica das formas da vida social (Sansot, 1986). Reunimos os estudos de Gaston Bachelard e Gilbert Durand sobre imagem e imaginação simbólica com as considerações de Michel Chion (2004) sobre o som como imagem e também às considerações de Pierre Sansot (1986) sobre a dimensão sensível da vida cotidiana. Para Bachelard (2000) a imagem não é um objeto, mas um produto (fugaz) da consciência humana que, para Gilbert Durand (1988) pode representar o mundo de duas formas: uma direta, na qual o objeto parece estar presente na mente, e outra indireta onde “o objeto ausente é re(a)presentado à consciência por uma *imagem*, no sentido amplo do termo” (Durand; 1988:11). Neste caso, trata-se da imagem como algo que é construído pelo pensamento para dar conta de um sentido. Michel Chion (2004) afirma que a linguagem organiza e ordena toda a percepção sonora, não apenas a fala e que, portanto, o som se constrói culturalmente, na criação de palavras específicas para nomeá-lo, nas práticas de escuta particulares, na evocação da memória de diferentes espaços e tempos. Finalmente, com Sansot (1986), inserimos o som como imagem, nas formas de perceber, compartilhar e interpretar a vida ordinária das ruas da cidade.

Vedana, 2007), ou seja, de fragmentos de um tempo vivido (Bachelard, 1988) do cotidiano narrados a partir dos sons, sons que evocam imagens mentais, memórias de práticas e gestos, que remetem a um espaço-tempo outro.

No caso desta tese, as sonoridades e os ritmos que a compõem são os produzidos no interior dos mercados pelas vozes, gestos e utensílios que fazem partes deste evento. Algumas das sonoridades do mercado de que tratarei aqui fazem parte do capítulo 4 desta tese em DVD e, portanto podem ser escutadas pelo leitor, já que a transcrição das sonoridades para a escrita necessariamente estabelece uma perda, que é a impossibilidade de restituição fiel de ritmos e sotaques, das peculiaridades da fala de cada um⁸⁷. É importante salientar, contudo, que a produção deste DVD não é simplesmente uma forma de “exemplificar” ao leitor através de imagens visuais e sonoras os conteúdos interpretativos que fazem parte da escrita da tese. Pelo contrário, considero o DVD como parte fundamental da tese, por isso ganha o estatuto de capítulo, como também uma escrita com base em diferentes suportes da imagem. No contexto das pesquisas realizadas no Banco de Imagens e Efeitos Visuais, o texto e as diversas formas que adota – crônicas, reportagens, cartas, descrições etnográficas, etc – são também imagens que representam os fenômenos vividos no cotidiano, tanto quanto as fotografias, os vídeos, os sons. A diferença é que em cada um destes suportes das imagens repousa uma forma de representar os fenômenos sociais em suas potencialidades diversas de evocação da partilha de sentidos. Não se trata aqui de hierarquizar estas diferentes linguagens, mas entendê-las como processos diferenciados da construção do pensamento do antropólogo (Rocha, 2008) na produção de conhecimento sobre a vida social. As

⁸⁷O campo de pesquisa da Performance desenvolve importantes estudos relacionados à etnografia da fala, enfatizando tanto aspectos metodológicos de investigação em campo como também as formas de transcrever para o texto antropológico a fala e a performance, muitos dos quais estou em diálogo no momento desta escrita, embora não seja a opção teórico-conceitual adotada para a construção desta interpretação. Em relação a alguns dos autores que tratam destas temáticas ver: BAUMAN, R. & BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. In: *Annual review of Anthropology*, 19:59-88, 1990. CONQUERGOOD, Dwight. Performance Studies : interventions and radical research. In: *The Performance Studies Reader*, BIAL, Henry (org), London : Routledge, 2004. GOFFMAN, Erving. Footing. In: *Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise de discurso.* Branca Telles Ribeiro e Pedro m. Garcez (orgs), Editora AGE, Porto Alegre, 1998. GUMPERZ, J. Convencões de Contextualização. In: *Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise de discurso.* Branca Telles Ribeiro e Pedro m. Garcez (orgs), Editora AGE, Porto Alegre, 1998. KAPFERER, Bruce. Performance and the structuring of meaning and experience. In: *Anthropology of Experience.* Turner, V. & Bruner, E. eds. Chicago: University of Illinois Press, 1986. LANGDON, Jean. A Fixação da Narrativa: do mito para a poética de literatura oral. In: ECKERT e ROCHA (Org.). *Revista Horizontes Antropológicos* 12. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

imagens que compõem o DVD são neste caso, tão importantes quanto às imagens que compõem esta escrita.

Por hora, opto por apresentar aos leitores a dimensão sonora desta pesquisa a partir de sua representação escrita, tendo em vista que esta transcrição apresenta dimensões tanto positivas quanto negativas, no que tange os seus limites. Escrever o diálogo que primeiramente teve um registro sonoro é também outra forma de interpretá-lo como parte do fenômeno social estudado, de investigar os seus sentidos, no entanto ao escrevê-lo abrimos mão – mesmo que temporariamente – do encadeamento das sonoridades que conformam o fenômeno e toda a sua dimensão simbólica. Não se trata obviamente de uma adesão ao dado empírico que se expressaria no som, ao contrário, o próprio ato de registrar os sons do mercado já é uma interpretação do fenômeno. Como o trabalho de campo que originou esta tese é bastante extenso, incluindo o registro sonoro nos mercados, para o desenvolvimento deste capítulo optarei por alguns pontos de vista (ou pontos de escuta⁸⁸) a partir dos quais tratar da relação entre os sons e as formas de sociabilidade no mercado. Como “pontos de vista” estou me referindo a alguns feirantes, suas bancas e os clientes que a freqüentam para, a partir deles, falar do mercado de uma forma mais geral.

6.1 Sonoridades da palavra viva

A etnografia nas feiras-livres sempre apresentou a oralidade como uma característica essencial deste fenômeno, marcado pela voz do feirante que narra seu produto aos fregueses que transitam pela feira. Narra, pois o encadeamento das palavras que descrevem os alimentos – gostoso, maduro, bonito, saudável, cheiroso, etc – não é mecânica, mas se desenrola no tempo conforme a própria feira acontece. Anunciar um produto não é apenas gritar seu nome e preço, mas inseri-lo simbolicamente nas possibilidades de troca que tem lugar no mercado, apresentando-o como algo especial. Neste sentido, investigar os mercados a

⁸⁸ A idéia de pontos de escuta também surge de uma apropriação dos estudos realizados por M. Schafer (2001) sobre paisagem sonora mundial. Schafer (2001) propunha como método a delimitação de lugares a partir dos quais fazer o registro de determinados sons – por exemplo, de um lado da rua e de outro – como possibilidades de investigação das sonoridades como objetos. Para o caso do BIEV, adotamos a idéia de pontos de escuta não só para realizar o registro, mas também a própria escuta do fenômeno pesquisado. Metodologicamente, trata-se dos lugares que nos permitem investigar as diversas composições do espaço e sua ambiência sonora, o que nos coloca desafios interpretativos diferenciados.

partir de uma etnografia sonora, atentando aos sons e às vozes, procurando formas de registro e classificação do material sonoro e ainda configurando narrativas sonoras sobre o mercado e suas formas foram processos que a cada passo revelaram a dimensão fundamental da circulação da palavra como instauradora das sociabilidades e das maneiras de viver e compartilhar a ambiência do mercado. Esta enunciação da palavra que narra o alimento – em suas cores, formas e potencialidades nutritivas – é como um gesto (Sansot, 1986), pois coloca o corpo – a garganta, os músculos da boca – em movimento para moldar a matéria sonora que é a voz. Esta boca que molda a matéria sonora para anunciar o produto externaliza, expõe através das palavras que enuncia a interioridade do alimento, aderindo às imagens da intimidade (Bachelard, 1990) de uma substância que nutre os seres.

O ABACAXI E A CENOURA... É BOA, A FRUTA É BOA.

VAMOS NO ABACAXI MADURO FREGUESIA!

**Bonjour. Allez !
Sont beaux les fraise madame allez !**

Bem docinho é o abacaxi aqui ó!

PAPAIA O MAMÃO! VERMELHO O MAMÃO!

Fruta é legal o preço é bom, barato aí!

São estes gestos de enunciação da palavra (Sansot, 2004), repetidos ao longo de uma jornada de feira e que mudam de feições conforme a situação – dos atributos dos alimentos para o anúncio dos preços, destes para uma piada ou

jocosidade, promoções de fim de feira e assim por diante – que conformam as artes de dizer (Certeau, 1994) do *métier* de feirante. A voz e a fala são os instrumentos que instauram no mercado as diversas possibilidades de trocas sociais – não só a do dinheiro por alimentos, mas a dos diálogos e conversações, a troca de saberes e experiências. Os diferentes sotaques e entonações de voz, as escolhas do que apresentar e como, a oferta para o freguês, a valorização de um produto ou outro são formas de agenciar estas artes de dizer (Certeau, 1994) na produção deste espaço de sociabilidades que é o mercado. Neste sentido, a voz destes feirantes, anunciada em alto e bom som ou balbuciada, jocosa ou não, transforma o espaço da rua em algo muito vivo e pulsante "où les formes, les masses, les couleurs de l'éventaire vibrent jusqu'à devenir ces mots que les prononcent" (Sansot, 2004:269). Mais do que a voz simplesmente e mesmo a performance oral destes feirantes, está a criação de uma poética do espaço (Bachelard, 2000) que envolve as interações e ações dos personagens no interior do mercado.

Esta dimensão de enunciação da palavra pelo feirante se desdobra em vários sentidos. Se de um lado fala ao freguês, anunciando seus produtos e ao mesmo tempo estabelecendo laços ao abrir espaço para a circulação da palavra, de outro serve para marcar a ritmicidade do trabalho no interior das bancas, principalmente no caso daquelas que vendem muitos produtos e que contam com muitas pessoas trabalhando. Para tratar destes aspectos, vou partir de alguns pontos de escuta, ou seja, de lugares a partir dos quais escutar o mercado e suas imagens sonoras. A escolha de um ou outro ponto de escuta para iniciar as descrições das sonoridades do mercado não significa que exista uma anterioridade entre narrar os produtos aos fregueses, fazer piadas ou enunciações jocosas e marcar a dinâmica de trabalho no interior da banca. Tudo isso acontece simultaneamente, em diversas bancas ao mesmo tempo e caracterizam a ambiência de fruição estética do mercado. A delimitação na escrita destes pontos de escuta está associada a um enquadramento sonoro possível nas situações etnográficas que potencializam uma ou outra destas formas de enunciação. É importante situar, além disso, que nas pesquisas em etnografia sonora realizadas no BIEV, a idéia de pontos de escuta é fundamental para a construção de um roteiro de gravação e posteriormente para a montagem de uma narrativa sonora. Escolher pontos de escuta a partir dos quais gravar as situações

etnográficas significa uma opção de como estetizar o fenômeno pesquisado a partir do registro sonoro, configurando um enquadramento que será reconfigurado (Ricoeur, 1994) na montagem da narrativa, por exemplo, ou mesmo na produção de coleções etnográficas (Rocha, 2007).

6.2 Entrando no espaço sonoro do mercado

Muitas vezes, a escolha de um ponto de escuta representa uma nova descoberta da pesquisa etnográfica, como aconteceu nesta investigação sonora dos mercados de rua em vários momentos. Um deles foi a descoberta de que a voz que anuncia um produto também marca um ritmo para os acontecimentos da banca, narrando para os próprios colegas de trabalho a falta de algum produto, a aproximação de novos clientes, a necessidade de troco, entre outras coisas. Este ritmo interno à banca é também vivido de forma jocosa muitas vezes pelos feirantes que fazem piadas entre si.

Ao fazer o registro sonoro na banca de Saionara, no Mercado que ocorre no Estacionamento do Estádio Olímpico aos sábados pela manhã percebi esta forma de marcar o trabalho pelo som. Saionara é feirante desde criança, conforme ela mesma afirma. Trabalhou na feira com o pai, nas imediações do Largo Zumbi dos Palmares e depois no próprio Largo, durante a infância e seguiu trabalhando depois de adulta. É casada com Henrique, que também trabalha no Mercado, só que no Largo Zumbi dos Palmares, ambos vendem alho e outros temperos, como gengibre, pimenta, orégano, etc. Trata-se de um negócio que começaram ainda na banca do pai de Saionara, logo que se casaram. Atualmente cada um trabalha em uma das feiras organizadas pela Associação dos Usuários do Mercado, a qual estão associados desde sua fundação, e levam junto seus dois filhos. No Largo Zumbi, Henrique tem uma banca pequena que só vende temperos, mas no estacionamento do Estádio Olímpico, Saionara trabalha junto com o irmão que herdou "o ponto" do pai. Assim, não é apenas uma banca pequena que vende temperos, mas sim um grande espaço onde além dos temperos vendidos por Saionara, ainda vendem frutas e legumes.

O espaço ocupado por esta feira é triangular (o estacionamento é em forma de triângulo), então existem bancas que fazem todo o contorno, da base do

triângulo até as pontas, pelas "arestas". Na parte interna, outras bancas formam uma espécie de triângulo menor, que fica dentro do maior, a banca da família de Saionara situa-se exatamente na ponta deste triângulo menor, formando uma ponta arredondada, ou em forma de U. Os feirantes desta banca são 9: dois senhores, três mulheres (entre elas Saionara), dois meninos (um pequeno, de uns 7 anos, filho de Saionara, e outro um pouco maior, de uns 13 anos), e dois homens (o irmão da Saionara e um empregado). Cada um deles é responsável por um espaço de vendas na banca, ou por tipos de produtos, mas também se deslocam para atender a outros, se for o caso. Dividem-se entre escolher os alimentos para os fregueses, pesar e cobrar as compras, anunciar os produtos e abastecer a banca (esta última tarefa ficando mais a cargo dos homens).

Todos eles caminham muito no interior da banca para o desenrolar de seu trabalho, desviando-se entre si e das caixas que restam vazias no chão conforme as vendas acontecem e os produtos vão acabando. Neste movimento não deixam de comunicar aos fregueses os seus produtos, suas qualidades e preço e assim o movimento interno da banca é cadenciado pelo som e pelas performances orais da venda. O mesmo ritmo e tom que usam para anunciar os produtos é também a forma como se comunicam para avisar que está faltando algum tipo de fruta, é preciso repor, ou que clientes estão esperando para serem atendidos, que determinadas partes da banca estão à descoberto, etc. Os movimentos e ritmos são basicamente construídos e vividos a partir do som, num gesto narrativo que se desencadeia a cada anúncio, onde um feirante pode começar e outro terminar.

No interior da banca o som circula entre os feirantes num movimento ritmado onde cada um se apossa da palavra, retomando esta matéria sonora que começa a se dissolver no momento mesmo de sua enunciação. Ao anunciarem os produtos, compondo uma sonoridade peculiar com a voz, comunicam-se não só com os fregueses, mas também entre si, avisando que é preciso de mais frutas na banca, algum troco, que tem um freguês esperando. O som é o que cadencia o trabalho do dia. Tudo o que é falado guarda um sentido que se revela ou expressa em alguma coisa que está acontecendo: um freguês escolhendo suas compras já dá ensejo para o início de um anúncio sobre determinado produto, a informação de que há uma promoção na banca; cada fala se direciona ao freguês e ao mesmo tempo cumpre o papel de informar a todos dentro da banca como andam as coisas, alguém olha para o moranguinho, é hora de reafirmar a

qualidade, o preço baixo, a beleza e o sabor desta fruta, é hora também de avisar que é preciso colocar mais moranguinhos na banca, é hora de fazer uma brincadeira, de chamar o colega a ocupar seu lugar na banca.

**TOMATE LONGA VIDA E GAÚCHO NA PROMOÇÃO Ó!
E o troco pra 15 aqui ó Xuxu!**

**E TÁ CHEGANDO MAIS MORANGO Ó!
Saionara, e o mamão como é que tá?**

**TÁ BONITO O MAMÃO AQUI Ó!
VAMOS CHEGANDO FREGUESIA O ALHO NA PROMOÇÃO!**

Atenção alguém no formosa...

Esta forma como se apresentam as artes de dizer (Certeau, 1994) dos feirantes no interior da banca de Saionara não é exclusiva dela, mas compartilhada em muitas outras bancas, mesmo nos *marchés* parisienses. A fala como forma de marcar um ritmo de trabalho, de estabelecer uma cadência comum entre os feirantes de uma mesma banca é recorrente na elaboração das relações de trabalho no interior do mercado, constituindo também a ambiência que o conforma. A fala e som marcam a forma de trabalho, o ritmo, o movimento e as negociações, assumindo feições diversas conforme o mercado ou mesmo a banca, podendo ser em tom de piadas e brincadeiras, ou não, mais voltadas para as relações com os fregueses ou para a qualidade dos produtos, diferindo em tons e sotaques, mas numa correspondência entre o espaço interno à banca e o movimento do corredor do mercado, onde circulam os fregueses, outros vendedores ambulantes e mesmo as crianças em busca dos alimentos e biscates.

Nesta dialética do dentro e do fora (Bachelard, 2000) que se desdobra em encaixes – dentro do mercado e fora do mercado, dentro da banca que é dentro do mercado e no corredor do mercado, ou seja, fora da banca – as sonoridades

também cumprem papel importante. O som é uma matéria fluida, se propaga em diversas direções e aparentemente não permite enquadramentos, porque “se espalha” no ar⁸⁹. No entanto, na elaboração destes espaços de mercado, da ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996) que o configura, as sonoridades informam sobre a delimitação dos espaços bem como as formas de interação que se desenrolam, como vimos no caso dos ritmos do trabalho e o interior da banca. Nesta poética do espaço (Bachelard, 2000) sonoramente configurada no interior do mercado, não só a voz e a performance oral dos feirantes aparecem como imagens importantes, mas também a diversidade de sonoridades dos gestos e utensílios que compõem o cenário. Neste sentido, a voz que anuncia e narra os alimentos para os fregueses é a mesma que imprime ritmo ao trabalho, o que se diferencia são os interlocutores, os colegas de trabalho ou os fregueses, conforme se projete para o exterior ou para o interior da banca.

Um outro ponto de escuta a ser investigado então, é o do próprio corredor do mercado e suas formas sonoras. Na verdade trata-se de um ponto de escuta múltiplo, pois os corredores podem ser longos ou curtos, com bancas mais ou menos “barulhentas”, ou seja, com mais ou menos enunciação dos alimentos e suas propriedades, e pode ser assumido a partir de uma caminhada nestes corredores ou então de um ponto fixo, próximo a uma banca especificamente. Falar de uma ambiência sonora do mercado é, portanto falar a partir destas possibilidades de escuta. O mercado, como uma ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996) se compõe de sonoridades específicas que não existem em outros espaços ou eventos urbanos. Neste sentido, entrar no mercado não é apenas atravessar o limite físico imposto pela disposição das bancas, mas também estar envolto por um espaço sonoro que fecha, compõe, uma ambiência.

⁸⁹ Segundo estudos de acústica e ondulatória, na física, o som é o resultado perceptivo de um fenômeno de distúrbio molecular – uma agitação – em um determinado meio, como o ar, por exemplo, e se manifesta através de ondas que se propagam durante um determinado espaço de tempo e que vai perdendo a intensidade. “Estes distúrbios de natureza mecânica são pequenas e rápidas variações de pressão no meio, causadas pelos movimentos das moléculas” (Lazzarini, 1998:03)

O ABACAXI E A CENOURA... É BOA, A FRUTA É BOA!

**SÓ BANANA BOA, SÓ BANANA BOA! VAMO VAMO!
BOA NANICA, BOA PRATA, BOA MAÇÃ, VAMO!**

**Bonjour monsierdame...
bonjour allez
sont beaux les fraise madame allez !**

Vamos à très por dois vamos a très por dois!

**BARATO O MORANGO NA PROMOÇÃO Ó!
Bem docinho é o abacaxi aqui ó!**

**É só um real o pacote da vagem,
VAGEM E CENOURA Ó! VAGEM, CENOURA E ABOBRINHA ITALIANA Ó!
Cenoura e vagem, e berinjela ó!**

FALA FREGUESA, QUER FÍGADO, RABADA!

**É a promoção do queijo agora,
Só não leva quem não tem dinheiro no bolso!**

Um queijo um salaminho uma linguicinha!

ALLONS Y! PROFITE LA !

2 euros les meilleurs fraise!

TOMATE É BOM PRA TOSSE!

Devemos levar em conta, como afirmei acima, que a simples transcrição destes anúncios e pregões para o texto escrito não configuram a estética sonora deste evento, apesar de evocarem seus sentidos. Por isso um capítulo desta tese é apresentando em mídia digital (DVD) com algumas propostas de montagens audiovisuais ou apenas sonoras, para que o leitor possa também mergulhar neste universo que é o mercado e perceber as diversas nuances da ambiência de fruição estética que o configura. No DVD as imagens de mercado surgem nos vídeos, seqüências de sons e fotografias que procuram restaurar as formas sensíveis (Sansot,1986) que se desdobram das artes de fazer (Certeau, 1994) e das formas de sociabilidade do mercado da mesma forma que este esforço aqui é feito a partir do lugar da escrita.

Esta voz que anuncia não emerge em meio ao silêncio, mas na densidade sonora criada por outras vozes, pelos sons dos carrinhos de feira que se deslocam nos corredores produzindo ruídos, do chacoalhar das sacolas plásticas reunidas todas numa mesma mão, das conversas entre os fregueses e mesmo dos sons “de fora”, ou seja, do trânsito que povoa as ruas próximas. Tomar como ponto de escuta o corredor é atentar para estas camadas de sons que fazem parte do mercado e ao mesmo tempo perceber que não estariam lá num dia sem feira. Na paisagem sonora da cidade (Schafer, 2001) o mercado instaura uma ambiência peculiar que desacomoda a continuidade do cotidiano das ruas e praças ao transformar o espaço, mas é internamente que estas imagens sonoras são potencializadas. No caso de alguns *marchés* de Paris, sobretudo em *Belleville*, a enunciação da palavra não é feita apenas na língua francesa, mas muitas vezes também em árabe, o que é respondido pelos próprios fregueses. A ambiência sonora então se complexifica na multiplicidade de formas de comunicar vivida nestes espaços.

Estando “dentro” da feira-livre, o freguês está sujeito aos gritos de anúncio de produtos, preços e promoções, às intervenções dos feirantes em sua caminhada ao serem destacados no meio de outros fregueses que circulam pelos corredores, chamando sua atenção para as compras:

Ó o amigo do chimarrão, pode chegar e escolher!

Vamos levar essa bóia freguesia!

**Vamos comprando, não precisa se incomodar,
não precisa de fila, tem pra todo mundo!**

Estas falas devem ser consideradas a partir de um contexto de certa efervescência, pois são inúmeras bancas, de produtos diversos, que compõem este espaço e que são constantemente “promovidos” em sua qualidade, sabor e preço pelos feirantes. A palavra que anuncia o alimento e suas qualidades circula entre os feirantes como numa sinfonia ou orquestra onde são ordenadas as entradas dos diferentes instrumentos na composição da música. Não se trata, é claro, de uma performance ensaiada em que cada feirante sabe exatamente o seu momento de entrar na composição sonora do ambiente. No mercado, esta ambiência sonora é resultado de uma emoção coletiva (Maffesoli, 1996) compartilhada e que, portanto se desenrola na circulação da palavra entre os feirantes. E assim cada um faz sua contribuição na composição das sonoridades do mercado, fazendo durar (Bachelard, 1988) e ressoar a matéria sonora nas palavras pronunciadas que anunciam os alimentos.

Nos *marchés* parisienses onde a palavra circula em diferentes línguas, as camadas desta composição de vozes emergem bem delineadas, ou seja, a ilusão de continuidade é quebrada justamente pela entrada de um idioma outro – e que não tenho condições de reproduzir aqui, na escrita, mas que está presente no capítulo 4 – marcando inclusive as formas de se dirigir ao freguês, ou a um freguês específico. Na direção dos anúncios que apresentei acima, a palavra pronunciada pelo feirante pode se dirigir diretamente a um freguês (“Ó o *amigo do chimarrão, pode chegar e escolher*”) e assim instaurar uma outra situação de interação que pode derivar em diversas formas de conversação de sociabilidade. Conversas mais rápidas, nas trocas de informação sobre alimentos, seus preços e sabores, conversas de mais proximidade apresentadas em pequenas brincadeiras ou piadas, conversas mais longas entre feirante e freguês já conhecidos um do outro.

É importante retomar aqui o que afirmei rapidamente no início deste capítulo sobre o registro destas sonoridades. Ao transcrever para esta tese cenas que foram primeiramente gravadas em som ou mesmo em vídeo já estou procedendo a um outro processo de interpretação das formas sensíveis da vida cotidiana (Sansot, 1986) que venho estudando a partir dos mercados. O ato de fazer o registro das cenas que se passam na feira-livre ou mesmo de suas ambiências não está destituído de conceituação. As escolhas de gravação – tipos de equipamentos a serem utilizados e como usá-los – a escrita de um roteiro – quais pontos de vista e de escuta adotar, enquadramentos, tipos de interação com o outro, etc. – e os dispositivos técnicos e cênicos⁹⁰ adotados na situação etnográfica a ser registradas são processos de interpretação da vida social em diversos níveis. Neste sentido, não se trata apenas da captura de um dado empírico, mas da possibilidade de restauração desta emoção estética (Maffesoli, 1996) compartilhada em espaços da cidade, aqui no caso o mercado, a partir de diferentes suportes da imagem. Ainda assim, a própria situação etnográfica de registro das formas sensíveis da vida cotidiana (Sansot, 1986) é um momento de descobertas, no qual novos sentidos emergem, novas hipóteses de pesquisa são construídas, e a cada etapa de manipulação destas imagens – decupagem, montagem, edição, transcrição, etc. – este processo interpretativo se renova, ganha novas nuances. Processo que é potencializado ao adotarmos no interior das pesquisas do BIEV o procedimento metodológico de elaboração de coleções etnográficas de imagens.

Neste caso, para rerepresentar a ambiência do mercado e os gestos que o conformam, procedo a escolhas no interior das coleções etnográficas que compõem esta tese, das imagens com determinados potenciais narrativos que expressem os sentidos – sempre fragmentários – do tempo vivido no mercado. As cenas descritas abaixo são fragmentos de um dia de feira-livre representativos destas situações de conversação que se instauram entre fregueses e feirantes. Representam algumas das formas como esta interação pode acontecer e abrem caminho para outras interpretações a respeito do laço social que se tece no

⁹⁰ Dispositivos técnicos e cênicos dizem respeito às condições de produção da imagem do outro em campo e se referem aos procedimentos adotados para realizar uma etnografia sonora e visual. Para maiores esclarecimentos ver Manual de Coleções Etnográficas em Vídeo – BIEV/2004 e Manual de Coleções Etnográficas Sonoras – BIEV/2007

mercado pela via dos simbolismos do alimento. A ritmicidade cíclica dos anúncios é também vivida no diálogo entre fregueses e feirantes durante a compra.

Promoção do Morango

Durante o dia de feira no interior da banca de Saionara e seu irmão, a promoção dos alimentos que estão expostos na banca é concomitante ao atendimento dos fregueses e só é interrompida pelas conversas que se fazem necessárias para o desenvolvimento da compra. Isso não significa que os fregueses sejam mal atendidos ou tenham pouca atenção, pelo contrário, a chegada de um freguês na banca para escolher e comprar estabelece uma mudança de ritmo e de posições entre os feirantes.

Saionara: *vamos lá que ainda tem mamão baiano, tem alho...*

Alex: *patrão enlouqueceu quer ir pra praia ó... quer vender morango ó...*

Freguesa: *e essa bandeja é quanto?*

Saionara ao ouvir a pergunta se aproxima mais da freguesa, encosta o corpo na banca e responde apontando para uma bandeja semi-pronta, porque ainda não embalada, de morangos:

Saionara: *essa aqui é cinco...*

Freguesa: *me dá uma dessas aí, não adianta, quem muito economiza...*

Saionara: *não pra comer não dá pra economizar...*

Enquanto Saionara e sua freguesa conversam os anúncios continuam marcando a rítmica de trabalho no interior da banca, conformando o espaço onde este diálogo acontece. Saionara não deixa de prestar atenção no que acontece no interior da banca mesmo enquanto conversa com a freguesa e escolhe os morangos para compor sua bandeja. Em um momento, seu irmão a chama perguntando sobre o preço de algum produto:

Xuxu: *Ô Saionara é R\$ 2,48 ou baixou...*

Saionara: *Baixou...*

Freguesa: *Mas aí tu botou bonito né...*

Saionara: *Agora é 2 e 18*

Freguesa: *Hein..?*

Saionara: *Oi?*

Freguesa: *Tu botou bonito aí?*

Saionara: *Siiim. (e mostra a bandeja).*

Saionara volta-se novamente para a freguesa, conversam um pouco enquanto ela termina de servir a bandeja de morangos e diz o preço. A freguesa se prepara para pagar e continua a conversa enquanto os anúncios também continuam.

Alex: *Três papaia por dois...*

Saionara: *Obrigada querida, um bom dia...*

Freguesa: *Pra ti também... E não adianta. Quando eu quero alguma coisa eu compro...*

Na despedida, continua a conversa ainda um pouco mais, coisa que ouvi de muitos fregueses de feira, ou seja, fazer compras na feira não é apenas escolher os alimentos que vão compor a despensa da casa durante a semana, mas é também despender um tempo para conversas, para trocar impressões, e mesmo para falar com desconhecidos. Saionara se prepara para continuar seus pregões, mas a freguesa ainda completa, antes de sair:

Freguesa: *Esses dias comprei milho e deixei aí... o rapaz foi tão honesto que no outro sábado ele me entregou...*

Saionara: *Não na nossa banca aqui o nome é honestidade... não é Alequinho?*

Alex: *Isso aí né? Eu to aí... Olha o abacaxi maduro freguesa, pode provar...*

Xuxu: *Ah não, aqui se eu puder...*

Freguesa: *Tá bom minha filha, bom fim de semana...*

Saionara: *Bom fim de semana pra senhora também...
Ainda tem alho aqui ó...*

Também compartilhei cenas como esta em Paris, no *marché Maubert*, como vão aparecer transcritas abaixo. Para situar o leitor apresento um pouco os personagens. Akli é dono de uma banca no *Marché Maubert* e de outras bancas em outros *marchés* de Paris. Um homem de aproximadamente 40 anos, argelino, e que trabalha em mercados de rua desde os 7 anos. Começou com seu pai, de quem herdou o negócio. É casado com a brasileira Andromeide há alguns anos e agora trabalham juntos na feira com mais dois jovens funcionários também argelinos, Karim e Hakim. Akli, como Henrique e Saionara, também tem seu jeito especial de tratar os clientes, entrando muitas vezes em jogos com eles que só são possíveis de entender ao longo do tempo, pois se desenrolam em vários dias de *marché* e estão associados às relações que estabelecem entre si. A cena que

segue não pode ser compreendida em todo o seu significado, pois não conhecemos profundamente os laços que unem Akli a estes seus dois fregueses, já de idade avançada, e que sempre vão ao *marché* juntos, ou ao menos iam durante o período deste trabalho de campo. No entanto, na linha da investigação proposta por John Dawsey (2000) a respeito das brechas ou fendas (Dawsey, 2000) “que interrompem o sentido do texto” na interpretação de um fenômeno cultural ou social, proponho justamente uma leitura das brechas ou das faltas, das frases não acabadas que compõe este diálogo, para chegarmos a uma compreensão ainda que incompleta das relações que se estabelecem entre fregueses e feirantes através da circulação da palavra.

Pêssegos da Alemanha

A banca de Akli e Andromeide está quase sempre cheia de fregueses, alguns sendo atendidos, outros esperando. A maioria deles espera que os próprios feirantes escolham suas compras, por isso apenas observam os alimentos expostos na banca, sem apalpar muito. Akli começa a atender um casal de senhores que vi diversas vezes no *marché*, na verdade todas as vezes que estive fazendo campo, terças, quintas ou sábados.

Akli: *pêche, jaune ou blanche?*⁹¹

Freguesa: *jaune... elles sont mûres là?*⁹²

Akli: *en fait j'ai la pêche jaune mûre ici en petit ou en grosse pas mûre...*⁹³

A senhora fica em dúvida, pensa um pouco, e resolve consultar o marido, que acha melhor comprarem pêssegos “não maduros”, mas a senhora ainda não se convenceu muito e continua a conversa com Akli, que espera a decisão dos dois:

Freguesa: *elles sont mûres mûres?*⁹⁴

Akli: *mûres mûres... ou pas mûres pas mûres*⁹⁵

Não tem meio termo, ou bem maduros ou nem um pouco maduros. Este tipo de pergunta sobre os alimentos é bastante recorrente no *marché*, importante saber se o alimento, a fruta ou o legume dever ser comido no dia, ou ainda precisa de tempo para amadurecer. O assunto origina longas conversas. A senhora continua a pensar sobre o assunto:

Freguesa: *ça c'est bon mais...ça fais deux jours... vous serez là quand?*⁹⁶

⁹¹ Pêssego, amarelo ou branco?

⁹² Amarelos... eles são maduros?

⁹³ De fato, tenho poucos pêssegos amarelos maduros ou muitos não maduros...

⁹⁴ Eles estão bem maduros?

⁹⁵ Bem maduros ou nem um pouco maduros...

⁹⁶ Isso é bom mas... serão dois dias... você estará aqui quando?

Freguês: *Samedi?*⁹⁷

Akli: *pas samedi... ça dépend se je suis pas trop fatigue... je vais défiler samedi matin ...*⁹⁸

Akli *plaisante*, brinca com o casal, mas apenas o marido percebe. Ele se refere ao desfile de 14 de julho.

Freguesa: *ah bon, vous allez défiler! Alors c'est samedi que vous allez défiler?*⁹⁹

O freguês ri, fala alguma coisa que não entendo sobre a Alemanha a respeito de Akli para a esposa, que fica um pouco confusa, mas prossegue com as compras pensando que precisa calcular bem já que não poderá fazer novas compras no sábado seguinte.

Freguesa: *Donnez-moi quand même deux pas mûres... et des... des abricots... ils sont différents ces abricots?*¹⁰⁰

Akli: *ah oui, je fais une différence entre les mûrs e les pas mûrs...*¹⁰¹

Freguesa: *ah bon, parce que là ils sont beaucoup plus grosses... alors quels sont les meilleurs?*¹⁰²

Akli: *dégoûtez! Moi j'aime bien l'abricot mûr...*¹⁰³

Akli oferece a fruta para a freguesa provar, o gosto é sempre importante, uma forma de marcar a diferença com outros feirantes e outras bancas como Akli mesmo afirma. Provar a fruta já é um novo passo nesta relação, pois compartilham do sabor e, portanto reforçam seus laços.

Freguesa: *ils sont bons!*¹⁰⁴

Akli: *en fait cela il vient de l'Allemagne...*¹⁰⁵

Akli rindo, fala para a senhora, mas olhando para o freguês, esperando sua reação, estão num jogo que não compreendo muito bem, mas sigo no registro sonoro.

Freguês: *ah bon...*(e começa a rir)

Akli: *tous ce qu'est bon!* (ainda em tom de brincadeira)¹⁰⁶

Neste momento a freguesa faz uma pergunta sobre a produção agrícola da Alemanha, os produtos que exportam ou coisas do gênero que não consigo

⁹⁷ Sábado?

⁹⁸ Sábado não... depende, se eu não estiver muito cansado... Eu vou desfilhar no sábado de manhã...

⁹⁹ Ah bom! Você vai desfilhar! Então é sábado que você irá desfilhar?

¹⁰⁰ Me dê de qualquer maneira dois não maduros... e... damascos... eles são diferentes estes damascos?

¹⁰¹ Sim, eu faço uma diferença entre os maduros e os não maduros...

¹⁰² Ah bom! Porque aqueles são bem maiores... Então, quais são os melhores?

¹⁰³ Experimente, eu gosto muito dos damascos maduros...

¹⁰⁴ Eles são bons!

¹⁰⁵ De fato, estes vêm da Alemanha!

¹⁰⁶ Tudo que é bom!

entender. Falam todos ao mesmo tempo, trocando impressões sobre a Alemanha e seus produtos, Akli e o freguês claramente disputam seus pontos de vista, no sentido do jogo de palavras. Mas o freguês debocha como que vitorioso:

Freguês: *il vient de Rungis, Rungis c'est en Allemagne!*¹⁰⁷

A senhora deixa a conversa de lado e continua suas compras, olha para a banca e pensa quais alimentos ainda precisa. Os dois riem juntos.

Freguesa: *et la petite cerise là... qu'est qu'elle reste chère cette cerise là?*¹⁰⁸

Freguês: *c'est plus grosse cela*¹⁰⁹ ...

Akli: 4,80€

Freguesa: *oui 4,80€ mais pourquoi 4,80€?*¹¹⁰

Akli: *parce que c'est la cerise Sumit celle...*¹¹¹

Freguesa: *oui mais... Bon, c'est tout ce nous avons besoin? Ah, vous avez des oignon... rouge?*¹¹²

Akli: *oui je les ai mais en boîte...*¹¹³

Freguesa: *oh non le petite la... pour la ratatouille.*¹¹⁴

Akli: *oui je les ai mais pas petite...*¹¹⁵

Freguesa: *Bon alors, on s'arrêt là... vous (se dirigindo ao marido)... vous étés sur ? Il ne sera pas la samedi...*¹¹⁶

Freguês: *Oui, il sera là samedi...*¹¹⁷

Freguesa: *mais non il vas défiler...*¹¹⁸

Freguês: *oui il serait là samedi...*¹¹⁹

Freguesa: *mais non, vous me disiez qu'il vas défiler alors...*¹²⁰

Freguês: *mais non, c'était une blague...*¹²¹

¹⁰⁷ Ele vem de Rungis, Rungis é na Alemanha!

¹⁰⁸ E aquela cereja... Por que ela continua cara aquela cereja?

¹⁰⁹ É a maior aquela lá...

¹¹⁰ Sim 4,80, mas porque 4,80?

¹¹¹ Porque aquela é a cereja Sumit...

¹¹² Sim mas... Bom, é tudo o que precisamos? Ah, você tem cebolas... vermelhas?

¹¹³ Tenho mas em lata...

¹¹⁴ Ah não, a pequena, para o Ratatouille.

¹¹⁵ Sim eu tenho, mas não as pequenas.

¹¹⁶ Ah bom, então... a gente termina aqui... Você tem certeza? Ele não estará aqui no sábado.

¹¹⁷ Sim, ele estará aqui no sábado...

¹¹⁸ Não, ele vai desfilar...

¹¹⁹ Sim, ele estará aqui no sábado...

¹²⁰ Não, você me disse que ele vai desfilar... então...

¹²¹ Não, era uma piada...

Desfeita a confusão sobre o sábado, o casal conversa um pouco entre si, a Senhora um pouco constrangida com a confusão, mas já decidida sobre as compras.

Freguesa: *alors...*¹²²

Akli: *On a 15,12€ ... merci... des légumes et des fruits* (alcançando as sacolas)¹²³

Freguês: *à samedi...*¹²⁴

Esta cena de compra e venda se desenrola durante mais ou menos 10 minutos, com alguns intervalos onde Akli arruma e escolhe as compras do casal de senhores e a freguesa passeia pela banca, olhando o que está sendo oferecido. Entramos, neste caso, em uma outra dimensão das sonoridades do mercado que é a forma como se instaura uma situação de conversação (Simmel, 1983). Para Simmel (1983), trata-se de um momento significativo de reciprocidade e trocas porque realiza uma relação entre pessoas, ao mesmo tempo em que instaura, expressa o laço social. A importância do som, neste caso, apóia-se finalmente na forma como a palavra circula e rebate entre os sujeitos que conversam, ganhando autonomia de narrar uma relação. Etnografar sonoramente estas relações entre fregueses e feirantes no mercado repousa numa preocupação específica com esta forma com que a matéria sonora (Rocha; Vedana, 2007) é moldada constituindo uma poética do viver urbano (Sansot, 2004) a partir das relações e trocas no mercado. Nestas duas cenas, a conversa sugere as camadas de interação que perpassam o cotidiano do mercado e a tecitura das relações entre fregueses e feirantes. As trocas verbais, apoiadas ou não em brincadeiras e jocosidades, transformam a efemeridade dos atos de compra e de venda em uma relação.

¹²² Então...

¹²³ Nós temos 15,12... Obrigado... Os legumes, e as frutas.

¹²⁴ Até sábado...

6.3 Disputando o espaço sonoro

Estas situações de conversação (Simmel, 1983) ao serem repetidas ou retomadas em outros dias de feira, ao se acomodarem na ambiência do mercado e na dissolução da matéria sonora (Rocha; Vedana, 2007) para de novo recomeçarem falam de sua origem cósmico-social (Durand, 2001) nos simbolismos cíclicos do alimento e das imagem dos movimentos de sucessão de nascimentos e mortes. Voltam-se, neste sentido, para o próprio tempo.

Tudo isso no interior de uma ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996) onde as sonoridades se sobrepõem umas as outras. Das artes de dizer (Certeau, 1994) dos feirantes em sua narrativa sobre os alimentos e simbolicamente sobre o tempo, tem-se também a construção desta relação com o freguês que pode ser entendida também como uma ruptura, uma descontinuidade nesta performance oral, abrindo espaço para uma conformação outra das trocas no interior do mercado. Além disso, entre um anúncio e outro, podemos perceber os chistes e provocações, como que “disputas do espaço sonoro” entre os próprios feirantes. Há aí também um espaço de enunciação da palavra que marca o tempo e as relações. Diferente dos anúncios que marcam o tempo no interior da banca, as piadas e deboches entre feirantes de bancas diferentes – ou mesmo da mesma banca – marcam as relações de reciprocidade que aparecem no contexto do trabalho. Uma das situações etnográficas em que isto ficou mais evidente foi a gravação em vídeo realizada na banca de Henrique¹²⁵, no Mercado do Produtor do Largo Zumbi dos Palmares e as inúmeras histórias que ele inventou para seus colegas. Durante um dia de feira, entre os anúncios de seus produtos e o atendimento ao freguês, Henrique faz piada com Ed (Edimar), o rapaz que trabalha com ele na banca e com outros feirantes. Numa dessas, apontava para a banca em frente a sua, onde trabalham uns quatro ou cinco meninos de 12 a 15 anos dizendo “Gabriel dá um sorrisinho para as câmeras dá. Aquela é a banca do Michel Jackson... Só tem criança!”.

Dessa forma seguem as metáforas, as brincadeiras, as jocosidades no interior do mercado ao longo de um dia. O final da feira também aparece nas falas e anúncios dos feirantes, na medida em que as promoções aumentam e os

¹²⁵ Partes das imagens resultantes desta gravação encontram-se editadas no documentário *O Tempero do Mercado*, que pode ser visualizado no capítulo 4.

produtos vão acabando. Neste momento também entram em cena, ou ao menos mais explicitamente, os meninos e meninas em busca das sobras. Conforme diminui o número de fregueses na banca, mais eles aparecem correndo entre as bancas, rindo, pedindo. Andam sempre juntos, em dois ou três.

TA ACABANDO A MERENDA, OLHA AÍ Ó!

Leva uma penca pra sogra, pra aquele sobrinho desempregado... é dois quilos por um real... ta indo embora o caminhão da banana, não deixa pra comprar na volta, compra agora que ta em promoção a banana...

VAMOS LEVAR ESSA BÓIA PRA CASA!

BAIXOU, BAIXOU AS ÁGUAS OLHA AÍ!

6.4 Das imagens sonoras à duração

Falar de uma etnografia sonora das formas sensíveis da vida cotidiana (Sansot, 1986), neste sentido, significa considerar a observação e interpretação dos fenômenos sonoros do mundo urbano contemporâneo como uma forma de expressar as continuidades e discontinuidades das configurações do corpo coletivo urbano. Segundo Gilbert Durand (2001) o pensamento se dá por imagens, é através delas que ordenamos o mundo e compreendemos o tempo. Nesta pesquisa, a profusão de imagens sonoras que configuram a estética do mercado e também uma estética urbana (Rocha, 1995) permitiram pensar a cidade através das práticas e gestos do mercado. O som foi um fator de imersão constante e densa numa ambiência peculiar onde o alimento convoca os sujeitos, *habitués* do mercado, a aderirem às imagens cíclicas do tempo e a celebrar o

recomeço. Assim, investigar sonoramente a cidade representa uma das formas de desvendar os arranjos coletivos (Rocha, 1994) decorrentes das práticas ordinárias dos sujeitos em seu cotidiano e em seus territórios de pertencimento, significa perceber as maneiras de expressão cultural dos grupos ou comunidades com os quais nos deparamos no trabalho de campo a partir das sonoridades que configuram cenas, gestos e ambiências. Ao mesmo tempo, etnografar sonoramente a cidade passa pelo registro, pela captura destes fragmentos sonoros que a compõem, numa tentativa de luta contra o tempo face às constantes transformações do espaço urbano, como uma maneira de fazer durar as formas a partir das quais o corpo coletivo de uma determinada época se expressa simbolicamente em suas experiências sensíveis cotidianas.

Esta dimensão da duração (Bachelard, 1988) se expressa sonoramente através da circularidade da palavra, ou seja, das formas como os *habitués* do mercado - incluindo aí não apenas feirantes e fregueses, mas os próprios grupos que buscam as sobras - constituem diálogos que perduram por diversos dias de feira, mesmo frente à descontinuidade da feira na semana. Ou mesmo na forma como, a cada dia em que o mercado é re-atualizado como arranjo coletivo urbano (Rocha, 1994), feirantes voltam a anunciar produtos, a narrar a estação como diria Sansot (2004), os fregueses voltam a conversar e habitar os corredores do mercado, os meninos e meninas voltam a suas brincadeiras ruidosas. As trocas verbais, nas formas de piadas e brincadeiras perduram, são retomadas a cada dia de feira, guardando as particularidades dos sujeitos que as veiculam, como a promessa da carne de porco assada entre Henrique e Dona Zulma que foi apresentada no primeiro capítulo desta tese.

Diante de tudo isso podemos pensar que essa ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996) do mercado que venho abordando aqui, principalmente a ambiência sonora, ou seja, o clima de efervescência que rege o espaço do mercado que é dado na palavra que circula e na voz que anuncia, é uma maneira de provocar uma abertura dos sentidos para as imagens cíclicas do tempo. Trata-se enfim de um “estado de alma” (Sansot, 2004) a partir do qual se adere aos simbolismos do alimento como metáfora do tempo e que é proporcionado pelas sonoridades que inserem os sujeitos que adentram ao mercado numa atmosfera particular. Uma experiência do tempo vivido cuja memória é evocada na reatualização cotidiana dos gestos imemoráveis (Leroi-Gourhan, 1975; Certeau,

1994) da relação do homem com o alimento. Memória que se inscreve no corpo, na forma como os sentidos – olfato, tato, gosto – e os próprios músculos – da mão que pega alguma coisa, da boca que come, que fala, das pernas que percorrem, procuram - são agenciados para compor os gestos e práticas do mercado.

Ao escutar repetidas vezes as sonoridades capturadas no espaço do mercado, percebendo suas recorrências e discrepâncias, as formas como, nas vozes de fregueses e feirantes, na composição de seus diálogos, nas trocas e brincadeiras, constituíam-se laços simbólicos entre estes sujeitos, ao mesmo tempo em que as sonoridades dos detalhes, das moedas trocadas, dos utensílios utilizados, dos gestos, atribuíam espessura a estas vozes, ou seja, enquadravam uma mesma experiência sensível sobre o urbano é que foi possível compreender estas imagens sonoras na duração (Bachelard, 1988). A experiência muitas vezes compartilhada nesta ambiência de fruição estética dos mercados, através dos corpos, odores, cores e formas, sempre imbuídos da potência simbólica que tem o alimento de apresentar a passagem do tempo, da vivência de um tempo cíclico, atribui às imagens sonoras, a partir de seu caráter ondulatório e ritmado, a potência de narrar a duração das formas sensíveis da vida cotidiana (Sansot, 1986).

6.5 Artes de Fazer e Artes de Nutrir: dinâmica de gestos

No desdobramento destas imagens da circulação da palavra sigo as seqüências de gestos¹²⁶ que têm lugar no mercado, agora na manipulação da

¹²⁶ A noção de gesto que sigo nesta tese refere-se aos estudos arqueológicos de Leroi-Gourhan (1975) onde o gesto está associado a uma matéria e sua manipulação e se orienta ao domínio do espaço e do tempo pelo homem. Neste sentido, o autor fala, por exemplo, no gesto alimentar e no desdobramento de ações necessárias para garantir a nutrição de uma comunidade. O gesto decorre de uma relação do homem com o meio ambiente e a criação de utensílios – como objetos continentais ou cortantes – é uma forma de liberação da mão (Leroi-Gourhan, 1975), transformada de utensílio a motor do gesto e se acomoda nas imagens vinculadas à dominante postural de conquista do meio (Durand, 2001). Neste sentido, Gilbert Durand (2001) vai se apropriar das análises de Leroi-Gourhan (1975), dialogando também com Piaget, para pensar o quanto os gestos de relação do homem com o meio já estão carregados de conteúdo imaginário desde os primeiros movimentos do bebê, por exemplo. Os gestos, portanto, decorrem da negociação entre as pulsões subjetivas humanas e os imperativos do meio, num movimento de acomodação e assimilação. Por fim, Ana Luiza Carvalho da Rocha (1994), seguindo os estudos sobre o Imaginário, de Gilbert Durand (2001), vai refletir sobre os gestos de fundação das cidades e a configuração de uma estética urbana para as cidades tropicais. No decorrer de suas pesquisas no interior do BIEV, juntamente com a antropóloga Cornelia Eckert, esta dimensão imaginária dos gestos do homem em relação ao meio serão relacionadas ao estudo da memória coletiva no meio urbano e ao tema da duração bachelardiana. É neste contexto que está inserida esta tese.

matéria (Leroi-Gourhan, 1975) do alimento. A escolha do que comprar envolve muitos fatores, desde o desejo do que se quer cozinhar até as diversas sensações, visuais, olfativas e de tato que a relação com o alimento proporciona, passando também, é claro, pelos momentos de conversas e diálogos com feirantes ou mesmo com outros fregueses. Estas sensações ou experiências sensórias: observar o alimento em suas cores e formas, sentir o cheiro que exala, tocar e descobrir sua textura e densidade são gestos que propiciam o devaneio nas imagens da intimidade das substâncias e das coisas (Bachelard, 1990). Assim, as artes de fazer (Certeau, 1994) relacionam-se as maneiras como os feirantes preparam os alimentos para serem apreciados por seus fregueses, arranjando a banca, narrando seus produtos, oferecendo provas para a degustação, informando, conversando. As artes de nutrir (Certeau, 1996) associam-se ao devaneio na intimidade da matéria (Bachelard, 1990) a ser transformada em comida, aos toques que precedem à escolha, ao olhar que avalia, investiga, à pergunta sobre o gosto e mesmo ao gosto provado na feira. No arranjo destas artes de fazer e de nutrir conformam-se conjuntos de gestos derivados do alimento como símbolo da passagem do tempo e da renovação da vida. A intimidade destes gestos do mercado metaforicamente evoca a especificidade e interioridade do laço social que ali se constitui, gestos que na maior parte das vezes estão acompanhados da fala.

Nas diversas vezes em que compartilhei da ambiência do mercado com seus *habitués*, as imagens destas artes de fazer (Certeau, 1994) me acompanharam, narrando as formas como são parte das relações entre fregueses e feirantes. Para a construção deste capítulo algumas delas serão evocadas para proporcionar ao leitor uma descoberta destas formas que também estão presentes no capítulo quatro, em diferentes montagens.

Em suas artes de fazer (Certeau, 1994) Akli arruma constantemente a banca enquanto anuncia seus produtos. Preenche os espaços vazios com outras frutas ou legumes que ainda não foram expostos, e se os alimentos já estão acabando, vai rearranjando as caixas e cestos, organizando-os de forma que a banca esteja sempre bonita, recheada de cores e formas, que agrade o freguês. A visão, segundo ele, é a primeira forma de relação com o alimento que se vai consumir, há uma atração por eles, por isso precisam estar bem apresentados

aos olhos do freguês e cada feirante vai achar a sua maneira de oferecer isso a seus clientes.

Akli

"C'est un peut mon système, l'idée c'est que a partir du moment que c'est bien présente déjà ça attire l'oeil, se on mettre que de piles comme ça forcément on ne vois pas beaucoup... c'es pas bon... D'abord on est attiré par des yeux et après... c'est comme un petit tableau, quoi.¹²⁷"

A seqüência de gestos que desenvolve para esta atividade são homólogas¹²⁸ às seqüências de gestos de Henrique na organização de seus temperos. Os alhos soltos e suas variedades são remexidos para ganharem volume sobre a banca e se destacarem, as pimentas também soltas passam pelo mesmo processo, a cada vez que o número de fregueses em frente à banca diminui. Da mesma forma, todas as variedades de temperos que estão em pacotes também passam por revisão e rearranjos, de forma que a banca fique sempre pronta para o freguês. Assim, durante o tempo da feira, a banca deve ser rearranjada diversas vezes, conforme os clientes passam por ali escolhendo e comprando. A banca de Henrique é muito paradigmática em termos das imagens da intimidade (Bachelard, 1990), pois é uma banca pequena, com produtos que são também pequenos – alhos, pimentas, gengibre, ervas como o orégano e alguns temperos preparados, misturados – então os gestos que demanda em termos das escolhas dos produtos e as conversas que desencadeia sobre as artes de nutrir (Certeau, 1996) tem esta dimensão microscópica da transformação da matéria do alimento. Henrique aposta nisso enquanto atende seus fregueses e dá receitas de como usar os temperos, conversa e faz piadas, conforme a situação em que se encontra.

Henrique

"A diferença da feira para o supermercado além do preço né, se discute muito... uma feira... se tu analisar a feira é 30% mais barata que o mercado e outra coisa aqui na feira é a personalidade, coisa que tu não vê em mercado assim ó o freguês chegar, conversar, brincar, nós temos fregueses que vem aqui na feira por terapia

¹²⁷ "Este é um pouco o meu sistema, a idéia é que a partir do momento que estão bem apresentados, isso já atrai o olho, se colocamos pilhas assim, não vemos muito, não é bom. Primeiro somos atraídos pelos olhos e depois... é como um pequeno quadro".

¹²⁸ Ao mencionar a idéia de uma homologia de gestos estou me referindo diretamente aos estudos sobre imaginário e imagem de Gilbert Durand em *As estruturas antropológicas do imaginário* (2001), ao tratar do método de convergência. "A homologia é uma equivalência morfológica, ou melhor, estrutural, mais do que equivalência funcional" (Durand, 2001: 43).

sabia, vem pra conversar contigo, se dá bem e conversa, tira aquele estress, ele não se sente bem se não vem na feira, conversou contigo eles voltam pra casa tranquilos. E mercado não tem isso, tu vai lá pagou, passou o cartão deu... tem só um cliente pra eles né?"

Mesmo nas bancas do mercadão do produtor que vendem em grandes quantidades, ou no *marché de Belleville*, esta arte de fazer (Certeau, 1994) relacionada à arrumação da banca também acontece, sob diferentes feições. Arrumar a banca é deixá-la sempre cheia, com volume suficiente de produtos para que o freguês possa escolher à vontade. A teoria de Akli sobre a “atração visual” dos produtos é entendida de outra forma, e os alimentos são apresentados a partir de seus volumes. É apenas no fim da feira que percebemos uma diminuição da quantidade de produtos, da mesma forma que começam algumas promoções para que realmente os produtos sejam todos vendidos. Há uma rítmica do mercado que se expressa nos alimentos, pois estes acompanham a passagem do tempo, mudando de qualidade, amadurecendo. Por isso também acabam custando menos ao final.

Além de todo o processo de organização da banca e preparação da exposição dos produtos, visualmente e sonoramente, parte destas artes de fazer (Certeau, 1994) estão associadas à oferta de um alimento para ser degustado pelo freguês, a prova no Brasil ou o *goûter* em Paris. Isto é feito de diversas formas: numa banca que vende queijos e embutidos no mercadão do produtor sempre encontramos uma bandeja com vários pedaços de queijos e salames para que o freguês faça a sua prova, experimente o gosto e a partir daí trave uma conversa com os feirantes sobre os produtos e escolha suas compras. Em São Paulo, muitos feirantes de bancas de frutas faziam arte com a casca, ou seja, cortavam-na em formas que chamassem a atenção do freguês, enfeitando a banca com um “artesanato de cascas” de laranja, por exemplo, deixando também as frutas disponíveis para a prova. À medida que os fregueses experimentavam, os feirantes transmitiam algumas informações sobre a fruta em questão, ofereciam novas provas, etc. Da mesma forma, na banca de Saionara uma fruta de cada tipo ficava a disposição dos fregueses que quisessem descobrir seus sabores.

Akli e Henrique também têm suas estratégias de venda relacionadas à prova dos produtos. Para Henrique, oferecer um alho ou uma pimenta para o freguês experimentar não seria muito adequado, portando compartilha com seus fregueses os cheiros destes temperos e todas as suas potencialidades em termos de sabor na comida. Neste sentido, troca receitas, ensina como fazer uma carne com aquela pimentinha e brinca que sua banca já salvou muitos casamentos. Para Akli, oferecer uma fruta para o cliente experimentar é compartilhar de algo bastante profundo representado pelo gosto, pois este último vai ficar na memória do freguês que sempre se lembrará daquele gosto especial. Uma fruta é oferecida por ele a um freguês imediatamente após perguntas do tipo “como está a cereja?” “os pêssegos estão bons?” Akli oferece aos seus clientes a oportunidade de compartilhar este gosto e assim estabelece laços com seus fregueses.

Akli

“C’est une clientèle qu’on a... ici surtout... Un client qui commence à acheter chez nous il commence à se sentir satisfait par rapport la qualité, on raisonne beaucoup sur la qualité, sur la satisfaction du goût. Et a partir de là c’est vrai qui la tendance c’est revenir. On a un très grand mémoire, on oublie beaucoup de choses, mais on ne oublie jamais du goût, on se souvient... Donc quelqu’un qui a aimé un produit il va se souvenir. S’il acheter un melon chez moi et il est contente, même s’il acheter ailleurs plusieurs fois, de tout façon il va se rappeler de moi et du goût. Donc déjà c’est un moyen de garder cette... Et après forcément on essaie de avoir la qualité... comme c’est des clients que nous avons depuis longs temps c’est vrai que il y a une relation... des clients sont des amis, vraiment...”¹²⁹

Através destas imagens vamos percebendo o teor da convivialidade proposta no mercado, apoiada numa relação de intimidade, familiarização e também prazer. O que se compartilha com o outro através do sabor dos alimentos, dos cheiros e texturas é uma certa maneira de viver, um ambiente de pertença e de confiança, fundadas nos simbolismos cíclicos do alimento. O esforço dos feirantes em proporcionar uma experiência estética peculiar a seus fregueses não está somente colocada numa suposta necessidade de vender

¹²⁹ “É uma clientela que temos... sobretudo aqui... Um cliente que começa a comprar conosco, ele começa a se sentir satisfeito em relação a qualidade, nos preocupamos muito com a qualidade, com a satisfação do gosto. E a partir daí é verdade que a tendência é voltar. Nós temos uma boa memória, esquecemos muitas coisas, mas não esquecemos nunca um gosto, nos lembramos... Então, qualquer um que tenha gostado de um produto, ele vai se lembrar. Se ele compra um melão comigo e ele fica contente, mesmo se ele comprar em outros lugares outras vezes, de qualquer maneira ele vai se lembrar de mim e do gosto. Então, é um meio de guardar esta... E depois nós tentamos ter qualidade, como são clientes que nós temos depois de muito tempo, é verdade que existe uma relação... os clientes são amigos, verdadeiramente.”

mais, e sim na possibilidade de tecer laços sociais. Durante a experiência etnográfica nas feiras-livres, conheci alguns fregueses, mesmo no Brasil, que preferiam ter suas compras escolhidas pelos feirantes, pois atribuíam a estes o conhecimento sobre os alimentos e ao mesmo tempo uma confiança de que escolheriam produtos de boa qualidade. Mais uma vez o que emerge destas preferências são os vínculos estabelecidos no mercado. E mesmo a escolha realizada pelo feirante não exclui o freguês de compartilhar do prazer estético do alimento.

Saionara

"Acontece eu, por exemplo, no sábado lá tenho muitos clientes que vem "olha tu escolhe pra mim", eles vêm, procuram... tem bastante gente para atender na banca, mas eles vêm "dá pra ti atender lá, pode me atender" ai eu peço pra aguardar um pouquinho, então eles te esperam para ser atendido por ti, aí tu vai lá, tu escolhe o mamão deles, que nem eu trabalho com mamão lá, tu escolhe o tomate, tu escolhe tudo pra eles e é uma questão de confiança, né... tem gente que pergunta o que eu uso normalmente na semana, "a minha família é de tantas pessoas" até isso tu tens que... pensar sobre isso ai eu calculo mais ou menos pela minha, ai eu digo mais ou menos quanto que é, aquela troca de receita como eu te falei "ah, o gengibre é bom pra isso, pra aquele outro", existe toda uma troca, né, e o pessoal acostuma com isso e te procura..."

Andromeide

"Ainda mais pra mim que quando cheguei aqui você vê... Tem muito produto que no Brasil a gente não tem, então era a oportunidade de fazer para aprender mesmo, porque um cliente pergunta quanto tempo que tem cozinhar isso e você não sabe responder, como é que tem que fazer, então eu tive que... de tudo, de tudo que eu vendo, mesmo se as vezes eu não gosto, mas eu tento fazer para saber o tempo, para saber como que é, porque a gente tem que saber responder, aqui a gente tem que saber explicar o tempo que demora para ficar pronto, a origem de onde que vem e a qualidade, tem muita exigência do momento que você vende alguma coisa você tem que saber explicar tudo, eles pedem muita informação."

Do lado dos fregueses e suas artes de nutrir (Certeau, 1996) os gestos que desencadeiam relacionam-se com as formas propostas pelos feirantes: observar e admirar os alimentos expostos na banca, provar e descobrir o gosto, em alguns casos apalpar, cheirar e escolher. Gestos que guardam a imaginação sobre o devir das frutas e legumes transformados em comida a ser também compartilhada com o outro. Estas seqüências de gestos envolvendo a compra dos alimentos também estão presentes nas táticas do fraco (Certeau, 1994) e suas opções no

interior do mercado. As sobras que se destinam aos grupos que pedem aos feirantes e fregueses, ou coletam alimentos do chão também passam por um processo de desvendamento de suas formas, cores e cheiros, ou seja, de suas potencialidades simbólicas de se tornarem comida, refeição. Há aí também uma homologia de gestos que vincula todos estes sujeitos pela via das artes de nutrir, gestos que admitem diferentes feições.

Dona Sarita, uma antiga freguesa do mercadão do produtor no Largo Zumbi dos Palmares, com seus 70 anos aproximadamente, tem uma maneira muito peculiar de fazer sua feira. Dona Sarita é freqüentadora da banca de Henrique e faz dela seu porto, pois todas as compras que faz deixa por ali. Assim, caminha pelo mercado, escolhe suas compras, conversa com feirantes e volta à banca de Henrique para deixar o que comprou, depois continua seu percurso até o fim da feira. Sarita permanece no mercado mesmo quando as bancas já estão sendo desmontadas e Henrique afirma que ela deixa um pouco de suas compras em cada banca. Fumando de quando em quando um cigarro, Dona Sarita além de comprar suas coisas para a semana, *prend son temps* no devaneio das conversas ao pé da banca, pois segundo ela, cozinha durante a noite para fazer a feira no sábado pela manhã.

O agenciamento dos gestos de escolha dos fregueses em relação às suas compras está associado, dessa forma, a construção de formas de sociabilidade que se estabelecem no mercado: o passeio entre as bancas, a conversa com vizinhos e conhecidos que se encontram nos corredores, o diálogo com os feirantes já conhecidos de anos e com os quais travam amizades. Dona Zulma, uma senhora de aproximadamente 70 anos, freqüentadora do mercadão do produtor desde a década de 80, quando veio morar em Porto Alegre, sempre se refere às suas amizades e aos encontros na feira, seja com os feirantes que conhece há anos, seja com fregueses que acaba encontrando lá. Dona Zulma me foi apresentada por Henrique como sendo sua freguesa mais antiga, a que conhece muitos feirantes desde que eram garotos. Moradora do Bairro Cidade Baixa, ela vai todos os sábados na feira com seu filho que aprendeu com ela a escolher os alimentos e comprar, além de também participar de seus momentos de conversa.

Dona Zulma

"Ah, eu acho que é melhor, porque a gente pode escolher tudo né, tu vê gente, tu conversa... Quando o meu filho não vai ele pergunta: "tu vem hoje pra casa mãe?" eu digo: "sei lá, se eu encontrar mais gente pra conversar..." E eu sou muito... Eu posso estar sentido o que eu tiver, mas se eu achei uma pessoa pra conversar... E ele mesmo me diz assim "mãe, lá vem aquela vovozinha, vê se tu fica conversando com ela" eu digo, "bom então tu pega o carrinho, se tu quer, leva o carrinho, tu vai te embora e me deixa..." ai ele mesmo quando elas chegam perto "oi dona fulana" aí fica ali conversando, também... aí já fica, eu digo "ah, tu... porque tu mandou que eu apurasse? Que eu fizesse que não visse ela?" e ele diz "não, não eu digo isso pra brincar contigo"... E eu converso com todo mundo...

(...)

Eu gosto mais de sábado, tem bastante gente, pecha aqui pecha ali... Eu não gosto também de muita pechada, mas eu gosto do movimento que tem de gente que às vezes a gente passa tempo sem se ver, aí a gente se encontra ali... Eu tenho uma senhora que me compra Avon também, a dona Valquíria, que ela mora ali na... no edifício da Colombina ali... Ela é bem baixinha, então quando eu vejo ela está lá na feira... "ah, tava te esperando, minha filha..." ela tem... dois... tem três filhos, duas filhas e um filho, e ela diz "tu é a minha terceira filha, tenho três filha mulher e um homem"... O marido dela vai fazer as compras que tem que fazer e ela vai ver só os chás... ela vai lá e compra só os chás... E às vezes ela me liga e diz "tu não foi à feira hoje..." "Fui"... "mas eu fiquei te esperando lá e não te encontrei..." Claro eu saio aqui de casa oito horas, oito e quinze né, e ela vai dez e meia onze horas... Essa hora eu já estou... Tu pega o que é mais fresquinho, àquela hora mais tarde já é a chepa, eu que digo que o meu irmão vai na chepa da feira..."

A convivialidade, portanto, é o ponto alto do fazer a feira, onde as redes de sociabilidade se cruzam e renovam-se os laços entre os freqüentadores. Como Dona Zulma, muitos outros fregueses dos mercados procuram esta possibilidade de compartilhar desta ambiência, mesmo Gaston Bachelard enquanto freqüentador do *marché Maubert* na década de 60 dizia ir ao mercado para encontrar seus amigos, para reforçar estes laços. Já mencionei em outro capítulo que as motivações dos *habitués* dos mercados são orientadas por razões simbólicas (Sahlins, 2003), pois se atribui outros valores e estas práticas cotidianas para além das possibilidades de comprar mais barato, por exemplo. E mesmo aqui, ao evocar o aspecto da convivialidade e sociabilidade do mercado, não pretendo afirmar que a ambiência compartilhada no mercado e as motivações simbólicas que levam certos habitantes da cidade até a feira restringem-se a isto. Cabe refletir sobre o teor destes laços que se tecem no mercado, de seu vínculo simbólico com o alimento como metáfora do tempo. Este perder-se nas conversas

entre vizinhos e com feirantes é também um desdobramento do devaneio na matéria do alimento e suas imagens de intimidade (Bachelard, 1990). Por aí podemos pensar também as formas como os meninos e meninas percorrem inúmeras vezes o mercado ao fazerem sua feira. Num contraponto às imagens de escassez e miséria a que muitas vezes são vinculados, suas formas de interação com os fregueses e feirantes são também baseadas no riso e na negociação própria da circulação da palavra, da mesma forma como ocupam o espaço do mercado e afirmam sua presença brincando, correndo e circundando os fregueses. Longe de uma atitude romântica em relação ao mercado como o “melhor dos mundos” ou o espaço da igualdade, remeto-me a estas imagens para entendê-lo justamente como lugar da presença da diversidade e da negociação. Como diria Lucette Rousseau¹³⁰ – Lulu uma *chef de cuisine* – o mercado é um lugar democrático na medida em que apresenta uma pluralidade de possibilidades. Trata-se de atribuir também aos gestos destes grupos uma dimensão simbólica.

6.6 Dona Geni e Jane: as compras para toda a semana

A descoberta destes gestos de escolha e manipulação da matéria do alimento se deu com Dona Geni, outra freguesa antiga do mercadão do produtor. Dona Geni também é moradora do Bairro Cidade Baixa há mais de 40 anos e vai à feira todos os sábados com sua amiga Jane, com quem divide tudo o que compra. Dona Geni tem também uns 70 anos e percorre a feira-livre já com uma lista mental de compras, conforme ela conta em sua entrevista. Jane tem uns 10 anos a menos que Dona Geni e foi babá de sua filha durante muitos anos e atualmente, diante de suas dificuldades financeiras, Dona Geni escolhe fazer a feira com ela, que fica responsável pela arrumação das compras e recebe metade de tudo que foi comprado por Dona Geni. Num destes percursos de compra pela feira pude ir acompanhando as duas em suas escolhas e estratégias de compra, bem como em suas paradas nas bancas para uma conversa com os feirantes ou nos encontros com vizinhos e conhecidos.

¹³⁰ Autora do livro “Les plats du jour de Lulu, recettes de quatre saison”, Ed. Albin Michel, 1998. Em entrevista para o canal francês *La cinquieme*, Lucette Rousseau fala sobre os mercados de rua e sua importância cultural a partir de um vídeo chamado *Lê marché D’Aligre*.

Percorremos a feira a partir dos caminhos traçados por Dona Geni e Jane, um caminho relacionado às estratégias sobre o que comprar primeiro, em quais bancas parar, e não um caminho aleatório. Passamos pelas bancas e enquanto a Dona Geni escolhia as coisas que iria comprar eu perguntava o porquê e como das suas escolhas, percebendo seu olhar sobre os alimentos, um olhar observador, intrigado, um olhar pensante, que analisava cada coisa antes da decisão de chegar até a banca e sentir com as mãos o que cada um daqueles produtos tinha de bom. Um olhar que já previa a transformação daquela “matéria bruta” em alguma refeição, em algum doce, etc. Luce Giard (Certeau, 1996), ao escrever com Certeau sobre as artes de nutrir nos convoca a pensar sobre os movimentos do espírito (Certeau, 1996) que envolvem os gestos de relação com o alimento. Para a autora, escolher os produtos, proceder à compra, cozinhar não estão apenas associados a gestos do corpo, das mãos, mas também a gestos do espírito (Certeau, 1996) que pensa e imagina a transformação da matéria.

Assim, nestas passagens pelas bancas, Dona Geni sempre lembrava de alguma receita que poderia ser feita com aqueles alimentos, mesmo que não fosse comprá-los, lembrava e relatava, finalizando com um “fica uma delícia”. Ainda com Luce Giard (Certeau, 1996) pensar estes gestos do corpo e do espírito que envolvem os fazeres em relação ao alimento e a comida é também pensar nos prazeres que proporcionam. Não só comer, mas também a própria manipulação da matéria dos alimentos como escolher, cortar, misturar, sentir os cheiros são gestos que envolvem um prazer estético particular. Neste sentido, os gestos que descrevo aqui de um fazer a feira com Dona Geni podem ser estendidos para muitos outros *habitués* do mercado, que encontram aí prazeres similares. Desdobram-se destes prazeres a partilha dos sentidos na ambiência do mercado, bem como as conversações (Simmel, 1983) e diálogos que aí tem lugar.

Paramos numa banca que vende doces de coco diverso, cocadas são feitas na hora ali, e então Dona Geni contou que um dia precisava comprar coco ralado e não tinha na banca. Resolveu comprar uma cocada branca, desmanchar e assim fazer a receita de doce que estava pretendendo. Do mesmo jeito, em cada parada ela conversava um pouco com o feirante, alguns com mais intimidade do que outros, falava dos preços, comentava a beleza ou não de cada coisa que via. Olhar atento mesmo para as bancas que não pretendia parar, quando via alguma coisa interessante, parava, perguntava, apalpava e comprava.

Estes gestos não são compostos apenas de uma postura de observação, ou de uma experiência visual, pois o tato muitas vezes entra em cena para se conhecer um alimento. Enquanto Dona Geni comprava cebolas, na mesma banca vendiam também grãos, como feijão, lentilha, ervilha, arroz, todos arrumados em pequenos potes e expostos aos clientes. Comentei que achava bonito a maneira como estavam expostos ali e ela começou a brincar com os grãos, pegou as ervilhas e encheu a mão e depois soltou novamente, fez isso algumas vezes pensando, e depois perguntou para o feirante se as ervilhas cozinhavam bem. Ele respondeu que sim e ela comprou um pouco, “para experimentar”. Na banca das abóboras, Dona Geni me ensina que quibebe se faz com a abóbora de pescoço, a mesma que se faz doce de abóbora, enquanto alisava muito o interior de uma abóbora cortada que estava em cima da banca, com o dedo deslizando sobre uma superfície úmida e laranja. Decidia se iria comprá-la ou não. Na verdade, acho que até já havia decidido, mas estava apreciando aquela fruta, sua textura, sua cor e seu cheiro. Ficamos ali enquanto ela explicava para o feirante que estava cortando a abóbora, a maneira que ela gostaria que fosse cortada. O toque nos alimentos era fundamental para suas escolhas e decisões, mesmo que chegasse à feira com uma lista mental do que comprar. O momento de pagar as compras aciona ainda novos gestos: aproximação da carteira ou niqueleira do corpo, do rosto e dos olhos para escolher as moedas e já fazer um cálculo prévio de quanto resta. Alguns fregueses pedem para os próprios feirantes verificarem o dinheiro na niqueleira e retirar de lá o que for preciso para pagar as compras. A cada compra Dona Geni passava as sacolas para Jane ajeitar no carrinho, o que esta fazia com muito cuidado para não amassar os tomates, não machucar as verduras, não quebrar os ovos. Mais algumas caminhadas, Dona Geni já havia comprado tudo o que precisava, apenas dava mais uma olhada nas bancas, observando se ainda poderia levar mais alguma coisa para casa.

As artes de nutrir (Certeau, 1996) agenciadas por Dona Geni em seus gestos de escolha, em seus pensamentos sobre os alimentos e a comida são representativos dos gestos que se desenrolam no mercado por outros *habitués*. Gestos do corpo e do espírito (Certeau, 1996) demandados pela matéria perecível do alimento que instaura uma experiência do tempo que perdura ao aceitar suas discontinuidades. Se estes gestos podem ser remetidos aos mais diferentes sujeitos que frequentam o mercado – afinal, trata-se de mercados que se

configuram no meio urbano, através da presença da diversidade de estilos de vida e também das diferenças sociais – é porque são veiculados por conjuntos de símbolos que povoam os conteúdos imaginários (Durand, 2001) humanos e não por uma dimensão da técnica isolada de sentidos. Na adesão a teoria do imaginário proposta por Gilbert Durand em *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* (2001), o gesto em relação ao alimento é visto, portanto como um gesto humano, cultural, que guarda especificidades em suas feições de acordo com os grupos e trajetórias, mas que possui uma origem cósmica e social comum quanto ao imaginário. Neste sentido que é possível aproximar os gestos de fregueses na relação com o alimento nos mercados de Porto Alegre, São Paulo ou Paris/França, ao observá-los para além de sua aparência imediata, mas na composição de sentidos que veiculam. Isto certamente através do acúmulo de imagens destes gestos que se repetem cotidianamente a partir da pesquisa etnográfica voltada para o trabalho de campo nos mercados de rua, para a pesquisa em imagens de acervo e para a construção de coleções etnográficas de imagens.

Dessa forma, os percursos dos meninos e meninas que freqüentam o mercado não são de maneira nenhuma aleatórios, mas vinculados às redes de solidariedade que tecem com fregueses e feirantes. Ao observá-los na feira-livre em suas táticas (Certeau, 1994) percebi que andam sempre em grupos de idades constituídos por dois ou três meninos – ou duas meninas – que conversam entre si combinando qual freguês irão abordar, mostrando em quais bancas chegar para negociar com o feirante. Eles também escolhem os produtos, não é tudo que está no chão – portanto livre – que os interessa, pois também agenciam gestos de manipulação da matéria do alimento. Ao final da feira podemos encontrar todos estes grupos de idade reunidos em um só, com suas mães, tias ou vizinhas indo pra casa com várias e várias sacolas de alimento. Contando, organizando e carregando sua feira da semana.

Manipular a matéria do alimento pressupõe a disponibilidade para o devaneio na intimidade da matéria que se desdobra no próprio pensamento do tempo que passa, que flui no decorrer dos dias. O alimento é um símbolo do tempo na medida em que carrega um processo de transformação que se desenrola desde o plantio – passando por todo o crescimento da planta e os ciclos de colheita – até as diversas formas com que chega aos mercados para

serem vendidos – processos de embalagem, estocagem e transporte – finalmente se transformando em comida através dos procedimentos e técnicas de cocção, ou mesmo estragando e apodrecendo. Uma imagem do tempo que se pretende invisível nas sociedades contemporâneas, que apostam na sobredeterminação das imagens do progresso técnico, como vimos no capítulo três.

Neste sentido o mercado, arranjo social (Rocha, 1994) derivado das práticas e gestos veiculados pelos simbolismos do alimento, ou seja, do tempo cíclico, convoca os habitantes a uma maneira de viver na cidade que se volta para uma outra imagem do tempo que não necessariamente a de um tempo do progresso (Durand, 2001), mas apoiada nas imagens da transformação cíclica da vida. A adesão a estes gestos que a matéria do alimento demanda nos mercados de rua e feiras-livres é uma adesão simbólica ao alimento como imagem do tempo e à tecitura de um laço social que decorre deste simbolismo, indicando que a convivialidade em torno do alimento não se esgota na mesa ou nos rituais de comensalidade, na refeição, iniciando-se já nos momentos de compra e venda. Aderir às práticas e gestos que se desenrolam no mercado é participar das camadas da memória que o configuram, reatualizando-se lembranças de outros tempos vividos na cidade.

CAPÍTULO 7

Ritmos temporais e duração - nutrir a cidade

“A arte de moldar frases tem como
equivalente uma arte de moldar percursos”
(Certeau, 1994:157)

Até o momento procurei trazer à tona nesta escrita o quanto gestos e práticas cotidianas levadas a efeito pelos habitantes da cidade conformam determinados arranjos sociais (Rocha, 1994). Estes arranjos são formas, no sentido simmeliano do termo, que ao serem agenciadas cotidianamente revelam o conteúdo simbólico que as configuram. Aqui, no caso, o arranjo social em questão é o mercado e suas múltiplas possibilidades de se apresentar no cotidiano da vida urbana, ocupando as ruas da cidade e deixando falar os simbolismos que estão orientando os gestos e práticas que o conformam. Tenho afirmado também que os simbolismos que agenciam os gestos e práticas do mercado referem-se ao alimento enquanto uma imagem simbólica do tempo (Durand, 2001), veiculando a idéia de uma temporalidade cíclica onde a presença do fim ou da morte indica a possibilidade de recomeço – numa ritmicidade adotada pelo próprio mercado no interior da cidade na regularidade com que ocupa e desocupa as ruas e praças. Dentro desta perspectiva do mercado como um arranjo social (Rocha, 1994) que é veiculado, ou que toma forma, a partir dos simbolismos cíclicos do tempo (Durand, 2001), afirmo ainda que estes gestos e práticas duram (Bachelard, 1988) no tempo. Neste capítulo pretendo evocar distintas temporalidades que possam narrar esta duração (Bachelard, 1988), não do ponto de vista de uma continuidade imediata, mas justamente a partir da idéia de ritmo (Bachelard, 1988), ou seja, do jogo entre continuidade e descontinuidade que caracteriza o estudo da duração bachelardiana.

Seguindo a perspectiva teórico-conceitual adotada por Gilbert Durand (2001) das estruturas antropológicas do imaginário, onde o autor afirma que o ser humano é constituído por imagens e pensa o mundo através delas, perspectiva

da qual se apropriam as antropólogas Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha para refletir sobre a vida urbana e seus ritmos temporais, trarei ao leitor algumas imagens que tenham a potência de narrar esta duração (Bachelard, 1988). Cabe aqui considerar a pluralidade dos suportes destas imagens: pesquisar a cidade e a vida urbana sob a perspectiva da memória coletiva e da duração (Bachelard, 1988), ou seja, do tempo, significa se debruçar sobre os fragmentos que narram a vida cotidiana e suas diferentes camadas de tempo¹³¹. Isto porque o conceito de memória a que me refiro nesta tese deriva da produção teórica das antropólogas Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha¹³² ao afirmarem que a memória não é um depósito de camadas lineares de tempo, onde se acumulam lembranças sobre acontecimentos vividos, mas sim uma ação do pensamento humano que ordena fatos, remonta situações, rememora dramas e assim narra o tempo vivido transformando-o em tempo pensado (Eckert; Rocha, 2005).

A memória é, portanto fragmentária, constituída na ordenação de instantes (Bachelard, 2007). Pensar a duração destes gestos e práticas para o caso do mercado envolve uma escuta às lembranças dos informantes, bem como o mergulho em imagens diversas que narrem estes gestos e práticas. Assim, para narrar a duração (Bachelard, 1988) das práticas de mercado me apoio nas narrativas de alguns informantes, bem como em imagens fotográficas ou videográficas pesquisadas em acervo, tecendo a pluralidade de imagens que evocam estes gestos a partir de sua descrição escrita e da montagem de crônicas em vídeo.

Diante destas questões ainda é importante considerar a tensão entre estas camadas de tempo na vida urbana e do próprio estudo da memória, em contraposição a linearidade do tempo progressivo (Durand, 2001). Investigar a duração (Bachelard, 1988) dos arranjos coletivos da vida cotidiana no mundo urbano contemporâneo é lidar com a própria matéria do Tempo em suas diversas feições, no interior das tensões entre uma imagem do tempo avassalador

¹³¹ Esta é por sinal a proposta narrativa do Banco de Imagens e Efeitos Visuais ao produzir um software que permite aos pesquisadores/usuários navegarem por imagens diversas, entre vídeos, textos, sons e fotografias, com temporalidades também diversas, possibilitando o contato com os jogos da memória (Eckert; Rocha, 2000b) sobre os territórios de Porto Alegre, os itinerários urbanos e as formas de sociabilidade que se desenrolam na cidade.

¹³² Parte deste trabalho pode ser encontrada no livro *O Tempo e a Cidade* (2005), outros artigos sobre o tema da memória podem ser acessados através da revista eletrônica *Iluminuras*, no site www.estacaoportoalegre.ufrgs.br.

(Durand, 2001) que corre para o progresso – e a cidade em seus constantes processos de construção e destruição (Eckert; Rocha, 2005) – e as imagens que emergem das práticas cotidianas e da restauração de gestos que remontam há um tempo outro, ou ainda a uma outra forma de viver a ritmicidade urbana.

Neste sentido é que aderir às lembranças de alguns informantes convoca a pesquisadora à investigação de outras imagens de mercados e seus gestos, em sua própria luta contra o tempo (Durand, 2001) para compreender e remontar a ritmicidade própria deste fenômeno. É este deslocamento em diferentes camadas de tempo que permite a compreensão da duração (Bachelard, 1988) não como algo estanque, mas a partir do movimento das formas da vida social (Simmel, 1981) no arranjo de seus conteúdos simbólicos.

Nesta reflexão sobre a duração (Bachelard, 1988) é a partir das feições do mercado que se atualizam no presente, no decorrer da vida cotidiana, que procuro me interrogar sobre o tempo na cidade. O mercado em suas formas expressivas (Dawsey, 2000) nos convida a pensar sobre a passagem do tempo que configura os laços sociais tecidos através dos simbolismos do alimento. A idéia de um tempo cíclico vivido no interior do mercado não significa que a cada ciclo se retome o mesmo que se tinha anteriormente, mas se refere a um processo de re-atualização dos laços que se densificam a cada dia de feira. Neste sentido, a celebração que se dá no interior dos mercados em termos de um tempo cíclico, bem como a duração dos gestos que o conformam estão intimamente ligadas com à celebração e à duração de laços sociais que levam alguns habitantes da cidade a aderir ao mercado de rua mesmo diante das inúmeras possibilidades de compra de alimentos que estão presentes na vida urbana.

7.1 Nascidos no mercado

Se tomo aqui o ponto de vista dos gestos do mercado para falar da duração (Bachelard, 1988) é para focar justamente as dimensões temporais da circulação do alimento na cidade. É claro que não desconsidero a importância das artes de nutrir (Certeau, 1996) no que diz respeito à cozinha e seus saberes e fazeres, e a elaboração da memória que daí decorre, mas por hora vou me ater

ao mercado e aos gestos que o veiculam no espaço da rua. Os fregueses, portanto, estarão narrando também estas imagens no interior deste capítulo.

Vi muitas vezes Henrique e Dona Zulma conversarem sobre isso no mercadão, alongando um pouco a compra do alho, e na entrevista que fiz com ela em sua casa, estas lembranças se mesclaram a outras de sua vida, lembranças tecidas pelo valor que Dona Zulma atribui às amizades que construiu. Nesta conversa que travamos durante uma tarde toda não faltaram quitutes para acompanhar as alegrias e tristezas narradas por esta mulher que morou em diversas cidades do interior até se estabelecer definitivamente em Porto Alegre, na década de 1980. Nascida em Bagé, no interior do Rio Grande do Sul, Dona Zulma teve a “educação que se dá a filha”¹³³ (Certeau, 1996:214) ou seja, foi preparada para responder às demandas da vida doméstica, aprendendo desde cedo a cozinhar – “eu com 9 anos eu subia num banquinho pra alcançar no fogão pra fazer comida” – lavar, passar, limpar, etc. Ao me contar sua trajetória Dona Zulma mesclava momentos de perdas – do marido, da filha – em que assumia um ar mais sério e distanciado, com outras situações de sociabilidade relacionadas à experiência urbana vivida em Porto Alegre e aos vínculos afetivos que teceu com vizinhos, amigos e os próprios feirantes.

Zulma

"O Beto ali é que me diz "olha, se eu não te conhecesse..." O das batatas ali, é porque eu... Eles eram gurizinhos quando eu comecei a comprar deles e nunca, nunca, nunca deixei de comprar... Então o Beto é que me diz assim "tu te lembra..." tem aqueles guris que trabalham com ele e às vezes começam a mexer comigo "é porque a senhora é mais velha que a feira, não sei o que..." e o Beto diz "ó deixa de estar mexendo com ela porque ela me viu pequeno aqui na feira, ela viu quando o André nasceu". André é o irmão dele... " Ela viu o André de fraudinha aqui na feira"... E eu digo "vi mesmo" e ele diz "tu te lembra quando a feira era atravessada aqui..." eu digo "me lembro..." e eles dizem "viu como ela é antiga na feira"..."

¹³³ Luce Giard escreve, no livro de Certeau, M. *A invenção do cotidiano 2*, sobre o lugar da mulher nas aprendizagens domésticas e principalmente nos saberes da cozinha, pensando sua própria trajetória e a das mulheres de sua família, neste sentido narra que “como criança eu me recusava a seguir os conselhos de minha mãe que queria que eu ficasse ao lado dela para aprender a cozinhar. Eu detestava este trabalho de mulher, porque jamais era pedido ao meu irmão” (Certeau, 1996:212). No decorrer de sua escrita, pontua a descoberta de uma memória onírica da cozinha ao se deparar com a necessidade de cozinhar “Bastariam uma receita ou uma palavra indicativa para suscitar uma estranha anamnese capaz de reativar, por fragmentos, antigos sabores e primitivas experiências que, sem querer, havia herdado e estavam armazenadas em mim. Tive que confessar que também em mim se aninhava um saber de mulher que sorrateiramente havia escorregado para dentro de mim, burlando a vigilância do meu espírito”. (Certeau, 1996:214).

O Cláudio, com aquela senhora que vende flores... Ele era um gurizinho quando veio pra ali... Eu compro dele e a esposa dele me compra Avon. Quando ele está muito serio eu digo "dá uma risada..." ele diz assim "por que que já vem ela..." eu digo "agora tu é um adulto, um homem casado... de primeiro que tu era um guri, que tu tava aí e a gente tinha até nojo de chegar na banca, tudo bem, tu não sabia o que era a vida, mas agora..." ele diz "eu sou chefe de família..." eu digo "então, melhor ainda... melhor ainda". Então é tudo assim, gente que eu já conhecia, né... os irmãos do Beto aqui se formaram engenheiro e tudo e ele me diz "te lembra do fulano?" "lembro" "já é engenheiro" "não brinca?" "já é engenheiro" até estes tempos ele andou aí e desapareceu de novo, diz que ele trabalha na prefeitura agora.

(...)

Mas a gente brinca muito ali né... Tinha outro ali que eu também brincava muito com ele, mas agora ele anda meio sério... Lá onde eu compro o mamão, e ele e o outro aqui da ponta, que chamam de Xuxa... Então aquele dizia que era, que era bicha... E que namorava um outro que tem lá do mamão, lá que dá para a Perimetral, tem um senhor numa banca... tem um que vende flor, depois tem uma que vende verdura e tem eles que vendem fruta... Eles me mandavam dar recado e eu dava, na maior... Mandavam eu dar bilhete e eu levava... "Tu vai ver o Xuxa..." "vou..." "tu vai comprar na Xuxa..." "vou..." "então leva este bilhete pro meu amor..." e aí quando ele começava a dizer, "é o meu amor, a gente se encontra de noite..." eu digo "que é isso" "é nós se namoramos, não sei o que...", mas tudo naquela né... Ainda as bancas não eram... As bancas deles eram aqui assim... Eram pra cá pra esse lado as bancas. Aí começaram... "o Xuxa de noite está lá na voluntários, com a bolsinha assim ó... e bota um vestidinho" eu digo "que bonito deve ficar, com as pernas cabeludas, sapato de salto"... É as bancas eram atravessadas ainda nessa época... Porque o alemão que eu compro tempero verde era bem aqui nesta ponta atravessado... Mas então a gente fervia, mas agora ele está quieto, não sei se houve alguma coisa ou eles estão calmos..."

No relato de Dona Zulma emerge o agenciamento dos simbolismos do alimento em um pensamento do tempo que transmuta os sujeitos. A própria feira muda de posição dentro do Largo, da mesma forma como ela e os feirantes se transformam no decorrer dos anos. Alguns crescem e se tornam adultos, outros têm filhos, outros ainda perdem parentes ou morrem. No meio disso, deste tempo que transcorre os laços estabelecidos entre eles são ritualizados a cada sábado em que se encontram e podem, portanto, reafirmar suas adesões a estas imagens cíclicas do tempo (Durand, 2001) fazendo durar o mercado e os gestos que o veiculam na repetição das brincadeiras e jocosidades, nas conversações e também nos gestos de manipulação do alimento.

No decorrer dos fazeres cotidianos que conformam a vida urbana, a adesão a estas formas de trocas sociais (Mauss, 2003) mediadas pelo alimento e seus simbolismos cíclicos que podemos ver nos mercados de rua configura pertencas – a certos territórios da cidade, a estilos de vida, a formas de fazer, etc. – que são densamente construídas ao longo de uma trajetória e referidas a uma dimensão afetiva – simbólica – desta experiência urbana. O tempo compartilhado no mercado não está apoiado numa tradição de feiras-livres na cidade, mas na regularidade de reafirmação destes laços sociais que são ali estabelecidos. Retomando Gaston Bachelard (1988) “dura tudo aquilo que tem razão para recomeçar” (Bachelard, 1988:08) e, neste sentido, podemos pensar que a cada dia de mercado celebra-se este recomeço dos laços afetivos, dos gestos e práticas que são agenciados a partir do alimento e das artes de nutrir (Certeau, 1996).

Como Dona Zulma, Dona Geni também vai à feira religiosamente todos os sábados fazer suas compras e celebrar este tempo vivido coletivamente no mercado. Ela mora a mais de 40 anos em Porto Alegre, sempre nas imediações dos Bairros Centro e Cidade Baixa. Sua trajetória se diferencia da trajetória de Dona Zulma na medida em que foi criada na roça, em São Luiz Gonzaga, trabalhando desde criança. Perdeu os pais ainda menina e na juventude resolveu deixar a roça pra trabalhar na cidade. Passou por várias cidades do interior do Rio Grande do Sul, trabalhando na cozinha de hotéis até chegar a Porto Alegre, onde mora até hoje. Ao traçar sua trajetória em Porto Alegre, Dona Geni, apesar de toda a simplicidade que aparenta em suas formas de se vestir, morar, habitar a cidade, narra a história de uma mulher com gostos requintados, que comprava muitas jóias e roupas “de grife, finas”, que vivia o *footing* na Rua da Praia com as amigas, passeando à noite para olhar as vitrines das lojas. Conta que para se adaptar a cidade e conhecer os diferentes bairros, pegava o bonde, ia até o final de linha e depois “virava o banco” e voltava, numa tentativa de construir seus laços de pertença.

Embora preocupada com uma alimentação de boa qualidade, de preferência feita em casa, com as influências das práticas culinárias do interior, ou seja, associada a sua vida anterior à experiência urbana em Porto Alegre, resignifica suas práticas da cozinha tendo em vista o que a própria cidade lhe proporciona. Pensando em termos simmelianos (1979), “a vida mental da metrópole” insere

Dona Geni num circuito bastante diferenciado daquele vivido nas cidades do interior, onde as práticas de lazer e de trabalho, a fragmentação de papéis sociais e as formas de sociabilidade as quais se integra reordenam seu estilo de vida (Velho, 1980). Neste caso, aderir à ambiência do mercado é por um lado recuperar uma forma de lidar com o alimento que é “da roça” – o que se evidencia nas táticas de compra de Dona Geni que pude acompanhar na feira, como raspar a terra da mandioca para pesar menos, ou escolher ovos da colônia – mas por outro também constituir uma forma de viver eminentemente urbana, pautada nas trocas sociais onde circulam não só a moeda, mas também saberes e fazeres, afetos e experiências.

É na elaboração de suas lembranças que afirma que sempre freqüentou o Mercado do Produtor, desde que veio morar “pra cá”. Este “sempre” é pontuado tanto pelas transformações no bairro, como pelas transformações na feira, mas principalmente pelo vínculo estabelecido com alguns feirantes e também com a vizinhança em termos de um tempo vivido coletivamente.

Geni

"Barbaridade, pois eu acho que faz quase uns quarenta anos que eu vou à feira aqui... Eu acho que é vício, também, eu tenho que ir, eu acho porque eu trabalhava no sábado às oito horas, eu tinha que me levantar seis horas, sete horas eu tinha que estar lá na feira comprando já porque às oito horas eu tinha que estar lá no colégio, e eu ia... Eu trazia e pá, pá pá, deixava por cima da mesa, às vezes dava para arrumar um pouco, às vezes não dava pra arrumar nada, e eu me ia, mas pelo menos estava garantido, depois na volta que eu chegava meio dia, cansada, daí eu tinha que guardar... E eu tenho a Jane, aquela que desce comigo que... Ela cuidou da Luciana doze anos, levava pra mim lá no Sevingné, ela ficou doze anos aqui em casa, e agora ela mora aqui no [Edifício] Marcelo e ela está ganhando muito pouquinho, ela só ganha a pensão do marido dela e a pensão dela, né e daí o dinheiro não dá pra comer... Mas ela vai sempre à feira, ela vinha todo dia, daí almoçava né, daí depois ela foi se afloxoando pra subir também a escada, daí ela vem no sábado, porque daí ela vai junto comigo e eu dou... Se eu compro um repolho grande ou pequeno, a metade é dela, aipim eu dou aipim descascado porque ela não gosta de descascar aipim (risadas)... Eu dou aipim, eu dou batata, dou cebola, dou verdura, dou temperinho, dou de tudo, de tudo pra ela...

(...)

Aquele chega a guardar os ovos pra mim... E é caro é três pila a dúzia... mas também um ovo amarelinho, amarelinho né... E eu compro ali, ele traz... Às vezes ele me diz “tinha só a sua porque já se foi tudo”, e eu compro sempre, pode ter bastante ovos que eu

compro... Sim porque ele sempre traz pra mim né? E ele passou duas semanas sem trazer ovos e eu fiquei sem ovos...

(...)

Eu conheço a Adelaide, que há muito tempo faleceu o seu João, agora ficou o João filho e a Adelaide que é a mãe... Eles vendem abacate, vendem aipim, vendem verdura... Depois nessa primeira aqui eu conheço a Norma, que tem uma banca de abóbora e moranguinha, que é bem pra cá, uma mulher e o marido dela... Tem muita gente que não está mais ali, iii, como tem gente que já morreu... É... Seu João... Tinha mais um outro lá, um outro senhor que cortava abóbora morreu, bah, o que morreu de gente lá, de feirante, né?"

No pensamento sobre o tempo vivido no mercado anunciado por estas freguesas “antigas” – dos nascimentos e mortes, das crianças que crescem, das feições que se modificam – provocadas a pensar suas trajetórias a partir das práticas de compra de alimentos, repousa também uma trajetória urbana recontada pelos feirantes a partir de seu *métier*. A tecitura desta trajetória apresenta, por sua vez, as formas como eles representam nas discontinuidades do cotidiano, uma duração (Bachelard, 1988) destas práticas na cidade, tendo em vista as sucessões de pais para filhos ou mesmo as rupturas por que passaram ao longo da vida e que os conduziram até o presente, no mercado. Trajetórias que são muitas vezes repensadas neste diálogo constante com o freguês que lembra de suas histórias, tendo compartilhado algumas delas. Se para os fregueses o tempo passa na medida em que os filhos dos feirantes crescem e se tornam donos das bancas, para os feirantes, esta lembrança também passa pela sua iniciação neste *métier*. Seguindo o ponto de vista dos feirantes, a elaboração desta trajetória carrega os meandros de uma aprendizagem onde se engajam ainda crianças, em alguns casos. Uma aprendizagem relacionadas a gestos e práticas, mas também à sociabilidade e à interação com o outro.

Como no caso dos fregueses, para os feirantes esta trajetória é também diversa, apontando para a complexidade de relações, estilos de vida e experiências de que se conforma o mercado de rua. Entre os feirantes estão desde produtores rurais até comerciantes de alimentos que são provenientes das centrais de abastecimento, existem os que “se criaram” nesta profissão e os que aderiram a ela em momentos determinados de suas trajetórias. No entanto, compartilham saberes e artes de fazer (Certeau, 1994) que guardam suas especificidades no que tange às profissões urbanas e, principalmente, ao

adotarem a rua como lugar de trabalho, passam a compor a estética urbana de uma cidade, através das formas sensíveis (Sansot, 1986) que agenciam.

No engajamento nesta composição de uma poética urbana (Sansot, 2004) que se expressa nas diversas feições dos mercados de rua na cidade, retomam gestos de outros que os antecederam neste *métier* acomodando-se às transformações urbanas.

Akli herdou o negócio de seu pai e o ampliou. Começou trabalhando ainda criança no *marché Maubert* durante o final de semana ou as férias escolares, teve outros empregos, mas depois da aposentadoria de seu pai assumiu a banca e montou mais três outras em diferentes *quartiers* de Paris, contratou vários funcionários que trabalham semanalmente em suas bancas e se especializou nos tipos de compras que faz em Rungis para compor os produtos que vende. Sua opção foi estabelecer estreitas relações com os fornecedores em Rungis, aqueles que trabalham com as melhores qualidades de frutas e legumes (o que eles chamam de *extra*, ou seja, de qualidade superior) e se apoiar na *origine contrôlée* dos produtos que vende. Esta *origine contrôlée* está associada às regiões de onde vêm os produtos e todo um saber que envolve sua produção em termos do ambiente favorável - tipos de solos, clima, etc. - bem como as técnicas adotadas para o plantio, colheita e transporte. A especialização de Akli em termos da procura do que há de melhor para oferecer aos seus clientes se relaciona por um lado com as regiões de Paris aonde atua - sempre *quartiers* com alto padrão de vida, fregueses que estão acostumados a viajar e a experimentar novos sabores - e por outro lado com a própria especialização desta produção alimentar, como tratei no capítulo três desta tese. Para se manter neste *métier* e fazê-lo perdurar Akli avalia que é necessário adotar algumas estratégias, já que ao longo de seus anos de trabalho viu muitos feirantes desistirem ou falirem.

Enquanto conversávamos na entrada de sua banca no *marché Maubert* suas posturas e gestos mudavam conforme falava de sua paixão por este trabalho e o desenvolvimento de saberes sobre os tipos de frutas e de onde vem, sobre importações e exportações, sobre o gosto e a memória do gosto, ou então sobre as dificuldades e tensões de se manter neste ramo mesmo que pequenos comerciantes sejam protegidos pela legislação francesa. Pensando sobre o *marché* e suas mudanças, aponta para as bancas onde se vendem roupas ou objetos de decoração e *souvenirs* afirmando que este tipo de comércio só é parte

do mercado de rua hoje em dia porque muitos comerciantes de alimentos não conseguem manter as vendas durante a semana, então estas bancas estão lá para substituir. Akli fala neste sentido, de sua experiência temporal num *métier* que ele vê se transformar ao longo dos anos, mesmo com esta proteção da legislação em relação ao pequeno comércio.

Akli

"Moi je suis née au marché, mon père travaillait déjà au marché et depuis ... Une bonne... Une bonne vingtaine d'année... donc j'avais déjà travaillé au marché avec lui quand j'étais trop petit. Donc petit a petit on apprend le métier ensemble et j'avais sept ans quand j'ai commencé, dans le week-end, le samedi dimanche quand n'avais pas l'école. Et après pour suivre mes études j'ai continué à travailler avec lui et il m'a donné de... E même après avec la fin des études, je suis venu aussi, ça faisait un job, un petit travail d'apprentis, au même temps que j'étais étudiant, je travaillais déjà avec mon père et de là bah... Au jour que mon père est parti en retrait ça fait une succession. Donc c'est un petit peu une continuité... voilà¹³⁴.

(...)

Et puis... les gens changent aussi, le marché c'est le matin et l'on travaillent excellemment le week-end, samedi – dimanche et on semaine on travaille très bien simplement avec une clientèle habitué et le rythme de gens change, des gens qui travaillent ne vont pas au marché parce que c'est au matin, disons il peuvent pas être a la fois au marché et en même temps au travail... Donc c'est... Surtout depuis que la femme travaille, ça a changé. Depuis 1970 de plus en plus la femme travaille et donc elle réserve le marché pour le week-end. Donc c'est une activité que vas très bien a le week-end et il faut être très bon gestionnaire pour la continuer en semaine... ça change, c'est un rythme en mutation. Il y a beaucoup de gens, se vous regardez autour, il y a de marchands de vêtements comme ça, ce ne sont pas de gens habituels, ils remplacent en fait des commerçantes titulaires, le commerçant titulaire d'un marché c'est uniquement alimentaire, c'est parce que les alimentaire ne vient pas, parce qu'il non a su capter une clientèle... Ils ne viennent que le samedi. Dans le samedi dimanche, on retrouve dans ce marché essentiellement d'alimentaire et c'est pour compléter l'absence des aliments qu'ils mettent le marchand de vêtement et des objets¹³⁵.

¹³⁴ "Eu nasci no mercado, meu pai já trabalhava no mercado e depois... Uns bons vinte anos depois... Então eu já tinha trabalhado no mercado com ele quando eu era bem pequeno. Então pouco a pouco aprendemos o trabalho juntos e eu tinha sete anos quando comecei, no fim de semana, sábado e domingo quando não tinha escola. E depois para seguir meus estudos eu continuei a trabalhar com ele, ele me dava... E mesmo depois quando eu terminei os estudos, eu vinha também, era um *job*, um trabalho de aprendiz, ao mesmo tempo em que eu era estudante, eu trabalhava já com meu pai então... No dia em que meu pai se aposentou, fez-se uma sucessão, então é um pouco uma continuidade."

¹³⁵ "E depois as pessoas mudam também, o mercado é pela manhã e trabalhamos muito bem durante o fim de semana, sábado e domingo, e durante a semana trabalhamos bem simplesmente com uma clientela habitual, e o ritmo das pessoas muda, as pessoas que trabalham não vão ao mercado pois é pela manhã, então eles não podem estar ao mesmo tempo no mercado e no trabalho... Então é... Sobretudo depois do trabalho feminino, isso mudou. Depois de 1970 cada vez mais a mulher trabalha e ela reserva o mercado para o fim de semana. Então é uma atividade que vai bem ao fim de semana e é preciso ser um bom gestor

(...)

C'est vrai qu'on a beaucoup de clientèle, même si bon bah... C'est un marché qu'il y a beaucoup de gens qui sont parti, qu'ont déménagé donc on a perdu beaucoup des très anciens clients soit pour qu'ils sont parti en retraite soit parce que ça vient de faire très cher à Paris donc ils se vont mais... Malgré tout c'est vrais qu'on a quand même un très bon nombre des clients¹³⁶."

Ao afirmar que nasceu no mercado Akli afirma também uma identidade que construiu em Paris, pois foi com sete anos que saiu da Argélia - ex-colônia da França - e foi habitar a capital francesa. Mas nesta fala também está afirmando uma legitimidade para narrar o mercado no tempo, não apenas pensando as diferenças e tensões entre o passado e o presente, mas principalmente se perguntando sobre o futuro.

Neste sentido, a fala de Akli me remete à interrogação sobre o tempo de Saionara em sua herança do trabalho do pai, que sempre acompanhou em seu trabalho nas feiras-livres. Enquanto conversávamos no interior de sua banca na feira-livre que a Associação do Mercado organiza no Bairro Restinga às quartas a tarde, uma feira com pouquíssimo movimento - o que permitiu uma entrevista sem muitas interrupções - Saionara transitava entre sua experiência com o pai em feiras-livres e a experiência de seus próprios filhos que leva à feira desde bebês. Como já apresentei no capítulo anterior, Saionara é casada com Henrique e foi quem o levou para o trabalho como feirante. O casal tem dois filhos - que hoje devem estar com nove e quinze anos - que trabalham em suas bancas vendendo temperos também, desde pequeninhos. É Saionara quem atualmente faz as compras na CEASA dos alhos e temperos que vendem nas feiras onde trabalham e que organiza toda a mercadoria a ser vendida.

Ao narrar sua trajetória, Saionara enfatiza que poderia ter feito qualquer outra coisa na vida, que teria condições de seguir um curso universitário e que inclusive começou a cursar enfermagem, mas que no fundo sempre gostou mesmo do trabalho na feira e por isso, junto com o irmão mais novo deu

para que ela continue durante a semana, isso mudou, é um ritmo em mutação. Tem muitas pessoas, se você olhar ao redor, existem vendedores de roupas, estes não são os habituais, eles substituem de fato os vendedores titulares, o comerciante titular de um mercado é unicamente o de alimentos, é porque os comerciantes de alimentos não vêm, porque não souberam captar uma clientela... Eles só vêm aos sábados. No sábado e no domingo, encontramos neste mercado essencialmente comerciantes de alimentos e é para completar a ausência dos comerciantes de alimentos que colocam comerciantes de roupas e objetos."

¹³⁶ "É verdade que temos uma grande clientela, mesmo se... É um mercado onde muitas pessoas já partiram, que se mudaram, então perdemos muitos clientes antigos, seja porque eles se aposentaram, seja porque em Paris ficou muito caro, então eles se vão mas... Apesar de tudo é verdade que mesmo assim temos um bom número de clientes."

seguimento ao trabalho do pai. E ao se colocar neste lugar, acaba transformando seu trabalho como feirante em uma aventura a partir da qual adquiriu um saber sobre os itinerários de Porto Alegre e as formas de se locomover pela cidade, onde teceu relações densas com seus fregueses e mesmo com fornecedores da CEASA e ao qual adaptou suas formas de vida, acordando sempre de madrugada durante os finais de semana para trabalhar, organizando um canto aconchegante para os filhos pequenos, e principalmente compartilhando com Henrique a educação dos filhos no interior da feira. A interrogação de Saionara parte do presente: ao não saber se tomou as decisões certas em criar os filhos na feira acaba por compreender um circuito de aprendizagens deste trabalho, pois ao retomar os gestos do pai, transmite-os também a seus filhos.

Saionara

"Nasci em Porto Alegre, comecei a trabalhar em feira com uns onze anos e... A minha infância foi normal, eu estudei e a gente sempre acompanhou o meu pai, desde que ele ia pro CEASA, eu e minha família, eu e minha irmã e tal, mas quem sempre teve o sangue de feirante sempre fui eu né, sempre gostei mais de participar, aquela coisa toda, e estou até hoje... Eu não tenho certeza, mas parece que começou em 82 a feira... Eu nasci em 71, então foi mais ou menos no ano que eu nasci que criaram a CEASA, eles falavam muito do mercado da Praia de Belas. Meu pai que trabalhava na Praia de Belas, meu pai que sempre foi pro CEASA...

(...)

Meu pai sempre trabalhou por conta, sempre trabalhou com carroto. Sempre comprou para revender... Depois ele alugou um ponto na feira, depois veio a comprar este ponto na feira... E aí a gente continuou e estamos aí até hoje... Até que ele veio a falecer e a família assumiu... Até que eu tive a minha parte. Comecei vendendo pacotinho de alho em cima da banca dele, emprestado, depois que a gente casou e tal, e aí depois a gente continuou sempre né, já faz 16 anos que a gente trabalha só vendendo alho... Como eu te falei, tudo que a gente tem é em função... Não que a gente não tenha outras atividades, mas tudo o que a gente tem é em função disso... A feira é a prioridade, a feira é a prioridade nossa... É as entregas que eu faço também, né... Já tenho a semana prontinha... Quarta-feira venho aqui na restinga, quinta tem CEASA... Sexta-feira faço as entregas na rua, nos mercados e sábado e domingo a feira de novo... É uma rotina, nossa função é essa... Eu tenho paixão pelo que eu faço paixão mesmo... Eu poderia muito bem cursar uma faculdade, eu posso graças a Deus eu teria condições, mas não me chama a atenção... Mesmo quando está chovendo, quando está aquele calor, tem vento... Não interessa, não interessa que final de semana eu sei que eu vou ter que sair mais cedo de uma festa pra trabalhar no domingo, não tem problema nenhum pra mim... A gente já saiu direto de festa pra trabalhar. Eu acordo na realidade 4 horas da manhã, né... 4 horas e

a gente sai de casa 4 e 15, para 5 e meia mais ou menos estar na feira, né.

(...)

Na realidade, quem começou primeiro com os filhos fui eu, a levar os filhos... O mais velho na época eu fazia a caminha dele embaixo assim da banca, eu fazia, trazia sopinha, aquilo tudo pra esquentar, deixava onde o pessoal tem... Trabalha assim com frios, eu deixava assim nas kombis do pessoal, depois eu ia lá pegava, tinha liquinho, tinha tudo, aquecia... O menorzinho, a mesma história, continuou a mesma coisa, não sei se tu chegaste a pegar a época que ele dormia dentro da kombi, ele ia com o Henrique porque ele era menorzinho e tal e lá no Grêmio eu tinha mais medo porque a minha banca fica assim bem na faixa, então eu tinha medo dele se soltar porque lá eu tenho que cuidar de muita coisa, então o Henrique levava ele, até o pessoal achava assim que eu e o Henrique éramos separados, porque nunca me viam, então não viam "pô que interessante, é o pai que carrega os filhos, o tempo todo" ficava uma imagem até meio distorcida, né... Mas não é, porque a gente tem um acordo, tinha um acordo..."

De fato, fazer o mercado durar, em certo sentido, é recuperar os gestos de seus antecessores, reinventando-os no cotidiano da cidade que se transforma. Da mesma forma que o mercado como um arranjo social se expressa através de uma ritmicidade cíclica, os jogos da memória (Eckert; Rocha, 2000b) agenciados nestas narrativas de feirantes são pontuados por começos e fins, mortes e sucessões. Nascer no mercado ou aderir a ele significa compartilhar estes ritmos do tempo e percebê-los no transcorrer da própria vida. Se Akli e Saionara se aproximam em relação ao trabalho em família no mercado, é porque também pontuam o tempo de estar no mercado e o tempo de estar na escola e mesmo as suas escolhas de pertença a esta profissão e não outra. Tanto Akli como Saionara apontaram suas experiências em outras profissões e a escolha definitiva pelo mercado como um desejo de pertença a uma certa forma de vida. Escolhas que também aparecem nas trajetórias de Henrique e Fonseca, em que a cidade surge como pano de fundo onde se desenrolam estas práticas. É claro que esta aproximação que estabeleço aqui entre um feirante que trabalha em Paris/França, com os feirantes do Mercado do Produtor, no Brasil, não é gratuita e tão pouco ingênua. O que os separa não é apenas um oceano de distância, mas a cultura onde estão inseridos e a partir da qual estabelecem suas relações e constituem suas trajetórias, por exemplo. No entanto, considerando estas diferenças é que se torna possível, através do trabalho com as coleções etnográficas de imagens, recuperar os elos que os vinculam, bem como refletir sobre as homologias de

gestos (Durand, 2001) que acionam em sua vida cotidiana no mercado e sobre as formas como remontam suas trajetórias, recuperando determinados aspectos e não outros. Como veremos ao final deste capítulo, esta homologia de gestos das maneiras de viver na cidade a partir do *métier* de feirante se desdobram em diferentes perspectivas de devir. Para o momento é importante considerar que durante este trabalho da memória (Eckert; Rocha, 2000b) que configura trajetórias sociais, a cidade aparece como objeto de reflexão já que é o lugar onde estas trajetórias tomam forma. Neste sentido pensar o tempo é também refletir sobre as transformações urbanas pelas quais passaram.

Henrique, durante sua entrevista, não parou de atender seus clientes, dividindo sua atenção entre responder as perguntas e pensar sobre o tempo e dar atenção a seus fregueses. Foi neste contexto de pequenas pausas na sua narrativa que contou como foi trabalhar nesta feira, como este trabalho proporcionou a ele voltar a estudar e tornar-se técnico em contabilidade, profissão que exerce durante a semana, quando não está no Mercado. Henrique está sempre muito disposto a uma conversação (Simmel, 1983) e por isso em sua banca sempre encontramos algum freguês que parou por ali para conversar - como Dona Sarita, Dona Zulma e tantos outros - ou mesmo feirantes que volta e meia aparecem e ficam por lá. Acabei me tornando também uma freqüentadora assídua de sua banca durante o trabalho de campo e trocando muitas idéias com ele sobre a feira, a cidade e a circulação dos alimentos. A tese de Henrique é a de que “a feira já está na cabeça das pessoas”. Ao apontar isso se refere a alguns clientes que muitas vezes dizem pra ele “esta semana fiz a feira no Zaffari” em alusão aos tipos de compras que fizeram. Estar “na cabeça das pessoas” para Henrique significa que fazer a feira é uma prática incorporada pelas pessoas e que se refere a uma forma de comprar alimentos, de se relacionar com esta matéria, digamos assim. Neste sentido, trata-se de uma prática que dura no tempo, ainda de acordo com Henrique, “que jovens aprendem com os velhos” e que se mantém adaptando-se ao desenvolvimento da própria cidade.

7.2 "Isso aqui é o meu chão"

Pensar o tempo, assim, não é simplesmente apontar nostalgicamente o passado como um "tempo melhor", mas compreender o encaixamento das camadas de tempo que conformam o presente. Uma reflexão que se projeta para o futuro, interrogando-se sobre o devir, mas que também valoriza o presente e o estar-junto-com (Maffesoli, 1996) próprio dos encontros no mercado. Compartilhar a ambiência de fruição estética do mercado associa-se a uma forma de viver o tempo no meio urbano.

Henrique

"Na feira eu comecei através da minha esposa, eu com 14 anos comecei a trabalhar como cobrador de ônibus, aí eu trabalhei seis anos em ônibus, ali eu conheci a minha esposa. Ela estudava né, aí ela era passageira... E o falecido meu sogro já trabalhava com feira, a minha esposa trabalha com feira desde o seis anos... Nós temos banca aqui no campo do Grêmio também, aí ela trabalhou no início quando começou essa feira aqui da Epatur, que ela há 20 anos atrás já trabalhava aqui, ela era criança que nem meus guris assim. Quando eu conheci ela, eles recém tinham se mudado para o Pinheiro, aí através dela que eu comecei na feira, eu trabalhava... Aí nesse meio tempo eu peguei quartel, aí quando eu comecei a servir ele já fazia feira, então quando eu tirava folga no quartel sábado e domingo, eu ajudava eles na feira, ali eu me encaixei... Aí quando eu saí do quartel meu sogro me convidou pra trabalhar com ele... Aí eu comecei a trabalhar com eles na feira, aí surgiu. Na época, quando nós trabalhávamos, ninguém colocava alho na feira, era um cara só que colocava meia dúzia de pacotinho atrás da banca, aí meu sogro me ofereceu, se eu quisesse uma... botar o alho... Na época a gente não tinha espaço na frente, só deixava o alho em caixa atrás... E assim foi indo, foi surgindo. Até que surgiu o espaço de montar uma banca só pra vender alho, aí nós começamos.

(...)

O produto eu pego na CEASA, todo na CEASA... A minha esposa que vai, porque eu trabalho fora durante a semana né, eu trabalho com contabilidade de segunda a sexta, e sábado e domingo eu trabalho com a feira. Aliás é assim ó, o meu forte mesmo, que eu digo que é meu ganho é a feira... Porque da feira... Quando eu comecei a trabalhar com feira, na época trabalhava como cobrador, até ali eu estudei... Tinha estudado até a sexta série, aí comecei a trabalhar de cobrador e larguei os estudos. Aí depois eu comecei a trabalhar na feira, aí não me interessei a voltar a estudar nunca mais. Só que na feira nós trabalhávamos assim ó sábado e domingo... Então tinha a semana toda livre, então com o tempo tu vai querendo arrumar o que fazer né, aí pintou a idéia de voltar a estudar, aí voltei a estudar, tirei a... Fiz a sétima série e completei o segundo grau. Bom já que eu fechei o segundo grau então vou tirar

alguma coisa, aí tirei o técnico em contabilidade, estudei mais um ano e meio. Quer dizer da feira eu estudei. Porque tem gente que diz do estudo tu veio pra feira, não pelo contrário, da feira que eu voltei a estudar... Da feira que eu fui me formar um técnico em contabilidade...

(...)

Isso aqui é o meu chão como se diz né, é que nem a minha esposa, o mundo dela, ela cresceu em feira, viveu em feira... Sabe se fazer outra coisa, mas a feira é a base né. Tu vê ela está com 32 anos, ela tem 25 ou 26 já de feira."

Fonseca, como já referi em outros capítulos, é o presidente da Associação dos Usuários do Mercado, associação que organiza a feira-livre do Largo Zumbi dos Palmares, do Estacionamento do Estádio Olímpico, da Avenida Assis Brasil e também da Rua Otto Niemeyer. É também feirante, tem uma banca onde vende, com sua esposa, pães e bolachas, mas em geral ele é encontrado perambulando pela feira, observando o movimento, discutindo as “questões políticas” que envolvem o Mercado e a Prefeitura de Porto Alegre, cuidando o bom andamento do espetáculo. Durante o sábado e o domingo, divide-se entre os espaços da cidade onde acontecem as feiras do Mercado, cumprindo seu papel de presidente da associação e a responsabilidade de garantir que tudo saia o mais perfeito possível. No decorrer da semana faz visitas sistemáticas à Secretaria Municipal de Indústria e Comércio de Porto Alegre (SMIC), na briga para que o Mercado possa continuar como é, sem se transformar em Feira Modelo, como é o desejo da Prefeitura Municipal. Neste percurso para defender a prática diferenciada deste grupo de feirantes está colocada toda uma dimensão afetiva em relação à cidade, a transformação de seus espaços e de estilos de vida.

Começou a trabalhar em feiras-livres ainda adolescente, no período das férias do colégio, com um “conhecido”, nos idos da década de 1960. É aí que começa a sua trajetória de deslocamentos pela cidade, ou melhor, que estes deslocamentos se intensificam, pois conforme vai narrando seu trabalho nas feiras, evoca a imagem destes lugares pelos quais passou como feirante. Para cada dia da semana havia uma feira-livre, em um bairro diferente, levando os feirantes a percorrerem diversos espaços da cidade. Segundo Fonseca, eram as feiras de bairro – feiras grandes – que abasteciam a cidade de alimentos. No agenciamento das imagens da memória, a feira-livre aparece como um evento fundamental para a dinâmica urbana.

Fonseca

"Sim, eu cheguei a trabalhar... Eu trabalhava nas férias do colégio, no verão eu trabalhava nas feiras aquelas feiras que hoje tem pela manhã. Em 64 eu trabalhei em feira, sexta-feira sabe onde é que meu grupo trabalhava, na frente do portão do União Tênis Clube, lá na Quintino Bocaiúva, tu vê se dá para fazer feira lá hoje... Em 64 eu trabalhei ali, ó.. Eram feiras grandes, terça-feira nós trabalhávamos lá perto da oitava na Protásio ali, quarta-feira nós íamos lá pro Jardim... Lá no educandário, Jardim Sabará, lá em cima, quinta-feira fazia na Joaquim Nabuco, aqui ó, a travessa aqui da José do Patrocínio até a Lima e Silva, ali era a feira, sexta-feira na frente do União, sábado era aqui na João Telles, sábado de tarde lá em Ipanema e domingo na Cavalhada...

(...)

Era tradicional, as famílias só compravam nas feiras, não tinha supermercado, todas as famílias iam comprar na feira. O movimento era grande igual esse que tu está vendo aqui... Que tu vê na hora do pique aqui no Mercado... Tinha armazém forte, mas a gente ia à feira comprar e a feira vendia mais barato que o armazém, então o movimento era intenso, só que pela manhã né? É, naquela época essa feira funcionava pra abastecer todos os moradores da cidade, não tinha supermercado...

(...)

Agora, as feiras mais antigas são as feirinhas pequeninhas de manhã, às vezes tu encontra... Agora tu ir à Fernando Machado, tem uma feirinha, aquela é antiga, ela deve ser de 1965 aquela feira... Mas é três quatro caminhõezinhos, depois aí... As feiras é que predominavam o comércio em Porto Alegre... Aí o Joaquim Oliveira, que era do Real lá de Pelotas abriu um supermercado... Aí elas vieram... caíram... é... aquela é das remanescente daquela época, quando abriu o supermercado passou por cima..."

Na narrativa de Fonseca sobre sua trajetória social, esta primeira experiência como feirante antecede muitas outras experiências de trabalho antes que ele retorne às feiras-livres na década de 80, e se remete a um outro contexto urbano de Porto Alegre – enquanto Saionara e Henrique falam de sua infância na década de 70, Fonseca se remete a sua adolescência na década de 60. É a partir do lugar de quem se deslocou por muitos territórios da cidade – como feirante, taxista, representante comercial, etc – que Fonseca vai agenciando a narrativa de alguns fragmentos de sua história, impregnada das transformações urbanas que foram modificando a paisagem e as formas de vida da cidade de Porto Alegre.

Pensar a cidade é também pensar a transformações dos lugares pelos quais passou, e isso não apenas para Fonseca, mas também para Henrique e Saionara em suas experiências urbanas. Fonseca se surpreende ao falar que em 1964 trabalhava na frente do portão do União Tênis Clube, na rua Quintino Bocaiúva, “tu vê se dá para fazer feira lá hoje”. Sua surpresa faz referência a um espaço da cidade que atualmente já não comporta mais uma feira-livre, pois além da intensidade do tráfego nesta rua e seus arredores, trata-se também de uma zona nobre, imagem que não combina com a estética do mercado. Na sobreposição destas camadas de tempo, desdobram-se as imagens de uma outra cidade, cujos fragmentos estes feirantes tentam compor através da lembrança de um tempo vivido, ou das histórias que ouviram de pais e avós.

7.3 Mercados e Trajetos

No caso dos feirantes do mercadão do produtor, em Porto Alegre, na construção deste lugar de fala, ou seja, de quem pensa o tempo e a cidade a partir das práticas de mercado, a frase “naquele tempo não existia supermercado” é recorrente e diz respeito à anterioridade das feiras-livres como forma de comércio de alimentos. Mais do que simplesmente apontar a feira como uma tradição no meio urbano, esta afirmação se configura em termos de uma dinâmica urbana onde esta diversidade de formas de comércio de alimentos tem se acomodado, mas que não garante a continuidade do mercado de rua e suas feições. Trata-se de uma forma de pensar o tempo e a acomodação de práticas diferenciadas tendo em vista as tensões presentes na duração do mercado diante do desenvolvimento técnico em relação ao alimento que se tornam cada vez mais presentes no contexto urbano. Mas para compreender estas tensões, é preciso aderir também às formas como estes feirantes agenciam esta passagem do tempo.

Neste sentido, as imagens que recuperam para narrar suas trajetórias falam também de percursos e itinerários vividos na cidade, das feições de bairros e arrabaldes, das práticas de comércio e dos espaços de mercado de rua de outrora e das formas com que se expressam atualmente no cotidiano da cidade. Trata-se de um jogo entre “antes” e “agora” que possibilita a reflexão sobre o

próprio devir, na imaginação do desdobramento das formas da vida social (Simmel, 1981) a partir das tensões presentes aos processos de crescimento urbano, desenvolvimento tecnológico e elaboração do ambiente sobre-humanizado (Leroi-Gourhan, 1975) da cidade.

Henrique

"Eu sou natural de Porto Alegre, nasci aqui em Porto Alegre mesmo, na Lomba do Pinheiro, naquela região ali, nasci e vivi ali a vida toda. Onde nós morávamos ali era chácara, ainda é chácara, onde meu pai mora são 33 hectares. Quando eu nasci já tinha mais horários, mas quando meu... Um pouco antes no tempo do meu pai era raro, era um dois ônibus por dia, hoje não, hoje é uma cidade né. Tu vê daquela época da Lomba do Pinheiro pra cá, tinha ônibus que vinha até o São Pedro [hospital psiquiátrico], ali tu tinha que pegar o bonde pra vir ao Centro, o ônibus não vinha até o centro. Hoje aquilo lá é uma cidade né, a Lomba do Pinheiro é uma cidade, do jeito que evoluiu aquilo ali... Antigamente o falecido meu avô e meus tios, eles tinham chácara, aí eles forneciam leite, tinham tambo de leite, tinha chácara, então muita coisa eles traziam para o Centro, eles vendiam leite, lenha e verdura... Então naquela época não existia caminhão. Era carreta, vinha de carreta, era um dia de viagem até aqui o Centro. Hoje tu faz em 30 minutos, eles levavam um dia pra descer, aí voltavam no outro dia pra casa. Vendiam aqui no Centro, aqui na Praia de Belas, antigamente era aqui na Praia de Belas a... O que hoje é a CEASA né, antigamente o comércio era feito aqui na Praia de Belas. O Mercado, eles buscavam aqui, eles compravam tudo aqui."

Fonseca

"Eu nasci em Porto Alegre mesmo, no bairro Teresópolis, na Rua Costa Lima 182 e a casinha ainda está lá, da mesma maneira de quando eu nasci. Naquele tempo se nascia em casa, né? Teresópolis hoje está grande, como todos os bairros crescem né? Mas era um bairro já movimentado, porque a rua onde eu morava, onde eu nasci, tinha um centro comercial grande, no fim... Ela não tem saída, bate no morro lá do Teresópolis, ela lá no fim tinha um depósito da Brahma, então o pessoal de Teresópolis e de outros bairros iam lá comprar cerveja, bebida da Brahma né, era do falecido seu Jaime, então... E ali naquela época só tinha também, em 1950, não existia supermercado, só armazém que vendia de tudo, roupa, sapato, tudo, além de secos e molhados eles vendiam mais isso, lenha, eu cansei de cortar lenha, porque naquele tempo o fogão era a lenha né?

(...)

O meu avô é natural de Viamão, então como tem aqui na esquina da Riachuelo com a Dr. Flores está ali escrito Confeitaria Rocco, ela funcionava para o pessoal de mais poder aquisitivo, à tarde as senhoras iam lá tomar chá com bolo e doce da confeitaria que era um espetáculo... E o meu avô vinha lá de Viamão com carreta... Levava três dias pra chegar a Porto Alegre, com lenha para trazer para as padarias, para os fornos das padarias, mas aí... Naquela

época tinha... garrafão de vinho, mas grandão, grande, cabia de certo uns 50, 100 litros. Então como ele tinha lenha e plantava cana, fazia cachaça, trazia no meio da lenha embaixo, com as lenhas por cima, não tirava nota daquilo ali, tinha que comprar um selinho na Receita Federal para pagar o imposto, aí pegava uma nota, fazia ali uma promissória, botava o selinho, que era o imposto... Pra entregar para o dono da Confeitaria, então era considerado contrabando aquela cachaça que vinha sem nota, era o roubo da época... Embaixo das lenhas, aí fazia o tramado das lenhas e vinha, levava três dias pra vir e três dias pra voltar... Uma semana pra vir e voltar a Viamão. Aí chegava, com a carreta de boi, parava, anoitecia, desmontava, dormia ali, às vezes pegava chuva, tempo ruim... Quando o dia clareava se levantava e vinha embora pra trabalhar..."

Na mesma medida em que estes percursos dos arrabaldes da cidade para o Centro se urbanizaram e tornaram-se mais ágeis, diminuindo distâncias em termos do tempo levado atualmente para este deslocamento, as atividades de produção agrícola também se urbanizaram e se transformaram. A facilidade de transporte de uma região a outra da cidade está associada também a maior urbanização destas áreas, que diminuem as possibilidades de produção de alimentos. Embora Porto Alegre ainda possua muitas áreas de cultivo de verduras, por exemplo, ou de frutas, como as proximidades do Bairro Lami, onde moram e produzem muitos feirantes do Mercado do Produtor, a expansão urbana nestas áreas é grande. Conversando com alguns feirantes habitantes destes bairros e produtores de verdura, evidencia-se a rápida mudança destes locais representada por eles principalmente pelo aumento do número de ônibus que chegam atualmente até lá, pelas invasões e partilhas de terrenos que se dão pelo aumento da população, bem como pela construção de condomínios fechados.

Diante disso, podemos pensar que esta duração (Bachelard, 1988) do mercado como arranjo social na cidade está intimamente relacionada à elaboração de saberes bem específicos, tanto por parte de fregueses como de feirantes. Compreender a dinâmica das mudanças urbanas e reelaborar os fazeres relacionados ao mercado torna-se uma condição da duração desta prática não como algo estanque, mas ao contrário, em constante movimento. Apresenta-se aí uma elaboração complexa das aprendizagens feitas no próprio mercado, com "os mais velhos" – pais, sogros, etc. – e reinventadas no contexto das transformações urbanas. Este saber de feirante envolve toda a preparação de

uma ambiência que necessita do freguês para realmente se efetivar como forma sensível da vida cotidiana (Sansot, 1986), há uma maestria em compor o espaço da rua para a produção destas formas de sociabilidade que é reconhecida pelo freguês que adere a ela, partilhando sentidos com os demais sujeitos ali presentes. Segundo Fonseca “não é fácil montar este circo todo, mas quando ele está pronto é isso aí ó”, ou seja, um grande espaço de mercado, com várias pessoas circulando, muitas conversando, diferentes cenas de compra e venda, inúmeras situações de conversação (Simmel, 1983). Levantar este "circo" não significa apenas montar as bancas, organizar lonas, preparar os alimentos, mas tudo isso conectado às formas simbólicas do alimento como metáfora do tempo. Fazer a feira, neste sentido, constitui-se como um saber da circulação da palavra, da tecitura de laços sociais, da composição de um arranjo social (Rocha, 1994) que faz emergirem as imagens cíclicas do tempo (Durand, 2001) que povoam as cidades.

Neste caso, se os fregueses desenvolvem saberes sobre as compras: quais alimentos estão bons, como escolher, combinações de cheiros e cores que falam sobre o que está sendo escolhido, como ordenar estas compras no período da semana, com quem comprar, como preparar as receitas que dão origem às refeições, quais as propriedades de cada produto, entre muitos outros saberes; os feirantes desenvolvem saberes sobre a cidade e suas formas. Saber que se expressa no cálculo de tempos e distâncias de deslocamento na cidade, no circuito do alimento no meio urbano, na produção agrícola e nas políticas econômicas de distribuição, na dinâmica de crescimento urbano, na forma de construir a relação com o freguês, no gosto e sabor dos alimentos, etc. Saberes que são cotidianamente retomados e conectados na elaboração do mercado no cotidiano da cidade para fazer durar este arranjo social e os gestos que o compõem.

Inclui-se ainda nestas camadas de saberes o circuito de circulação da moeda que faz partes das relações de mercado. Os saberes sobre conservação de alimentos, regulação de preços, importação e exportação de produtos também são agenciados como formas de fazer durar este tipo de comércio de alimentos no interior da vida urbana. Retomando o que vimos em outro capítulo sobre a dimensão de uma razão simbólica (Sahlins, 2003) que rege estas práticas sociais de mercado, o atributo de valor dado aos alimentos não se mede apenas em

função de preços, quantidades, oferta e demanda, mas principalmente pela lógica simbólica que tece todos estes saberes. Há, portanto um valor simbólico atribuído não só ao alimento, mas a todo o processo de conformação do mercado como arranjo social (Rocha, 1994), pois para que isso ocorra todas estas camadas de saberes precisam ser agenciadas e orquestradas. Como se tratam de saberes em constante reelaboração, ou seja, imersos nas dinâmicas sociais que perpassam a vida urbana, a dimensão temporal é fundamental, pois é a partir daí que se torna possível compreender a duração (Bachelard, 1988) destas práticas e as formas como se arranjam e acomodam na mudança.

A evocação da memória destes feirantes neste caso, deriva na narrativa de saberes que são construídos na própria experiência urbana relacionada ao comércio de alimentos. Na composição destes fragmentos da memória apresentam-se algumas das formas de agenciar a provisão ou nutrição do ambiente sobre-humanizado das cidades, não apenas fisicamente, organicamente, mas de maneira simbólica, na tecitura de laços sociais. A descrição e lembrança dos espaços de comércio de alimentos ao ar livre ganha então esta dimensão de evocação de um tempo vivido e compartilhado que é próprio destas práticas.

Laranja da China

"- Laranja da China, Taquari...Olha a Laranja!... Os vendedores ambulantes de frutas desde cedo ferem os ouvidos da cidade com a cantilena monótona de seus pregões: "Laranja do Céu", "Laranja Baiana", "Todo o ano", "De Umbigo"... "Laranja, laranja, laranja..."

Também, pelos cinco rios que desembocam no Guaíba, deslizam, diariamente, centenas de embarcações abarrotadas de laranja para manter a venda cotidiana e suprir as prateleiras multicolores dos mercadinhos de esquina. As docas de Porto Alegre, em determinados pontos, convertem-se, das 5 às 9 da manhã, numa verdadeira feira da sumarenta fruta amarela. Quem chega primeiro leva as melhores frutas. As carrocinhas puxadas a burro ficam horas e horas por ali, expostas aos primeiros raios de sol, enquanto os homens que as dirigem providenciam a baldeação da mercadoria adquirida para o comércio do dia.

Interessante notar que, em geral, os pequenos vendedores ambulantes não fazem eles próprios o "transporte". São grã-finos, alugam o serviço dos jornaleiros das docas a preço camarada. Na "descarga", os homens das barcas trabalham a dois. Agarram cinco laranjas por vez, cronometricamente, e as despejam nas cestas dos compradores numa velocidade atômica."

(Revista do Globo, 25/08/1945)



DAS CINCO ÀS NOVE DA MANHÃ, AS DOÇAS DE PORTO ALEGRE SE TRANSFORMAM EM MERCADINHOS DE FRUTAS...

Laranja da China

UM MERCADO DE FRUTAS MUITO BEM SERVIDO NO TOCANTE À QUANTIDADE. MAS AS MANOBRAS ALTISTAS AMEAÇAM ARISTOCRATIZAR A POPULAR LARANJA.

LARANJA da China, Taquari... Olha a Laranja!... Os vendedores ambulantes de frutas, desde cedo ferem os ouvidos da cidade com a cantilena monótona de seus pregões: "Laranja do Céu", "Laranja Balana", "Todo Ano", "de Umbigo"... "Laranja, laranja, laranja..."

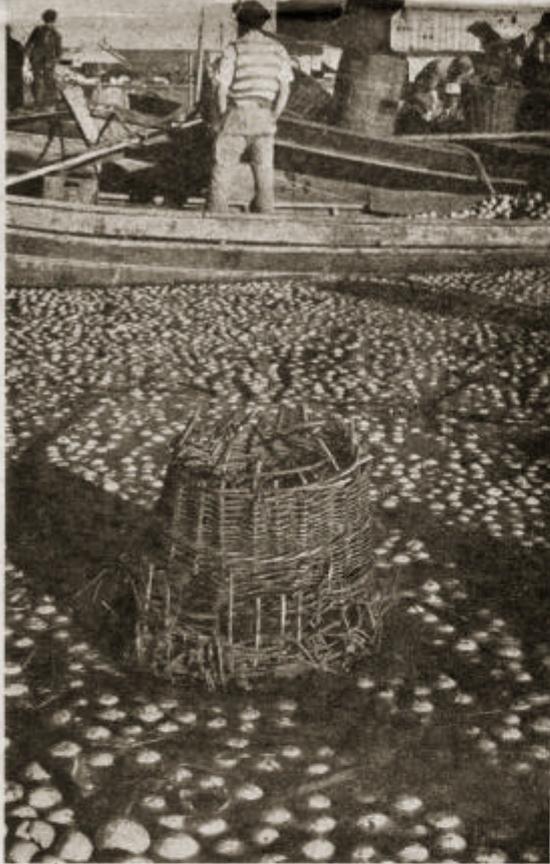
Também, pelos cinco rios que desembocam no Guiniba, desfilizam, diariamente, centenas de embarcações abarrotadas de laranja para manter a venda cotidiana e suprir as prateleiras multicores dos mercadinhos de esquina. As docas de Porto Alegre, em determinados pontos, convertem-se, das 5 às 9 da manhã, numa

verdadeira feira da sumarenta fruta amarela. Quem chega primeiro leva as melhores frutas. As carrocinhas puxadas a burro ficam horas e horas por ali, expostas aos primeiros raios de sol, enquanto os homens que as dirigem providenciam a baldeação da mercadoria adquirida para o comércio do dia.

Interessante notar que, em geral, os pequenos vendedores ambulantes não fazem eles próprios o "transporte". São grã-finos, alugam o serviço dos jornaleiros das docas a preço camarada. Na "descarga", os homens das barcas trabalham a dois. Agarram cinco laranjas por vez, cronométricamente, e as despejam nas cestas dos

compradores numa velocidade atômica.

E agora, não custa nada dizer que o Rio Grande do Sul está colocado em terceiro lugar na produção de laranja, apresentando, em 1940, uma produção avaliada em 2.948 caixas. No ano anterior, dizem as estatísticas oficiais, a exportação gaúcha atingiu a 1.138.796 quilos (pêso líquido), num valor de Cr\$ 841.755,00. De tudo isto, tiramos uma conclusão prática: o mercado da laranja, em Porto Alegre, é muito bem atendido. Não há escassez da fruta. Portanto, por que é tão cara a salutar laranja do céu ou de outras paragens que se vendem por aí?



AS SOBRAS

As frutas estragadas ganham o destino das águas, para alegria dos moligueiros de Gualba que recebem assim uma inesperada refeição.



OS CARREGADORES

Os carregadores perdem uma pinhavia pela "baldeação" das laranjas, do barco para a carroça. Entretanto, o trabalho não é fácil.



OS INTERMEDIÁRIOS

Quem chega primeiro, consequentemente realiza melhores negócios. Se não houvessem tantos intermediários as frutas seriam baratas.



OS PREGÕES

Acabadas as transações, os vendedores ambulantes demandam o arrabalde distante: "Laranja da China, Toquari... Olha a laranja!..."

Fonseca

"Do lado do Cais do Porto, lá na saída pela Castelo Branco, ali vinha e chamava Doca das Frutas... os barcos vinham ali... esse pessoal que traz hoje de caminhão, isso aqui tudo que tu estás vendo, essas laranjas, traziam de Montenegro de barco pra vender ali, inclusive ali se vendia assim, ó... Essa aqui é a chamada bergamota montenegrina, (mostrando bergamotas que estão em caixas ao nosso lado) aí o... Eu ia comprar no barco, o meu tio ia de carroça e eu ia com ele, eu era guri e comprava. "Eu vou levar um milheiro de bergamota montenegrina". Como é que se carregava pra dentro da carroça? "Cinco" (mostra as mãos com cinco bergamotas e faz um gesto de atirá-las para dentro da carroça imaginaria na nossa frente)... pra carregar, o dono "cinco", aí meu tio pegava "dez".. "quinze" até chegar os mil para dar um milheiro, né... de bergamota... Mas já tinha uma malandragem na época, o tio tinha que fazer assim ó "cinco" (e mostra as mãos de novo, agora com seis bergamotas) Tu viu quantas tinha, seis, mas o dono do barco fazia assim ó "cinco" (mostra as mãos com 4 bergamotas).. tinha quatro, e às vezes enquanto eu tava comprando... carregando a bergamota, meu tio tava em outro barco comprando uma laranja do céu ou outra fruta...então eu com a mão... você vai constatar que a minha mão é pequena, então naquele tempo, um guri, eu tinha problema, né. O meu tio já me instruí, "olha ele vai botar quatro, e tu tem que botar seis", quer dizer, pra completar uma daquelas... isso já era a malandragem da época..."

Assim, a memória destes espaços de vendas de alimentos na cidade como a Doca das Frutas, o Mercado Livre ou o Mercado da Praia de Belas emerge na memória dos feirantes como pistas sobre a duração (Bachelard, 1988) dos gestos e práticas que acionam cotidianamente, na relação com o alimento e com os fregueses. Uma duração que acomoda as transformações urbanas ao se atualizar e se reinventar nos próprios encontros e sociabilidades com os fregueses e *habitués* dos mercados de rua. Dentre estes espaços de comércio de alimentos ao ar livre, o Mercado da Praia de Belas talvez seja o mais significativo para os feirantes do Mercado do Produtor, citados por todos como o "ancestral" da CEASA/RS. O Mercado da Praia de Belas pode ser considerado um território-mito (Maffesoli, 1996) no que concerne às imagens da memória do próprio Mercado do Produtor agenciada pelos feirantes, pois se consideram herdeiros do comércio que existia ali antes das reformas que mudaram as feições do bairro Cidade Baixa.

Assim, antes dos aterros do Lago Guaíba na altura da atual Avenida Praia de Belas e da canalização do Arroio Dilúvio que acabou com o Riacho e inaugurou a Rua João Alfredo – hoje um dos limites do Largo Zumbi dos Palmares – havia nas margens do Lago, segundo contam feirantes e fregueses, um grande comércio de hortifrutigranjeiros que abastecia não só as proximidades do bairro, mas também diversas partes da cidade. Na elaboração da duração de suas práticas, Henrique, Fonseca e Saionara – entre outros – se remetem ao Mercado da Praia de Belas como uma das origens da CEASA/RS.



"Onde Dormem os Legumes

Em Porto Alegre é possível, durante este verão, comprar uvas pretas a Cr\$ 4,00 e melancias de mais de seis quilos por Cr\$ 5,00 sem recorrer a cooperativas ou a qualquer outra classe privilegiada de fornecedores. Não se trata de nenhuma barbada especialíssima, para raros. É no Mercado Público mesmo. Ou mais exatamente, no espaço que separa este do seu congênere livre e da estação Ildfonso Pinto, donde saem os carros-motores da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. A hora de fazer compras destas é que não é das

mais cômodas para as donas de casa, as empregadas domésticas ou os pais de família: entre a meia noite e as quatro da madrugada. Pois a esta hora, quando as bancas do mercado ainda estão fechadas, é que chegam à cidade os produtos da terra.

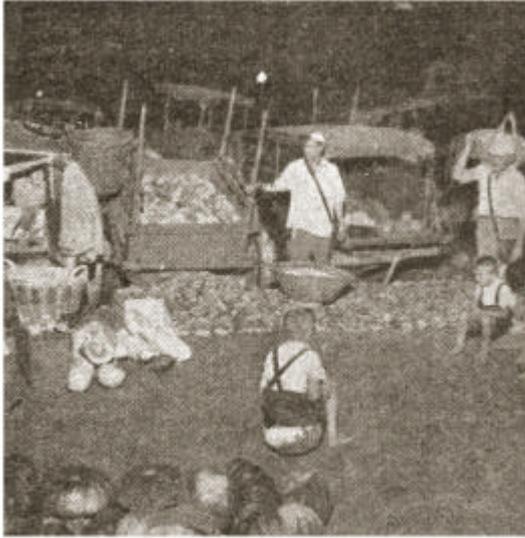
A principal fonte de abastecimento de Porto Alegre, em matéria de frutas e verduras, está dentro dos próprios limites do município, pois sua zona rural é um verdadeiro pomar, especialmente a colônia de Vila Nova. Os lavradores desta região levam pela noite suas uvas, pêssegos e legumes até o Centro. Muitas vezes a intermediação começa na porteira da chácara. Muitos carroceiros compram a produção de seus vizinhos, poupando a estes o trabalho de transportar e a si próprio o de trabalhar. A natureza da condução empregada provoca outro gênero de comércio. Como os carroceiros não se sobrecarregam de pasto para seus animais, muita gente traz pelo rio molhos de capim para vender. Aliás, é pelo rio, em lanchas e canoas, que chegam também os produtos das ilhas: melancias, espigas de milho, etc.

Muitas frutas e verduras, sobretudo as que são vendidas em grandes quantidades, vêm de mais longe, dos municípios mais ou menos vizinhos. Vêm em caminhões, de Montenegro, de Caí, percorrendo distancias superiores a 50 quilômetros.

A medida que chegam, vão descarregando e o local vai adquirindo um estranho aspecto. Um parque de vitualhas, com paredes de cenouras e montes de abóboras e beterrabas."

(Revista do Globo, 21/03/1953)





OS VENDEDORES trazem seus filhos consigo; assim eles já vão aprendendo.

Fonseca

"Eu peguei a CEASA quando era na frente do Mercado Público ali na... Ali chegava ali e vendia... Tinha a Doca das Frutas mais no canto, chegavam os barcos lá no... por água, né... E ali eles vendiam entre o mercado público e a estação do trem ali... Ali fazia de noite a venda igual a CEASA, era de noite. Depois dali veio aqui para o Ipê, onde é o edifício do Ipê ali, era um barro danado, um barro, uma esculhambação... Foi aterrado, né, foi aterrado..."

A criação da CEASA/RS é narrada como "mito de fundação" das feiras-livres organizadas pela Associação do Mercado. Tanto Henrique, como Saionara e Fonseca referem-se a esta "CEASA" que existia antes da CEASA, o Mercado da Praia de Belas. Neste mercado, eram comercializados grandes volumes de produtos hortifrutigranjeiros que seriam posteriormente levados aos arrabaldes e bairros distantes do Centro para as feiras-livres. Pela narrativa dos informantes não era exatamente uma feira-livre, mas um espaço onde barcos e caminhões lotados de frutas, verduras e legumes vindos de diversas partes do Estado, atracavam para "desaguar" a produção. Porto Alegre caracterizou-se pela existência de diversos espaços como este, até a década de 60, quando se inicia um processo de "higienização" urbana.

Cidade portuária, situada à Beira do Lago Guaíba, Porto Alegre teve uma ocupação de suas margens na zona central marcada pelo intenso comércio. Como este Mercado da Praia de Belas - que ocorria em cima de um charco, no meio da lama e da água - outros dois também eram bastante expressivos, como a Doca das Frutas e o Mercado Livre das Frutas, ambos no centro da cidade, nas proximidades do Mercado Público, ambos na margem do Guaíba.

Na década de 60 uma preocupação de âmbito nacional com a forma de comercialização de produtos hortifrutigranjeiros conduziu a criação de mercados atacadistas nas principais capitais do país para a concentração da compra e venda destes produtos, visando afastar das ruas estas práticas de comércio de

alimentos. As CEASAs (Centrais de Abastecimento) foram criadas em todo o país. Em Porto Alegre, em 1973 foram concluídas as obras e produtores e atacadistas foram transferidos do Mercado da Praia de Belas para o Bairro Anchieta, zona norte da capital, onde passaram a ser comercializados os produtos, em grandes armazéns.

Mas nem todos ficaram contentes com estas mudanças e alguns feirantes - entre eles alguns que hoje são associados do Mercado do Produtor - e também habitantes locais reivindicaram a continuidade das atividades de venda no Bairro Cidade Baixa. A esta reivindicação a CEASA respondeu organizando uma feira-livre no recém construído Largo da Epatur (atual Largo Zumbi dos Palmares), resultado da abertura da Perimetral Loureiro da Silva que facilitaria o fluxo do trânsito pelo Centro da cidade. Com o comércio de hortifrutigranjeiros organizado pela CEASA a configuração destas práticas se transforma, passando a ocorrer em bancas e não mais nos caminhões e barcos, submetida a um controle rigoroso de preços e também da qualidade sanitária dos produtos. No antigo Largo da Epatur constrói-se então a maior feira-livre de Porto Alegre, aos sábados pela manhã.

7.4 Mercado do Produtor

O trajeto do Mercado do Produtor no tempo está intimamente relacionado às mudanças das formas de vender alimentos na rua – ou seja, na retirada dos comerciantes que ocupavam um pedaço de terreno na Praia de Belas, por exemplo – como com as transformações no espaço da cidade – aterros, remoções de moradores, abertura da Avenida Perimetral, etc. Trata-se de um trajeto que em termos das imagens que veicula, pode ser aproximado de outros trajetos de espaços públicos que abrigaram este tipo de comércio. O Largo Glênio Peres, no Centro de Porto Alegre, por exemplo, é um local onde práticas como esta recorrentemente se desenrolam e são coibidas ou institucionalizadas pela Prefeitura Municipal. Como apresentei no capítulo três, a Feira de Pedra que era organizada informalmente por grupos de comerciantes foi proibida, mas mesmo com toda a fiscalização do poder público, ainda existem focos deste comércio nos arredores do Mercado Público. A Prefeitura por sua vez instaura

neste local diversas atividades, como a Feira de Economia Solidária, o Projeto "Direto do Produtor", entre outros eventos que marcam as características de um uso "legítimo" do espaço: mesma infra-estrutura composta por *stands* idênticos, segurança, ambiente fechado e higiênico, etc. O processo de urbanização e crescimento das cidades acaba gerando esta perspectiva de disciplinamento da rua e de seus usos¹³⁷, no sentido da adesão a uma ritmicidade progressiva do tempo (Durand, 2001) que pretende domesticar o devir (Durand, 2001).

Mas frente a estas domesticações do tempo através do ordenamento e disciplinamento do espaço, move-se constantemente uma sensibilidade coletiva que re-funda formas de sociabilidade, itinerários urbanos, gestos e práticas que atribuem diferentes sentidos ao espaço vivido das cidades¹³⁸. Em Porto Alegre, o entorno do Mercado Público sofreu diversas modificações ao longo dos anos e os espaços que abrigavam formas de comércio de alimentos ao ar livre desapareceram apesar dos resquícios destas práticas que podemos encontrar ali até hoje – como os vendedores ambulantes, por exemplo. Os textos da Revista do Globo e as fotografias antigas apresentados neste capítulo descrevem um pouco as formas como este comércio se desenvolvia nesta região central. Estas imagens combinadas com os relatos dos informantes desta pesquisa acabam por narrar fragmentos destas formas de sociabilidade no tempo.

Como refere a antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha, as cidades brasileiras vivem a descontinuidade do tempo na constante destruição e reconstrução do espaço urbano, na lida com a matéria terrestre (Rocha, 2008:17) transformando-a constantemente. As práticas cotidianas de seus habitantes acabam acomodando-se a este contexto de transformação e reinventado suas formas de fazer. Dona Geni e Fonseca ao narrarem suas trajetórias em Porto Alegre apresentam estas transformações no espaço do Bairro Cidade Baixa e

¹³⁷ Sobre estas intervenções ver, entre outros, dissertação de mestrado de Charles Monteiro. *Porto Alegre, Urbanização e Modernidade – A construção do Espaço Social*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995.

¹³⁸ Uma análise importante sobre estes processos pode ser encontrada em Rocha, Ana Luiza Carvalho da. *A poeira do tempo e as cidades tropicais, um ensaio interpretativo do patrimônio e as dinâmicas da cultura em sociedades complexas*. In: *Iluminuras* nº 19, 2008. Conforme a autora "a Cidade no Brasil não adquire valor estético por suas obras cultivadas, mas sim por uma concepção diferente da *matéria* da vida urbana atribuída à sensibilidade coletiva de seus habitantes e que se propaga através das formas de sociabilidade, das trajetórias sociais, dos itinerários urbanos e dos saberes e fazeres de seus habitantes em seus territórios (cujos hábitos e tradições não são nem sólidos, nem duráveis o suficiente para impedir que o novo se organize no seu interior). Parafraseando G. Bachelard, neste momento é que se pode ver uma cidade "se inventar no tempo ao invés de se inventar no espaço". (Rocha, 2008:06)

mesmo da cidade surpreendendo-se com o tempo que passou e as feições que a vida urbana adquiriu.

Fonseca

"Ontem que, na quarta-feira você foi lá na Restinga, já te falei que aquele pessoal de trás de onde estava montada a feira é a Restinga Velha porque o pessoal aqui da Ilhota, no Ginásio Tesourinha, tiraram o pessoal e levaram pra lá. O pessoal que tinha nessa área onde estamos nesse momento aqui na feira, foi desapropriado, aqui eram casas, tu vê que tem aquele edifício ali e tudo... Até nem sei por que cargas d'água aquele edifício ficou, porque era pra ter tirado também, mas ficou aquele edifício, ficou bem valorizada aquela esquina e essa área foi uma nesga do... como a gente diz do... da retirada das moradias né?"

(...)

No Parobé quando eu fui estudar a água ainda batia atrás, depois aterraram mais, mas a água batia atrás, nós pulávamos a cerca pra tomar banho lá, então pra ver a distância que foi aterrado... Mas aí eles tiveram que afundar o canal, pra tirar terra... A draga mesmo afundava e depois trazia pra ter o espaço da água, né... Tinha que arrumar um espaço na água onde ela está, então... O que a gente devia falar é a abertura do canal... Fazer mais canal, afundar mais o rio e trazer a terra pra cá, a areia pra cá pra fazer área pro povo circular e... Não sei se um dia a natureza vai querer voltar para o lugar dela, como é que vai ficar... leigamente a gente pensa assim, não sabe se vai ser possível ou não, então isso aconteceu com o Rio Guaíba também, né?"

Geni

"Essa Ponte de Pedra tinha casa dali do lado de lá, era cheio de casa, e essa rua que vem ali pelo Ipê, tudo era... Era só pelo Pão dos Pobres que era rua sabe o resto tudo era rio... Uma vez veio uma enchente, eu tava louca de medo que viesse aqui... Aqui não tinha nada... Aqui era uma casa lá na frente... Só uma casa, uma casa baixa, sabe, e depois aqui era tudo um pátio, tinha arvoredos, tinha figueira, tinha até pé de louro..."

(...)

Não, não, ali era tudo casinha... Casinha assim uma grudada na outra, mas casa de material... Ali era a Avaí, e aqui era a João Alfredo... Vinha até a Caixa Econômica, mais ou menos, até ali a Ponte de Pedra, ali começava a João Alfredo e ali atravessava não tinha esse largo... Desmontaram tudo, aí ficou só aquele pedacinho, lá na frente, depois da igreja, né, depois que vai pra cá, pra baixo do viaduto... Tem uma... Uma ruazinha que é a Avaí, que sai lá na João Pessoa, só ficou aquele pedacinho... De tudo aquilo... É, era bem diferente..."

Pensar o tempo a partir das transformações do espaço não significa apenas uma constatação da mudança, mas a descoberta de um viver urbano que se molda a partir destas mudanças. Aqui é importante acrescentar que não se

trata de uma “submissão” das práticas dos sujeitos às intervenções urbanísticas, mas sim de uma forma de se reinventar no tempo. É diante desta reinvenção, apoiada na duração de saberes e práticas, que os feirantes do mercadão do produtor reivindicam sua permanência no Largo Zumbi dos Palmares, lutando contra a construção do terminal de ônibus, como veremos no próximo capítulo. Ao Largo Zumbi dos Palmares é atribuído o valor simbólico de um espaço que recebe esta ambiência do mercado há anos, desde a fundação desta feira-livre do Mercadão do Produtor. É claro que dentro desta perspectiva de reinvenção das práticas e saberes, o mercadão transferindo-se para outro local da cidade acabaria sendo reinventado por seus feirantes e fregueses, mas o que emerge por detrás da fala destes informantes são as perdas que estas mudanças acarretam: como se reestruturariam redes de relações e laços de solidariedade? Que mercadão seria este organizado em um novo espaço?

Não se trata aqui de uma ode a permanência do mercadão assim como está, pois a própria forma deste fenômeno já é movente: os feirantes que se deslocam pela cidade montam e desmontam o cenário todo o sábado, os fregueses que estabelecem percursos pelos bairros, os nascimentos e as mortes, o mercado vive os ciclos temporais. Esta é justamente a característica mais importante deste fenômeno, e por isso o espaço onde se realiza é importante, os próprios feirantes sabem do valor que é estarem neste cruzamento de caminhos representado pelo Largo Zumbi dos Palmares. Trata-se aqui de uma reflexão sobre os espaços vividos pelos habitantes da cidade em suas formas de sociabilidade e as tensões relacionadas à construção deste ambiente urbano sobre-humanizado (Leroi-Gourhan, 1975) onde os usos da rua são cada vez mais regrados.

Fonseca

"Tu vê e a gente achava que ia demorar o tempo para passar e ó... foi ligeiro!"

7.5 Dans dix ans... on ne sais rien!

Como uma forma de investigar o devir (Durand, 2001), diante das inúmeras falas de feirantes a respeito das dificuldades impostas pelos grandes

comércios, representados pelo supermercado como grande vilão, no caso do Brasil, indaguei a eles se achavam possível uma cidade sem feira. Fonseca, Henrique e Saionara afirmaram que não, mesmo diante de toda a adversidade vivida em função da modernização das formas de produção, comercialização e transporte de alimentos, a feira-livre ainda se constitui para eles como parte da cidade e suas formas sensíveis (Sansot, 1986).

Fonseca

"Não. Não porque eu trabalho na feira, eu administro a feira, mas ela é importante. Ela é importante por vários aspectos. Um o pessoal vem descontraído, vem procurar um produto de uma linha numa banca, vai noutra... Conversa com o dono da banca, descarrega as broncas que ele conseguiu durante a semana nas feiras no fim de semana, até porque ele conversa direto com o dono da banca, no supermercado ele não tem pra quem reclamar... E a variedade e quantidade de produto, é um relax... Faz um relaxamento. Às vezes é que aparece algum nervosinho, mas todas as pessoas estão tranqüilas, olhando, escolhendo. Se tu virar lá está o cidadão escolhendo a laranja, bem à vontade, não tem ninguém empurrando ele, no supermercado é aquela complicação, aquela correria, e hoje... Sábado ele vem pela manhã, bem tranqüilo... A temperatura está ótima hoje pra feira, está fresquinho... E uma coisa tu vai notar, é da média idade pra... pra pessoal da terceira idade né? Porque o jovem não vem porque ele não teve o hábito ainda de... preparar o alimento pra ele, ele já quer tudo pronto... Ela sabe da consciência da necessidade que ela tem de pegar o alimento para preparar para se alimentar..."

Saionara

"Eu acho que não porque isso daí é uma coisa que vem de anos né, como eu te digo eu comecei assim novinha, mas quantos anos eu lembro... Minha mãe às vezes fica comentando que tinha feira no Partenon, na época dela, isso daí é uma coisa que é muito antiga, eu acho que não existe, tanto que o supermercado esta aí e tudo e o pessoal ainda procura a feira, o pessoal ainda vem pra feira... Tanto que eles já pegaram aquela história assim quarta-feira é dia de feira no Zaffari, feira no Carrefour, eles já pegaram aquilo ali, por quê? Porque chama o pessoal, porque que chama o pessoal? Porque o pessoal gosta exatamente dessa coisa povão, dessa coisa assim de... Porque tu vai ao supermercado, eles largam aquela mercadoria tudo... Mas a grande maioria é embalado, eles não têm aquele contato... E aquele calor humano também né, porque tu tem muitas amizades, tem amizade assim que tu vai fazendo no decorrer, então isso é bem bancana... É como eu te digo, a gente tem um cliente que ele compra... Ele mora do lado do Zaffari, do lado... E ele se tornou um amigo. Praticamente ele começou... Fazem mais... Faz uns 20 anos que ele vai na feira... Eu digo "vem cá, tu é louco, tu vem aqui, dia de chuva, vento"... Tu nem imagina assim, e ele diz... Não eu gosto, eu gosto de vir porque pra mim se torna uma terapia..."

Henrique

"E tu vê, com todas essas mudanças que houve nos últimos 20 anos, como evoluiu, como cresceu a cidade, e o Mercado se manteve... Porque que surgiu essas... Quarta-feira verde, terça-feira verde¹³⁹... já devido a feira, pode ver que eles nunca usavam o termo feira, dentro do supermercado... tu vê... E com tudo isso os mercados vieram... Eles conquistaram o espaço deles e a gente continua aí..."

Todas estas entrevistas, no entanto, foram realizadas antes do lançamento do Projeto Portais da Cidade, que prevê a construção de um terminal de ônibus com pequenos estabelecimentos comerciais no Largo Zumbi dos Palmares e mais outros dois espaços de Porto Alegre, obra que a Prefeitura Municipal pretende finalizar até 2010. Esta notícia abalou bastante aos feirantes do Mercado e também a mim, pois foi à primeira notícia que tive deles no retorno do estágio de doutorado. Até recentemente este era o assunto principal em muitas bancas, cujos feirantes entregavam um abaixo assinado para os fregueses assinarem, contra a retirada da feira do Largo e a construção do Portal. Até propaganda na TV local começou a ser veiculada pela Associação dos Usuários do Mercado do Produtor. Aos poucos o assunto foi perdendo um pouco o vigor, menos para Fonseca que continua ainda brigando muito na Prefeitura Municipal durante a semana, inclusive afirmando que o atual prefeito, José Fogaça, não só tinha como promessa de campanha a valorização das feiras-livres, como também havia tratado verbalmente com os feirantes do Mercado sobre a garantia de seu espaço físico e também de sua independência em relação às feiras modelo.

Este projeto já está aprovado e aguarda o início dos processos de licitação de empresas e instituições privadas que se candidatarem à parceria com a Prefeitura Municipal para a viabilização da obra¹⁴⁰. As discursividades do poder público sobre este projeto dos Portais da Cidade apresentam uma imagem do Centro da cidade de Porto Alegre como caótica, violenta, poluída. A construção dos portais seria a solução para estes problemas, na medida em que prevê a

¹³⁹Estes termos são utilizados nas propagandas de supermercados para enfatizar dias de promoção de hortifrutigranjeiros.

¹⁴⁰ Segundo informações do site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre "uma PPP é uma parceria onde o setor privado projeta, financia, executa e opera uma determinada obra/serviço, objetivando o melhor atendimento de uma determinada demanda social. Como contraprestação, o setor público paga ou contribui financeiramente, no decorrer do contrato, com os serviços já prestados a população, dentro do melhor padrão de qualidade aferido pelo Poder concedente". Consultado pela última vez em 18/01/2008 no site <http://www.ppp.portoalegre.rs.gov.br/>.

diminuição do número de ônibus circulando no centro, pois cada um dos três portais seria um terminal onde as linhas de transporte público de Porto Alegre teriam sua estação final. Restaria para o Centro da cidade apenas uma linha circular de ônibus. O término das obras de construção dos portais está previsto para 2010, apesar da continuidade das negociações com a população. A construção destes portais prevê também que sejam espaços fechados onde se localizariam diversos tipos de comércio, desde lojas de roupas, até lavanderias e lanchonetes.

"Portais da Cidade

Ônibus mais rápido e seguro.

Serão prédios de alto padrão, com comércio e prestação de serviços, totalmente cobertos, climatizados, seguros, que oferecerão alternativas variadas de comércio e alimentação. Os Portais terão escadas rolantes para o deslocamento dos passageiros, locais para descanso e total acessibilidade para portadores de deficiência. Tudo para que você possa esperar o transporte ao seu bairro em plenas condições de conforto e segurança.

(...)

Você vai sair do seu trabalho, ir a uma das 24 estações (novas paradas no centro, cobertas e confortáveis) e, em no máximo 03 minutos, estará embarcando. Assim, você não terá mais aquela longa espera na fila, exposto à ação dos assaltantes. Todo o sistema será equipado com câmeras de vigilância e os portais serão prédios fechados, também equipados com câmeras, e vigiados por profissionais de segurança. Será o fim dos assaltos para quem precisa de ônibus para sair ou chegar ao centro."

http://www.ppp.portoalegre.rs.gov.br/default.php?p_secao=59

A ênfase numa cidade moderna e orientada para o futuro, com instalações seguras e confortáveis é o contraponto de uma cidade com múltiplos usos da rua. São edificações e lugares fechados que garantem segurança e conforto para a população, como preconizam as intervenções urbanas na cidade (Monteiro, 1995) que pretendem revitalizar os espaços públicos, ou seja, dar-lhes uma vida nova. É claro que as tensões presentes no centro da cidade existem, que a circulação de pessoas e mesmo de ônibus é intensa, mas para além de um discurso de representação do caos, ali também estão conformadas formas

sensíveis (Sansot, 1986) relacionadas às maneiras de habitar o espaço pelos habitantes da cidade. No caso da transformação do Largo Zumbi dos Palmares em um Portal da Cidade, o impacto no bairro Cidade Baixa não será apenas o da ocupação de um “espaço vazio” com a construção de uma edificação, mas sim o do *bouleversement* de toda uma lógica do bairro, incluindo aí os finais de semana com o mercadão e todas as manifestações culturais que o Largo abriga. A importância deste espaço “ao ar livre” parece incompreensível para o poder público, que afirma garantir um espaço no interior do portal para estas manifestações culturais – principalmente de religiões afro-brasileiras e do movimento negro.

Esta polêmica da construção dos portais nos remete a pensar sobre as transformações urbanas da cidade de Paris – o que não tratarei aqui em toda a sua complexidade, mas apenas no que diz respeito ao tema desta tese – no que tange à homologia das formas (Durand, 2001) como estas reformas se processam, aqui no caso principalmente a remoção do “ventre de Paris”, *Les Halles*, do centro da cidade. *Les Halles* era o mercado central de Paris que durante séculos se ocupou do abastecimento alimentar da cidade, concentrando inúmeros comércios de alimentos, desde hortifrutigranjeiros até carnes e pescados, entre muitos outros. As diversas imagens que apresentam *Les Halles*, em fotografias ou vídeos, de diversas épocas, mostram como este mercado era complexo e ocupava não só o espaço físico dos pavilhões, mas todo o seu entorno e mais as ruas adjacentes. Nestas imagens (algumas das quais estão no capítulo quatro) podemos ver a complexidade deste comércio de alimentos no centro de Paris, sobretudo pela grande quantidade de pessoas expondo seus produtos pelo chão, em cantos da rua e que a primeira vista parece completamente aleatório. Uma investigação um pouco mais detalhada acaba apresentando os arranjos ali presentes: tipos de alimentos e seus espaços, as artes de fazer relacionadas à organização dos produtos, os comércios que derivavam do comércio de alimentos, etc. isso apenas no exterior dos pavilhões que abrigavam ainda pequenas bancas de vendas.

É claro que toda esta confusão – ruas tomadas por caixas de alimentos e caminhões, carroças estacionadas nas calçadas, pirâmides de abóboras, alfaces e cenouras – não poderia continuar no centro da cidade, e na década de 70, mais precisamente no ano de 1969 *Les Halles* fechou suas portas. O Mercado foi

transferido para Rungis, na periferia de Paris e os pavilhões do *Les Halles* foram demolidos. Isto acarretou muitas transformações nas formas de abastecimento da cidade, principalmente nas relações entre os compradores, vendedores e distribuidores. Todas estas questões são apresentadas em inúmeros documentários sobre *Les Halles* e também sobre Rungis que podem ser vistos na *Inathèque de France* e no *Forum des Images*. Durante a pesquisa que realizei nestas instituições perdi a conta de quantos documentários foram produzidos sobre a última noite de *Les Halles*, evidenciando o drama vivido pela população da cidade, principalmente dos arredores, com a reestruturação deste mercado em outro local. Até hoje, passados quase 40 anos desta transformação urbana, e com a construção de uma estação de metrô e trem no local do mercado, com um centro comercial em volta, ainda seguem as discussões sobre como restaurar a aura do lugar, ou o *genius loci* como diria Maffesoli (1996).

Trago estas questões apenas para apresentar que as tensões vividas no meio urbano, na negociação entre as formas de vida da população, com seus laços afetivos a territórios e estilos de vida e os projetos de reformas urbanas, revitalizações e transformações “rumo ao futuro” estão longe de se encerrarem em soluções simples. As discursividades a respeito de segurança, conforto, modernização nem sempre dialogam com os arranjos sociais e coletivos (Rocha, 1994) moldados pelas práticas cotidianas dos sujeitos que vivem a cidade em seus aspectos mais ordinários, com a compra de alimentos, por exemplo. Não é pretensão desta tese apresentar as soluções para estes impasses, mas sim olhar para estas tensões e o que elas representam em termos das inúmeras durações (Bachelard, 1988) que compõem a vida urbana. O fato de determinadas práticas durarem no tempo não significam que são eternas ou que vêm se mantendo naturalmente, ao contrário, representam um esforço de lidar com a matéria perecível do tempo (Durand, 2001) e recomeçar sempre a partir de um novo patamar. Neste sentido, termino o capítulo com Akli e seu olhar sobre o devir deste *métier* de feirante, e mesmo do mercado como arranjo social (Rocha, 1994), considerando o lugar de onde ele fala, ou seja, de um feirante que está em Paris vivendo em um contexto urbano onde o comércio de alimentos é cada vez mais especializado e a vida cada vez mais cara, projetando, talvez, estas imagens para a cidade de Porto Alegre.

Akli

"C'est un métier en mutation, ça a changé, le rythme est pas du tout le même, c'est très fatigant... C'est beaucoup plus lourd au niveau encharge social, ça c'est difficile. C'est pas un métier qui aura tendance véritablement à perpétuer je pense. Ce n'est pas ça que je vais conseiller à mes enfants, parce que c'est trop lourd au niveau... Nous avons besoin de beaucoup de main d'œuvre pendant qu'une boutique ou un magasin ne fait pas la même exigence au niveau de main d'œuvre. Le gros problème pour nous c'est surtout la question de la main d'œuvre, on a beaucoup et de plus en plus les salaires en France sont très chers, je ne sais pas se un jour, d'ici a une dizaine d'année, le rythme du salaire continue à augmenter, on ne pourrait pas... Avec le rythme que nous avons, nous pouvons d'être facilement cinq ou six, on ne peut pas... Financièrement enfin... Un salaire c'est possible de payer, mais le salaire e les encharges sociales que vont d'arrière c'est beaucoup plus difficile. Dans d'autres pays c'est moins difficile, c'est moins stressant, la pressions c'est moins intense, mais en France un salaire c'est 1000 euros et en plus il y a les encharge pour l'Etat, est quasiment deux salaire, un salaire pour l'Etat un salaire pour le salarié¹⁴¹.

(...)

Oui, le centre de Paris, c'est vrai qu'il est très pourvu en magasin, il y a beaucoup de boutiques, beaucoup de petits supermarchés, mais il y a une loi que nous protège, que protège tout le petit commerçant dans l'interdiction de grande surface a l'intérieur de Paris. Pour qu'une grande surface, un grand magasin puisse ouvrir, il doit limiter au niveau superficie. D'alors qu'on est au centre ici, d'autres marché, on est aussi bien centré, on est encore protégé... et cette loi est qu'elle sera là encore... Pour l'instant c'est bon mais... Enfin... Dans dix ans, on ne sait rien... C'est aussi une des raison pour laquelle que je ne voulais pas mon fis dans cette activité¹⁴².

¹⁴¹ "É um *métier* em mutação, isso mudou o ritmo não é mais o mesmo, é muito cansativo... É bem mais pesado em nível dos encargos sociais, isso é difícil. Não é um *métier* que tenha a tendência a se perpetuar eu acho. Não é isso que vou aconselhar aos meus filhos, porque é muito pesado a nível... Nós precisamos de muita mão de obra, enquanto que uma loja não tem a mesma exigência em relação a mão de obra. O grande problema pra nós e a questão da mão de obra, nós temos muito e cada vez mais os salários são caros na França, eu não sei se daqui a uns dez anos, o ritmo do salário continua a aumentar, não poderemos... Com o ritmo que nós temos, nós poderíamos ser facilmente cinco ou seis mas não podemos... Financeiramente, enfim... Um salário é possível de pagar mas o salário e os encargos sociais que estão por trás é bem mais difícil. Em outros países não é tão difícil, é menos estressante, a pressão é menos intensa, mas na França um salário é mil euros e ainda tem os encargos para o Estado, são quase dois salários, um para o empregado e outro para o Estado."

¹⁴² "Sim o centro de Paris, é verdade que ele é bem provido em lojas, vários pequenos supermercados, mas existe uma lei que nos protege, que protege todo o pequeno comerciante, interditando [estabelecimentos de] grandes superfícies no interior de Paris. Para que um grande estabelecimento possa ser aberto, ele precisa ser limitado no que concerne a superfície. Então nós estamos no centro de Paris aqui, os outros mercados são também bem centrados/localizados, somos ainda protegidos... e esta lei existirá ainda... Por enquanto tudo bem mas... enfim... em dez anos, não sabemos nada. Esta é uma razão pela qual eu não quero meu filho nesta atividade."

Certamente que no Brasil seriam problemas diferentes que impediriam a continuidade dos mercados, dificilmente os encargos sociais trabalhistas ou um salário equivalente a mil euros. No entanto, se voltarmos nossa reflexão para a constância das transformações urbanas e do disciplinamento dos usos da rua, é possível sim imaginar a finitude destas práticas. Mesmo assim, nas entrelinhas do que é dito por estes informantes, vemos que é no interior destas tensões que repousa o esforço de fazer durar (Bachelard, 1988) o mercado, nos movimentos constantes de recuperar saberes e gestos que lhe dão forma. A duração (Bachelard, 1988) está referida neste caso, sempre ao presente, ao mesmo tempo em que questiona o futuro.

CAPÍTULO 8

Tempo do Cotidiano

A finalização desta tese se direciona a refletir sobre os encadeamentos de diferentes instâncias do nutrir o urbano que se operam no cotidiano da cidade e seus encaixes temporais.

O que gostaria de apresentar com estas idéias é a de que o mercado tem um lugar na vida do bairro que o abriga, nesta forma de transformar o espaço e o tempo vivido (Eckert, Rocha, 2005) criando uma circularidade nas formas de habitar o bairro. Para o caso desta tese, a importância do bairro aparece no seu vínculo com o mercado de rua, nos ordenamentos temporais das práticas de consumo de alimentos.

Uma reflexão que parte das práticas cotidianas dos habitantes da cidade, dos percursos e trajetos que são produzidos nas idas e vindas pelas ruas, da vida dos bairros e seus pequenos estabelecimentos comerciais para aos poucos alcançar outros níveis deste fenômeno urbano da circulação de alimentos. Para alcançar este objetivo é preciso transitar entre o interior e exterior do mercado, ou seja, dos gestos e práticas do mercado para o cotidiano das ruas e do bairro em que se encontra e compreender os processos sociais e culturais que envolvem a circulação do alimento na cidade. Isto sem perder de vista o caráter simbólico que as práticas cotidianas relacionadas à aquisição do alimento evocam.

Neste caso, o mercado de rua, neste capítulo, se apresenta como marcas temporais no cotidiano urbano, remodelando a estética da rua que ocupa e ao mesmo tempo provocando um ordenamento das formas de comprar de seus *habitués*, bem como das táticas do fraco (Certeau, 1994). Esta periodicidade do mercado de rua, que já foi analisada neste trabalho do ponto de vista dos símbolos cíclicos que ordenam as práticas em seu interior, é interpretada aqui como um ordenamento do tempo vivido (Eckert, Rocha, 2005) no interior da cidade, na tentativa de compreender como esta dimensão do cotidiano se entrelaça com a dimensão da circulação mundial dos alimentos. Segue-se

novamente a perspectiva de Sahlins (2004) sobre a dimensão cultural da produção material de bens que são consumidos pela população, no sentido de inserir estes processos macrocósmicos da produção, transporte e comercialização de alimentos no contexto simbólico da cidade, como ambiente sobrehumanizado (Leroi-Gourhan, 1975) onde estes processos são simbolizados de diferentes maneiras em termos das práticas cotidianas de seus habitantes.

8.1 Práticas de Bairro

O mercado de rua é periódico, acontece em dias específicos da semana e precisa ser montado e desmontado todo o dia em que ocorre, promovendo a emergência de uma ambiência específica em ruas e praças. Sua periodicidade ao mesmo tempo em que está inserida no decorrer do cotidiano da cidade, marca rupturas neste transcorrer dos dias, como que afirmando a dimensão simbólica destas práticas de compra e venda de alimentos na medida em que agencia os ritmos cíclicos tanto neste montar e desmontar das bancas como nos gestos, práticas, conversações, lembranças que têm lugar neste espaço. Quando é instaurado o mercado em uma rua ou praça de um bairro ou *quartier*, as dinâmicas de percursos que são traçados pelos habitantes da cidade que vão ou não ao mercado se transformam. Por exemplo, atravessar o *Boulevard de Belleville* em Paris em dia de *marché* significa passar por essa ambiência e, inevitavelmente, ser atingido por ela. Estas mudanças não se referem apenas aos percursos adotados, mas também podem ser observadas nos micro-eventos (Moles, Rhomer, 1982) que se conformam nas calçadas, nos encontros entre vizinhos, na forma como ocupam o espaço da rua com seus carrinhos e sacolas, formando pequenos grupos de conversa. É claro que nesta forma periódica do mercado se conformar, existem diferenças importantes entre os dias da semana em que ele ocorre, sendo que os finais de semana são mais propícios para usufruir da ambiência do mercado com mais lentidão, com mais tempo para as conversas e sociabilidades, enquanto que durante a semana a passagem pelo mercado se torna mais pontual.

Estas temporalidades podem ser observadas justamente pelas maneiras como os *habitués* dos mercados desenrolam suas práticas cotidianas: a diferença

de um andar apressado ou de uma escolha mais direta, para a *flanerie* e o devaneio nas formas e cores dos alimentos. Como aponta Michel de Certeau (1996) o bairro é uma categoria importante para se pensar a configuração das relações dos habitantes da cidade com o espaço. Para o autor, as rotinas dos pequenos comércios do bairro estão relacionadas aos tipos de percursos adotados pelos habitantes: quais ruas seguem, onde param para uma conversa mais prolongada, quais são seus territórios de adesão revelando que o espaço urbano não se constitui apenas de edificações e intervenções do poder público, mas principalmente das práticas cotidianas de seus habitantes. Dessa forma é possível pensar, junto com Pierre Sansot (2004), que os bairros possuem uma poética que adota diferentes formas expressivas (Dawsey, 2000) para falar de si e do corpo coletivo (Maffesoli, 1988) urbano onde está inserido. Gaston Bachelard, ao se dedicar ao estudo de uma poética do espaço (2000), vai justamente pensar a idéia de um *espaço feliz* (Bachelard, 2000: 19), traduzido pelos seus valores imaginados. Segundo ele “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido” (Bachelard, 2000:19). É este devaneio nos percursos e caminhadas, nas práticas de bairro, que o tornam espaço vivido, repleto das emoções coletivas, das memórias e pertencas de seus habitantes.

Adoto aqui esta categoria bairro¹⁴³ como expressão das adesões dos habitantes da cidade aos territórios de pertença pela qualidade de depositórios da memória coletiva dos habitantes. Estes espaços de acomodação de suas práticas implicam nos arredores de suas moradias, tendo em vista o desenrolar de fazeres triviais, como as compras diversas em pequenos comércios: a padaria, o açougue, a farmácia, entre outros. Esta identidade de pertença e relação afetiva à territorialidade nos contextos urbanos foi tema revelado pelos intelectuais da Escola de Chicago que seguiram de perto as concepções de Max Weber e de Georg Simmel sobre a mentalidade urbana e a formas sócio-espaciais advindas desta reciprocidade.

¹⁴³ Bairro é uma das categorias de entendimento utilizadas por vários antropólogos para pensar a diversidade cultural e a diferença social nas cidades brasileiras. Podemos situar alguns exemplos como Gilberto Velho (1989) e o estudo do estilo de vida em Copacabana no Rio de Janeiro, Ruben Oliven (1980; 2007) com os estudos de grupos urbanos em bairros como Cidade Baixa e Navegantes, em Porto Alegre, além ainda de Tereza Caldeira (1984) e José Guilherme Magnani (1984) em São Paulo, entre outros. Muitos destes trabalhos são orientados pela relação entre o bairro e a moradia, enquanto que estudos mais recentes de Magnani e de Eckert e Rocha (2005) vão se preocupar mais especificamente com a rua como espaço de sociabilidades, como tenho investigado nesta tese.

Este lugar social que é o bairro (Brasil) ou o *quartier* (França) é um pedaço, um recorte da cidade, dos *arrondissements*, ou seja, dos distritos a partir dos quais a cidade é dividida e organizada burocraticamente e institucionalmente, como aponta Michel de Certeau (1996). Pode ser pensado como um pequeno território no interior do espaço urbano que tem suas especificidades, suas formas expressivas (Dawsey, 2000) particulares, definido por alguns encontros de ruas que evocam determinadas ambiências. É justamente a idéia de uma atmosfera que confere sentido a um *quartier* em Paris ou a um bairro em Porto Alegre¹⁴⁴, pois sua delimitação não é definida preferencialmente pelas ruas que o conformam, mas pelas práticas cotidianas de seus habitantes, pelas formas como se organizam os pequenos comércios. Nele, habitantes reconhecem e são reconhecidos, em seus itinerários familiares, pelo andar vagaroso ou apressado das ruas, pela boemia ou pelas relações de vizinhança, enfim, por inúmeros códigos simbólicos que configuram sua atmosfera, como revelaram os inúmeros intelectuais da Escola de Chicago¹⁴⁵. De acordo com Sansot (2004) cada *quartier* apresenta sua poética dada nas relações entre as pessoas que o habitam ou que passam por ali, nas conversas nos cafés e bistrôs, na intimidade entre comerciantes e compradores, nas sonoridades que habitam as ruas.

As experiências etnográficas vividas na cidade de Porto Alegre e/ou na cidade de Paris me convocaram a refletir sobre os vínculos tecidos entre estes pequenos comércios de *quartier* e o mercado de rua, em termos da configuração de uma forma particular de viver o tempo do cotidiano e da caracterização de determinadas ambiências que expressam a aura do lugar (Maffesoli, 1996). Em Paris, *quartier* é também uma categoria de entendimento na vida urbana, vive-se o *quartier* em todos os seus sentidos e principalmente nas lembranças e memórias sobre a vida urbana¹⁴⁶. Em Porto Alegre, letras de músicas, poemas,

¹⁴⁴ Porto Alegre foi dividida em distritos e o Projeto dos Bairros (Sanhudo, 1979) deu origem a inúmeras crônicas sobre estes territórios da cidade que acabam por evocar as diferentes atmosferas que identificam estes espaços.

¹⁴⁵ Além de Max Weber e Georg Simmel que influenciaram os autores da Escola de Chicago, para o tema de bairro/quartier, citamos Robert Ezra Park, Louis Wirth, Maurice Halbwachs. Estes ensinamentos nos chegaram, sobretudo através de Michel Maffesoli (1996). Sobre a concepção de bairro lembramos também o trabalho de Kaj Noschis "Signification Affective du quartier", orientado por Michel Maffesoli (Paris, Librairie des Méridiens, Klincksieck et Cie, 1984).

¹⁴⁶ Durante o período de estagio em Paris, o número de documentos – livros, filmes, fotografias, reportagens, documentários – pesquisados em bibliotecas e também na Inathèque de France foi muito grande. Há uma coleção inteira de livros que tratam das lembranças destes *quartiers* parisienses por moradores e freqüentadores, que se chamam *Je me souviens du quartier Latin*, *Je me souviens du Marais*, *Je me souviens des Halles*, entre outros.

biografias, filmes e depoimentos de livros e etnografias demonstram a força de sentido da noção de bairro. É vivendo o *quartier*, é vivendo o bairro e rememorando-o que ele dura (Bachelard, 1988), que ele continua a fazer parte do conjunto que é a cidade. Suas ruas são movimentadas por uma poética das práticas de seus habitantes que podemos observar ao etnografar o cotidiano urbano da cidade, no caso desta tese através das práticas de compra e venda de alimentos.

Assim, me refiro aqui ao bairro ou ao *quartier* para falar destes territórios da cidade que são resultado das práticas cotidianas de seus habitantes, em suas compras diárias, na frequência aos pequenos comércios e nas caminhadas nas ruas. Claro que no Brasil e na França, as diferenças sobre a adesão ao espaço da feira implicam em diferenças históricas e culturais. Na França há uma forte discursividade sobre a importância dos franceses resistirem às estruturas de grandes supermercados mantendo a prática do consumo em feiras de rua como tradição de pertença a uma França de raízes. No Brasil, esta discursividade é menos presente embora forte entre os militantes ecologistas e partidários de políticas “verdes”. Mas no caso das cidades brasileiras, apesar da forte aceitação da estrutura de supermercados e mesmo *shoppings centers*, a prática do consumo em feiras-livres e nos pequenos comércios de bairro é muito significativa para as mais diversas gerações.

Para Michel de Certeau (1996) estas práticas¹⁴⁷ estão muito relacionadas aos percursos realizados a pé (Certeau, 1996), com o perímetro de espaço onde se localiza a moradia, sendo que a partir dela é que se traçam as adesões ao bairro cujos limites não são necessariamente aqueles estabelecidos pelos projetos urbanísticos que dividem a cidade em zonas e setores. As compras de frutas, verduras e legumes, ou mesmo grãos e temperos no mercado de rua, que acontecem alguns dias da semana, acabam orientando também as outras compras que se dão ao longo da semana nos açougues, padarias e armazéns do

¹⁴⁷ Segundo o autor, o bairro é uma mediação espacial entre a moradia dos sujeitos e a cidade. “Diante do conjunto da cidade, atravancado por códigos que o usuário não domina, mas que deve assimilar para poder viver aí, em face de uma configuração dos lugares impostos pelo urbanismo, diante dos desníveis sociais internos ao espaço urbano, o usuário sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou seu prazer, que são as marcas que ele soube, por si mesmo, impor ao espaço urbano. O bairro é uma noção dinâmica, que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação” (Certeau, 1996:42).

entorno da morada¹⁴⁸ e mesmo no supermercado do bairro, que acaba também participando deste circuito. Fica evidente então que a adesão ao mercado de rua não significa a “negação” de estruturas como as grandes redes de comércio, mas sim que as compras neste estabelecimentos é ordenada a partir das práticas de compra nos mercados de rua¹⁴⁹.

Geni

"Eu compro carne no açougue, não compro nem no Zaffari, compro diretamente do açougue ali na André da Rocha, sou freguesa, três vezes por semana vou ali comprar, ali eu compro a carne novinha, novinha... chegando... e é boa porque é carimbada né... carne boa, passada por fiscalização né ... daí então compro carne dali, até guisado... E daí vou pro açougue, vou pro Zaffari, e vou pro banco... Sempre fazendo uma coisa..."

Como aponta Pierre Sansot (2004) cada bairro tem sua aura, sua forma de expressar a poética que o conforma nas maneiras como seus habitantes vivem o espaço da rua e se relacionam com os comércios locais. Sophie Chevalier (2007), através da pesquisa em três cidades francesas, aponta para as relações existentes entre o *quartier* habitado e os estilos de vida de seus moradores, que aderem ou não a estes pequenos comércios estabelecendo laços personalizados através dos quais a “possibilidade de ser reconhecido como um morador do bairro” (Chevalier, 2007: 65) é fundamental. Ser reconhecido no âmbito das relações de bairro significa pertencer a redes de relações que são tecidas ao longo do tempo, entre vizinhos de um mesmo prédio ou rua, e também entre os comerciantes dos estabelecimentos locais e os moradores do bairro. No interior destas relações a confiança e a conveniência (Certeau, 1996) são aspectos que estruturam as formas de negociação entre quem compra e quem vende, apostando no conhecimento pessoal e nas relações de reciprocidade. Assim, a confiança de que o comerciante tem um cuidado com os produtos que vende,

¹⁴⁸ No tomo 2 de *A Invenção do Cotidiano*, Michel de Certeau apresenta um estudo etnográfico sobre as práticas de bairro de algumas famílias, enfatizando as formas como as relações entre os habitantes e os comerciantes locais se dão. Neste estudo, a rotina de compras, as escolhas em relação ao comércio local e os dias da semana descrevem estas práticas de bairro que tenho me reportado aqui. A fidelidade dos moradores com alguns comerciantes, relações de reciprocidade, a intimidade entre comerciantes e fregueses, o tempo em que conviveram são importantes aspectos destas práticas de bairro.

¹⁴⁹ Na pesquisa de Sophie Chevalier (2007) sobre as práticas de compra e suas relações com o lugar de moradia em cidades da França estas ordenações também são evidenciadas, restando ao comércio em grande escala atender a demanda de habitantes da cidade que não contam com pequenos comércios em seu *quartier* – o que é o caso, segundo a autora, dos bairros de periferia – ou então para compras de produtos que não se encontram no próprio bairro.

como prazos de validade, formas de refrigeração e acondicionamentos, etc. tem uma correspondência com a confiança de que o freguês bem atendido sempre volta, de que as vendas “fiado ou de caderno”¹⁵⁰ serão pagas no próximo mês ou semana. Trata-se de um tipo de relação que não se reproduz nas grandes redes de supermercados principalmente pelo caráter de impessoalidade e individualismo atribuído ao fazer as compras nestes locais. O relato de Zulma sobre um episódio ocorrido com uma vizinha pela experiência de falta de confiança que ela passou em relação a um supermercado, nos elucida sobre o tema da quebra de reciprocidade.

Zulma

Agora estes dias ela foi comprar... Uma senhora de um advogado que mora aqui, ela foi lá [num supermercado da vizinhança] e ela sempre comprava ali e são só os dois né e ela disse "e eu compro ali porque eles mandam subir as escadas"... Eles moram no terceiro andar e eles levam pra cima... Refrigerante, caixas de refrigerante... Aí ela foi, me disse que foi lá e comprou ela disse "eu gastei cento... quase cento e cinquenta reais"... Só que ela pegou os cartões trocados, o cartão dela já estava vencido, aí chegou lá e passou... Passaram o cartão e disseram "a senhora não tem crédito", e ela disse "mas como se esse meu cartão é novo, está sendo a primeira vez que eu estou usando", aí ela viu que tinha trocado... Aí ela disse "não, mas agora então o rapaz vai comigo e eu te mando o dinheiro"... Mas de jeito nenhum, disseram pra ela "de jeito nenhum, a mercadoria vai ficar aqui a senhora vai buscar o dinheiro". E ela disse "Zulma fiquei com tanta..." ela não entra mais ali... O marido dela vai, o doutor João Carlos vai, aí diz que o doutor João Carlos pegou o cartão dela, o cartão novo, e foi lá, aí diz que comprou não sei o que lá, ele diz que comprou e passou o cartão lá... Aí ele foi e disse assim "esse aqui é o cartão da minha esposa que vocês trancaram a mercadoria agora, não deixaram ela levar... ela compra aqui há anos, neste supermercado, ela comprava há anos, porque agora ela diz que não vai mais entrar aqui"...

Pensar as diferenças entre os pequenos comércios de bairro e as grandes redes de supermercados não se apresenta aqui no sentido de “demonizar” estes grandes comércios, mas de pensar que são formas que apostam em outras relações, que não as baseadas na pessoalidade e reciprocidade, ou nas relações de proximidade, como se configuram nestes pequenos comércios de bairro e mesmo no mercado de rua. Ser freguesa do açougue, da padaria, do armazém

¹⁵⁰ Comprar fiado ou anotar no caderno são práticas de longa data, que se referem a uma compra realizada sem pagamento imediato, cujo valor será anotado para ser pago em uma data específica. Neste tipo de relação o contrato é oral, ou seja, baseado na relação de confiança entre o freguês e o comerciante.

significa uma confiança recíproca onde todo o trajeto do alimento – que passa por estas grandes estruturas de produção, transporte, embalagem, etc. – é simbolizado a partir da relação com o Outro, como no mercado de rua, que torna este processo ainda mais evidente. O sentido que gostaria de evocar aqui é que, enquanto o supermercado sugere imagens do individualismo moderno como os trabalhos de Georg Simmel sobre o dinheiro bem se referem, da tecnologia avançada de transporte e conservação dos alimentos, de higiene e organização, aderindo assim às estruturas esquizomórficas (Durand, 2001) do imaginário, os mercados de rua e também alguns pequenos comércios vinculam-se muito mais à personalidade, as trocas e a reciprocidade, que veiculam as imagens da intimidade (Bachelard, 1990) da matéria do alimento, aderindo assim às estruturas místicas do imaginário (Durand, 2001). Neste sentido, trata-se de imagens do tempo em diálogo no interior da cidade contemporânea que estão mediadas na vida cotidiana dos bairros e *quartiers*, representadas nestas diferentes formas de consumir alimentos e simbolizar o tempo e o devir.

Cotejando o mercado de rua como um evento que celebra justamente o alimento como uma imagem do tempo cíclico, a partir dos laços sociais que o configuram, com estas pequenas e ordinárias ações cotidianas de compra e venda de alimentos, de viver a vida do bairro, é possível delinear os contornos deste nutrir a cidade como um percurso progressivo de atribuição de valor simbólico a estes alimentos. E isto está intimamente relacionado a uma forma de viver o tempo, onde as imagens cíclicas (Durand, 2001) do mercado compõem um movimento de síntese com o transcorrer do cotidiano. Ao falar em síntese, me refiro ainda a teoria do imaginário de Gilbert Durand (2001) na qual a idéia de uma estrutura sintética corresponde à harmonização dos contrários¹⁵¹ (Durand, 2001), uma harmonia relaciona à ordenação das contradições e não simplesmente na supressão das mesmas. Isto confere à estrutura sintética um caráter dialético (Durand, 2001) numa “valorização igual e dramática das antíteses do tempo” (Durand, 2001:348). É neste sentido que é possível pensar o mercado de rua, no contexto do cotidiano do bairro, como expressão de um movimento de síntese entre as temporalidades cíclicas que são evocadas em seu

¹⁵¹ “Ora, é notável verificar igualmente que as estruturas sintéticas eliminam qualquer choque, qualquer rebelião diante da imagem, mesmo nefasta e terrificante, mas que, pelo contrário, harmonizam num todo coerente as contradições mais flagrantes” (Durand, 2001:346).

interior, através da imersão nas estruturas místicas (Durand, 2001) conformadas pelas constelações de imagens presentes em sua ambiência de fruição estética, com o caráter progressivo da vida urbana, no sentido do ambiente sobredeterminado de que fala Leroi-Gourhan (1975) e do desejo de domínio e domesticação do tempo (Durand, 2001). É no cotidiano onde estas imagens do tempo dialogam que se expressa o drama do tempo e da morte (Durand, 2001).

Tratam-se das imagens do tempo relacionadas ao simbolismo do alimento que estão inseridas na vida cotidiana da cidade, através das compras e vendas, do abastecimento da despensa da casa, das situações de comensalidade, enfim das artes de nutrir (Certeau, 1996). Neste sentido, podemos pensar que o mercado de rua simboliza e ritualiza estas imagens cíclicas do tempo ao se instaurar no cotidiano, expressando o diálogo entre as diferentes estruturas temporais de que falei acima, e ainda evocando o *genius loci* (Maffesoli, 1996) dos bairros e *quartiers* que ocupa.

8.2. Estilos de vida e de bairro

Como vimos nos capítulos anteriores, os mercados de rua assumem também as formas expressivas (Dawsey, 2000) ou a aura (Sansot, 2004) dos bairros e ruas em que se localizam. Henrique, ao comparar a feira de sábado na Cidade Baixa, com a feira de domingo na Avenida Assis Brasil, ou seja, entre um bairro de classe média e um bairro de classe média baixa, mais popular - nas palavras do próprio Henrique - dimensiona as diferentes formas de vender que estão relacionadas às diferentes formas de comprar que emergem nestes mercados. Segundo ele, as diferenças que se apresentam em relação a estes dias de feira estão associados ao preço, quantidade e qualidade que são ordenadas de formas diferenciadas pelos fregueses. Nas feiras de domingo, uma grande quantidade de produtos por um preço mais baixo é a preferência da clientela, o que se combina com o fato de que para muitos feirantes, principalmente os que compram produtos na CEASA, domingo é o dia de finalizar o estoque para recomeçar a semana de vendas.

Esta mesma impressão de Henrique é compartilhada por outros feirantes, inclusive por Saionara, para o caso de Porto Alegre. Esta combinação entre o

estilo de vida “sobredeterminante” no bairro e o dia da semana é também apontada por Akli, em Paris, de forma um pouco diferenciada. Para ele, sábado também é um dia de mercado mais cheio, com mais clientes comprando e também com mais feirantes do ramo alimentício compondo o mercado, como vimos em sua narrativa no capítulo anterior. No entanto, para Akli, em todos os bairros em que trabalha, a clientela do mercado é bastante exigente em termos da qualidade e origem dos produtos, ou seja, em termos de estilo de vida, acabam por se aproximar. Neste sentido, a diferença maior aparece entre *marchés* como o *Maubert*, localizado em um *quartier* mais turístico e refinado - como Akli mesmo aponta – e o *marché Belleville*, que Akli definiu como mais popular:

Akli

"Le marché Belleville c'est très populaire, le marché Belleville c'est différent, se vous pouvez filmer Belleville comme ici, sont deux méthode de travail diamétralement opposées. Ils vont cibler la quantité parce que c'est un quartier où il y a beaucoup de familles nombreuses donc ils leur faut des quantités de marchandises... Ce sont de gens que cuisinent beaucoup et les clients d'ici... c'est plutôt la finesse. On va voir une barquette de framboise quasiment ici à, par exemple, à cinq euros, aujourd'hui on en as à trois euros, tandis que dans ce marché à Belleville il va avoir dix barquettes pour deux euros, c'est la quantité, pas forcément le goût. Ça dépend aussi... La fraîcheur n'est pas la même exigence, c'est un marché où demande beaucoup de quantité et pas beaucoup de... Moins de qualité¹⁵²."

No entanto, para além de uma lógica da distribuição espacial das classes sociais no interior das cidades que configuraria a poética dos bairros, a interrogação desta tese direciona-se para a dimensão simbólica dos ordenamentos do tempo do cotidiano que são evocados por estes diferentes estilos de consumir alimentos nos mercados e também nos pequenos comércios de bairro. O que estas diferenças de quantidades de produtos comprados, de exigências de origens e qualidades do alimento, da própria configuração do mercado no que tange os diferentes dias da semana falam sobre a tecitura dos

¹⁵² "O *marché de Belleville* é popular, o *marché de Belleville* é diferente, se vocês puderem filmar em *Belleville* como aqui, são dois métodos de trabalho diametralmente opostos, eles vão objetivar a quantidade, porque é um *quartier* com muitas famílias numerosas, por isso precisam de quantidades de mercadorias... São pessoas que cozinham muito e os clientes daqui... é mais a *finesse*. Nós teremos uma caixa de framboesa aqui quase à, por exemplo, cinco euros, hoje ela está por três euros, enquanto que no *marché de Belleville* eles terão dez caixas por dois euros, é a quantidade, não necessariamente o gosto. Isso depende também... O frescor não é a mesma exigência, é um mercado que demanda muita quantidade e não tanto... Menos qualidade."

laços sociais em torno dos simbolismos do alimento e da duração (Bachelard, 1988) destas práticas?

Na composição deste trabalho, em que venho afirmando a condição temporal do alimento e as imagens simbólicas (Durand, 1988) que desencadeia, estes diferentes estilos de vida que se expressam em formas diversas de viver as práticas de mercado – ou diria os gestos de compra de alimentos, seja no interior do mercado, seja no cotidiano do bairro – estão associados a diferentes formas de pertença à vida urbana cotidiana. Uma pertença que não se dá de forma racional e lógica em termos das escolhas dos lugares mais apropriados para se morar ou fazer compras, mas nas adesões simbólicas aos ritmos do tempo vivido (Eckert, Rocha, 2005) no cotidiano e à poética das ruas (Sansot, 2004) que se expressam em cada território urbano. O mercado de rua, neste caso, emerge no cotidiano urbano potencializando estas formas sensíveis (Sansot, 1986) com que se expressam a vida na cidade, na medida em que evoca as imagens do tempo (Durand, 2001) através da constituição de uma ambiência particular.

Assim, falar em um estilo de vida que caracteriza um bairro ou *quartier* não significa congelá-lo em uma única forma de habitá-lo, mas justamente compreender as diversas configurações de práticas e gestos, de percursos e escolhas que delineiam suas formas sensíveis (Sansot, 1986). Os diferentes estilos de bairro – mais ou menos residencial, mais ou menos central, turístico ou popular, de imigrantes, estudantes, e todas as formas que podem adotar estas diferenças – dizem respeito à complexidade da vida urbana e as formas como seus habitantes agenciam estas diferenças em suas práticas cotidianas. A aquisição dos alimentos e as práticas e gestos que estão envolvidos nisto fazem parte deste agenciamento do tempo do cotidiano.

Se é possível imaginar a cidade a partir da metáfora de um organismo¹⁵³, com seus sistemas em funcionamento, com suas interdependências, é também necessário simbolizarmos este organismo - colocá-lo dentro da cultura - vendo a cidade também como um corpo coletivo (Maffesoli, 1996), que agencia práticas de "nutrição" a partir de formas simbólicas. O sustento do organismo, em termos de suas necessidades biológicas de nutrientes, depende do sustento do corpo, corpo este que não se refere à natureza biológica humana, mas é o lócus de construção de identidade, da ressonância de afetos, da elaboração de um canal de comunicação com o outro (Pain; 1988; 1999). O organismo, sem a referência simbólica construída no corpo não é um organismo humano. O corpo vincula-se à dimensão simbólica da vida humana e é desta forma que alimentar o organismo passa pela mediação da cultura que alimenta o corpo. Ou seja, as formas do ato alimentar e tudo que o envolve (aquisição de alimentos, escolhas, preparação das refeições, comer sozinho ou em grupo, compartilhar sentidos e sentimentos) são essencialmente culturais, envolvem representações e significações específicas. O comível e o que não pode/deve ser consumido, a desconfiança em relação ao novo (Fischler; 1993) são determinados culturalmente a partir de regras e classificações que são transmitidas socialmente, fazendo parte portanto de uma memória alimentar, que vai se particularizar nas experiências vividas cotidianamente pelos sujeitos.

Neste caso, falar da cidade a partir das práticas cotidianas relacionadas ao alimento é pensá-la como organismo que permanece no tempo, que dura (Bachelard, 1998), pois se nutre, agenciando a continuidade da vida, mas também como corpo, ou seja, desde uma perspectiva simbólica onde esta vida é

¹⁵³ Segundo Sara Pain, ao estudar os processos de aprendizagem, "o *organismo* é uma série de funcionamentos que buscam a manutenção e que garantem a sobrevivência do indivíduo. Assegura que haja uma temperatura constante, boa oxigenação, que os órgãos dos sentidos possam receber as sensações do meio ambiente, reconhecer sinais, ou seja, toda uma série de mecanismos que permitem um funcionamento orgânico estável" (Pain, 1988:05). Ao imaginar a cidade a partir da metáfora de um organismo pretendo evocar a idéia dos movimentos e processos que se desencadeiam diariamente fazendo-a pulsar, ou seja, manter-se viva. Isto não significa em hipótese nenhuma pensar estes processos pela via puramente funcional, ou seja, desconectada de sua dimensão simbólica e nem mesmo sob uma perspectiva do funcionalismo durkheimniano no qual as instituições e relações sociais "funcionam" no interior de um sistema em harmonia, para manter a vida social. Metáforas como esta também já foram utilizadas por outros antropólogos, cabe aqui ressaltar o livro de Ruben Oliven *Metabolismo social da cidade* de 1974, por exemplo, onde apresenta que "chama-se metabolismo social da cidade sua capacidade de moldar o caráter da vida social a sua forma especificamente urbana. Isto implica em saber qual é o grau de integração do indivíduo na cidade" (Oliven, 1974:18). A metáfora aqui utilizada da cidade com o organismo é neste sentido puramente imagética e relaciona-se com a temática desta tese no que concerne ao alimento e aos gestos e práticas de nutrir o urbano.

agenciada através de imagens e sentidos de um corpo coletivo que se forma e transforma no tempo.

É na observação desta vida dos *quartiers*, com seus trajetos ordinários, suas conversas despreocupadas, com o vai-e-vem do comércio das padarias, armazéns, açougues, etc. que percebemos os acúmulos de instantes (Bachelard, 2007) que conferem densidade ao cotidiano urbano. Muito mais que a continuidade de uma vida diária que segue seu destino, a vida de bairro sutilmente apresenta as discontinuidades presentes no meio urbano. Discontinuidades que não precisam ser evocadas apenas nas imagens de grandes catástrofes ou destruições, mas na própria imagem do tempo cíclico que o cotidiano evoca.

Retomando a idéia de que os bairros e *quartiers* configuram-se através de diferentes estilos de vida que se expressam a partir de uma atmosfera peculiar, a forma como podemos acessar esta atmosfera é num pensamento sobre o tempo, observando nos detalhes do presente - como as práticas ordinárias de abastecer a casa - o depósito de diferentes camadas de tempo que acomodam o desenrolar das práticas que configuram tais estilos de vida e, portanto, de bairro. Trata-se de um movimento rítmico de acomodações e assimilações (Durand, 2001) dos gestos do homem em relação ao alimento e as intimidações do ambiente cósmico e social (Durand, 2001) que conforma um trajeto antropológico (Durand, 2001) das formas como se garante a nutrição do meio urbano. No caso das cidades e seus bairros, este trajeto se constitui das maneiras como, ao longo do tempo, o mercado, como arranjo social (Rocha, 1994) assimilou as transformações - o aumento gradativo da população, o crescimento urbano, o desenvolvimento de tecnologias de produção, o surgimento de diferentes formas de comercialização de alimentos e sua modernização - e se acomodou no espaço urbano fazendo durar práticas e gestos na tecitura de laços sociais¹⁵⁴.

¹⁵⁴ Segundo Ana Luiza Carvalho da Rocha "O suposto é que os arranjos das formas de vida social (itinerários urbanos, formas de sociabilidade, trajetórias sociais, etc.) que se processam no interior das cidades brasileiras são tributários de estéticas singulares que marca estilos específicos do viver urbano segundo os jogos singulares de reverberação da memória entre seus habitantes" (Rocha, 2008:03).

8.3 Trajetos dos alimentos na cidade

No contexto destes processos de assimilação e acomodação (Durand, 2001) dos gestos e motivações humanos ao ambiente cósmico e social (Durand, 2001), representado nesta tese pelas formas como a humanidade resolveu seus imperativos alimentares - no que concerne às ofertas do meio ambiente de nutrientes e alimentos e as tecnologias desenvolvidas ao longo do tempo para garantir a duração, conservação, transporte e distribuição destes alimentos - as formas de comercialização de alimentos adquirem diferentes feições. Seguindo Gilbert Durand (2001), trata-se de pensar estes processos como decorrentes de um trajeto antropológico das formas de trocas sociais que são mediadas pelo alimento, como os mercados de rua, por exemplo. Como vimos no capítulo anterior sobre a transformação dos mercados, a duração destas práticas no tempo mesmo diante de grande desenvolvimento tecnológico, o surgimento dos supermercados e dos grandes comércios, o crescimento urbano, estão no interior destes processos de assimilação e acomodação (Durand, 2001) que caracterizam o trajeto antropológico das formas da vida social (Simmel, 1981). É neste trajeto antropológico (Durand, 2001) que vamos observar a dimensão cultural e simbólica dos alimentos, a partir das formas como a humanidade agencia seus sistemas de trocas, de comércio, de produção e distribuição.

Neste sentido, no interior das sociedades complexas moderno-contemporâneas (Velho, 1980;1999), os arranjos de mercado simbolizam estes trajetos das formas de comercialização de alimentos no meio urbano, na medida em que duram no tempo, adaptando-se às diferentes transformações que perpassam as cidades e evocam uma maneira específica de pensamento sobre o tempo e o devir. Se em um dado momento as feiras-livres representaram um encontro entre o meio rural e o urbano, na medida em que traziam para a cidade os produtos da terra, plantados e colhidos em zonas distantes ou mesmo nas periferias urbanas, hoje em dia podemos ver a partir dos mercados de rua conexões entre diferentes países, cidade e regiões. Aparentemente, em termos da sobredeterminação (Durand, 2001) das imagens do progresso e do controle do devir em que estão imersas as sociedades ocidentais, os mercados de rua podem representar fragmentos de práticas tradicionais desconectados desta realidade mundial de circulação de alimentos. No entanto, como vimos no decorrer deste

trabalho, estas diferentes dimensões do nutrir urbano estão interconectadas não apenas empiricamente, quando feirantes, por exemplo, compram seus produtos em grandes entrepostos comerciais, mas simbolicamente na elaboração de saberes, nos gostos e nas relações e trocas entre vendedores e compradores, na memória destas práticas e gestos. O trajeto dos alimentos - da produção até a comercialização - é pensado como parte destas trocas sociais de mercado, ou seja, como um dos elementos do laço social tecido pelos simbolismos que esta matéria veicula, da mesma maneira em que evoca e combina as diferentes temporalidades que estão em jogo na relação entre a circulação mundial de alimentos e o cotidiano, para além unicamente de uma política de consumo, por exemplo.

Se levarmos em conta dimensões mais microcómicas deste consumo, ou melhor, destas práticas de compra, como as conversações entre fregueses e feirantes sobre os alimentos, as artes de dizer que anunciam os produtos e estabelecem a circulação da palavra, a ordenação das compras no cotidiano que colocam o mercado de rua em relação a outros comércios, é possível compreender a complexidade das camadas de significado que estão presentes nestes trajetos dos alimentos e nas escolhas dos habitantes da cidade. Assim proponho interpretar a narrativa de Andromeide para além dos jogos de distinção social dos gostos de classe que Pierre Bourdieu nos ensinou a conceber nos estudos de condição e posição de classe (1979).

Andromeide

"A gente trabalha com bastante produto da Espanha, da Itália, bastante tomate da Itália, eles são bons, as mangas, por exemplo, as melhores vêm da *Côte d'Ivoire*, na África, sabe, e depois as frutas vermelhas, cerejas, morango, *framboise*, são francesas. Agora já é a época também de tomate, tudo que é produto francês a gente faz, a gente também trabalha com bastante salada que vêm dos produtores mesmo daqui... Produto natural sabe, sem nada, todas estas saladinhas que a gente faz, aquelas saladas finas, é... como que fala... É coentro, cebolinha, tudo é natural sem nenhum produto. Os produtores, agricultores, trazem e a gente compra direto deles, é separado, eles têm um... Um local que é deles, eles vêm, trazem e a gente compra deles, no Rungis mesmo, mas é um *batimento*¹⁵⁵ que fica mais assim afastado. Eles

¹⁵⁵ Durante sua fala Andromeide confundiu algumas palavras entre o francês e o português, e outras vezes "aportuguesou" palavras, como esta que em francês é *bâtiment* e cuja tradução para o português seria edifício, prédio. Andromeide está a sete anos morando em Paris e quando perguntada sobre a língua, disse que já havia se acostumado ao francês e que agora já estava difícil era falar português, já que não tem muitas pessoas com quem conversar em sua língua materna. Ela também contou que para aprender a língua

trazem a mercadoria deles e a gente compra sempre, não precisa passar diretamente por um vendedor dentro de Rungis, mas é a cooperativa do Rungis que dá autorização para eles venderem. Nessa época que a gente pode ter tudo isso senão no inverno, por exemplo, vem da Espanha, vem da Itália, mas a maior parte do tempo é da Espanha, muito produto do Marrocos também. Hoje em dia, na França, tem de tudo qualquer época, tem até do Chile, quando é no inverno as cerejas são do Chile, porque é a época para eles. Então tudo tem agora, em qualquer época do ano a gente pode ter de tudo, às vezes são um pouco mais caros os produtos importados, porque tem de dois tipos, o que vem por avião e de barco. Tudo o que vem pelo avião é primeira categoria, aí depende do tipo de clientes que você tem você sabe o jeito que você tem que trabalhar, então a gente tenta trabalhar sempre com mercadoria de qualidade superior, porque não adianta senão..."

A estas imagens podemos evocar outras como os diversos diálogos de Henrique com seus fregueses sobre a origem do alho – chinês, brasileiro, argentino – que vende no mercadão do produtor e suas qualidades, ou mesmo as imagens das caixas de uvas brasileiras vendidas no *marché de Belleville* por feirantes de origem árabe. Sob o ponto de vista dos laços sociais vividos e celebrados no mercado de rua, as origens dos alimentos, bem como os trajetos que percorrem até a chegada na cidade – e na mesa do freguês - são elementos que caracterizam estes laços e fazem parte de suas relações de troca. Mais do que simplesmente um símbolo de status, estes alimentos vindos de longe, produzidos em diferentes países e adquiridos nos mercados de rua falam da complexidade da condição urbana deste gesto de nutrir, não apenas no que diz respeito a todo o aparato técnico e tecnológico que cerca o abastecimento urbano, mas também em relação às diversas camadas de significados que são atribuídos aos alimentos neste percurso da produção agrícola para os entrepostos comerciais, destes para os mercados de rua e daí para a casa dos habitantes da cidade. Não se tratam apenas de gostos de classe (Bourdieu, 1979), mas também de estilos de vida conformados por trajetórias sociais, lembranças de uma vida cotidiana urbana, de adesões simbólicas a determinados territórios e modos de ser.

De fato, o que está sendo adquirido nestes mercados, na compra destes alimentos de origens diversas, é seu próprio trajeto. Neste sentido, o alimento

francesa e principalmente trabalhar no *marché* comprou diversos livros infantis que ensinavam o nome dos alimentos e dos objetos, e assim foi se habituando com as palavras e as sonoridades.

“direto do produtor” que pode ser encontrado no mercado – principalmente no caso de Porto Alegre – ou o alimento que vem de uma produção agrícola especializada – como o caso dos melões de natal produzidos na África e destinados ao consumo europeu – entram nesta cadeia da circulação dos alimentos no meio urbano a partir das relações estabelecidas entre pessoas, entre fregueses e feirantes. É a partir daí que ganha significados e passa a simbolizar o tempo cíclico e seus períodos de vida e morte. Se pensarmos na impessoalidade dos produtos alimentares vendidos no supermercado, no sentido de que estão lá à espera de um comprador em potencial, anônimo, que será escolhido silenciosamente ou no máximo em termos de um diálogo entre amigos, namorados, familiares, etc. esta dimensão simbólica do trajeto do alimento torna-se mais evidente ¹⁵⁶.

Esta aproximação entre o mercado de rua e os comércios de bairro não é aleatória, pois se refere aos encaixes temporais vividos no cotidiano urbano através das práticas cotidianas dos habitantes da cidade que aderem a estas formas de comprar. O mercado de rua evidencia estes trajetos dos alimentos para o nutrir urbano colocando-os no centro das relações entre fregueses e feirantes, e atribui a eles a dimensão simbólica da intimidade (Bachelard, 1990) da matéria do alimento que vem de longe, situando-se no centro desta cadeia da circulação do alimento no meio urbano. Em termos do estudo do tempo em sociedades complexas, interpretar os gestos e práticas relacionados às trocas sociais de mercado passa pela compreensão de que todo o aparato técnico destinado a garantir a alimentação e abastecimento das cidades é mediado pela infinidade de relações que se estabelecem no cotidiano. Neste sentido que fazer a feira não se constitui apenas como mais uma forma de aquisição de alimentos entre muitas outras no interior da cidade, para esta tese, e passa a ser compreendida como um arranjo social e coletivo que tensiona as imagens de um tempo progressivo, abrindo espaço para a expressão das formas simbólicas relacionadas a um tempo cíclico, operando assim com os conteúdos imaginários (Durand, 2001) da aceitação da morte através da possibilidade de recomeço (Durand, 2001).

¹⁵⁶ Obviamente que este consumo de produtos alimentares no supermercado também é dotada de valores simbólicos, a comparação aqui é meramente ilustrativa de que no momento em que o feirante apresenta a seus fregueses estes produtos que escolheu “a dedo” – seja em termos da *finesse* ou da quantidade – o que temos aí é a tecitura de uma relação onde a impessoalidade atribuída à tecnologia, por exemplo, é ressignificada em termos das trocas sociais nos mercados de rua, ou mesmo dos pequenos comércios de bairro.

Assim, temos que as formas evocadas pelo mercado de rua e os simbolismos que o cercam pela via do alimento representam a dramatização do tempo (Durand, 2001) e sua ritmicidade de vida e morte, de começo e fim. Isso por seu caráter cíclico no interior da vida do bairro, por apresentar os alimentos e suas finitudes - alimentos que ao longo de um dia de feira passam pelos processos de amadurecimento mudando de aparência - pelas formas como são agenciadas as trocas sociais e a circulação da palavra no seu interior.

A finitude destes espaços de mercado e o esforço da duração - como o caso do Mercadão do Produtor e sua insistência em permanecer, ou a morte do "Ventre de Paris" e o impacto na população da cidade - nos remetem a reflexão sobre a cidade e suas formas de agenciar o tempo. Se de um lado temos a imagem de um ambiente sobrehumanizado (Leroi-Gourhan, 1975), elaborado e reelaborado constantemente rumo à conquista do tempo e do espaço, de outro temos as imagens das rupturas, das possibilidades de viver o cotidiano para além desta domesticação temporal progressista a partir das repetições dos instantes. Segundo Gilbert Durand (2001) trata-se da regeneração periódica do tempo e "da abolição do destino enquanto fatalidade cega" (Durand, 2001:284), um pensamento sobre o tempo onde a domesticação do devir passa pela aceitação da morte. O mercado, enquanto um arranjo social (Rocha, 1994) que se conforma no meio urbano através dos simbolismos cíclicos do tempo, apresenta esta forma temporal de lidar com o devir: a repetição dos instantes vividos cotidianamente que adere ao movimento rítmico da duração (Bachelard, 1988).

8.4. Fim da feira?

Com a possível instauração de um dos Portais da Cidade no Largo Zumbi dos Palmares¹⁵⁷, a permanência do mercadão do produtor neste espaço fica impossibilitada. Com o portal também surge um centro comercial que vai abrigar diferentes tipos de lojas, praças de alimentação, etc. É uma estrutura que não se relaciona com a forma do mercado de rua. Os conflitos que seguem a proposta de

¹⁵⁷ "Como serão os portais? Serão prédios de alto padrão, com comércio e prestação de serviços, totalmente cobertos, climatizados, que oferecerão alternativas variadas de comércio e alimentação, terão escadas rolantes para o deslocamento de passageiros, locais para descanso, para que o usuário possa esperar o transporte ao seu bairro em plenas condições de conforto e segurança". http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?reg=67673&p_secao=3&di=2006-10-10

implementação deste projeto são inúmeros, o que podemos perceber através de uma rápida pesquisa na internet, onde encontramos variados tipos de notícias, recentes ou não, sobre este processo. Entre elas, muitas que apresentam aspectos negativos e mesmo a contrariedade da população, seja dos moradores da Cidade Baixa, seja dos moradores da Restinga, que se sentem também prejudicados pelo projeto. Por outro lado, nas comunicações de imprensa da Prefeitura Municipal, esta dimensão de “conflito” raramente é apresentada. O conflito, para Simmel (1981) é uma forma de promover as sociabilidades, os encontros, as negociações e as formas da vida social que daí decorrem. Partindo desta perspectiva, a estratégia adotada pelo poder público parece sempre estar na “construção” do conflito, negando-o, pois uma “solução adequada” para os problemas da vida urbana só poderia vir destas instancias de poder – o político ou o do saber legítimo – e não da negociação destes pontos de vista apresentados no próprio conflito¹⁵⁸. Se para Simmel (1981) o conflito gera sociabilidades e transformações, por que não partir justamente do conflito destes interesses para conjugar ações e sim impor soluções que não levam em conta, como veremos no decorrer deste capítulo, as próprias formas de uso do espaço da rua pela população?

Assim é que apresento algumas destas formas de expressar o fato social dos Portais no interior da vida urbana de Porto Alegre através de notícias retiradas da internet:

06/12/2007

"Portais da Cidade será apresentado em São Paulo

A parceria público-privada (PPP) como forma de viabilizar o projeto Portais da Cidade será o tema da palestra do secretário de Gestão e Acompanhamento Estratégico, Clóvis Magalhães, hoje, 6, em São Paulo. A apresentação será às 17h30, na conferência *"Análise Crítica da Modelagem Financeira e Resultados Obtidos nos Projetos de PPP"*, promovida pela International Business Communications e que reúne casos práticos de todo o país, desde a manifestação de interesse até a assinatura e implementação dos projetos.

Magalhães vai mostrar como uma PPP poderá reordenar o trânsito na região central e integrar o transporte urbano, e ao mesmo tempo produzir uma oportunidade para parceiros privados, através da concessão de três centros comerciais nos Portais. No detalhamento do projeto, apresentará a

¹⁵⁸ Esta é uma discussão que estamos começando a trabalhar no grupo de pesquisa em etnografia sonora no interior do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, ao pensar as possibilidades de investigar e estetizar situações de crise no meio urbano a partir de suas formas sonoras. Apresento, portanto aqui apenas o embrião de uma discussão que está sendo feita coletivamente pelos membros do grupo.

modelagem financeira, as etapas de manifestação de interesse e de licitação, a parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o conceito do sistema de transporte integrado em Porto Alegre. Tratará, ainda, dos três portais, suas obras, os novos equipamentos urbanos para a cidade e os benefícios para a população por meio da parceria com a iniciativa privada."

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?reg=83358&p_secao=3&di=2007-12-06

16/01/2008

"Fogaça reuniu-se com o prefeito de Bhopal, Sunil Sood

Fogaça apresenta projetos da cidade em evento na Índia

Ações de governança solidária desenvolvidas na Capital serão apresentadas amanhã, 17, pelo prefeito José Fogaça, na Índia, durante o Encontro do Fórum de Governança Local Índia – Brasil - África do Sul (LGF - IBSA), na capital Nova Délhi. Fogaça irá presidir o debate temático Democracia Local: Participação e Desafios, relatando programas da prefeitura para promover a inclusão social e o desenvolvimento sustentável na cidade.

(...)

Durante o encontro, os prefeitos também debateram questões referentes ao trânsito e transporte coletivo nas cidades. Com 1,7 milhão de habitantes, Bhopal está implementando o sistema Bus Rapid Transit (BRT), referência para o projeto Portais da Cidade, em Porto Alegre."

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?reg=84905&p_secao=3&di=2008-01-16

"Associação critica projeto Portais da Cidade

A Associação Comunitária dos Moradores da Vila Portal dos Pinheiros ocupou a Tribuna Popular da Câmara, nesta segunda-feira (11/12), para tratar do projeto Portais da Cidade. "O que nos traz a essa Casa é a insistência da Prefeitura em errar", afirmou o associado Miguel Rangel, ao expor que a proposta trará prejuízos à periferia da cidade. "Nós, da Restinga, somos solidários com os moradores do Centro, mas não queremos ser penalizados novamente". Segundo Rangel, os moradores do Extremo Sul já são prejudicados por pegarem linhas alimentadoras na origem. Com o projeto Portais da Cidade, teriam de descer no Largo Zumbi dos Palmares e pegar outro ônibus até o Centro. Para ele, é preciso buscar sensibilizar o Executivo para obter recursos com a União para expansão do metrô na Capital. "Não podemos ficar reféns dos ônibus", disse, ao defender Porto Alegre como "protagonizadora de qualidade no transporte".

http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=2093&p_secao=56&di=2006-12-11"

"[Porto Alegre] "Portais da Cidade"

Daniel Cunha 15/03/2007

Breve relato de audiência pública sobre o projeto dos "Portais da Cidade" de Porto Alegre

No dia 13 de março, terça-feira à noite, com auditório da Câmara de Vereadores praticamente lotado, foi realizada audiência pública sobre o projeto "Portais da Cidade", com a presença de comunidade e organizações sociais, do secretário de mobilidade urbana Luiz Afonso

Senna, secretária adjunta do planejamento e vereadores. Os "portais da cidade" seriam estações rodoviárias de transbordo instalados no Largo Zumbi (ex-Epatur), Azenha e Cairu.

Em suas considerações iniciais, o secretário Senna, ao invés de falar, preferiu passar um vídeo, que se encontra na página da prefeitura. Quando a secretária-adjunta do planejamento, durante seu pronunciamento, aduziu que a contrariedade quanto ao projeto seria apenas quanto aos locais dos "portais", imediatamente as pessoas nas galerias se manifestaram contrariamente. Durante a audiência houve muitas manifestações de contrariedade, incluindo:

- associação de moradores da Cidade Baixa, que entregou abaixo-assinado com sete mil assinaturas demonstrando contrariedade com a instalação de um "portal" no Largo Zumbi, com o fato de não se ter providenciado estudo de impacto de vizinhança e ambiental e com a não apresentação de alternativas, e com o fato de o governo municipal não ter consultado as comunidades diretamente atingidas;

- duas entidades do movimento negro, que questionam a descaracterização de um espaço que consideram conquista sua, e ainda sua mudança de denominação para Zumbi-Açorianos;

- entidade representativa dos produtores da feira de sábado no Largo Zumbi mostrou-se contrária à instalação de "portal" no local, mostrando preocupação com o destino dos feirantes;

- associação dos comerciantes da Azenha, que questiona a localização do portal da Azenha, distante do eixo comercial do bairro;

- representante dos comerciantes do mercado público e dos moradores do centro afirmam que cortar o fluxo de ônibus para aquela região irá sufocar o comércio;

- organizações populares, indivíduos e vereadores destacaram o autoritarismo e falta de transparência do projeto, a contrariedade com o sistema de tranbordos que implicam os "portais", e a contrariedade com a instalação de mais três "shoppings" na cidade, a possibilidade de "quebradeira" no pequeno comércio, o alto custo do projeto (240 milhões), a ausência da secretaria do meio ambiente, a alternativa abandonada do metrô, e o fato de que o projeto não irá resolver as deficiências do transporte coletivo na periferia da cidade;

- vereadora Sofia Cavedon (PT) questionou o fato de se ter gasto dinheiro público promovendo os "portais" sem antes ser realizados estudos de impacto de vizinhança e ambiental;

- vereadores Sebastião Melo (PMDB) e Ismael Heinen (PFL) fizeram pronunciamentos conciliadores e dúbios;

Ao final, o secretário Senna destacou que o custo do projeto é barato comparado ao custo do metrô, e que o custo é igual ao 3a. da Perimetral. Afirmou que acolherá sugestões que se enquadrem tecnicamente no projeto e descartará as críticas "ideológicas". A representante da Associação dos Moradores da Cidade Baixa disse que, se preciso for, os

moradores "brigarão como leões" para impedir a instalação de um "portal" no Largo Zumbi. "

<http://www.midiaindependente.org/en/blue/2007/03/375891.shtml>

"Porto Alegre, terça-feira, 19 de fevereiro de 2008

Projeto Portais da Cidade desperta interesse internacional

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) encerrou a etapa de manifestação de interesse de consultorias para a prestação de serviços na cooperação técnica firmada com a prefeitura de Porto Alegre, no valor de 500 mil dólares, visando o desenvolvimento do projeto "Portais da Cidade". Nove empresas ou consórcios, representando cinco países, enviaram manifestação: Asesores de Infraestructuras, Getinsa e Taryet (Espanha); Assessoria para Projetos Especiais (Brasil); Ayesa (Espanha); CPCS Transport Limited (Canadá); Ingenieros Económistas Planificadores (Argentina); Logit, SDG, MMMSO, LCA Consultoria, JGP Consultoria e Participações (Brasil); Magna Engenharia, Ineco, STE (Brasil); Nathan Associates, SisTran Engenharia (EUA); PricewaterhouseCoopers, Albino Advogados Associados (Estados Unidos)."

<http://www.videversus.com.br/index.asp?SECAO=102&SUBSECAO=0&EDITORIA=6285>

Estas imagens apresentam fragmentos de um processo ainda em andamento, e que tem mobilizado muitos grupos da cidade em prol de suas práticas cotidianas e formas de sociabilidade. Se de um lado a população pressiona a prefeitura para negociações apresentando suas discordâncias, por outro a prefeitura se defende apresentando o centro da cidade a partir das imagens do caos e da violência, como vimos na reportagem do capítulo anterior.

Através de abaixo-assinados, de conversas diversas com fregueses, com brigas na prefeitura municipal, propagandas de TV, etc, os feirantes tentam manter seu espaço de atuação e são apoiados pela associação de moradores do Bairro Cidade Baixa. Nada disso parece afetar a construção destes Portais, afinal de contas o projeto já está até aprovado, esperando apenas que se acertem as formas de financiar a obra. O cotidiano do bairro vai se transformar na mesma medida que o mercadão também se transformará, mesmo que continue existindo em outro espaço. Mudam as relações de reciprocidade, as formas de habitar as ruas, a frequência dos fregueses, como muda o cenário, o espaço. O que vem depois?

Nos inúmeros documentários realizados sobre a última noite do *Les Halles* - o *Ventre de Paris* - e sobre os diversos projetos de reconstrução do espaço, é possível perceber o quanto estas mudanças afetaram a vida cotidiana e as formas

de habitar a cidade. Retirar *Les Halles* do centro de Paris não significou apenas uma política de higienização e revitalização do centro, melhoria no espaço público e na circulação urbana, mas a transformação das relações da cidade com o alimento. Se até 1969 um *quartier* inteiro era tomado por amontoados de alimentos vendidos ao ar livre - além dos que eram vendidos nos pavilhões internos - por muitos caminhões, carroças e carretas de transporte dos produtos em uma estética urbana voltada para a ambiência de fruição estética dos mercados, após esta data os impasses sobre como restaurar a aura do lugar continuam até os dias de hoje.

Atualmente, no lugar dos pavilhões *Baltard* que representavam o mercado central de Paris existe uma edificação moderna - para os parâmetros daquela cidade - que abriga uma espécie de *shopping center* cujo subsolo é ocupado pelas *gares* de metrô e trem. Lá está situada a estação central do metrô parisiense, onde passam quase todas as linhas que percorrem a cidade. O movimento de pessoas vindas de diversas partes da cidade - ou da periferia - continua bastante intenso, mas a insatisfação dos *habitués* antigos - e atuais - é também muito grande. Em agosto de 2006 mais um documentário era lançado sobre projetos futuros de recuperação e transformação do local, discutindo a arquitetura do atual *Les halles*, que desagrada a muitos moradores da cidade, a ponto de se tornar um lugar de evitação para muitos deles. Com a retirada do mercado central e a construção da estação de metrô e trem, bem como do centro comercial, o atual *Les Halles* teve uma intensa mudança de atmosfera. Apesar de se manter como um lugar de circulação de pessoas e mesmo mercadorias, agora emerge muito mais como um lugar de encontro da cidade de Paris com a periferia ou o *banlieue*.

De qualquer forma, mais do que as edificações que tomaram o lugar dos antigos pavilhões do *Les Halles*, o sentimento de perda e morte, a finitude se expressa em termos das relações, das práticas cotidianas, das formas de sociabilidade e do tempo vivido em comum. O mercado central de Paris foi durante muitos anos o paradoro daqueles homens vindos do interior da França (*la campagne*), que ficavam por ali a procura de um biscoito, de um emprego, de trabalho e mesmo de comida. Hoje, ao observarmos o intenso movimento de

peças na *gare* do *RER*¹⁵⁹, vindas de muitas cidades do entorno de Paris, que passam por ali para seguir o rumo do trabalho ou das compras, fica difícil imaginar o que foi o “ventre de Paris”¹⁶⁰. Paris, Les Halles, de qualquer forma evoca sempre em seus rastros e traços as referências aos saberes e práticas da sociabilidade de rua, das artes de nutrir, nas formas de um patrimônio lembrado em placas históricas e fragmentos arquitetônicos. As ocupações se diversificaram para constituir um centro cosmopolita receptor de turistas com cafés, bares, restaurantes, cinemas, piscinas, butikues, etc. Mas não escapa ao olhar de qualquer observador mais atento a permanência da qualidade de agregar redes de pertença diversa como os grupos de adolescentes – principalmente negros ou mesmo árabes – que adotam o entorno da *Fontaine de Innocents*, para seus encontros, para um intervalo de almoço, ou apenas para passar o tempo, conversar, reinventando neste espaço público os sentidos de continuidade das reuniões de pessoas e sociabilidades de rua.

Como fiz ao longo desta tese com inúmeras imagens, aqui temos mais um rebatimento de gestos e formas, mais uma homologia durandiana: o trajeto antropológico do *Les Halles* tem suas correspondências com situações vividas no Mercado Público de Porto Alegre, aonde também chegavam imigrantes do interior do Estado do Rio Grande do Sul e lá se instalavam para começar a vida na cidade. No documentário *Memórias do Mundo* (Rocha, Satt, 1997), realizado sobre o Mercado Público Municipal, muitos entrevistados contam sua trajetória de chegada na cidade apontando o trabalho em pequenos biscates no mercado público como uma forma de sobrevivência, o que posteriormente se transformou na possibilidade de constituírem uma banca no mercado e lá permanecerem. Atualmente, com as reformas ocorridas no mercado e sua transformação em patrimônio histórico da cidade, bem como com a crescente urbanização da cidade de Porto Alegre, estas práticas não são mais possíveis – ou seja autorizadas - no entanto, ainda podemos ver o entorno do mercado rodeado de camelôs e ambulantes, vendedores de bugigangas, *performers*, e muitas pessoas que por ali transitam e permanecem.

¹⁵⁹ Rede de trens que ligam Paris a cidades periféricas, e algumas até bem distantes. É diferente do metrô que atende preferencialmente o interior da cidade e alguns *banlieues* que fazem fronteira com Paris.

¹⁶⁰ Além de muitos filmes e documentários, *Les Halles* foram também objeto de um romance de Emile Zola intitulado *Le Ventre de Paris*, onde narra com detalhes imagens diversas deste mercado.

Com este rebatimento de gestos e imagens entre mercados tão diversos de cidades também diversas não pretendo reduzi-los a um mesmo sentido, mas sim refletir sobre estes espaços urbanos e arranjos sociais a partir da imagem da circulação - de mercadorias, de pessoas, de sociabilidades, de informações, de reciprocidades. *Les Halles* foram transferidos para Rungis e lá passaram a ter outras feições, relacionadas às imagens do progresso técnico, da eficiência e higiene. Como vimos em outro capítulo, no *Marché International de Rungis* também são reproduzidos ou tecidos laços sociais que se originam dos simbolismos cíclicos do alimento, mas o que fica de fora? Que relações, laços e sociabilidades desaparecem com os pavilhões do ventre de Paris? Da mesma forma que o antigo mercado da Praia de Belas foi transferido para a atual CEASA - na mesma época da transferência *des Halles* para *Rungis* - para a remodelação das ruas da cidade, hoje em nome da melhoria das condições de circulação no centro da cidade o Mercado do Produtor - herdeiro do antigo mercado da Praia de Belas - também precisa sair. O que se perderá aí?

La dernier nuit

Les restaurants affichent complet, la soupe à l'oignon coule à flots, les pétards explosent...

Accompagnée par la fanfare des Beaux-Arts qui s'est déplacée pour l'occasion, la foule des Halles danse, boit et reprend en choeur les classiques du répertoire paillard ou les chansons d'Aristide Bruant. Dans cette nuit du 28 février 1969, le quartier prend des allures de 14 juillet mais c'est pour mieux dissimuler sa nostalgie: les Halles vivent leur dernière nuit.

Pourtant, pendant leurs huit siècles d'existence, elles ont toujours su résister aux attaques qui avaient pour cibles les problèmes d'hygiène, de circulation, de fraude ou de manque d'espace. Chaque époque a suggéré des solutions qui sont restées lettre morte. Si l'on remonte au début du siècle, les propositions sont assez radicales et ne manquent pas d'étonner: installations des Halles sur un gigantesque dôme érigé au-dessus du lit de la Seine, entre le pont de Bercy et le pont National, transfert des Halles dans les Jardins des Plantes après la création d'un zoo dans les Bois de Vincennes, construction de pavillons supplémentaires de sept étages ou encore d'installation des Halles à l'emplacement de l'actuel héliport d'Issy-les-Moulineaux...

Dans les années cinquante, les études s'orientent définitivement vers un transfert en banlieue. Premier critère: disposer d'une superficie de deux cents hectares. Plusieurs communes sont sur les rangs et le 14 mars 1960, le Comité interministériel d'aménagement de la région parisienne porte son choix sur Rungis.

Après une succession de contre-temps, le déménagement du siècle a lieu dans la nuit du 28 février 1969: vingt mille personnes,

mille entreprise de gros, dix mille mètres cubes de matériel et cinq mille tonnes de marchandises, à bord de mille cinq cents camions...

Les fleuristes joueront les éclaireurs, suivis de la marée, des fruits et légumes et des B.O.F. En un week-end, le déménagement est exécuté sans incident, grâce à une logistique sans faille.

La beuverie générale de ce 28 février a des accents de requiem: on sait déjà que tout un pan du folklore propre aux anciennes Halles est condamné à mort: les gardeuses, les marchandes d'étiquettes, des papiers, de ficelle, de feuillage, tous ces petits métiers qui faisaient vivre nombre de gens à l'ombre des grands commerces n'iront pas à Rungis, la plupart des Forts seront "recasés" dans la administration de la préfecture de police; quant aux prostituées, peu d'entre elles se lanceront sur le macadam flambant neuf de la banlieue sud.

Pour certains employés, attendus à leur poste dès le lundi 3 mars, c'est un déchirement insupportable. Renée Beltran en fait la douloureuse expérience au sein même de sa mûrissierie de bananes: "durant la dernière nuit des Halles, Paul, notre employé, répétait sans cesse: 'moi, j'irai pas à Rungis, non, j'irai pas à Rungis...' et dans la nuit, il est mort d'un infarctus à trente-sept ans!"

Les cafetiers-limonadiers des Halles sont sinistrés. Seuls quelques-uns peuvent aller s'installer à Rungis. Un Café comme *Le Père Tranquille* passe de six employés à un seul, du jour au lendemain, car le secteur rue Pierre-Lescot est l'un des premiers touchés.

Du côté de la Bourse du Commerce, les cafés survivent pendant plusieurs années grâce aux produits carnés dont la vente se poursuit dans quelques pavillons, mais lors du second déménagement, en janvier 1973, c'est le désastre, comme l'explique Jack Paul: "des rues comme la rue Vauvilliers ou la rue Sauval qui avait quatre ou cinq bistrotts se sont retrouvées exsangues du jour au lendemain. Vous avez beau être le meilleur commerçant du monde, le jour où plus personne ne passe devant votre porte, c'est fini!"

Claude Cornut du restaurant *Chez Clovis* en fait l'amère constat: "mon père qui avait toujours travaillé dans le quartier employait alors une quinzaine de personnes et le lendemain du déménagement de 1973, nous avons fait deux couverts! Il se retrouvait avec quinze employés sur les bras et je le revois en train de pleurer à deux heures du matin, avec d'autres personnes du quartier, regardant les Halles désertes, noyées dans un silence implacable. Il ne s'en est d'ailleurs jamais remis."¹⁶¹

(*Je me souviens des Halles*, Josette Colin, 1998).

¹⁶¹ [tradução livre] "**A última noite** - Os restaurantes se mostram completos, a sopa de cebola escorre em ondas, bombas explodem... Acompanhada pela fanfarra das Belas-Artes que se deslocou para a ocasião, a multidão do *Les Halles* dança, bebe e canta em coro os clássicos do repertório jocoso ou as canções de Aristide Bruant. Nesta noite de 28 de fevereiro de 1969, o bairro ganha aspectos de 14 de julho, mas é para bem dissimular sua nostalgia: *Les Halles* vivem sua última noite. No entanto, durante seus oito séculos de existência, eles souberam sempre resistir aos ataques que tiveram por alvo os problemas de higiene, de circulação, de fraude ou de falta de espaço. Cada época sugeriu soluções que restaram letra morta. Se remontarmos ao início do século, as posições são bastante radicais e não deixam de espantar: instalação do *Les Halles* sobre uma cúpula gigantesca erguida sobre o leito do Sena, entre a Ponte de Bercy e a Ponte Nacional, transferência do *Les Halles* para o *Jardin des Plantes* depois da criação de um zoológico em *Bois de Vincennes*, construção de pavilhões suplementares de sete andares ou ainda a instalação do *Les Halles*

É certo, as cidades crescem, sua população aumenta e com isso se transformam as necessidades de transporte público, moradia, alimentação, saneamento básico, e tudo o que envolve a vida urbana. A instalação dos Portais da Cidade prevê justamente uma melhoria na circulação urbana no centro da cidade, diminuindo o número de ônibus que passam por ali. No entanto, o impacto na vida cotidiana do bairro e em suas relações com a cidade é imenso. Como tentei apresentar ao longo deste capítulo, as práticas cotidianas que conformam os bairros, as relações de reciprocidade e de vizinhança, as memórias e lembranças são resultado de um longo depósito de camadas de tempo que configuram os arranjos da vida coletiva no espaço urbano. Esta mudança no espaço do bairro acarreta também uma transformação nas feições da cidade, nas formas como seus habitantes aderem às ruas e configuram suas práticas e gestos cotidianos. Conforme aponta Ana Luiza Carvalho da Rocha (1995, 2000, 2007, 2008) em seus estudos sobre estética urbana nas cidades brasileiras, essa constante transformação da “matéria terrestre” (Rocha, 2008:17) na construção de estradas, edificações, túneis, vias de acesso, etc. já faz parte das formas como

no lugar do atual heliporto de Issy-les-Moulineaux... Nos anos cinqüenta, os estudos se orientaram definitivamente para sua transferência para a periferia. Primeiro critério: dispor de uma superfície de duzentos hectares. Muitas comunas estavam neste ranking e em 14 de março de 1960, o Comitê Interministerial de ordenamento do território da região parisiense escolhe Rungis. Depois de vários contratemplos, a mudança do século teve lugar na noite de 28 de fevereiro de 1969: vinte mil pessoas, mil empresas de atacado, dois mil metros cúbicos de material e cinco mil toneladas de mercadorias à bordo de mil e quinhentos caminhões... Os floristas eram os batedores, seguidos dos pescados, das frutas e legumes e dos B.O.F. [beurre-oeuf-fromage /manteiga-ovo-queijo]. Em um final de semana, a mudança se executou sem incidentes, graças a uma logística sem falhas. A beberagem geral deste 28 de fevereiro tem acentos de réquiem: sabemos desde já que toda uma parte do folclore próprio ao antigo *Les Halles* foi condenada a morte: as “guardadeiras”, os vendedores de etiquetas, de papéis, de fios, de folhagens, todos estes pequenos *métiers* dos quais viviam muitas pessoas à sombra do grande comércio não vão para Rungis. A maior parte dos “fortes” serão recolocados na administração da prefeitura de polícia; quanto as prostitutas, poucas delas se lançaram ao macadame novinho em folha da periferia sul. Para alguns empregados, esperados em seus postos desde a segunda-feira, 3 de março, é um dilaceramento insuportável. Renée Beltran passa pela dolorosa experiência no seio de sua *mûrisserie* de bananas: “durante a última noite do *Les Halles*, Paul, nosso empregado, repetia sem parar: ‘eu, eu não irei a Rungis, não, não irei a Rungis’ e durante a noite, ele morreu de um infarto aos 37 anos!” Os donos de Cafés do *Les Halles* são prejudicados. Apenas alguns poderão se instalar em Rungis. Um Café como *Le Père Tranquille* passa de seis empregados para um, de um dia para o outro, pois o setor da rua Pierre-Lescot é um dos primeiros a serem tocados. Nos arredores da Bolsa do Comércio, os Cafés sobrevivem ainda durante alguns anos, graças às carnes que seguem sendo vendidas em alguns pavilhões, mas logo após a segunda mudança, em janeiro de 1973, é o desastre, como explica Jack Paul: “ruas como a Vauvilliers ou a Sauval, que tinham quatro ou cinco bistrôs perderam suas forças, sua vida, de um dia para o outro. Você pode ser o melhor comerciante do mundo, no dia em que não passa mais ninguém em frente a sua porta, acabou!” Claude Cornut do restaurante *Chez Clovis* fez a amarga constatação: “meu pai que sempre trabalhou no bairro empregava na época umas quinze pessoas e no dia seguinte à mudança de 1973, nós fizemos dois pratos! Ele se encontrava com quinze empregados nos braços e eu lhe vi as duas horas da manhã, chorando, com outras pessoas do bairro, olhando *Les Halles* deserto, envolto em um silêncio implacável. Ele nunca mais se restabeleceu.”

a população destas cidades se relacionam com o espaço, ou seja, no meio destas mudanças urbanas a vida cotidiana é rearranjada, reconfigurada.

Mas estas transformações urbanas não deixam de gerar inúmeras tensões, e neste rearranjo da vida cotidiana laços são desfeitos e novas relações são tecidas. Trata-se da tensão entre duas formas de pensamento sobre o tempo, uma delas voltada para o progresso técnico através da qual a garantia do futuro bom funcionamento da vida urbana é representado pelas soluções de higienização das ruas e bairros, do investimento em vias públicas e em transporte, enfim numa concepção de cidade ordenada pelas obras técnicas, o ambiente sobrehumanizado de Leroi-Gourhan (1975). A outra voltada para o tempo vivido no cotidiano, nas formas como os habitantes da cidade aderem aos espaços e subvertem as suas possibilidades de uso – representada pelas práticas cotidianas de bairros e ruas, pela pertença e adesão a territórios e a formas de sociabilidades singulares. Cabe-nos a reflexão, neste sentido, sobre a pergunta simmeliana de como é possível uma cidade, a vida urbana, tendo em vista a exacerbação de sentidos, o anonimato e individualismo (Simmel, 1979) que a caracterizariam? Para o caso desta tese, chegamos, através da interpretação do fenômeno do mercado na configuração da vida urbana, à compreensão de que é a combinação destas temporalidades na vida cotidiana que faz perdurar a cidade na reelaboração das formas da vida social (Simmel, 1981). A desagregação da vida social do bairro ou do *quartier* decorrente das obras de melhorias no espaço urbano é, num sentido simmeliano, aos poucos reordenada pelos habitantes da cidade que assumem novas práticas do espaço, repensam o cotidiano, mas deixam suas marcas na memória da vida urbana.

A cidade, como obra da cultura humana, neste caso, não é apenas construções e edificações, sistemas de transporte e abastecimento, etc., mas também esta vida ordinária das ruas e dos bairros, refeita a cada dia, nas práticas mais corriqueiras de seus habitantes. Retomando as imagens do *Les Halles*, transformado em *gare* do metrô parisiense, e redobrando-as nas imagens futuras dos Portais da Cidade - do Largo Zumbi transformado em terminal de ônibus em Porto Alegre, vemos que o atributo de circulação é mantido nestes lugares, como parte de sua poética (Sansot, 1986). O que a idéia do mercado como arranjo social (Rocha, 1994) convoca, no entanto, é que estas formas de circulação podem conter ritmicidades diversas. Não apenas o trajeto casa – trabalho – casa,

mas as sociabilidades também constituem importantes formas de habitar a cidade. Através da duração e reelaboração das práticas e gestos de mercado no tempo, das imagens simbólicas veiculadas pelo alimento em seus múltiplos sentidos, dadas nas trocas sociais vividas nas feiras-livres e *marchés*, podemos pensar a cidade a partir do microcosmos das ruas sem desconectá-la do macrocosmos da circulação mundial de alimentos, das políticas econômicas, do consumo e da globalização. Os mercados de rua e os simbolismos cíclicos do alimento apresentam, na forma que assumem no meio urbano, o entrelaçamento de diferentes temporalidades, evocando a dimensão cotidiana da vida coletiva como lugar de elaboração destas diferentes imagens no tempo.

Mesmo diante destas possíveis transformações no espaço e no cotidiano da cidade de Porto Alegre, mesmo diante da incerteza do devir dos *marchés de Paris* apontada por Akli, vejo o mercado como parte fundamental da poética das ruas destas cidades – e também de outras. Depois de seis anos de pesquisa compartilhando a ambiência de fruição estética dos mercados com feirantes e *habitués*, aderindo às mesmas imagens cíclicas do tempo para compreender a vida urbana e tornando-me cada vez mais apaixonada pelas práticas ordinárias vividas no cotidiano, tendo a pensar como Henrique, Saionara e Fonseca. A feira-livre, o mercado de rua, não vai simplesmente desaparecer com as reformas urbanas, com as obras de melhorias no transporte público, como desenvolvimento tecnológico relacionado ao abastecimento alimentar na cidade. A persistência e constância destas práticas, retomadas toda a semana, mesmo diante destas possibilidades de transformação narram a duração de práticas e gestos ancestrais vinculadas aos simbolismos cíclicos do alimento. A duração do mercado é a duração dos laços sociais estabelecidos no cotidiano entre os habitantes da cidade que compartilham e configuram uma poética do viver urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalização de um trabalho, de uma pesquisa, a conclusão de um produto gera sentimentos ambíguos. Se por um lado materializamos e colocamos “fora de nós”, através da escrita e da finalização de uma tese, toda a trajetória de uma longa pesquisa, por outro nos deparamos com a finitude e o devir. Filiada a uma tradição antropológica das pesquisas sobre o tempo e a memória, tendo a pensar o fim como o anúncio de um novo começo, principalmente ao me deparar com as inúmeras questões que, resultado de um longo trabalho de campo, não puderam fazer parte deste trabalho. Esta tese, portanto, é resultado da reunião de parte dos dados produzidos durante a pesquisa, talvez os mais significativos no momento, deixando momentaneamente “de lado” alguns outros. Isso mostra que uma pesquisa é feita também de escolhas, de adesões e de afetos. Ao fim desta escrita, confesso meu afeto à vida cotidiana, aos gestos ordinários e aos atos sensíveis repetidos todos os dias, à simplicidade dos atos de compra e de venda, que ao serem investigados mais detidamente revelam o universo.

Me encontro, de fato, entre os “antropólogos urbanos”, nos vários sentidos que esta afirmação pode ter. Vivo e pesquiso na cidade. Mas vejo que aqui nesta tese fiz, sobretudo o esforço de aprender uma antropologia do cotidiano, deixando-me guiar por Pierre Sansot para observar e compartilhar a poética que rege a vida ordinária de todos os dias, nas ruas da cidade. Uma poética que se transforma, mas que também dura no tempo.

Como diria Bachelard: o que dura, recomeça. Enquanto recortei fragmentos do tempo vivido nos mercados de rua, nos bairros e nas ruas, para narrar as diferentes imagens do tempo que convivem no interior da vida urbana, orientando gestos e práticas de seus habitantes através dos simbolismos do alimento, a vida social e cotidiana continuava a transcorrer, vivendo seus ciclos, semanais, diários. E assim, ao longo dos meses em que não realizei mais trabalho de campo, pude observar da janela do meu quarto, o Mercadão do Produtor montar-se e desmontar-se, todos os sábados no Largo Zumbi dos Palmares, em Porto Alegre. No entanto, nesta aparente continuidade certamente estão imersas inúmeras descontinuidades que apontam para novos desafios. Quais novas questões irão

surgir num retorno ao mercado, mesmo como freguesa ou como cidadã? Quais sentidos iremos compartilhar daqui pra frente? Que apropriações este trabalho pode ter para ações sociais, políticas públicas e qualificação da cidadania? Estas não são necessariamente perguntas, e sim muito mais divagações que habitam meu espírito ao final desta tese. Não é o caso de pensar simplesmente nos laços afetivos que estabelecemos ao longo desta pesquisa, mas principalmente de uma reflexão sobre a vida social e cotidiana e as formas que adota para o caso das cidades.

Nesta antropologia do cotidiano, que atenta para os gestos e práticas que dão vida e forma à cidade, não basta apenas observar e descrever o desenrolar das ações dos sujeitos. É preciso aderir, compartilhar, interpretar, estas práticas e gestos para compreender que a vida urbana é resultado de múltiplas durações, e que só continua porque recomeça diferente. Mais do que um fluxo contínuo de fazeres que se desenrolam todos os dias, trata-se de um ritmo do viver coletivo compartilhado pelos habitantes das cidades nas formas como percorrem as ruas do bairro para as compras da semana, encontram-se com vizinhos e conhecidos, usufruem do espaço da rua para sociabilidades diversas. No acúmulo destas múltiplas durações torna-se possível compreender a poética urbana da qual nos fala Sansot, ao narrar os hábitos mais banais das pessoas que habitam um bairro, que percorrem uma rua, que se encontram nas praças ou cafés. Os moradores de um bairro retomam, a cada dia, seus percursos, seus gestos e práticas, e assim acabam por tecer as histórias do lugar, as formas de viver particulares de cada bairro ou *quartier*, celebram assim seus laços com outros habitantes e mesmo com a própria cidade.

Vejo então que desvendar as formas sensíveis que compõem o cotidiano passa pela investigação das formas expressivas com as quais os habitantes da cidade apresentam-se como corpo coletivo. As sonoridades das ruas, as vozes e conversações, o trânsito, as formas e cores das casas e prédios, o andar pelas ruas, o fazer a feira – e seus anúncios, os utensílios, a agitação temporal que veicula – acabam constituindo maneiras de expressão cultural das comunidades urbanas. Reconhecer estas formas com que se ordena a vida cotidiana, perceber as nuances de suas mudanças e as feições que adquirem significa certamente pensar sobre o tempo e suas diferentes imagens. Pensar sobre o tempo, para o caso do cotidiano, é conceber a duração de suas formas, reconhecendo o trajeto

antropológico que lhes dá origem, já que estas formas da vida social possuem também suas filiações a regimes de imagens.

Os ritmos temporais que conformam a vida urbana, na construção, desconstrução e reconstrução de seus espaços e formas de sociabilidade têm na vida cotidiana seu lócus de acomodação, de arranjo. Estudar os mercados de rua, desta forma, me possibilitou desvendar estas múltiplas faces do tempo que estão presentes nas artes de fazer e de dizer, nas práticas e gestos que compõem esta vida cotidiana, além de compreender os jogos da memória que perpetuam estas práticas no interior da vida urbana. As artes de fazer, as posturas, as maneiras de ser e de falar, precisam ser compreendidas a partir dos sentidos que evocam, mais do que como simples conceitos que enquadram fatos sociais, para alcançar a complexidade desta vida cotidiana que nos escapa a cada momento.

Por isso boas doses de deambulação, de imaginação e de fabulação são necessárias para atingir sua efemeridade, para completar os sentidos do gesto que já foi realizado, da palavra que já se perdeu em outras sonoridades. É neste ponto que a vida das formas, sua aparência, as maneiras como se dão a ver, narram os sentidos de uma vida cotidiana que existe em sua própria realização, e por isso foge à fixação em uma realidade única, em uma verdade definitiva.

Se perguntassem para mim hoje, passados seis anos de percurso como pesquisadora das trocas de saberes e práticas no cotidiano das feiras-livres, que cidade eu desejo para minha filha, eu responderia não sem muita emoção que é aquela cidade capaz de acomodar os múltiplos ritmos do viver urbano, capaz de abrigar as mil maneiras de se associar e viver junto, capaz de encenar as complexas formas de sociabilidades dos lugares públicos, capaz de instigar as interações, diálogos e circulação de palavras e gestos. Mas sobretudo capaz de nutrir seus habitantes de alimentos em toda potencialidade real e metafórica. Que sejam estas as cidades de Porto Alegre, São Paulo, Paris ou qualquer outra que permita as novas geração o prazer de descobrir a vida, de construir a rotina, de conhecer sua história, de aprender o mundo, de criar a surpresa, de desejar a mudança, de admirar a novidade, na agradável tarefa de reinventar o cotidiano. E que sejam, estas cidades, lugares que evoquem sempre o sentido em cada gesto, em cada postura, em cada fala motivadas por uma memória coletiva acomodada no ritmo de vibrações do tempo individual e social expressos nas artes de viver de cada sujeito, de suas maneiras de estar no mundo.

De novo retornamos ao pensamento sobre o tempo do cotidiano, da cidade, das pessoas, dos pesquisadores da cidade. A cada dia, ou a cada manhã, este cotidiano precisa voltar à existência e de novo reinventar a própria cidade, que carrega consigo todo o seu passado. Da mesma forma, é aderindo a estas temporalidades que podemos pensar em uma poética da vida cotidiana, como procurei fazer nesta tese, a partir dos simbolismos da circulação do alimento e dos arranjos de mercado.

"Du reste, la vie quotidienne on y arrive très tard, il faut d'abord étudier et vieillir."

Pierre Sansot

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPADURAI, Arjun. *Disjuncture and Diference in the Global Cultural Economy*. In: Mike Featherstone (org.). *Global Culture*. Londres: Sage Publications, 1998.
- ASCHER, François. *Le Mangeur Hypermoderne. Une figure de l'individu éclectique*. Editions Odile Jacob, 2005.
- BACHELARD, Gaston. *La formation de l'esprit scientifique. Contribution à une psychanalyse de la connaissance objective*. Paris, Librairie Philosophique J. Virin, 1947.
- BACHELARD, Gaston. *A Dialética da Duração*. São Paulo, Editora Ática, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios do Repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo, Editora Ática, 2000.
- BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Campinas, Verus Editora, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e No Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo-Brasília, HUCITEC-EDUNB, 1996.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.
- BARBOSA, Lívia. Feijão com Arroz e Arroz com Feijão: o Brasil no prato dos brasileiros. In: *Horizontes Antropológicos*, UFRGS, IFCH, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 13, nº 28. Porto Alegre, PPGAS, 2007.
- BAUMAN, R. & BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. In: *Annual review of Anthropology*, 19:59-88, 1990.
- BIEV, Banco de Imagens e Efeitos Visuais. *Manual de Coleções Etnográficas em Vídeo* Porto Alegre, 2004.
- BIEV, Banco de Imagens e Efeitos Visuais. *Manual de Coleções Etnográficas Sonoras*. Porto Alegre, 2007.
- BOAS, Franz. *A Formação da Antropologia Americana, 1883-1911*. Organizador: Stocking, George W. Contraponto Editora, 2004.
- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Textos selecionados. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris, Ed. de Minuit, 1979.

- BRILLAT-SAVARIN, Jean-Anthelme. *A fisiologia do gosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. SP; Brasiliense, 1984.
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *A cidade de muros*. São Paulo, Edusp, Ed 34, 2003.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: Ed UNESP. 1998.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. Volume 1 e 2. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1983.
- CASTRO, Josué de. *Alimentação e Raça*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936.
- CASTRO, Josué de. *A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana*. Porto Alegre: Globo, 1937
- CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome, A Fome no Brasil*. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica O Cruzeiro S.A., 1948.
- CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome, ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo*. Rio de Janeiro, Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.
- CASTRO, Josué de. *O Livro Negro da Fome*. São Paulo, Brasiliense, 1960.
- CERTEAU, Michel. de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel. de. *A Invenção do Cotidiano 2. Artes de Nutrir*. Rio de Janeiro, Vozes, 1996.
- CHEVALIER, Sophie. "Shopping à française: approvisionnement alimentaire et sociabilité". In: *Horizontes Antropológicos*, UFRGS, IFCH, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 13, nº 28. Porto Alegre, PPGAS, 2007.
- CHION, Michel. *Le son*. Paris, Armand Colin, 2004.
- COLIN, Josette. *Je me souviens des Halles*. Paris, Parigramme, 1998.

- CONQUERGOOD, Dwight. Performance Studies: interventions and radical research. In: *The Performance Studies Reader*, BIAL, Henry (org), London: Routledge, 2004.
- CORBEAU, Jean-Pierre. Socialité, sociabilité... sauce toujours! In: *Cultures, Nourriture*, Internationale de L'Imaginaire, Nouvelle Série, nº 7. Maison des Cultures du Monde, 1997.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Editora Rocco, 2007.
- DAWSEY, John Cowart. Nossa Senhora Aparecida e a Mulher Lobisomem: Benjamin, Brecht e o teatro dramático na Antropologia. In: Ilha, Revista de Antropologia. Florianópolis, Vol. 2, nº 1, dezembro de 2000.
- DOUGLAS, Mary. ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- DOUGLAS, Mary. O Mundo dos Bens, vinte anos depois. In: *Horizontes Antropológicos*, UFRGS, IFCH, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 13, nº 28. Porto Alegre, PPGAS, 2007.
- DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- ECKERT, Cornelia. Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: Mineiros do Carvão (La Grand-Combe, França). In: Cadernos de Antropologia número 11. PPGAS, UFRGS, 1993.
- ECKERT, Cornelia. A cidade "com qualidade": estudo de memória e esquecimento sobre medo e crise na cidade de Porto Alegre. In: *Revista Sociedade e Cultura*. Revista de Pesquisa e Debates em Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás. Volume 10, número 1, jan/jun, 2007.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 4. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2000.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *"Os jogos da memória"*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 12. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2000b.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 44. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.

- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O Tempo e a Cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. Lisboa, Edições 70, 1947.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador I. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Ed.
- FEATHERSTONE, Mike (org.). *Global Culture*. Londres: Sage Publications, 1998.
- FISCHLER, Claude. *L'Homnivore. Le goût, la cuisine et le corps*. Éditions Odile Jacob, Paris, 1993.
- FREITAS, Maria do Carmo. *Agonia da Fome*. Salvador, EDUFBA; FIOCRUZ, 2003.
- FREITAS, Maria do Carmo ; PENA, Paulo. O Mito da Fome no Sertão visita Salvador. In: *Temas em Cultura e Alimentação*. Organização: Maria Eunice Maciel, Estélio Gomberg. São Cristóvão, Editora UFS; Aracaju, Fundação Oviêdo Teixeira, 2007.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos, decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1968.
- GUENON, René. *Le Règne de la Quantité et les Signes des Temps*, Gallimard, Paris, 1945.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: *Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise de discurso*. Branca Telles Ribeiro e Pedro m. Garcez (orgs), Editora AGE, Porto Alegre, 1998.
- GUMPERZ, J. Convenções de Contextualização. In: *Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise de discurso*. Branca Telles Ribeiro e Pedro m. Garcez (orgs), Editora AGE, Porto Alegre, 1998.
- GUTTON, Jean-Pierre. *Bruits et sons dans notre histoire: essai sur la reconstitution du paysage sonore*. Paris, PUF, 2000.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana* [online]. 1997, vol. 3, no. 1 [cited 2008-02-16], pp. 7-39.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.
- KAPFERER, Bruce. Performance and the structuring of meaning and experience. In: *Anthropology of Experience*. Turner, V. & Bruner, E. eds. Chicago: University of Illinois Press, 1986.

- LANGDON, Jean. A Fixação da Narrativa: do mito para a poética de literatura oral. In: ECKERT e ROCHA (Org.). *Revista Horizontes Antropológicos* 12. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- LAZZARINI, Victor. *Elementos da Acústica*. Departamento de Música da Universidade de Londrina, 1998.
- LEITÃO, Débora Krischke. LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. PINHEIRO MACHADO, Rosana. *Antropologia e Consumo: diálogos entre Brasil e Argentina*. Porto Alegre, AGE, 2006.
- LEROI-GOURHAN, André. *O Gesto e a Palavra II - A Memória e os Ritmos*. Lisboa, Perspectiva do Homem/Edições 70, v. 16, 1975.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Mythologiques. Le cru et le cuit*. Librairie Plon, Paris, 1964.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. RJ: Zahar Ed., 1983.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*, Editora: Companhia das Letras, 1996.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem...*
- MACIEL, Maria Eunice; MENASCHE, Renata. Alimentação e cultura, identidade e cidadania. Você tem fome de quê? In: Democracia Viva, nº 16, 2003. Revista on line do Ibase, <http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&pid=920> último acesso em 23/10/2007.
- MACIEL, Eunice. Chimarrão – identidade, ritual e sociabilidade. In: *Temas em Cultura e Alimentação*. Organização: Maria Eunice Maciel, Estélio Gomberg. São Cristóvão, Editora UFS; Aracaju, Fundação Oviêdo Teixeira, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. *O Conhecimento Comum. Compêndio de Sociologia Compreensiva*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1988.
- MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. São Paulo, Zouk, 2005.
- MAGNANI, José Guilherme C e TORRES, Lilian de Lucca (org) *Na MetrÓpole. Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, Edusp, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedaco*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MAGNI, Claudia Turra. *Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*, Dissertação de Mestrado, UFRGS, Orientador: Claudia Lee Williams Fonseca. 1994

- MAGNI, Claudia Turra. *Images du même et de l'autre: une ethnographie des ateliers artistiques pour des personnes sans domicile à Paris*, Tese de Doutorado, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, EHESS, França. Orientador: Marc-Henri Piault, 2002.
- MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril Cultural, 1976.
- MARCUS, George. *Ethnography through Thick and Thin*. Princeton University Press, 1998.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.
- MOLES, H. et ROHMER, E. *Labyrinthes du Vécu. L'Espace: matière d'actions*. Paris, Librairie des Meridiens, 1982.
- MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre, Urbanização e Modernidade – A construção do espaço social*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995.
- NOSCHIS, Kaj. *Signification Affective du quartier*, orientado por Michel Maffesoli Paris, Librairie des Méridiens, Klincksieck et Cie, 1984.
- OLIVEN, Ruben George. *Metabolismo Social da Cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1974.
- OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e Mudança Social No Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- OLIVEN, Ruben George. *A Parte e O Todo: A Diversidade Cultural No Brasil - Nação*. Petropolis: Vozes, 1992.
- OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia dos Grupos Urbanos*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2007.
- PARK, Robert Erza. *A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano*. In VELHO, O. (org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- PETONNET, Colette. *Espaces habités, ethnologie des banlieues*. Paris, Galilée, 1979.
- POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da Alimentação*. Florianópolis : Editora da UFSC, 2004.
- RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1999.

- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. *Antropologia*. Organizador: Julio Cezar Melatti. São Paulo, Ed. Ática, 1978.
- RIAL, Carmen. Brasil: primeiros escritos sobre comida e identidade. In: *Antropologia em primeira mão*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, número 1, 1995.
- RIAL, Carmen. Os rumores nos fast-food. In: *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, v. 17, 1997.
- RIAL, Carmen. Os fast-food: uma homogeneidade contestável na globalização cultural. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 5, 1997.
- RIAL, Carmen. De Acarajés e Hamburgers e alguns comentários ao texto Por uma antropologia da alimentação de Vivaldo da Costa Lima. In: *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, v. 10, n. 76, 2005.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo, Papyrus, Vols. I,II,III, 1994.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Le Sanctuaire de désordre: l'art de savoir vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques*. Paris V, Sorbonne, 1994.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *A irracionalidade do belo e a estética urbana no Brasil*. in MESQUITA, Z. e BRANDÃO, C. R. *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, UFRGS/UNISC, 1995.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *As Figurações de Lendas e Mitos Históricos na Construção da Cidade Tropical*, Porto Alegre, Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001, Iluminuras nº 34.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. VEDANA, Viviane. *A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora*. In: *Anais do VII Congresso de Antropologia do Mercosul (VII-RAM)*, Porto Alegre, 2007, CD-ROOM.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração, um espaço de problemas*. Número 18. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2007.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *"A poeira do tempo e as cidades tropicais, um ensaio interpretativo do patrimônio e as dinâmicas da cultura em sociedades complexas"*. número 19. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2008.
- SAHLINS, Marshall David. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.
- SANSOT, Pierre. *Les Formes Sensíveis de la Vie Sociale*. Paris, PUF, 1986.

- SANSOT, Pierre. *La Poétique de la Ville*. Paris, Petit Bibliothèque Payot, 2004.
- SANHUDO, Ary Veiga. *Crônicas da Minha Cidade*. Volume 1. Porto Alegre. Editora Movimento/Instituto Estadual do Livro, 1969.
- SANHUDO, Ary Veiga. *Crônicas da Minha Cidade*. Volume 2. Porto Alegre. Editora Movimento/Instituto Estadual do Livro, 1975.
- SCHAFER, Murray. *A Afinação do Mundo*. São Paulo, Editora Unesp, 2001.
- SILVA, Wagner Gonçalves da. *O Antropólogo e sua magia*. São Paulo, Edusp, 2006.
- SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In VELHO, O. (org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- SIMMEL, Georg. *Sociologie et Epistémologie*. Presses Universitaires de France, 1981.
- SIMMEL, G. *Simmel. Sociologia*. (org) Evaristo de Moraes Filho, São Paulo, ed. ática, 1983
- SIMMEL, Georg. *Les problèmes de la philosophie de l'Histoire*. Paris, PUF, 1984.
- SIMMEL Georg. *La tragédie de la culture*, Paris, Rivaes, 1988.
- SIMMEL, Georg. *Philosophie de la Modernité. La femme, la ville, l'individualisme*. Paris, Payot & Rivages, 2004.
- SKLAIR, Leslie. *Sociologia do Sistema Global*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1995.
- THIOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo, Polis, 1981.
- VEDANA, Viviane. *Fazer a Feira: estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira-Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS sob Orientação da Professora Doutora Cornelia Eckert, 2004.
- VEDANA, Viviane. *É só um real! Performatividades do comércio informal de alimentos no Largo Glênio Peres em Porto Alegre*. Porto Alegre; Banco de Imagens e Efeitos Visuais. PPGAS/UFRGS, 2005, iluminuras; n. 76.
- VEDANA, Viviane. *Sonoridades da Duração: práticas cotidianas de mercado no mundo urbano contemporâneo. Uma introdução à construção de coleções etnográficas a partir dos dados imagéticos de campo*. In: Anais do VII Congresso de Antropologia do Mercosul (VII-RAM), Porto Alegre, 2007, CD-ROOM.

- VELHO, Gilberto. *O Desafio da Cidade: novas perspectivas da Antropologia Brasileira*. Editora Campus, Rio de Janeiro, 1980.
- VELHO, Gilberto *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- VELHO, Gilberto *Projeto e Metamorfose - Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo, Anonimato e Violência na MetrÓpole*. in *Revista Horizontes Antropológicos número 13 Cidade Moderna*. Porto Alegre, PPGAS, Editora da UFRGS, 2000.
- VELHO, Otávio. *O FenÓmeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- WEBER, Max. Conceitos e Categorias da Cidade. In: VELHO, Otávio. (org). *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: *O fenômeno urbano*, O.Velho (org). Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- WISNIK, José Miguel. *O Som e o Sentido*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.
- ZALUAR, Alba. Direitos Cívicos e Direitos Humanos, uma confusão pós-moderna. In: *Trabalho, Cultura e Cidadania: um balanço da História Social Brasileira*. Organização Ângela Maria Carneiro Araújo, São Paulo, Scritta, 1997.
- ZOLA, Emile. *Le ventre de Paris*. Flammarion, Paris, 1993.

Periódicos

Revista do Globo, 25/08/1945

Revista do Globo, 21/03/1953

Sites Pesquisados

BNF – Bibliothèque Nationale de France

<http://classes.bnf.fr/ema/grands/059.htm>

Câmara Municipal de Porto Alegre

<http://www2.camarapoa.rs.gov.br/>

Democracia Viva – IBASE

<http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&pid=920>

Direito a Alimentação

<http://www.direitoalimentacao.org.br>

Diretrizes Voluntárias

http://www.fao.org/righttofood/index_es.htm

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations

<https://www.fao.org.br/default.asp>

Josué de Castro

<http://www.josuedecastro.com.br/port/fome.html>

Mídia Independente

<http://www.midiaindependente.org/>

Parcerias Público-Privadas

<http://www.ppp.portoalegre.rs.gov.br/>.

Portas Curtas – Petrobrás Cultural

<http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=647>

Prefeitura Municipal de Porto Alegre

<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/>

Vide Versus

<http://www.videversus.com.br/>

YAhoo Noticias

<http://br.noticias.yahoo.com/>

Youtube - <http://br.youtube.com/>

Acervos Pesquisados

Inathèque de France - <http://www.ina.fr/index.fr.html>

Forum des Images - <http://www.forumdesimages.net/fr/index.php>

Banco de Imagens e Efeitos Visuais - www.estacaoportoalegre.ufrgs.br.

Documentários

HALLES DE PARIS, réalisation anonyme, actualités 1950-1960, Paris.

AUBERT, Monique. *LE DERNIER CRI DES HALLES*, Paris, 1973.

SEDOUY, Alain. *DU VENTRE AU CŒUR*, pour la SEMAH, Paris, 1979.

FURTADO, Jorge. *Ilha das Flores*, Porto Alegre, 1989.

ROCHA, Ana Luiza C. e SATT, Maria Henriqueta C. *Arqueologias Urbanas: Memórias do Mundo*. Porto Alegre, FUMPROARTE, 1997.

ZERGOUN, Mehdi. *LES HALLES, DU MARCHE AU FORUM*. Parcours d'histoire, Paris, 1999.

KALINA, Jon. *Nourrir la Ville*. Producteur, Canada : Pixcom, 2001; Producteur, Paris : VM Group, 2001

DUVAL, Régis. ROUDOT, Jean-François. *24 HEURES DE LA VIE DES HALLES*, 2003.

DEDOLE, Pierre. *Dans les coulisses de Rungis*. Produit par Comiti Productions, avec la participation de France 5 et du CNC, Paris, 2005.

ECKERT, Cornelia. ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Iluminando a face escura da lua: homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira*, Biev, 2007.